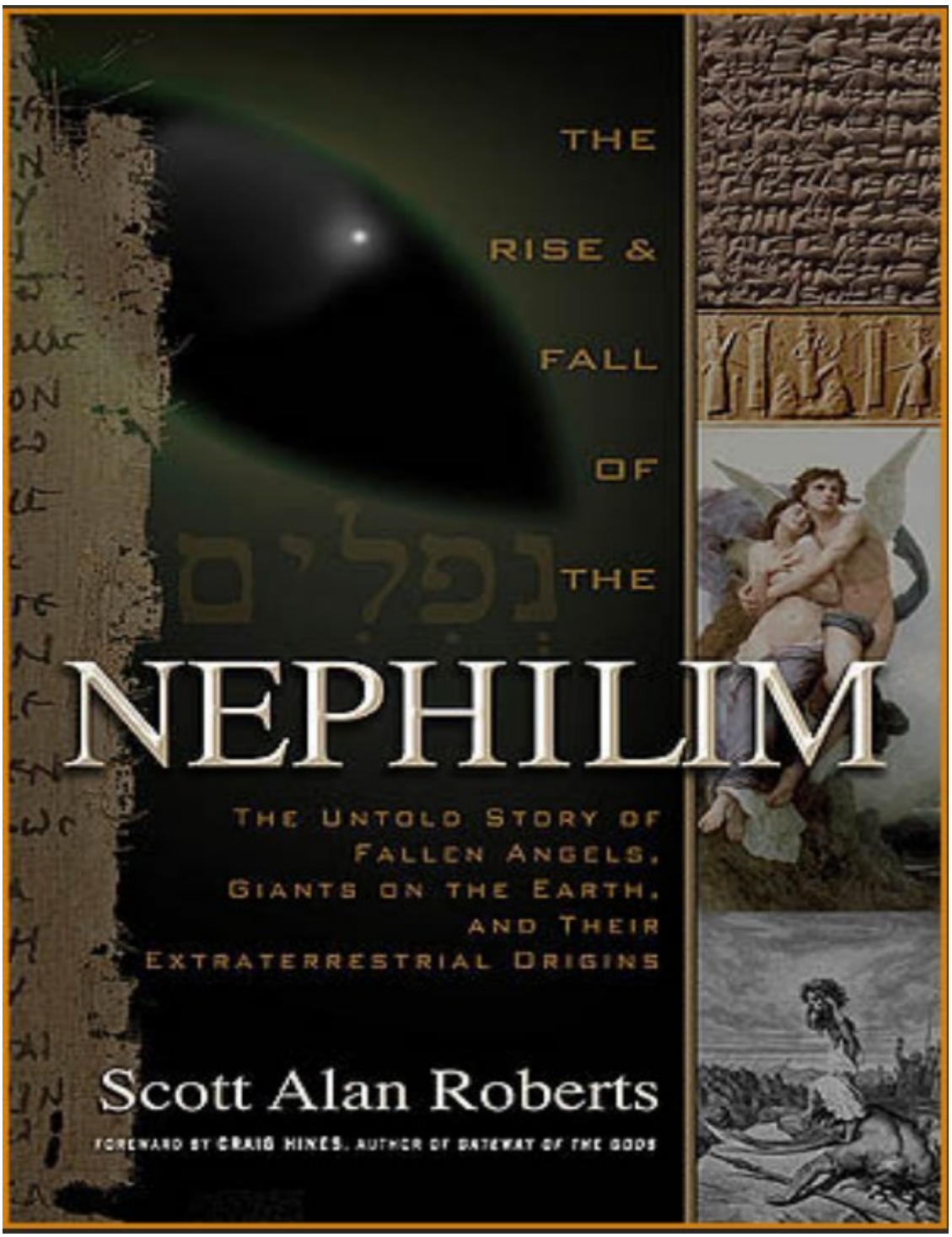


A Ascensão e Queda dos NEFILINS
A História Não Contada dos Anjos Caídos, Gigantes na Terra, e Suas Origens Extraterrestres

SCOTT ALAN ROBERTS

Dedicatória
Para Raini.
Obrigado por me amar durante o processo
e por aturar
meu travesseiro vazio
naquelas noites escuras e tardias
em que a Musa veio chamar.

Agradecimentos

Duas coisas aprendi enquanto escrevia este livro: uma é que é muito menos assustador escrever um livro do que terminá-lo. E duas, o processo em si seria muito menos repleto de distrações e atrasos se meu escritório ficasse fora de casa. E dito isso, quero agradecer à minha esposa, Raini, que fez tudo o que estava ao seu alcance para ajudar a manter o processo simplificado, enquanto cuidava do nosso filho pequeno, Flynn. Quero agradecer a ela por todas as xícaras de café e refeições que ela me trouxe aqui na minha mesa enquanto eu encarava a tela do computador e batucava no teclado. Isso é amor. Sua crescente gravidez inchou durante a escrita deste livro, e nós observamos a bebê chutar enquanto eu lia e relia e relia este livro em voz alta para ela. Sem a Raini, essa tarefa monumental teria sido um processo muito menos agradável, e quero expressar o quanto estou feliz por ela estar aqui.

Minha querida amiga Marie D. Jones, uma autora consagrada, não tem sido apenas uma amiga, mas uma ótima caixa de ressonância. Foi a Marie quem viu meu manuscrito antes mesmo de ser realmente um manuscrito, e me encorajou a desenvolvê-lo até sua forma atual. Ela tem sido uma grande ajuda, ouvindo minhas aflições, preocupações, lamúrias, entusiasmos e frustrações de puro cansaço. Quero agradecê-la por ler, criticar e encorajar. Sem ela, este livro não seria realidade.

Craig Hines é um verdadeiro amigo e uma inspiração desproporcionalmente enorme. Desde o dia em que nos conhecemos, tivemos muitas conversas repletas de filosofia, teologia, cosmologia e quase toda "-logia" intermediária. Ele é um verdadeiro erudito e tem sido uma fonte inestimável de apoio e incentivo enquanto eu escrevia este livro.

Micah Hanks, do GralienReport.com, tem sido um amigo que manteve o fogo aceso sob meus pés. Houve momentos em que considerei seriamente desistir, mas ele leu o manuscrito inicial e foi uma fonte edificante de encorajamento. Obrigado por estar lá, Micah.

Dr. Charles Aling, embora você possa não concordar com tudo o que escrevi neste livro, quero agradecer por ter sido a primeira pessoa que incutiu em mim o amor pelos mistérios bíblicos e arqueologia. Desde a primeira vez que você se sentou comigo na lotada entrada lateral da nossa igreja, lá quando eu tinha 12 anos de idade e fazendo um trabalho sobre o Faraó do Êxodo, você sempre esteve disposto a ser meu consultor, meu professor de

seminário e agora meu amigo. Obrigado pelo lugar insubstituível que você ocupa no meu coração e na minha mente. E obrigado por incutir em mim o amor pela história.

Minhas filhas Abigail e Bryn são as luzes da minha vida. Elas sempre estiveram lá, acreditando em tudo o que faço, em cada passo do caminho. Agora elas estão vivendo por conta própria e quero que saibam o quanto acredito nelas.

Sam, estou tão feliz que você está aqui. Desculpe por todos os passeios e excursões adiados enquanto eu completava este livro. Estou ansioso para passar um tempo extra com você nas próximas semanas.

Flynn, embora você seja jovem demais para se lembrar dessas coisas com clareza mais tarde na vida, suas muitas interrupções, tombamentos de xícara de café e chamadas gerais pela minha atenção são ofuscados pelas minhas maravilhosas memórias de você sentado no meu colo enquanto eu digitava. Você é uma alegria completa para mim e uma resposta viva à pergunta "Por quê?"

Para todos vocês que têm apreciado minhas palestras e escritos ao longo dos anos, obrigado pelo seu apoio, incentivo e por estarem aqui.

Conteúdo

Prefácio por Craig Hines
Apresentação
Introdução
Capítulo 1: Ciência Todo-Poderosa
Capítulo 2: Quem É Seu Pai? Dos Elohim aos Nefilins
Capítulo 3: O Faraó-Deus de Israel
Capítulo 4: O Efeito Pancultural
Capítulo 5: Os Vigilantes
Capítulo 6: Influência Extraterrestre?
Capítulo 7: Constantino: Um Imperador, Um Deus
Capítulo 8: Os Nefilins
Capítulo 9: …E Também Depois
Capítulo 10: Onde Eles Estão Agora?
Conclusão
Epílogo
Notas
Bibliografia
Índice Remissivo
Sobre o Autor

Prefácio

A primeira gota d'água caiu inesperadamente sobre sua cabeça, fazendo com que ele interrompesse seu trabalho e olhasse para cima. Ele enxugou o suor de sua testa, seus olhos cansados lutando para focar na escuridão que se formava no céu acima. Outra gota de chuva caiu sobre sua pele, e seu olhar retornou ao chão. Seu próprio reflexo ondulava caoticamente através das poças recém-formadas a seus pés. Enquanto uma multidão começava a se reunir ao seu redor, suas mãos trêmulas alcançaram suas ferramentas e as recolheram em seus braços. Era hora.

"Este é o grande dilúvio do seu senhor, Noé, seu louco?" gritou um dos espectadores, incitando o resto da multidão a rir zombeteiramente entre si.

De repente, um forte estrondo de trovão ecoou e cortou a risada licenciosa da multidão. Eles ficaram instantaneamente em silêncio enquanto um mal-estar começava a surgir dentro de seus estômagos, assim como as poças de água que cresciam sob seus pés.

Noé correu em direção à arca, as vozes ansiosas de sua família chamando por ele de dentro da estrutura de madeira. Seu progresso foi dificultado enquanto ele caminhava pesadamente pela lama e água. Embora sua sandália tenha ficado presa na lama, ele liberou seu pé e continuou correndo. Ele se recusou a ser impedido pelos gritos implacáveis e choros de pânico de seus perseguidores. Seus filhos o apressaram para embarcar e começaram a fechar a grande porta.

De dentro, Noé podia ouvir os gritos das pessoas que um dia chamou de amigos — seus punhos ensanguentados arranhando e batendo contra a estrutura de madeira. Ele se encostou numa viga de sustentação, tentando desesperadamente recuperar o fôlego. Não demorou muito, ele desabou no chão num choro convulso. A cacofonia era horrível demais de suportar e ameaçava levá-lo à loucura. Contudo, ele logo encontrou alívio quando ela foi abafada pelo som estrondoso da chuva, como se milhões de pedras estivessem batendo no telhado. Ele queria ajudar, mas sabia que já era tarde demais para eles. Já era tarde muito antes de as chuvas começarem.

Assim como as ondulações criadas pela água da chuva na história de Noé, os eventos que cercam esta lenda épica fluíram através da história e até os dias atuais. No entanto, assim como o efeito colateral natural de tais ondulações, as imagens e reflexões cristalinas produzidas pelas águas tranquilas do passado agora se tornaram distorcidas e difíceis de compreender. Espera-se que entendamos tudo isso, mas séculos de repressão, perseguição, agendas políticas, guerras, e até mesmo as atividades mundanas do mundo eliminaram as pistas e os dados necessários para trazer clareza à situação.

Por exemplo, muitas pessoas insistem que estão familiarizadas com a história da Arca de Noé, mas a grande maioria delas só conhece a versão simplificada e amplamente censurada que lhes foi ensinada quando crianças. Relatos antigos descrevendo o acasalamento de seres angelicais com humanos, o nascimento de seus descendentes híbridos conhecidos como Nefilins, e as consequências desastrosas de tais relações são, se me perdoa a expressão, completamente alienígenas para a maioria das pessoas. Semana após semana, os fiéis se reúnem em locais de adoração para ouvir sermões e receber orientação sagrada em suas vidas, mas alguns dos detalhes ou implicações mais significativas da história nunca são trazidos à sua atenção. A maioria dessas pessoas ficará feliz em falar sobre Noé, sua família, a construção da arca, quantos animais de cada espécie estavam a bordo, e assim por diante; mas sua expressão entusiasmada rapidamente se transformará em uma de perplexidade à mera menção dos Nefilins.

"Os Nefa-o quê?"

Exatamente.

É precisamente por essa razão que um livro como este precisava ser escrito. Se você nunca ouviu falar dos Nefilins, este livro servirá como uma excelente introdução ao assunto. Mesmo aqueles que são bem versados na tradição arcaica dos anjos caídos encontrarão algumas informações novas e interessantes para adicionar ao campo em constante expansão de materiais de pesquisa e anotações. Scott Roberts é o guia ideal para aqueles que desejam revisitar este assunto complexo, bem como para aqueles que estão aprendendo sobre essas ideias pela primeira vez.

Eu encontrei a pesquisa de Scott Roberts pela primeira vez nas páginas da edição de junho de 2008 da TAPS Paramagazine e em seu artigo sobre a raça de seres antediluvianos conhecidos como Nefilins. O fascínio e a paixão de Scott pelo tema eram evidentes, e fiquei honrado que ele tenha citado meu livro, Gateway of the Gods (Numina Media Arts, 2007), como fonte primária e leitura recomendada para seu público. Mal eu sabia que, ao mesmo tempo em que eu estava compondo uma mensagem para agradecê-lo por reconhecer minha pesquisa em seu artigo, ele estava pensando se deveria me contatar. Após algumas trocas de e-mails e chamadas telefônicas entusiasmadas, uma nova amizade nasceu.

Desde então, fui entrevistado no programa de rádio de Scott em várias ocasiões, e até falei ao seu lado em apresentações colaborativas em conferências paranormais. Uma das principais características de Scott é uma disposição para fazer perguntas e aprender, e ele é frequentemente cativado pelo processo de examinar e interpretar evidências. Ele é tão fascinado pelo assunto agora quanto era anos atrás — provavelmente ainda mais. Além disso, no entanto, estão sua disposição e determinação para ensinar e compartilhar o que aprendeu ao longo dos anos, incluindo todos os altos e baixos, armadilhas e becos sem saída que encontrou. Scott e eu podemos nem sempre concordar sobre certas interpretações ou

teorias, mas ambos reconhecemos e respeitamos que nem sempre há respostas definitivas para as perguntas que fazemos, e que cada um de nós está buscando peças diferentes do mesmo quebra-cabeça.

Semelhantemente a como meu livro serviu como inspiração e uma peça do quebra-cabeça para Scott, é meu desejo que você também encontre a mesma empolgação e curiosidade nas páginas seguintes. Você pode já estar segurando outra peça do quebra-cabeça e nem perceber, apenas para descobrir que ela finalmente faz sentido após ler A Ascensão e Queda dos Nefilins. Como Noé, seja vigilante e atento às ondulações. Reconheça os padrões e você encontrará suas respostas. Juntos, poderemos ser capazes de resolver o enigma do nosso passado para que possamos finalmente cumprir nosso destino.

"Quadre o Círculo."

Craig Hines
Autor, Gateway of the Gods
Pittsburgh, Pensilvânia
www.gatewayofthegods.com

Apresentação

Fui perguntado muitas vezes por muitas pessoas o que exatamente começou minha jornada por este caminho. Só posso responder que é minha curiosidade insaciável.

Este livro é o culminar de uma busca de uma vida inteira para encontrar as respostas para as perguntas que são aparentemente inrespondíveis. Não é, no entanto, exaustivo em suas conclusões. É, em vez disso, um olhar sobre o que acredito ser um dos maiores eventos da história humana, com ramificações de longo alcance e apenas o mais leve indício de descoberta das respostas.

Tenho certeza de que serei criticado pelas conclusões que tirei, bem como pelas coisas que deixei passar ou evitei deliberadamente. Mas estarei sempre e eternamente aberto a um bom debate.

Que a humanidade experimentou uma interrupção em seu passado antigo é incontrovertível em minha mente. A questão da interferência extraterrestre em nossa genética e linhagem sanguínea é certamente uma realidade, embora algo que será debatido em salões da academia e bastiões do pensamento muito além do meu alcance e realização.

Embora este pequeno livro ofereça minhas conjecturas acadêmicas e conclusões fundamentadas, também tentei ser profundamente honesto e totalmente transparente ao abrir para você, leitor, meus pensamentos, opiniões, divagações e francos desabafos não apenas sobre o assunto, mas sobre as filosofias e armadilhas religiosas politicamente motivadas que encontrei ao longo do caminho.

Deixe-me declarar para registro que não pretendia ofender a sensibilidade religiosa de ninguém, pois ainda mantenho a fé na qual fui criado e educado. Mas descobri ao longo dos anos que sempre havia algum elemento faltante que deixava um buraco tão grande em minha teologia que precisava ser procurado e abordado, como procurar aquela peça perdida do quebra-cabeça nas rachaduras e fendas do sofá confortável da sala de estar.

No entanto, embora essa fosse a intenção deste livro, descubro que quanto mais pesquiso, estudo e busco fatos, mais perguntas vêm à tona. É como dirigir um carro novo e brilhante por uma estrada de terra amarelo-ocre em um dia quente de verão no campo: quanto mais longe você dirige em busca de seu destino, mais poeira você levanta, e logo seu brilho está completamente coberto pelo pó fino da descoberta.

E é assim que estou hoje. Buscar os Nefilins levantou uma grande quantidade de poeira, então prepare-se para continuar a leitura colocando seus óculos de segurança metafóricos, para não deixar a poeira se depositar em seus olhos. Continue lendo com mente aberta e

deixe que as coisas que podem lhe causar consternação se acomodem como apenas parte do processo.

O mundo como você o conhece está prestes a assumir uma luz completamente diferente. E a história dos Nefilins é muito maior do que você jamais imaginou.

Scott Alan Roberts
30 de agosto de 2011

Introdução

Quando criança, passei muitas noites deitado sobre o telhado da garagem da minha mãe. Com os braços cruzados atrás da cabeça, eu ficava a contemplar o céu estrelado, consumido pelas minhas fantasias infantis de me tornar um capitão de nave estelar que "ousadamente iria" àquele infinito e negro desconhecido em busca de nova vida e novas civilizações. No entanto, foi mais do que apenas crescer sendo um produto da cultura pop e da ficção científica das décadas de 1960 e 70 que incendiou minhas curiosidades. Algo lá no fundo me dizia que não estávamos sozinhos nessa extensão infinita do universo em expansão, e eu ansiava por saber as respostas para as antigas perguntas de "por que estou aqui?" e "de onde eu venho?" Essas perguntas provavelmente não eram tão articuladas em minha mente como parecem quando as relembro aqui e agora, mas elas me corroíam, da mesma forma, em algum nível primordial e indefinido da minha composição genética. Dentro de todo ser humano cognitivo e racional reside aquela nebulosa névoa de incerteza que vem à superfície de vez em quando, ansiando por respostas. E, ainda assim, na maior parte de nossas vidas, nós nos arrastamos pelos anos, totalmente alheios a que esses desejos ardem profundamente dentro de nós. Nós suprimimos subconscientemente quaisquer noções estranhas e malucas de que pode haver respostas além do reino daquilo que pensamos que já sabemos e aceitamos. Os seres humanos andam por este mundo sentindo-se absolutamente desconectados do mundo maior e do universo ao seu redor. Como raça, esquecemos como fazer essa conexão, e isso se liga a todos os aspectos de como nos percebemos, nossos entes queridos, nossa política, nossos empregos e carreiras, nossas divindades, nossas espiritualidades pessoais e nosso lugar na ordem das coisas.

Claro, como muitas crianças crescendo na América durante o final dos anos 1960 e 70, eu frequentei a escola dominical e fui ensinado sobre as Origens do Homem a partir de uma perspectiva de Gênesis, Capítulo Um. E por muitos anos da minha vida, esse foi o único ponto de origem ao qual eu subconscientemente me reportava. Era como se as histórias da criação tivessem sido resolvidas há muito tempo naquele entendimento de criança que não questiona como as coisas funcionam. As curiosidades e perguntas que surgiram mais tarde na vida das profundezas mentais foram de alguma forma sumariamente esmagadas pelos ensinamentos que haviam sido colocados em minha cabeça tantos anos antes.

Mas mal eu sabia — pois era algo que nunca foi ensinado, mas sempre pulado, evitado, mal informado ou nunca mencionado — que o próprio livro do qual extraíamos dogmaticamente nossa gênese continha mensagens secretas, misteriosas e codificadas sobre origens, visitas e seres não deste mundo. O que antes era aceito sem questionamento como o místico, mágico e milagroso material das antigas histórias bíblicas, de repente assumiu uma perspectiva muito diferente quando me abri para a ideia de que havia mais naquelas histórias do que me foi contado, e muito mais fervendo abaixo da superfície do que me foi ensinado.

Afaste-se, por um momento, para um lugar em um passado mais sombrio, antes dos dias da disciplina psicológica moderna e do avanço científico. Uma época em que nós, a raça humana, acreditávamos que as fortunas de nossa vida, doenças, aflições e acontecimentos serendipitos estavam firmemente enraizados no espiritual e no sobrenatural. À medida que evoluímos nossa tecnologia e ciências, aprendemos mais e mais sobre a mente e o corpo, expansão e entropia universal, tectônica geológica e o movimento do nosso sistema solar em torno de uma estrela relativamente pequena que queimava na galáxia da Via Láctea. Ao longo do caminho, dispensamos nossa dependência do etéreo, lançando de lado nossa necessidade de deuses, demônios e todas as castas de anjos, demônios e espíritos intermediários. Nós, coletivamente, desligamos nossos corações e voltamos nossas mentes para o pragmático metodológico, permitindo que a ciência e o pensamento cético suplantassem com sucesso a fé naquele grande "algo-maior-do-que-nós mesmos". O Fato Quantificável tornou-se o substituto inevitável para a coisa nebulosa do mito e da lenda. E embora possamos não ter jogado totalmente o bebê fora junto com a água do banho, nos tornamos com sucesso uma cultura que desconta qualquer coisa que não possa ser medida pelo método científico, lançando desconfiança sobre a fé experiencial e até mesmo a mais leve adesão a qualquer coisa que cheire a um sistema de crenças espiritual mais antigo.

O empreendimento primordial que ocupa a maior parte da história registrada da raça humana — depois da história da guerra, isto é (o que, infelizmente, parece ser sinônimo da história da humanidade) — é a grande busca pela descoberta: a procura dos quem, o quê, onde, porquês e comos da nossa existência. E, no entanto, ao tentar, nessa busca, aderir a fontes estritas e quantificáveis, nós abandonamos o Espiritual; os detritos flutuantes inócuos, insubstanciais e transportados pelo ar que, quando você realmente os procura, parecem permear cada faceta do ser, até a própria centelha da vida.

Então, e se as superstições ultrapassadas, antiquadas e descartadas — as coisas dos reinos invisíveis e indesejados — realmente têm sua base em algum tipo de verdade? E se as banalidades supersticiosas que varremos para o lado com o largo gesto de nossa mão cética e científica fossem verdadeiramente a evidência material de coisas não vistas, a substância de um universo muito real que habitava e operava logo abaixo da superfície do mundo visível e tangível ao nosso redor? E se realmente existir um código-fonte viável e legítimo que, às vezes, encontra seu caminho através da barreira que divide o diáfano do substantivo? E se a ciência não é o fim de tudo, o ser-tudo deste universo, e nós realmente estamos cercados por forças do bem, do mal, da luz e das trevas? E se realmente existem seres vivos e vibrantes que habitam e funcionam além do véu da dimensão do aqui e agora?

Quase todas as culturas antigas têm em seus anais contos mitológicos de seres sobrenaturais que vieram à terra com o propósito de se misturar com os seres humanos. E desses encontros iniciais surgiram os muitos relatos subsequentes de um dilúvio universal antigo imposto por um deus ou ser superior com o propósito de exterminar a prole criada pelo intercurso sobrenatural entre esses seres e humanos. No entendimento pancultural antigo,

esses seres são chamados de anjos, demônios, espíritos — e até mesmo deuses. A pergunta que precisa ser feita é: eles eram realmente parte de alguma hierarquia espiritual de seres angelicais e demoníacos, ou foram apenas rotulados como tal por falta de um entendimento melhor? Estamos vendo o contato experiencial de humanos com anjos e demônios, ou esses descritores sobrenaturais são o único modo de rotulagem ilustrativa que o homem antigo tinha para entender quem e o que eles encontravam e experienciavam? Havia seres sobrenaturais que desceram e coabitaram com humanos, legando uma prole de gigantes — como muitas culturas afirmam — ou há uma conexão física e extraterrestre? Havia uma porta aberta a partir de outra realidade dimensional através da qual seres — que poderiam ser descritos pelo homem antigo como nada menos que angelicais ou divinos — visitaram este plano dimensional?

Em alguns dos escritos apócrifos, não canônicos — aqueles livros excluídos das escrituras bíblicas pelo Concílio de Niceia durante o reinado de Constantino em 325 d.C. — somos informados sobre um grupo de seres conhecidos como os "Vigilantes", que "orbitavam" a terra com o mandato divino de "vigiar" a humanidade, mas que também desejavam assumir a tarefa autoimposta de descer à terra para ensinar certas habilidades aos seres humanos, resultando, em última análise, numa coabitação e mistura sexual. O resultado foi uma raça de prole divina chamada Nefilins.

A palavra Nefilim encontra sua fonte nas escrituras bíblicas, tanto canônicas quanto não canônicas, e é por isso que o estudo neste livro se concentrará nesses textos, pelo menos como ponto de partida. "Havia gigantes na terra naqueles dias, e também depois", diz o livro bíblico de Gênesis, "quando os filhos de Deus viram as filhas dos homens e as acharam formosas, e delas tomaram mulheres para si, conforme escolheram." Os descendentes legados tornaram-se "os poderosos homens de outrora, os homens de renome". A tradução literal desta passagem diz algo como: "Os Vigilantes vieram e tomaram mulheres humanas para si, quantas quiseram. Seus filhos foram os Nefilins de outrora, os gigantes." Os relatos desses seres também podem ser encontrados nos Livros de Jasher, Jubileus e no mais recentemente descoberto Manuscrito do Mar Morto, O Livro dos Gigantes. Os antigos irlandeses escreveram sobre gigantescos deuses brilhantes chamados Tuatha de Danaan que mais tarde se tornaram o Povo Élfico das lendas e da mitologia celta. As culturas do Oriente Médio e Mesopotâmia têm os Anaquins (Anunna/Anunnaki) e Refains — juntamente com outros seres e raças descritos como descendentes de gigantescos antepassados Nefilins. As mitologias nórdicas fazem referência a Niflheim, o submundo governado pela deusa Hel. Os Vedas e Puranas hindus contam sobre um deus-gigante antediluviano (pré-dilúvio), Daitya e a raça de gigantes Andanari. As culturas nativas americanas falam de criaturas gigantes, peludas e de pés grandes altamente elusivas que vagueiam pelas florestas americanas — assim como os povos das montanhas tibetanas contam antigas histórias de criaturas gigantes semelhantes e igualmente elusivas no Himalaia. Os gregos têm seus Titãs e os antigos sumérios têm seu épico do dilúvio de Gilgamesh, o gigante meio deus e meio homem. Embora esses povos, religiões e culturas sejam amplamente diversos, seus gigantes e

mitologias do dilúvio, pictografias e folclore parecem todos ter ligações históricas comuns. Nas páginas seguintes, exploraremos esses variados relatos e mitologias, traçando as conexões e semelhanças óbvias — e nem tão óbvias.

Se, como eu, você frequentou a escola dominical quando criança, nos ensinaram que Deus enviou um grande dilúvio universal à terra para exterminar a "maldade da humanidade", poupando apenas um homem justo e sua família, juntamente com pares de todos os animais da terra, e sete dos ritualmente limpos. Todos eles se refugiaram numa grande barcaça por cerca de 120 dias, esperando o dilúvio e o recuo das águas. Essa mesma história é contada nesses muitos outros registros antigos, com reviravoltas na trama e um elenco diferente de personagens. Mas comum a quase todas as histórias é o relato fundamental de seres extraterrestres ("extra" — de fora; "terrestres" — desta terra) que desceram à terra com o propósito de se misturar com humanos e ter filhos com eles. E comum à maioria dos relatos antigos é a ira de um ser superior que trava um "julgamento" sobre a terra na tentativa de destruir os descendentes híbridos como resultado — aparentemente em vão, pois eles são mencionados como estando "na terra naqueles dias, e também depois".

Tradições culturais de todo o mundo têm mitos e lendas contando sobre seres angelicais que desceram à terra e interagiram com seres humanos, inaugurando algum tipo de destruição cataclísmica e mundial da humanidade que deixou poucos sobreviventes. Quando a análise das línguas usadas nos vários relatos é comparada, fatos flagrantemente semelhantes emergem, revelando uma comunalidade entre os variados contos culturais, substanciando um mito corporativo: seres de carne e osso que eram reverenciados como deuses, interagiram com a humanidade das maneiras mais íntimas.

Embora haja falta de evidências cientificamente repetíveis, existe uma soma de história registrada combinada com diversos textos religiosos existentes que compõem um quadro mais amplo de raças e eventos antediluvianos. Porque essas coisas não podem ser quantificadas pelos padrões do método científico, a plethora de relatos antigos estabelece algum tipo de prova verificável de uma travessia entre raças interdimensionais ou interplanetárias? Eu acredito que sim, e é isso que abordarei nas páginas deste livro. Embora os dados não sejam repetíveis para experimentação científica, os anais históricos falam alta e claramente. Quando existem tais mitos localizados em regiões geográficas, repetidos por outros mitos localizados em outras regiões geográficas distantes, repetidamente, há uma certa metodologia científica em jogo. Há uma mensagem revelada.

Quase mais importante do que as referências e evidências textuais físicas são as implicações espirituais que podem ser extraídas. Além dos relatos de seres gigantes e intercursos extraterrestres com humanos, temos a espiritualidade do assunto, abrangendo as lacunas entre teologias dogmáticas e crenças sistemáticas firmemente mantidas, gerando uma interconectividade mais ampla entre religiões, culturas e espiritualidades. É minha crença pessoal que há muito mais a descobrir do que foi revelado, e quanto mais hipotetizamos,

ponderamos, exploramos, pesquisamos, estudamos e meditamos sobre esta ampla gama de escrituras, fatos, folclore, histórias e escritos, mais nos envolvemos em uma dissecação e avaliação responsável da existência viva e pulsante desses seres.

Agora, você pode muito bem perguntar quais qualificações e credenciais possuo para escrever sobre tais coisas com qualquer parcela de autoridade. Eu poderia apresentar meus anos de educação incompleta e sem diploma na Faculdade Bíblica e no programa de Mestrado no seminário como fontes para grande parte do que aprendi sobre as escrituras bíblicas, mas como aludi anteriormente, essa educação simplesmente me deixou pensando mais sobre as coisas que não me foram ensinadas. Se a exploração e a descoberta estão no cerne de cada coração e mente, então buscar as respostas por meio de estudo e pesquisa pessoal é o que estou apresentando aqui neste livro. Somos todos estudiosos, e todos temos a responsabilidade de descobrir os fatos e buscar a verdade. Embora este livro certamente nunca, jamais deva ser apresentado como um recurso citável para a verdade universal sobre essas questões, é a tentativa de um homem de encontrar respostas que não simplesmente e cegamente seguem os ditames de um único sistema de crenças. Embora este esforço possa representar meus primeiros anos de imaginações especulativas, completadas por mais anos de educação e pesquisa acadêmica, eu chamaria isso de uma obra do meu coração, em oposição a um volume acadêmico que será tido como a autoridade absoluta sobre os tópicos aqui contidos. Tenho muito mais perguntas do que respostas, mas estas páginas representam uma pesquisa honesta e fundamentada que — espero — o levará por um caminho em direção às suas próprias conclusões e descobertas.

Há muito mais lá fora do que nos foi ensinado. Há muito mais lá fora para descobrir, desvelar e procurar. E então, há aquela pequena e tranquila voz.

Meu amigo, Craig Hines, autor de Gateway of the Gods, fez referência em seu livro a uma "pequena voz silenciosa" que vinha falando com ele — não audivelmente, mas profundamente em seu subconsciente — dizendo-lhe para "quadrar o círculo". Como Craig, tenho lutado para buscar e encontrar as respostas para perguntas que se aprofundam muito mais do que o que parece estar na superfície. Toda a minha vida eu soube que há algo que jaz para além das fronteiras do familiar, alcançando muito além de teologias sistemáticas e dogmas enraizados. Antes mesmo de nos conhecermos pessoalmente, encontrei em Craig, através do veículo de sua escrita, um aliado capaz e involuntário na minha busca para fazer a estaca quadrada da minha busca se encaixar no buraco redondo do universo.

Há uma passagem do Antigo Testamento onde o profeta Elias, desejando ter um encontro face a face com Deus, recebe uma sequência fenomenal de eventos divinos passando por ele enquanto está em pé na fenda de uma face rochosa: vento, terremoto e fogo. O barulho da teofania é avassalador, mas é apenas com o silêncio palpável do aftermath que Deus falou no som do silêncio puro. É esse mesmo silêncio impressionante, essa "pequena e tranquila voz" que sussurrou tanto nos ouvidos de Craig quanto nos meus. Quando você experimenta

a calma quietude de uma realização quase revelatória de que os pontos aparentemente aleatórios se conectam, um quadro completo começa a se materializar e entrar em plena visão. Como resultado, tanto Craig quanto eu, em certo sentido, nos deparamos com a conclusão de que nos foi pedido para "quadrar o círculo" — algo que Craig me lembrou em sua nota particular manuscrita na página de rosto de Gateway of the Gods, o exemplar de seu livro que ele me deu.

Durante a maior parte da minha vida, insisti que, tanto quanto vivemos e habitamos num mundo natural, vivemos e habitamos num mundo sobrenatural. O natural e o sobrenatural são um só, e não existem e funcionam independentemente um do outro. Na verdade, não existe "sobrenatural". Existe apenas o mundo e o universo vivos, pulsantes e substantivos ao nosso redor, que flui e reflui em seus próprios caminhos misteriosos. Para mim, este livro é sobre chegar a um acordo com os esforços religiosos do homem para explicar o mal compreendido e encontrar uma melhor compreensão sobre as coisas que pensávamos que um dia soubemos tudo o que havia para saber. Quadrar o círculo é minha constatação de que todas as coisas estão conectadas, todas as religiões estão conectadas, todas as espiritualidades estão conectadas numa grande teia de compreensão do que e quem somos, para onde estamos indo e como devemos chegar lá. Quero que este livro seja um esforço adicional para alcançar essa equação, e pode até haver teorias apresentadas nestas páginas que o façam estremecer em pausa enquanto tenta assimilar as informações e conclusões oferecidas.

A humanidade antiga foi visitada por seres de outra dimensão, ou de uma estrela distante, que se misturaram, semearam, recuaram e, em alguns casos, reemergiram em sua interação com a raça humana. Há remanescentes e evidências em todo o mundo em todas as culturas, tudo o que é preciso fazer é olhar. Textos bíblicos e apócrifos antigos nos dizem que os Nefilins "estavam na terra naqueles dias, e também depois..." E "como foi nos dias de Noé, assim será [nos últimos dias]".

Então, recoste-se em sua cadeira de leitura favorita, pegue sua pequena lanterna de leitura. Devore, absorva e reflita. Concorde ou discorde. Acima de tudo, examine e dissequen os materiais deste livro indo para aquele lugar onde os adornos da esterilidade social não podem alcançar seu desejo de ver as coisas com "olhos mais antigos". Descarte o que você pensa que sabe e veja o mundo e o universo ao seu redor com uma visão mais fresca, porém antiga, sem desilusão. Tire suas conclusões com base numa abertura para saber, em vez de permitir que o pensamento atual dite onde você leva suas crenças. Faça perguntas e busque as respostas para essas perguntas. Aproveite e pergunte a si mesmo como você pode encontrar uma maneira de quadrar o círculo.

Capítulo 1
Ciência Todo-Poderosa

"A ciência é construída de fatos, como uma casa é construída de pedras; mas uma acumulação de fatos não é mais ciência do que um monte de pedras é uma casa."
—Henri Poincaré,
Science and Hypothesis, 1905

"Passei muito tempo aos oito anos experimentando… comandando pedras para levitar: 'esir, enots'. Nunca funcionou. Culpei minha pronúncia."
—Carl Sagan

Então, eu tenho este monte de pedras, cada uma representando um fato científico que poderia ser usado para construir uma base sólida para o que chamarei de "Casa das Origens da Humanidade". No entanto, elas permanecem num amontoado desestruturado, porque — embora cada pedra possa ser individualmente factual, elas só podem ser vagamente argamassadas por hipótese, construída sobre a presunção de que os humanos evoluíram de formas inferiores de primatas, que por sua vez evoluíram de espécies aquáticas emergentes, que eles próprios evoluíram de lodo primordial. Embora esses fatos individuais possam de fato compor meu monte de pedras, eles não podem construir uma fundação inabalável, pois carecem de coerência concreta. Então a casa permanece na fase arquitetônica. Sabemos onde queremos colocar as pedras; apenas ainda não temos certeza de como todas se encaixam.

Ciência, como a conhecemos, é definida como um ramo do conhecimento ou estudo do mundo físico ou material, lidando com um corpo de fatos e/ou verdades sistematicamente arranjados, mostrando a operação de leis gerais obtidas através da observação e experimentação, refletindo uma aplicação precisa dos referidos fatos e/ou princípios. Ciência é também a observação, identificação, descrição, investigação experimental e explicação teórica de fenômenos, restrita a uma classe de fenômenos naturais.

Embora a ciência esteja continuamente descobrindo fatos sobre espécies variantes que, num nível hipotético, demonstram uma mutação dentro da espécie, ainda falta aquele elo definitivo que resulta numa exclamação de "Eureka!"

Isso não anula os fatos — aquela pilha metafórica de pedras — mas certamente causa estragos na hipótese proposta.

Para continuar seguindo minha construção da Casa da Humanidade: A ciência provou que existem cinco características que separam o homem dos outros hominoides: um grande neocórtex, bipedalismo, dentição anterior reduzida com dominância molar, cultura material e comportamento sexual e reprodutivo único.[1] A ciência ainda tem que demonstrar que as

variantes descobertas são ligações reais dentro da espécie humana. Tudo o que sabemos com certeza é que os cientistas descobriram inúmeras formas de restos esqueléticos pré-históricos fossilizados, levando-os a concluir que estão substanciando a linha da ascendência evolutiva humana, embora com muitas lacunas na progressão e, portanto, nenhuma ligação real. Mas eles têm bastante certeza de que estão corretos em sua hipótese.

O que a ciência e seus praticantes demonstraram é que existem fósseis que fornecem evidências incontestáveis de que várias espécies de hominídeos andaram sobre a terra em nosso passado primordial. O que eles hipotetizaram é que todos estão ligados à evolução humana. Até mesmo as descobertas de DNA, na melhor das hipóteses, são interpoladas a partir do que os cientistas pensam que talvez pareça estar meio que conectado ao DNA humano. Eles fazem o salto para a ligação baseando-se unicamente na "esperança" fundamentada de que é "provavelmente assim", apesar de não terem evidências para torná-lo assim sem sombra de dúvida. E não é exatamente da mesma maneira que os crentes religiosos se apegam à sua versão particular de Deus?

A ciência tem um caso de amor consigo mesma. Ela adora estufar o peito e declarar para si mesma (assim como muitas religiões), no entanto, com os últimos 150 anos de pesquisa desde *A Origem das Espécies* de Darwin (1859), seus fatos acumulados ainda não os levaram além de seu ponto de partida original — seu palpite fundamentado de que todas essas descobertas estão de alguma forma ligadas, demonstrando uma cadeia ininterrupta de mutação evolutiva resultando no homem moderno.

Embora a ciência tenha feito grandes avanços na busca pela identificação de ligações na linha da evolução humana, a ciência também foi forçada a dar saltos quânticos de fé para aderir a hipóteses pré-estabelecidas. É claro que os membros da comunidade científica não chamariam isso de fé, mas esse é o resultado prático.

Num sentido muito real, a ciência (e eu uso o termo ciência aqui como representante do pensamento, hipóteses, pesquisa e conclusão acumulados coletivamente incorporados numa única entidade/palavra) surgiu para encontrar e identificar fatos, e estabeleceu sua própria "verdade" num desejo às vezes explícito, às vezes inconsciente, de fazer uma "volta por cima" da crença espiritual e religiosa. A espiritualidade existiu muito antes da ciência estabelecida, mas em algum lugar nas próprias raízes do entendimento, a ciência entrou em ação assim que alguém levantou a cabeça e disse: "Hmm. Eu sei que as estrelas são os restos placentários da Grande Deusa no céu dando à luz o sol e a lua. Mas… isso é apenas uma história, ou há algo mais…?"

O Grande Conflito: Ciência vs. Religião vs. Ciência vs. Fé

Um conflito existe entre ciência e espiritualidade — razão versus fé — desde o início da história registrada, e parece que essa luta continuará até que o próprio tempo termine. Para

muitos nas áreas científicas, há uma necessidade de erradicar tudo o que não é fato, incluindo a espiritualidade baseada na fé ou suas práticas religiosas organizadas, bem como uma negação — pelo menos num nível intelectual — de que haja alguma força criativa poderosa e divina em ação no universo. Segundo o biólogo evolucionista Richard Dawkins, os cientistas nunca precisam confiar na fé, pelo menos "não no sentido de fé como crença em algo para o qual não há evidência".[2] Dawkins, sendo um ateu autoproclamado, diz que qualquer expressão de "fé", da sua parte, é baseada em sua confiança no método científico apenas. Em concordância com Dawkins está o ícone cético da cultura pop James Randi, que por profissão é mágico de palco e cético científico. Ele fez um nome notável para si mesmo desmascarando o paranormal e o pseudocientífico — o que não é, por si só, uma coisa ruim. Randi diz, ao referir-se à sua experiência de ser expulso da escola dominical quando criança: "Sou ateu, testado e verdadeiro".[3] Desde então, ele dedicou sua vida e carreira a encontrar maneiras de provar que a ciência é o fim e o princípio de tudo quando se trata das grandes controvérsias que cercam as grandes questões da fé, religião e os grandes mistérios desconhecidos da vida e do universo.

O credo de Carl Sagan, que se tornou o amplamente adotado Credo do Cético, afirma que "afirmações extraordinárias exigem evidências extraordinárias".[4] Nesse mantra, cientistas céticos movidos por agenda erradicaram a necessidade de qualquer tipo de crença baseada na fé, exceto a de seus próprios saltos exponenciais de fé na ciência e no método científico, como demonstrado anteriormente com a incapacidade de encontrar e estabelecer o "elo perdido". Esses mesmos céticos irão, por um lado, vituperar a fé, a religião e a espiritualidade como ultrapassadas e carentes de razão, enquanto, por outro lado, aceitam como fato as pressuposições e teorias ainda não comprovadas de coisas como a ascendência evolutiva. Num sentido muito real, o cientista e o cético ateu de carteirinha, ao criticar a fé, estabeleceram o Ceticismo Científico como o novo substituto da fé, e em sua própria racionalidade declararam-se inconscientemente a Nova Religião.

A definição de religião é:

1. Um conjunto de crenças concernentes à causa, natureza e propósito do universo, especialmente quando considerado como a criação de uma agência ou agências sobre-humanas, geralmente envolvendo observâncias devocionais e rituais, e frequentemente contendo um código que governa a conduta dos assuntos humanos com uma forte ênfase na prática.
2. Um conjunto fundamental específico de crenças e práticas geralmente acordado por um número de pessoas, seitas ou coletivos.
3. O corpo de pessoas que aderem a um conjunto particular de crenças e práticas: um conselho mundial de religiões.
4. A vida ou estado de um monge, freira, etc.: entrar para a religião.
5. A prática de crenças religiosas; observância ritual da fé.

6. Algo em que se acredita e se segue devotamente; um ponto ou questão de ética ou consciência: fazer da luta contra o preconceito uma religião.
7. Arcaico. Ritos religiosos.
8. Arcaico. Fidelidade estrita; devoção: uma religião ao próprio voto.[5]

Há causa e natureza reconhecidas pela comunidade científica, e uma adesão devota e estrita à sua prática "religiosa", mas eles parecem coletivamente ficar aquém quando se trata de reconhecer um ponto de vista espiritual, e colidem em proporções épicas com a espiritualidade e a religião como um todo. A verdadeira mentalidade cética e científica deveria reconhecer mais apropriadamente a quantidade "desconhecida" subjacente à religião como um país não descoberto, e em vez de eliminá-la completamente do discurso e da aceitação, colocá-la mais adequadamente na categoria de "coisas que não sabemos ao certo". A comunidade científica, ao tentar agressivamente eliminar — ou no mínimo diminuir — o papel da espiritualidade e da religião do campo de jogo, estabeleceu-se num sentido muito real como a autoridade em todas as coisas não verificáveis. Dawkins, novamente, rotula a religião como "lixo", e ao fazê-lo, eleva a si mesmo e a seus colegas científicos ao status de "deuses seculares". Quando a religião é deposta por uma mentalidade conflitante, essa mentalidade então se promove ao elevado escalão do Substituto de Deus.

A Igreja do Cético

Tenho um amigo que é Cético, um verdadeiro crente na ciência e no ceticismo; um devoto de Michael Shermer. Vi este amigo durante os últimos 20 anos evoluir (ou "devoluir", dependendo de como se vê as coisas) de católico romano para um ateu cético ferrenho, tanto que agora, amigavelmente, refiro-me a ele como um "reverendo da Igreja do Cético". Ele se irrita com este apelido, mas o aceita da maneira bem-humorada como é dado; ao mesmo tempo, ele também é representante da marca de cético que tem menos questionamento genuíno do que cinismo inconsciente. E que fique registrado que eu também tenho uma mente cética, mas meu ceticismo não ultrapassou a fronteira para a adesão arrogante apenas às coisas que posso provar por meio do método científico. A Ciência e o Ceticismo, também, precisam ser temperados por uma atitude de querer descobrir, aprender, crescer e conhecer, não um ponto de partida de negação absoluta de qualquer coisa fora do domínio da ciência comprovável.

"As ameaças à dignidade e integridade humanas estão sendo aumentadas a níveis extraordinários de estresse, quando o que mais precisamos é de sabedoria", diz o guru da computação de Yale, David Gelernter,[6] criticando a perigosa tendência de cientistas sabichões que promulgam a ideia de que "religião e espiritualidade são lixo". O que estamos vendo cada vez mais é que a sabedoria, a seriedade moral e a adesão à religião e à espiritualidade estão sob grave e perpétuo ataque, e mais frequentemente por pessoas que são figuras proeminentes na comunidade científica. O ativismo ateu combinado com um

desejo agressivo de secularizar o mundo através do funil da ciência e do pensamento cético tornou-se um grande obstáculo para aceitar o fato de que nem todas as coisas são mensuráveis pelo método científico.

O primeiro passo necessário para ajudar a ciência e a fé a encontrar um terreno comum é um ponto de partida de admitir nossa ignorância absoluta. Não sabemos nada. Nenhum de nós, com todas as nossas glorificadas ciências e lengalengas metafísicas, realmente sabe coisa alguma. Experimentamos apenas a ponta do iceberg quando se trata do funcionamento físico do nosso universo, e precisamos constantemente questionar, testar e descobrir, depois questionar e testar para descobrir mais. Este processo é o que separa aqueles que permaneceriam em mundos de faz-de-conta autoimpostos, daqueles que seriam buscadores de fatos e verdade.

Eugenie Scott, a diretora do Centro Nacional de Educação em Ciência, recebeu uma pergunta sobre se a ciência poderia algum dia provar ou refutar a existência de Deus. Com um sorriso irônico, ela disse: "Bem, nós não temos exatamente um 'Deus-ômetro', temos?" E ela continuou a expressar que estava altamente cética de que tal dispositivo pudesse algum dia ser concebido, muito menos fabricado. Não temos, e provavelmente nunca teremos, um teste ou dispositivo que pudesse medir esse tipo de informação.[7]

Algumas coisas são simplesmente não quantificáveis. Isso não significa que tais coisas não existam; significa apenas que há algumas coisas que talvez nunca saibamos com certeza. Por mais atraente que fosse afirmar com 100% de certeza que Deus existe, simplesmente não podemos. A existência de Deus é algo que só pode ser aceito pela fé — não fé cega, mas uma fé que reconhece que há alguns véus que não podem ser perfurados. O método científico só pode nos levar até certo ponto, e essa explicação só nos deixará insatisfeitos. Mas, por outro lado, nunca poderemos ficar satisfeitos até alcançarmos aquele ponto desconhecido.

Portanto, rebaixar a crença no divino e nos mistérios inexplicados que nos cercam simplesmente porque não são definíveis pela ciência é exibir arrogância total na melhor das hipóteses e total estupidez na pior. A ciência, sem a compreensão de como tudo se conecta com a fé e a espiritualidade, é apenas metade do quadro.

E depois há o outro lado da equação. O Papa João Paulo II, num discurso à Pontifícia Academia das Ciências em Roma, declarou em 27 de outubro de 1996, sua aceitação da evolução como um fato da natureza, observando que acreditava não haver guerra real entre ciência e religião. Ele disse, em parte: "A consideração do método usado nas diversas ordens de conhecimento permite a concordância de dois pontos de vista que parecem irreconciliáveis. As ciências da observação descrevem e medem com precisão cada vez maior as múltiplas manifestações da vida… enquanto a teologia extrai… o significado final de acordo com o desígnio do Criador".[8] Cristãos e a Direita Religiosa reagiram com raiva às

declarações do Papa, e Henry Morris, presidente emérito do Institute for Creation Research respondeu: "O papa é apenas uma pessoa influente; ele não é um cientista. Não há evidência científica para a evolução. Toda a evidência real e sólida apoia a criação".[9]

E assim a batalha continua entre mentalidades, ideologias, ciência e pontos de vista religiosos.

Mas e o mito e a lenda? A raça humana carrega as cicatrizes de uma interrupção antiga. A ciência observa os detalhes, mas faz pouco para reconhecer os elementos aleatórios que estão fora do domínio do observável e testável. A espiritualidade abre a porta para receber qualquer teoria ou crença maluca, desde que a pessoa que expressa a teoria seja sincera sobre sua fé. Um permite as possibilidades, enquanto o outro fecha a porta para qualquer coisa que seja não quantificável ou improvável pelo método científico.

A verdadeira ciência nada mais é do que nós alcançarmos o que já naturalmente sabemos e entendemos num nível espiritual. Esse nível de entendimento não está fora do nosso alcance. Simplesmente temos que não ter medo de buscá-lo.

Em seu livro *O Mundo Assombrado pelos Demônios*, Carl Sagan falou sobre as duas coisas incutidas nele desde tenra idade: "Meus pais… ao me introduzirem simultaneamente ao ceticismo e ao espanto… me ensinaram os dois modos de pensamento que coexistem com dificuldade e são centrais para o método científico".[10]

Seja científico. Seja cético. Seja religioso. Seja espiritual. Mas nunca perca o contato com o espanto que está além da nossa capacidade finita de quantificar aquilo que é não quantificável.

Os Filhos de Deus desceram dos céus e se misturaram com as filhas dos humanos, tomando quem quer que escolhessem, e as mulheres conceberam e deram à luz filhos. Mito? Superstição? Loucura religiosa? Fato científico? Vamos prosseguir para ver como tudo isso se mistura na panela da história antiga, da experiência contemporânea e da aplicação da metodologia científica.

"Um conhecimento da existência de algo que não podemos penetrar, das manifestações da razão mais profunda e da beleza mais radiante — é este conhecimento e esta emoção que constituem a atitude verdadeiramente religiosa; neste sentido, e somente neste, sou um homem profundamente religioso."
—Albert Einstein

"A iluminação não é imaginar figuras de luz, mas tornar o consciente a escuridão."
—Carl Jung

Capítulo 2
Quem É Seu Pai? Dos Elohim aos Nefilins

"Uma rosa com qualquer outro nome teria o mesmo perfume."
—William Shakespeare

"Então Deus disse: 'Façamos a humanidade à nossa imagem, conforme a nossa semelhança, para que eles governem sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todos os animais que se movem pela terra.'"
—Gênesis 1:26

Os Nefilins (Hebraico:
) geraram inúmeras mitologias culturais, aparecendo em formas variantes e sob vários nomes nos anais de textos históricos e religiosos antigos, desde os descendentes dos Filhos de Deus até os brilhantes e resplandecentes Tuatha de Danaan dos antigos celtas, desde Gilgamesh de Uruk até o Pé Grande do folclore nativo americano. Variando do religioso ao ufológico, os Nefilins parecem desafiar explicações razoáveis, exceto dentro de duas linhas básicas de pensamento: a metafísica, que está aberta a muitas formas variadas de espiritualidade e explicações religiosas, e a científica, que pode não negar totalmente a existência do espiritual, mas muito provavelmente não permitirá a incorporação de tamanha loucura maravilhosa ao fazer uma determinação de veracidade.

Na trilha espiritual/metafísica, é fácil aceitar relatos não científicos de seres espirituais, angelicais e demoníacos ao tentar compreender a existência de uma raça que "desceu dos céus" e coabitou com mulheres humanas. É ainda mais fácil acreditar quando você considera os muitos relatos de encontros sexuais de intrusão demoníaca, sem mencionar contos semelhantes de abduções e impregnacões alienígenas. Mas esses tipos de explicações descrevem interações que compreendem uma mistura especulativa de religião, espiritualidade e metacientífica — e muitas vezes uma espécie de parapsicologia — que está aberta às possibilidades de coisas além de véus que são aparentemente impossíveis de perfurar pela mente finita e pelo estudo da ciência. No entanto, mesmo uma abordagem mais científica, quando não é totalmente desdenhosa de toda a noção dos Nefilins, ao buscar fatos não religiosos, às vezes produz um entendimento igualmente fantástico.

Não importa qual caminho você permita ditar sua linha de pensamento, é um simples fato histórico que os Nefilins, em suas várias formas, permeiam os escritos de civilizações antigas numa base quase pancultural. E não importa se você segue uma trilha espiritual, metafísica, parapsicológica ou científica, um fato se mantém firme: o próprio nome desses seres míticos encontra sua fonte nos escritos de fé do Antigo Testamento, no Livro de Gênesis, com a palavra hebraica *Nefilim*. Nesse livro de origem, os próprios Nefilins são ditos ser a prole híbrida dos "Filhos de Deus", ou, como o hebraico os chama, os *bene haElohim* — os Vigilantes do livro apócrifo de Enoque, cujas páginas incluem relatos dos

Nefilins que paralelam e até amplificam os escassos detalhes que aparecem no Livro de Gênesis, levando muitos a acreditar que os dois relatos foram baseados na mesma fonte. Esses chamados Filhos de Deus foram, por sua vez, legados/nascidos/criados por *Elohim*, o nome hebraico dado a Deus tantos milhares de vezes nos livros judaicos de fé e lei. Então, ao buscar esta raça mítica, a grande questão é esta: Definimos os Nefilins por textos espirituais e um entendimento baseado na fé, ou existem explicações que caem fora do reino da espiritualidade, apesar de encontrar o ponto de origem do nome apenas dentro das escrituras da literatura espiritual judaica? Ainda maior, porém, é esta questão: As duas linhas de pensamento são na verdade uma e a mesma? Ou as definições religiosas são precisas, ou os antigos simplesmente definiram esses seres míticos nos únicos termos que podiam compreender: aqueles que caíam dentro de seu finito reino de compreensão espiritual de como o universo funcionava, ao mesmo tempo em que mantinham uma crença monoteísta em Deus e em sua casta criada de seres espirituais.

Agora, não vou sugerir que o Livro de Gênesis não é factual. Tampouco sugerirei que o Deus da Bíblia não é quem os escritores daqueles livros dizem que Ele é. No entanto, afirmarei enfaticamente que a Bíblia é um livro de fé, governado pelos ditames de uma espiritualidade baseada na fé, tornando assim seus fatos produtos não apenas de uma cultura baseada na fé, mas de uma cultura teocrática.

Para fins de integridade acadêmica, escolhi — como ponto de partida — examinar primeiro a fonte hebraica da palavra *Nefilim* —

— e para fazer isso, temos que voltar tudo um pouco mais para as cabeceiras do ponto de origem: as escrituras hebraicas. Se os Nefilins são a prole mítica dos Filhos de Deus — os *bene haElohim* — então quem é o Pai? Quem é este *Elohim* que os legou?

Deus Entre Muitos Deuses

Quando aprendi pela primeira vez que um dos nomes mais comuns para Deus era uma pluralidade, comecei a questionar a maneira como pensava sobre grande parte do que me foi ensinado sobre a Bíblia. E por "pluralidade", não quero dizer as manifestações trinas da Divindade: Pai, Filho e Espírito Santo (em outras palavras: a Trindade). Estou me referindo ao nome do Antigo Testamento *Elohim* —

— bene-haElohim —

— que é dito ter legado

, os Filhos de Deus — que então tiveram intercurso com mulheres humanas e deram à luz a raça híbrida dos Nefilins.

Mais de 2.500 vezes no Antigo Testamento, a palavra hebraica usada em referência ao nome de Deus é *Elohim*. Curiosamente, a palavra não é apenas um mero nome, mas também um descritor, na medida em que detalha atributos físicos do Deus hebraico, também conhecido como Yahweh [Jeová]. A palavra *Elohim*, em si, denota pluralidade, especificamente "mais de dois". Mas também é mais comumente usada nos textos hebraicos apenas em conjunção com um verbo ou adjetivo singular, o que às vezes pode indicar um Deus singular e individual com uma pluralidade de vastos e muitos poderes, dependendo do contexto da passagem onde é encontrada. Há também o argumento de que *Elohim* é uma declaração do *Hashalush HaKadosh*, ou da Trindade, apesar do fato de que não há número indicado limitando a pluralidade de *Elohim* a "três". Anti-trinitarianos diriam que o termo *Elohim* sugere apenas a multiplicidade de poder e majestade, em oposição a sugerir que a palavra indica uma pluralidade de seres ou multiplicidade de entidades individualmente combinadas num Deus singular e coletivo. A palavra *Elohim* também é usada como um plural coletivo referindo-se aos muitos falsos deuses e ídolos denunciados em todo o Antigo Testamento.

A tradução literal da palavra *Elohim* é "Deus de Muitos Deuses", mais simplesmente: "Deus dos Deuses". Mas interpretar isto como um termo totalmente politeísta iria contra a forma como os mais ferrenhos estudiosos do judaísmo interpretariam a palavra. Nenhuma autoridade superior na língua hebraica pode ser encontrada do que o grande estudioso hebraico Wilhelm Gesenius. Ele escreveu que a natureza plural de *Elohim* era para fins de intensificação, e estava relacionada ao plural de majestade e usado para amplificação. Gesenius afirma que "a linguagem rejeitou inteiramente a ideia de pluralidade numérica em *Elohim* (sempre que denota um único Deus) e é provado especialmente por ser quase invariavelmente unido a um atributo singular".[1]

"Que a linguagem rejeitou inteiramente a ideia de pluralidade numérica em
(sempre que denota um único Deus), é provado especialmente por ser quase
invariavelmente unido a um atributo singular (cf. § 132 h), por exemplo,
710, &c. Portanto,
pode ter sido usado originalmente não apenas como um plural numérico, mas também como um plural abstrato (correspondendo ao latim *numen*, e ao nosso *Godhead*), e, como outros abstratos do mesmo tipo, ter sido transferido para um único deus concreto (mesmo dos pagãos)."[2]

Em outras palavras, embora seja muito tentador extrapolar da palavra *Elohim* uma definição que a interpreta literalmente como "Deus de Muitos Deuses", é mais provável do que não que no Antigo Testamento, um livro judaico de fé, seria totalmente inconsistente com a religião judaica apresentar seu Deus como qualquer coisa além de uma divindade singular, individual e monoteísta. Interpretar a palavra *Elohim* como significando que os judeus mantinham uma expressão politeísta de Deus simplesmente iria contra todo o seu sistema de crenças monoteístas.

Embora certamente debatido, o nome *Elohim* (muito provavelmente) tem a ver com o primeiro encontro com Deus que os humanos experimentaram,[3] pelo menos dentro da mentalidade hebraica judaica. Aquelas experiências iniciais produziram temor ou medo pelos múltiplos poderes da natureza, como refletido no Antigo Testamento, onde a palavra *Elohim* é usada para o próprio Deus. Mas também é usada para a pluralidade completa dos chamados deuses idólatras, as imagens de madeira e pedra que as pessoas adoravam em suas casas e localidades. *Elohim* é até usado para significar "anjos" e "juízes".

Na análise final, o nome *Elohim* tem algo a ver com poderes: Os Poderes Constituídos; O Multipotente; Poder e Majestade. Na visão judaica tradicional, *Elohim* é o Nome de Deus como o Criador e Juiz do universo. Em Êxodo 3:6, o nome plural de *Elohim* é modificado por seus pronomes pessoais singulares, ditos serem falados por Deus na primeira pessoa:

"O Santo, Bendito seja Ele, disse a esses: 'Vocês querem saber meu nome? Eu sou chamado de acordo com minhas ações. Quando julgo as criaturas, sou *Elohim*, e quando tenho misericórdia do meu mundo, sou chamado YHWH (Jeová)...'"
(Êxodo 3:6)

No entanto, a palavra hebraica *Elohim* significa, sem dúvida, uma pluralidade. Decidir se essa pluralidade indica "mais de um Deus" versus "muitos poderes e majestade amplificada" é onde o debate começa e termina. Quando um uso da palavra é dito significar um Deus singular com uma vasta gama de poderes, e outra tradução da palavra indica uma pluralidade e/ou vasta gama de ídolos e "falsos deuses", você vê o conflito inerente e a subsequente confusão. No entanto, como falamos anteriormente, tudo é sobre contexto e o uso da palavra conforme é modificada pelos verbos e adjetivos circundantes.

"No princípio, Deus ("*Elohim*" — plural) criou ("*bara*" — singular) os céus e a terra."
(Gênesis 1:1)

A palavra *Elohim* está sendo usada neste contexto como uma demonstração do poder criativo de Deus representando o ato volitivo de um coletivo divino de muitos deuses engajados no ato da primeira criação? É uma entidade singular representando muitos deuses? Ou é o Deus de Vastos e Muitos Poderes fazendo a criação? Você poderia argumentar que o ato da criação está sendo feito por uma representação singular de *Elohim*, ou, se você tirar da mentalidade religiosa do autor de Gênesis, poderia interpretar a linguagem como significando o ato criativo realizado por uma vasta hoste de muitos deuses incorporados no *Elohim* singular. No entanto, você teria que considerar o ponto de vista do autor do Livro de Gênesis: Moisés, segundo a tradição judaica (e acredito que não há razão para duvidar deste fato, como demonstrarei no capítulo seguinte sobre Moisés e a 18ª Dinastia do Egito). Moisés foi o grande "Legislador" dos hebreus, estabelecendo os Dez Mandamentos, cujo primeiro mandamento, no primeiro mandamento, foi: "Eu sou o Senhor

teu Deus que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim." A ênfase deste mandamento deve ser colocada na pessoa do *Elohim* singular que ordena que "nada" seja posto diante dele no ato de adoração? Ou a ênfase deve ser colocada nos "outros deuses", interpolando que outros deuses existem, mas Jeová Deus é aquele que exige sua adoração se você pretende segui-Lo sozinho? Ou é simplesmente linguagem metafórica?

"Então Deus (*Elohim*) disse: 'Façamos a humanidade à nossa imagem, conforme a nossa semelhança, para que eles governem sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, sobre o gado e todos os animais selvagens, e sobre todas as criaturas que se movem pela terra.'" (Gênesis 1:26)

Deus, nesta passagem, está se referindo a Si mesmo na terceira pessoa, assim como um monarca terreno faria ao falar dos vastos poderes que ele ou ela detém sobre seus súditos? Ou este é um exemplo de uma pluralidade de deuses falando como uma entidade singular?

Os exemplos poderiam continuar até um ponto de exaustão trivial, pois há mais de 2.500 deles em todo o Antigo Testamento. Então, vamos (plural) trazer (singular) nossa (plural) exame (singular) da palavra *Elohim* (plural) a uma conclusão, colocando-a em contexto com todo o nosso assunto, os Nefilins:

A fonte da palavra *Nefilim* é encontrada apenas em antigos escritos religiosos judaicos, incluindo os Livros de Moisés do Antigo Testamento da Bíblia, o livro apócrifo de Enoque, e algumas outras poucas referências bíblicas e não bíblicas. Quer você goste ou não, os livros de fé judaico-cristãos são o ponto de origem absoluto da própria palavra. Isso não quer dizer que não haja dúzias de outras culturas antigas (ver Capítulo 4) que registram relatos dos mesmos seres sob diferentes rótulos e nomes. Mas para efeito de ir à fonte da palavra mais comumente entendida e usada para esses seres, os Nefilins têm origem nas escrituras judaicas.

Segundo Gênesis, foi *Elohim* quem deu à luz ou criou seres conhecidos como os Vigilantes (segundo Enoque), que são chamados de Filhos de Deus (*bene haElohim*) em Gênesis Capítulo 6. É dito que esses Filhos de Deus desceram à terra e coabitaram com mulheres humanas, produzindo descendentes chamados Nefilins. Bum. Pá. Pum. Mas ainda temos um passo intermediário a examinar antes de chegar aos próprios Nefilins — nomeadamente, sua linhagem sobrenatural, a metade de sua ascendência de cruzamento: os *bene haElohim*, ou os Filhos de Deus.

Os Filhos de Deus

Agora que examinamos a pluralidade do nome *Elohim*, e a apresentação do conceito judaico de que significava (mais provavelmente do que não) um Deus singular com vasta

majestade e possuidor de muitos poderes, precisamos agora examinar sua prole. Eles são os personagens no relato da linhagem dos Nefilins conhecidos como os Filhos de Deus, os *bene Elohim* ou *bene-haElohim*, os "pais" — ou pelo menos uma metade da linha parental.

"1 Quando os seres humanos começaram a multiplicar-se na terra e lhes nasceram filhas, 2 os filhos de Deus viram que essas filhas eram bonitas, e casaram com qualquer uma delas que escolheram. 3 Então o Senhor disse: 'Meu Espírito não contenderá com os seres humanos para sempre, pois eles são mortais; seus dias serão cento e vinte anos.' 4 Os Nefilins estavam na terra naqueles dias — e também depois — quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos seres humanos e delas tiveram filhos. Eles foram os heróis de outrora, homens de renome."
(Gênesis 6:1-4)

Estes quatro versículos do Capítulo 6 de Gênesis aparecem no preâmbulo do relato do Dilúvio de Noé. O nome de Noé aparece pela primeira vez no texto no versículo 8, onde se afirma que ele "achou favor aos olhos do Senhor". A passagem continua afirmando que Noé (e sua família) era o único ser humano "justo" deixado na terra, e que foi por isso que ele foi escolhido para ser o construtor da grande arca — ou barcaça — que o preservaria, a sua família e pares de animais do grande julgamento aquático da ira de Deus. (Examinaremos mais tarde o significado da palavra *justo* e descobriremos que significava muito mais do que simples bondade espiritual.)

Esses quatro versículos compreendem uma passagem muito interessante, na medida em que difere em estilo de escrita do resto do Livro de Gênesis, tendo marcas de ter sido extraída, editada e talvez até plagiada — pelo menos em parte — de outro material de fonte contemporânea existente. Se você já escreveu um trabalho escolar para a faculdade, é como parafrasear pedaços e fragmentos de material de fontes externas sem citar essa fonte. Após extenso estudo desta passagem, o Dr. David Penchansky, presidente da Universidade de St. Thomas (St. Paul, Minn.) afirmou em uma conversa pessoal comigo:

Esta passagem foi editada, seja pelo escritor de Gênesis, ou por escribas posteriores. Certamente não corresponde ao estilo de escrita do resto do livro, e a linguagem em que está escrito é "entre cortada", quase como se fosse reproduzida no texto como fragmentos de outro material de fonte. E o relato era, obviamente, demasiado bem conhecido na época para ser omitido completamente.

Quem São os Filhos de Deus?

O termo *bene haElohim* (
), ou Filhos de Deus, é encontrado apenas quatro vezes no Antigo Testamento: Gênesis 6:1-4; Jó 1:6 e 2:1; Jó 38:7; Salmo 29:1.

Na passagem de Gênesis 6:1-4 somos informados de que os Filhos de Deus olharam para as mulheres humanas (outras traduções referem-se a essas mulheres como: "as filhas dos homens/dos homens; filhas dos homens; as mulheres bonitas da raça humana; e até mesmo, 'essas garotas'") e "viram que eram bonitas". Em algumas traduções, os Filhos de Deus "cobiçaram-nas", e então "casaram com qualquer uma que escolhessem", ou em algumas traduções "tomaram as que gostaram". O título, Filhos de Deus, tem sido visto de várias maneiras, e várias traduções referem-se a eles como "Filhos de Deus, seres celestiais, e Filhos dos Céus". É claro para a maioria dos estudiosos da Bíblia que o título, Filhos de Deus, refere-se a seres angelicais, e isso é apoiado por outras passagens em todo o Antigo e Novo Testamento, bem como pelo livro apócrifo de Enoque, e vários outros textos históricos. É interessante notar que até mesmo Jesus de Nazaré, ele mesmo, foi chamado de "O Filho de Deus".

No entanto, diferentes visões são tomadas sobre a passagem de Gênesis 6:1-4:
Filhos de Deus simplesmente se refere a homens, os filhos dos nobres que eram patronos da escola dos profetas, que se casaram com filhas do povo comum. Esta é a visão de muitas autoridades judaicas, bem como de professores das minhas próprias raízes teológicas em círculos de seminários batistas conservadores e fundamentalistas, que sustentam que os Filhos de Deus são apenas homens humanos, justificados pelo uso de *elohim* sendo definido como "juízes" em outras passagens, como Êxodo 21:6 e 22:8. Mas esta é simplesmente uma maneira pela qual certos teólogos evitam lidar com a mistura de seres espirituais e mulheres humanas, uma noção inteira que cai muito perto de uma admissão de que há mais do que apenas humanidade habitando o universo. Este é um exemplo perfeito de bons estudiosos usando erudição fingida como um meio para forçar a interpretação de certas palavras em seu ponto de vista teológico particular.

Filhos de Deus — bene haElohim — é usado nesta passagem para demonstrar o forte contraste com o termo *filhas dos homens* (
). De *Elohim* a *adahm*; Deus ao homem. Quando você lê *Elohim* em conjunção com outras palavras no contexto, você tem que ver a palavra hebraica para homens: *adahm* (
). Significa simplesmente "a raça humana dos homens". Se, de fato, os Filhos de Deus — os *bene haElohim* — se refere apenas a meros homens mortais das classes altas, buscando casar com filhas das classes baixas, a palavra *adahm* não seria contrastada com *bene haElohim*. E quando usada no mesmo contexto com *elohim*, *adahm* significa a raça humana em contraste com o divino. Os *bene-haElohim* eram qualquer coisa, exceto seres humanos, e isso está em estrita unidade com a língua hebraica da passagem.

Alguns teólogos sustentam que os Filhos de Deus devem ser entendidos como a raça piedosa e justa descendente de Sete (o terceiro filho de Adão e Eva), e que "filhas dos homens" deve ser interpretado como as "filhas dos homens mundanos". No entanto, a

linguagem simplesmente não afirma isso, e, novamente, é intelectualmente falso, e um esforço teológico forçado, dizer que afirma.

Quem quer que fossem, o texto deixa claro que foram legados pelo Deus que estava acima deles; filhos por nascimento, ou filhos por ato criativo, seu ponto de origem é claro em todos os relatos: Eles vieram dos céus e tinham alguma pretensão de serem chamados Filhos de Deus. A passagem seguinte do Livro de Enoque os introduz dentro da estrutura da tradição judaico-cristã — apesar de sua aparição num livro que foi banido das escrituras canônicas pela Igreja — e oferece um relato surpreendentemente semelhante à passagem de Gênesis 6:1-4.

"1 Aconteceu que, depois que os filhos dos homens se multiplicaram naqueles dias, nasceram-lhes filhas, elegantes e bonitas. 2 E quando os anjos, os filhos do céu, as viram, enamoraram-se delas, dizendo uns aos outros: 'Vinde, escolhamos para nós mulheres da progênie dos homens, e geremos filhos.' 3 Então seu líder Shamjaza disse-lhes: 'Receio que talvez vocês estejam indispostos à realização desta empresa; 4 E que eu sozinho sofrerei por um crime tão grave.' 5 Mas eles lhe responderam e disseram: 'Nós todos juramos; 6 E nos vinculamos por mútuas maldições, de que não mudaremos nossa intenção, mas executaremos nosso empreendimento projetado.' 7 Então todos juraram juntos, e todos se vincularam por mútuas maldições. Seu número total era de duzentos, que desceram sobre Ardis (durante os dias de Jarede), que é o topo do monte Armon (Monte Hermon no atual Israel). 8 Aquela montanha, portanto, foi chamada Armon, porque eles haviam jurado sobre ela, e se vincularam por mútuas maldições. 9 Estes são os nomes de seus chefes: Shamyaza, que era seu líder, Urakabarameel, Akibeel, Tamiel, Ramuel, Danel, Azkeel, Saraknyal, Azazel, Armers, Batraal, Anane, Zavebe, Samsaveel, Ertael, Turel, Yomyael, Arazyal. Estes eram os prefeitos dos duzentos anjos, e o restante estava todos com eles. 10 Então tomaram mulheres, cada um escolhendo para si; às quais começaram a se aproximar, e com as quais coabitaram; ensinando-lhes feitiçaria, encantamentos e a divisão de raízes e árvores. 11 E as mulheres, concebendo, deram à luz gigantes."
(1 Enoque 7:1-11)

Segundo Enoque, os Filhos de Deus foram criados, seres angelicais legados que desceram (cairam) ao reino terreno, e nas encostas do Monte Hermom fizeram um pacto para gerar descendência com mulheres humanas. Atribuir malevolência a esses anjos não seria totalmente preciso, mas o livro de Enoque sugere que, caso levassem a cabo seu plano, temiam ser responsabilizados por praticar um ato "pecaminoso" aos olhos de Deus. Enoque continua contando os atributos que trouxeram consigo para a raça humana: encantamentos, fabricação de armas, meteorologia, astrologia, astronomia, interpretações das fases da lua, herbologia e os sinais do sol, estrelas e lua. Com essas habilidades ensinadas pelos anjos, a humanidade mergulhou no mais baixo denominador comum, desenvolvendo a arte da guerra e buscando a maldade a ponto de provocar a ira de Jeová. E os Filhos de Deus foram, de fato, tidos como culpados; Shemjaza, seu líder, de alguma forma negligenciado, e Azazel tido como o principal culpado por introduzir armas e guerra à humanidade.

E então houve sua prole "gigante".

Os Nefilins

Segundo as escrituras, a prole dos Filhos de Deus e mulheres humanas eram os Nefilins, mas não acredito que o termo seja atribuível apenas à prole. Os Filhos de Deus que desceram dos céus eram conhecidos como Nefilins uma vez que se estabeleceram no reino terreno. Então eles e sua prole juntos tornaram-se conhecidos como Nefilins. É semelhante ao cenário que você tem quando um imigrante irlandês muda sua existência para a América. Ele é irlandês, mas seu ato de emigrar lhe deu o novo título de americano, e ele e sua prole são agora conhecidos por ambos os títulos: irlandês e americano, possuindo uma identidade dupla. Mas os filhos nascidos dele na América carregam o título mais forte.

Os escritores da Bíblia King James de 1611 traduziram indiretamente a palavra *Nefilim* como "gigantes", mas a tradução acadêmica preferida é "caídos". *Gigante* pode ser melhor compreendido quando você atribui os valores de altura, distância do chão ao topo, descendente das alturas, cair dos céus, e assim por diante. Embora existam muitas visões acadêmicas sobre a identidade dos Nefilins, você tem que levar em consideração a interpretação da palavra com base no contexto textual circundante, bem como no público para o qual o texto é escrito.

A palavra raiz hebraica para *Nefilim* é o verbo *nephal* (texto hebraico
), significando: 1) cair (ao chão); 2) cair (em batalha); 3) ser lançado para baixo; 4) desertar uma localidade; 5) falhar. O "im" (texto hebraico
) denota pluralidade, dando-nos os "que caíram", ou os "que desceram".

Os Filhos de Deus podem ser melhor definidos como uma raça de seres que desceram — ou "caíram" — à terra, abandonando sua existência e habitação nos reinos celestiais. Segundo a Bíblia, eles eram de origem angelical, nascidos/criados por Deus (Elohim), e trouxeram aos

habitantes humanos da terra habilidades especiais, bem como uma libido sobrenatural. Sua prole recebeu o título de Nefilins, e a propagação de sua raça mista na terra levou ao julgamento de Deus na forma de um dilúvio, conforme descrito em Gênesis e outros relatos antigos. Também mencionado no Livro de Enoque está o fato de que esses seres desceram à terra durante "os dias de Jarede", o pai de Enoque. Seu nome significa, literalmente, "descida", e ele foi assim nomeado porque a descida dos Filhos de Deus à terra ocorreu durante sua vida.

É interessante notar, neste ponto, que tanto Jarede quanto Enoque também são mencionados no relato de Gênesis:

"18 Quando Jarede tinha 162 anos, nasceu seu filho Enoque. 19 Depois do nascimento de Enoque, Jarede viveu mais 800 anos e teve outros filhos e filhas. 20 Ele morreu com 962 anos. 21 Quando Enoque tinha 65 anos, nasceu seu filho Matusalém. 22 Após o nascimento de Matusalém, Enoque viveu mais 300 anos em estreita comunhão com Deus, e teve outros filhos e filhas. 23 Enoque viveu 365 anos no total. 24 Ele desfrutou de um relacionamento próximo com Deus durante toda a sua vida. Então, de repente, ele desapareceu porque Deus o levou."
(Gênesis 5:18-24)

Na mais antiga versão inglesa arcaica da Bíblia King James de 1611, o último versículo está redigido como "E Enoque andou com Deus, e não foi mais visto, porque Deus o levou."

Digira tudo isso. Então respire fundo e purificante.

Elohim gerou os *bene haElohim*, que geraram os Nefilins. Mas essa é apenas uma versão dos eventos. A questão que ainda precisa ser feita e respondida é: E se os Nefilins, conforme definidos por outros escritos culturais da época, são algo completamente diferente? E se a Bíblia judaica é apenas uma versão dos eventos conforme entendida e escrita por uma cultura monoteísta que registrou esses eventos a partir de sua estrutura de entendimento, dentro de uma estrutura mono-teocrática? E se esses seres angelicais fossem qualquer coisa, exceto anjos? Como sempre é o caso, a descoberta dos fundamentos só leva a questões mais profundas. À medida que avançamos, abordaremos a questão das origens extraterrestres e da semeadura da humanidade.

Mas primeiro, vamos passar para um exame histórico de suma importância de Moisés, o autor do Pentateuco, os primeiros cinco livros da Bíblia ou, como a religião judaica chama, a Torá. Uma vez que você tenha uma compreensão das origens deste homem e por que ele escreveu o que escreveu, você começa a obter uma imagem mais clara de quem realmente são os Nefilins e por que Moisés escreveu o que escreveu.

Capítulo 3
O Faraó-Deus de Israel

Quem Foi Moisés… Na Verdade?

"Yahweh falava com Moisés face a face, como um homem fala com seu amigo."
(Êxodo 33:11)

"27 Eles deram a Moisés este relato: 'Fomos à terra a que nos enviaste, e ela mana leite e mel! Aqui está o seu fruto. 28 Mas o povo que vive lá é poderoso, e as cidades são fortificadas e muito grandes. Até vimos descendentes de Anaque lá…. 33 Vimos os Nefilins lá, os descendentes de Anaque, dos Nefilins. Parecíamos gafanhotos aos nossos próprios olhos, e parecíamos o mesmo para eles.'"
(Números 13:27-28, 33)

Como afirmo em minhas palestras públicas sobre o tópico dos Nefilins, agora vamos "desviar um pouco". Mas é um desvio vital contextualmente e altamente relevante para entender o quadro maior dos Vigilantes e dos Nefilins. Incluirá muita história, mas lembre-se: História é divertida, apaixonante e empolgante! Isso não é coisa de ficar sentado numa sala de aula tediosa do ensino médio; isso é coisa que abre a porta e lança luz. Entender o passado dá iluminação ao presente. Todos nós temos histórias pessoais e coisas que aconteceram em nosso passado para nos tornar quem e o que somos hoje. O mesmo se aplica a este personagem notável na história. Entender que ele é muito mais do que uma história bíblica, mas sim uma pessoa real que viveu, respirou e experimentou a vida, nos ajudará a entender melhor as coisas sobre as quais ele escreveu e por que disse o que disse.

É de grande importância para entender o relato de Gênesis sobre os Nefilins ter uma compreensão do autor do livro e da educação que ele teria vivenciado nas cortes reais do Egito da 18ª Dinastia. Os primeiros cinco livros do Antigo Testamento da Bíblia — Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio — são coletivamente conhecidos como Pentateuco, os livros da Lei, e sua autoria é atribuída a Moisés, aquele bem conhecido legislador e líder hebreu da tradição judaico-cristã.

Em primeiro lugar, Moisés é o autor do Livro de Gênesis. Só porque ele é um personagem bíblico cuja história é composta de feitos fantásticos e eventos miraculosos, isso não significa que ele seja simplesmente parte do mito.

É Moisés quem, segundo o Livro de Êxodo, nasceu escravo hebreu vivendo sob cativeiro na cidade escrava de Goshen, na região do delta da terra do Egito. Os hebreus viviam no Egito como família desde a época de seu ancestral-patriarca José, um dos filhos de Jacó/Israel, que os migrou para o Egito durante um tempo de grande fome em Canaã, no atual Israel. A família cresceu e se tornou um povo expatriado, num número de quase dois milhões na

época do Êxodo, e sofreu um cativeiro gradual imposto a eles pelos faraós egípcios durante um período de quatro séculos.

É importante salientar que, embora a história de Moisés esteja repleta de tradição religiosa, muitos dos feitos do homem histórico Moisés não podem ser encontrados em nenhum lugar da história registrada, exceto nas páginas das sagradas escrituras e escritos religiosos. E é preciso cavar muito fundo para encontrar as escassas menções que existem, e mesmo assim há a tarefa monumental de discernir o homem da lenda. O tratamento histórico de sua vida, como aparece nos livros do Antigo Testamento, de Êxodo a Deuteronômio, são eventos escritos a partir da perspectiva do próprio homem, compreendendo o contexto principal dentro de quatro dos cinco livros da Lei no Antigo Testamento. Moisés era um homem poderoso que se esforçava — como faria qualquer líder de uma nova nação que fosse produto de invasão, rebelião ou golpe — para estabelecer sua autoridade e base de poder. É importante entender que Moisés foi produto do Egito da 18ª Dinastia, onde ele fez parte de uma dinastia governante que detinha poder absoluto sobre seus súditos, e foi lá que ele aprendeu as habilidades reais necessárias para a liderança nacional. Foi lá que Moisés aprendeu que ele era um "filho do Faraó Deus". Foi lá que ele aprendeu a impor a vontade de um homem-deus sobre o povo que governava.

Ao ler as páginas das escrituras religiosas, é preciso perguntar se Moisés era uma mera ficção da imaginação piedosa de rabinos judeus e historiadores hebreus, um mero adjunto à sentimentalidade religiosa e ao mito judaico-cristão? Ou ele era uma personalidade real de alguma estatura e substância no Egito, como afirmam as Escrituras Judaicas?

Durante o relato bíblico das Dez Pragas do Egito e das audiências de "deixe o meu povo ir!" que Moisés teve com, indiscutivelmente, o monarca mais poderoso do mundo conhecido, somos levados à distinta impressão de que Moisés tem domínio absoluto sobre o Faraó, o governo e o povo. De fato, o registro bíblico afirma explicitamente:

"O homem Moisés era muito grande na terra do Egito, aos olhos dos servos de Faraó e aos olhos do povo."
(Êxodo 11:3)

Durante o período das Dez Pragas, a própria palavra de Moisés tornou-se lei nas cortes do Faraó e na terra do Egito. Observe o que a maioria dos comentaristas do relato bíblico ignorou:

"E todos estes teus servos" [Moisés está se dirigindo ao faraó] "descerão a mim, e se inclinarão diante de mim, dizendo: 'Sai tu e todo o povo que te segue; e depois disso eu sairei!' E ele saiu da presença de Faraó no auge de uma grande ira."
(Êxodo 11:8)

Moisés não usou meias palavras, mas sim ditou com poder e autoridade ao governante mais poderoso do mundo antigo. Moisés era notável, excepcional, talentoso e não era um homem comum por qualquer padrão, passado ou presente.

História de Fé vs. Relato Histórico

Aqui também é onde tenho certeza de que atrairei algumas críticas ferrenhas dos meus antigos colegas da Escola Bíblica e companheiros de seminário, bem como de líderes e amigos dos círculos cristãos evangélicos nos quais passei muitos anos da minha vida. Pois questionar a autoridade absoluta da Bíblia em sua aplicação à fé, prática, teologia ou história é questionar a própria natureza e atributos do próprio Deus. No entanto, existem lacunas enormes nos relatos históricos das escrituras que só podem ser preenchidas com extrapolação de dados históricos, e forçando pés de tamanho 13 em sandálias egípcias largas de tamanho 10 e meio.

Somos informados por Políbio (c. 201-120 a.C.) de que existem essencialmente três classes de historiadores:

Uma classe distorce sua documentação por ganho financeiro, expressando "o prazer ou os planos de reis e estados".

Outra classe escreve para aqueles que apreciam o "espetáculo retórico", um prazer pela exploração sensual das palavras, de uma maneira que soa agradável ao ouvinte.

Finalmente, alguns registram a verdade, "para o bem da humanidade".[1]

As referências do Novo Testamento a Moisés são escritas dentro de uma estrutura da apologética cristã primitiva, destinada a estabelecer a jovem religião cristã durante sua infância. A história de fé contada pelos apologistas cristãos primitivos é uma tradição sólida que estabelece uma base para a prática e tradição religiosa, e a história permanece obscura, não substanciada e muitas vezes não verificável pelos registros históricos existentes da época. Existem muitas histórias tradicionais de Moisés, bem como histórias tradicionais na Mishná judaica e em outros escritos, mas os registros históricos egípcios são silenciosos. E até o próprio Moisés, por alguma razão, abstém-se de mencionar nomes históricos dos faraós e realezas que o teriam cercado durante os primeiros 40 anos de sua vida passados como príncipe do Egito. E isso porque os escritos de Moisés nunca tiveram a intenção de ser registros históricos frios e duros. Eles tinham a intenção de estabelecer a autoridade de Deus sobre Israel, conforme incorporada na autoridade de Moisés.

Vemos apresentado na escritura uma arrogância aceitável em Moisés que é um ingrediente indicativo — e muitas vezes necessário — por parte dos líderes nacionais para estabelecer sua autoridade. Ainda mais quando esse líder afirma que sua autoridade é favorecida pelos

deuses. Ou no caso de Moisés, por Deus. Moisés, ao escrever sobre seu relacionamento com Deus, afirma em Êxodo 33:11 que ele era capaz de "falar com Deus face a face, como um homem fala com seu amigo". No entanto, Moisés não foi destruído pela santidade absoluta de Deus numa bola de fogo consumidora por esse contato íntimo. Então, alguns versículos depois, na mesma passagem, o próprio Deus nos diz, através da pena de Moisés:

"Você não pode ver a Minha face, pois nenhum homem pode Me ver e viver!"
(Êxodo 33:20)

Quando Moisés enfaticamente afirma que sobreviveu ao que outros seres humanos não poderiam, ele se estabelece como tendo uma pequena vantagem divina que está acima e além do que a pessoa comum poderia suportar. Ele começa a se equiparar ao Divino de maneiras que estabelecem sua liderança sobre Israel como não apenas divinamente nomeada, mas miraculosamente mantida. Quando Moisés teve suas reuniões pessoais, face a face, com Jeová, elas são descritas no livro de Êxodo da seguinte forma:

"7 Moisés costumava pegar uma tenda e armá-la fora do acampamento, a alguma distância, chamando-a de 'tenda do encontro'. Qualquer um que consultasse o SENHOR iria à tenda do encontro fora do acampamento. 8 E sempre que Moisés saía para ir à tenda, todo o povo se levantava e ficava às entradas de suas tendas, observando Moisés até que ele entrasse na tenda. 9 Quando Moisés entrava na tenda, a coluna de nuvem descia e ficava à entrada, enquanto o SENHOR falava com Moisés. 10 Sempre que o povo via a coluna de nuvem parada à entrada da tenda, todos se levantavam e adoravam, cada um à entrada de sua tenda. 11 O SENHOR falava com Moisés face a face, como alguém fala com um amigo."
(Êxodo 33:7-11)

Deus descia à tenda de Moisés numa nuvem — assim como fez ao descer sobre a arca da aliança na forma nublada de sua contraparte feminina, a Shekinah — mas fora do texto escrito, ninguém sabe exatamente o que Moisés encontrou enquanto estava sozinho na tenda com a presença que ali descia. Se isso aconteceu precisamente como o livro de Êxodo descreve ou se foi uma série de eventos que Moisés usou para estabelecer ainda mais sua posição como o Faraó-Deus de Israel será uma questão que permanecerá sem resposta, pois não há como estabelecer a veracidade do que ele escreveu além da fé.

Há, no entanto, especulativos Alienígenas Antigos que atribuiriam esses eventos firmemente na categoria "Encontro Alienígena". Embora não possamos estabelecer a existência do Divino além da fé do coração humano, alguns escolheriam ver esses eventos como não apenas sobrenaturais, mas extraterrestres. Assim como a coluna de nuvem de dia e a coluna de fogo de noite apareciam nos céus e iam adiante dos israelitas para guiar seu caminho, a mesma coluna de nuvem descia à tenda de Moisés e depois descia e se fixava sobre a arca da aliança numa forma que é descrita na língua hebraica por um termo estritamente feminino, a *Shekinah*

, a presença gramaticalmente feminina de Deus.[2] Segundo o texto de Êxodo, "todo o povo" viu esses eventos acontecerem, e se houve alguma edição posterior do livro após a morte de Moisés, as passagens não foram omitidas. O evento está ali no contexto para estabelecer a autoridade absoluta e soberania de Deus, bem como a autoridade absoluta de Moisés como o líder designado por Deus.

Em relação às próprias colunas de fogo e nuvem, está bem estabelecido no ensinamento rabínico que essas manifestações nada mais eram do que a magnificência e glória de Deus; Deus aparecendo pessoalmente em manifestações miraculosas para liderar seu povo. Isso é o que os teólogos conhecem como "teofania", uma aparição de Deus em forma física. E segundo o ensinamento judaico-cristão, esta é simplesmente a glória de Deus aparecendo à porta da tenda de Moisés, e pairando no céu para guiar seu povo. Moisés foi separado como o único ser humano a ter este contato próximo com Deus, estabelecendo-o assim como alguém que estava em íntima união com Deus. A coisa mais próxima de ser o monárquico Faraó-Deus.

Mas então vemos a seguinte passagem, apenas alguns versículos depois, na qual não é permitido a Moisés ver a face de Deus. Por alguma razão, a mesma presença que falou com Moisés na tenda, face a face, não podia permitir que Moisés visse seu rosto no topo do Monte Sinai. Como qualquer outra pessoa que experimenta o místico, fenomenal paranormal, há sempre o desejo de ser atraído e saber mais, ver mais, experimentar mais. Então Moisés pediu mais:

"18 Então Moisés disse: 'Mostra-me agora a Tua glória.' 19 E o SENHOR disse: 'Farei passar toda a Minha bondade diante de ti, e proclamarei o Meu nome, o SENHOR, na tua presença. Terei misericórdia de quem Eu tiver misericórdia, e terei compaixão de quem Eu tiver compaixão. 20 Mas,' disse Ele, 'você não pode ver a Minha face, pois ninguém pode Me ver e viver.' 21 Então o SENHOR disse: 'Há um lugar perto de Mim onde você pode ficar sobre uma rocha. 22 Quando a Minha glória passar, Eu o colocarei numa fenda da rocha e o cobrirei com a Minha mão até que Eu tenha passado. 23 Então tirarei a Minha mão e você verá as Minhas costas; mas a Minha face não deve ser vista.'"
(Êxodo 33:18-23)

Ao estabelecer a magnificência e glória do todo-poderoso Deus Jeová, Moisés escreve que nem mesmo ele tinha permissão para olhar para a face de Deus, embora poucas frases antes ele tivesse estabelecido que possuía um relacionamento hierárquico especial com Deus, sendo o único homem que jamais havia falado com Deus "face a face", como um homem fala com seu amigo. Isso tudo foi escrito para que o povo entendesse que Moisés era de fato tão poderoso quanto os Faraós-Deuses do Egito; ele comungava com o Divino das maneiras mais íntimas! E mais tarde, durante os 40 anos de peregrinação no deserto como um povo nômade, Moisés dá um passo adiante e, em sua ira contra o povo, equipara-se a Deus referindo-se a si mesmo e a Deus como "Nós". Por isso, a escritura então nos diz, Moisés foi

repreendido por Deus por seu orgulho, e não foi autorizado a entrar na Terra Prometida. Se essa história anedótica fez parte do relato original de Moisés, ou foi adicionada posteriormente por um futuro editor, como Josué, sucessor de Moisés, é desconhecido. Mas o que está claro é que Moisés assumiu para si a persona do Faraó-Deus, o governante que tem autoridade absoluta e comunhão absoluta com o Divino.

O Efeito Residual de Comungar com a Divindade

"29 Quando Moisés desceu do Monte Sinai com as duas tábuas da lei da aliança em suas mãos, ele não sabia que seu rosto estava radiante porque havia falado com o SENHOR. 30 Quando Arão e todos os israelitas viram Moisés, seu rosto estava radiante, e eles tiveram medo de se aproximar dele. 31 Mas Moisés os chamou; então Arão e todos os líderes da comunidade voltaram a ele, e ele falou com eles. 32 Depois, todos os israelitas se aproximaram dele, e ele lhes deu todos os mandamentos que o SENHOR lhe dera no Monte Sinai. 33 Quando Moisés terminou de falar com eles, colocou um véu sobre o rosto. 34 Mas sempre que entrava na presença do SENHOR para falar com ele, ele removia o véu até sair. E quando saía e contava aos israelitas o que lhe havia sido ordenado, 35 eles viam que seu rosto estava radiante. Então Moisés tornava a colocar o véu sobre o rosto até entrar para falar com o SENHOR."
(Êxodo 34:29-35)

Os encontros de Moisés com o Divino deixaram vestígios físicos. Seu rosto brilhava e seus cabelos e barba se tornaram brancos como a neve. Tão assustadora era sua aparência que ele teve que velar seu rosto para esconder o brilho. Seus encontros face a face com a divindade radioativa branquearam sua pele e o fizeram… brilhar. E segundo a passagem bíblica, ele nem percebeu até que o povo recuou em horror supersticioso.

É interessante notar neste ponto que os Vigilantes que desceram às encostas do Monte Hermom, e em suas formas variantes manifestadas em outras culturas ao redor do mundo antigo, eram ditos ser deuses brilhantes e resplandecentes que desceram dos céus. O El sumério antigo, o Aillil celta, o Ellu babilônico, o El córnico, o Illa inca, o Elah hebraico e o Alá muçulmano todos tinham suas palavras variadas para o brilho físico resplandecente dos deuses que desceram à humanidade.

Foi essa mesma luz que foi transmitida a Moisés durante seus encontros imediatos com Elohim?

General e Rei

É vital estabelecer exatamente o que Moisés teria experimentado durante aqueles primeiros 40 anos de sua vida para que se tenha uma compreensão do que o influenciou quando ele se tornou o líder da nação de Israel que peregrinava no deserto mais tarde na vida. A cultura,

educação e religião do Egito teriam uma influência intensamente enraizadora no homem, apesar da Bíblia nos dizer que ele fez uma escolha consciente de se identificar com seu próprio povo — o que por si só nos diz que ele estava sendo criado como egípcio, vivendo como parte da família real do Egito da 18ª Dinastia em Tebas, perto de Luxor, cerca de 400 milhas rio Nilo acima, ao sul do atual Cairo. Moisés era menos hebreu do que egípcio, então para ele fazer uma escolha cognitiva de se identificar com seu povo escravo de origem, foi nada menos que altruísta. Talvez até heroico.

Mas sua identificação com os hebreus foi um "ato de fé" de sua parte, como nos diz o Novo Testamento, no Livro de Hebreus, ou foi uma tentativa de procurar oportunidades para governá-los?

Há uma história tradicional na Mishná judaica que fala de Moisés liderando um exército, sob ordens do Faraó, para suprimir uma rebelião na Núbia. Uma vez que a rebelião é esmagada, e milhares de rebeldes estão mortos, Moisés toma o trono para si, para grande desgosto da família governante na Núbia. A notícia chega ao Faraó, que repreende apressadamente Moisés, dizendo-lhe para renunciar ao trono para a família governante vassala, e para ele e seu exército voltarem para o Egito. Moisés, é claro, abdica da monarquia de curta duração e retorna às cortes do Faraó.

Desejar uma posição como governante de um povo estava no sangue de Moisés. Ele foi criado como príncipe, e sua madrasta rainha egípcia o criou para ser o próximo Faraó.

Não posso enfatizar o suficiente o quão extremamente importante é, ao dissecar a história da descida dos Vigilantes ao Monte Hermom e de sua prole, os Nefilins — ter uma compreensão do que Moisés teria sido exposto na tutela real e nas filosofias religiosas do Egito da 18ª Dinastia.

A História Tradicional

Moisés nasceu escravo, mas foi adotado por uma rainha do Egito, onde cresceu como um garoto do palácio, desfrutando de uma educação que lhe proporcionou uma formação real e estilo de vida. O que sabemos do relato bíblico é que, à medida que envelhecia, ele começou a se identificar cada vez mais com seu próprio povo, e arrogantemente se via, de sua posição elevada nas cortes reais do Egito, como o libertador profetizado do povo hebreu da escravidão. Tomando as coisas em suas próprias mãos, ele assassinou um feitor egípcio e fugiu para salvar sua vida da ira do Faraó. Ele passou os 40 anos seguintes como pastor na terra de Midiã, onde se casou com a filha de Jetro, o sumo sacerdote de Midiã, e viveu até os 80 anos como uma espécie de pastor do interior, fora do sistema.

Foi aos 80 anos que ele viu uma visão milagrosa de Deus na forma de uma sarça ardente, e foi chamado para retornar ao Egito e liderar os hebreus para fora da escravidão. Moisés

relutou e tentou escapar de qualquer tarefa que o trouxesse de volta à terra onde passou a primeira metade de sua vida e onde era procurado por assassinato. Mas Deus o assegurou de que aqueles que procuravam sua vida estavam mortos há muito tempo e seus crimes esquecidos. Moisés retornou e, numa série de pragas coercitivas contra a terra do Egito, finalmente convenceu o faraó a libertar os hebreus após a praga dos primogênitos tirar a vida do filho do Faraó. Sob a liderança de Moisés, os hebreus deixaram o Egito em massa durante a noite num evento chamado Grande Êxodo, que tem sido celebrado desde então na Páscoa judaica.

O Faraó, é claro, pensa melhor e monta seus exércitos para perseguir os escravos hebreus em fuga, apenas para tê-los destruídos num dos maiores eventos únicos e miraculosamente míticos da Bíblia: a abertura do Mar Vermelho. Uma vez completamente livres do Faraó e de seus exércitos, Moisés lidera os hebreus até a Montanha Santa de Deus — alguns dizem que é o Sinai, outros escritos a colocam em Jabal Musa, na Arábia Saudita. É aqui que Moisés sobe ao topo e encontra Deus face a face, e Deus o envia de volta 40 dias depois com as tábuas da Lei inscritas (pela própria mão de Deus) com os Dez Mandamentos. Ao descer de Moisés, ele encontra o povo adorando um bezerro de ouro e festejando como um egípcio. Ele quebra as tábuas e impõe punição pela adoração idólatra, então retorna ao topo da montanha, onde Deus inscreve um novo conjunto de textos em pedra para ele.

Os hebreus seguem para a Terra de Canaã, apenas para terem seus espias retornando com relatos de Nefilins gigantes habitando a terra. Com medo, o povo diz a Moisés que não está disposto a entrar em Canaã e conquistá-la, embora lhes tivesse sido prometida por Deus porque era sua terra ancestral. Então Moisés os leva de volta ao deserto, onde vagueiam como uma tribo nômade por 40 anos. No processo de sua peregrinação no deserto, Moisés, em resposta irada às queixas do povo, comete o ato pecaminoso de orgulho ao se equiparar a Deus, e então Deus lhe diz que, como punição, ele poderia ver a terra prometida, mas não entrar nela. Enquanto os hebreus marcham para a terra de Canaã, Moisés sobe a encosta do Monte Nebo, onde contempla a terra da promessa de Deus, e morre. Seu corpo nunca é encontrado.

Em todo o relato da vida e feitos de Moisés, conforme escrito no Antigo Testamento, nunca nos são dados os nomes dos reis históricos do Egito com quem Moisés viveu e contra quem ele se opôs em conflito em seu retorno para liderar os hebreus para fora do cativeiro. Eles são referidos apenas como "Faraó" ou "o rei do Egito".

Moisés tinha razões particulares para escrever esses relatos da maneira que escreveu, a primeira das quais foi uma demonstração de quão sem importância os nomes desses grandes governantes eram para a história da libertação de seu povo. Examinar a vida de Moisés e a datação de seus feitos trará uma compreensão muito maior dos textos que ele escreveu e, subsequentemente, de seu tratamento do tópico dos Nefilins em seu Livro de Gênesis.

A Formação de um Faraó-Deus

É extremamente importante ter uma compreensão dos dados históricos que cercam essas pessoas e eventos, pois sem essas informações somos deixados a balançar na ponta da corda da mitologia e lenda. Buscar e atribuir datas sólidas e fatos históricos é nada menos que escancarar a porta da iluminação sobre a sala escura da ignorância e conjectura especulativa. É claro, há muitos que dirão que esses mesmos fatos apresentados aqui não passam de hipótese subjetiva, no entanto, de todos os sistemas e teorias colocados em prática para estabelecer a vida histórica de Moisés, este é o que faz mais sentido de acordo com os fatos atuais como eles existem — pelo menos quando se faz uma tentativa de garantir que os fatos apresentados na Bíblia concordem o mais próximo possível com o registro histórico.

E antes que você se afaste deste capítulo se perguntando o que a história histórica de Moisés tem a ver com os Filhos de Deus e os Nefilins, considere isto: O homem que escreveu sobre eles no Livro de Gênesis experimentou uma educação, formação e estilo de vida nas cortes da realeza egípcia. Sendo um dos descendentes do Faraó, que era considerado um deus, Moisés era de fato ele mesmo, um literal "filho de deus" aos olhos do povo egípcio. As noções de Moisés sobre a criação do mundo e o nascimento da humanidade foram grandemente influenciadas pela religião da cultura egípcia que estava ao seu redor durante seus primeiros 40 anos de vida.

Segundo o Livro de Êxodo, Moisés deu um passo à frente e escolheu ser identificado com seu próprio povo, os escravos hebreus, mas ao mesmo tempo, ele não renunciou à sua posição na família real do Egito. É claramente evidente nas passagens do texto bíblico que ele via essa identificação com os hebreus como uma maneira de se estabelecer como seu libertador prometido. Num sentido muito real, havia uma corrente subterrânea de oportunismo político em Moisés que ele não podia simplesmente deixar passar. Ele pode ter tido uma fé de que era o libertador prometido, como o Novo Testamento, no Livro de Hebreus, nos diz, mas essa fé parece ser algo aplicado aos seus atos pelos apologistas fundamentais da fé cristã, em oposição à motivação moral literal da parte de Moisés. É claro no texto de Êxodo que ele se via como maior do que aqueles ao seu redor — uma coisa de modo algum fora de lugar para alguém criado numa família de monarcas que detinham um punho de ferro sobre o Egito.

O relevo do santuário da barca (área destacada) em Medinat Habu, a "Casa de Milhões de Anos". Localizado na extremidade ocidental superior da porção inferior da parede interior norte do segundo pátio, o "Salão de Festivais", quadrante noroeste. Moisés teria visto esta parede muitas vezes durante sua juventude no Egito.
Fotos cortesia do Dr. John T. Ward e da Dra. Maria Nilsson, The Sirius Project, direitos autorais 2011. Usado com permissão.

E não haja engano sobre isso: Moisés era hebreu apenas no nome durante seus primeiros 40 anos de vida. Moisés era egípcio de ponta a ponta, como a maioria de seus escritos, filosofias, aplicação de leis e construção de objetos cerimoniais religiosos implica. Até mesmo a arca da aliança, que Moisés, como a voz de Deus, deu instrução para construir, assemelha-se tão de perto às pinturas em relevo dos santuários de barca de adoração egípcios, que as raízes de influência são inegáveis.

O Templo de Salomão: A Pedra Angular para Datar Moisés

Há uma data histórica irrefutável e incontestável no Antigo Testamento na qual podemos nos apoiar ao determinar a datação dos eventos da vida de Moisés. Uma vez estabelecida esta data, o resto do mistério que cerca a vida de Moisés se desvenda.

Em 966 a.C., no quarto ano do reinado de Salomão, filho de Davi, como rei de Israel, o primeiro templo judaico construído em Jerusalém (conhecido histórica e arqueologicamente como "Templo") foi dedicado.[3] Esta é uma data inquestionável na história, disputada apenas por um número de três a cinco anos em qualquer direção por estudiosos judeus, cristãos e históricos.

"No ano quatrocentos e oitenta depois que os israelitas saíram do Egito, no quarto ano do reinado de Salomão sobre Israel, no mês de Zive, o segundo mês, ele começou a construir o templo do SENHOR."
(1 Reis 6:1)

E aí está. Embora até mesmo a existência dos reis Davi e Salomão ainda esteja em acalorada disputa entre arqueólogos, estudiosos e minimalistas bíblicos, o templo em Jerusalém foi dedicado em 966 a.C., e a data é indiscutível. Isso nos leva à datação do Êxodo. De acordo com a passagem mencionada de 1 Reis, o templo foi dedicado no 480º ano após os hebreus terem sido libertados de seu cativeiro egípcio. Isso faria do ano do grande Êxodo sob a liderança de Moisés, a primeira Páscoa da religião judaica, 1446 a.C. E se Moisés tinha 80 anos na época do Êxodo, ele teria nascido em 1526 a.C. durante o reinado de Tutmés I.

Os Faraós Egípcios Durante a Linha do Tempo de Moisés

Tutmés I

"8 Então um novo rei… subiu ao poder no Egito. 9 'Olhem', disse ele ao seu povo, 'os israelitas se tornaram numerosos demais para nós. 10 Vinde, precisamos agir com astúcia contra eles, senão eles se tornarão ainda mais numerosos e, se irromper uma guerra, se juntarão aos nossos inimigos, lutarão contra nós e sairão do país.' 11 Então colocaram feitores sobre eles para os oprimir com trabalho forçado, e eles construíram Pitom e Ramessés como cidades-armazéns para o Faraó. 12 Mas quanto mais eram oprimidos, mais se multiplicavam e se espalhavam; de modo que os egípcios passaram a temer os israelitas 13 e os trabalharam com rigidez. 14 Tornaram-lhes a vida amarga com trabalho duro em tijolo e argamassa e com todo tipo de trabalho no campo; em todo o seu trabalho duro, os egípcios os trabalhavam com rigidez."
(Êxodo 1:8-14)

De acordo com a linha do tempo em que nos baseamos na datação do Templo de Salomão, Moisés nasceu em 1526 a.C., durante o primeiro ano do reinado de Tutmés I, filho dos escravos hebreus Anrão e Joquebede. Tutmés I governou o Egito de 1526 a 1513 a.C., e foi durante seu reinado, segundo a Bíblia, que o Faraó do Egito emitiu um decreto de que todas as crianças do sexo masculino hebreus com menos de 2 anos de idade fossem mortas e lançadas no Rio Nilo.

"15 O rei do Egito disse às parteiras hebreias, cujos nomes eram Sifrá e Puá, 16 'Quando vocês estiverem ajudando as mulheres hebreias no parto sobre o banco de parto, se virem que o bebê é menino, matem-no; mas se for menina, deixem-na viver.' 17 As parteiras, no entanto, temeram a Deus e não fizeram o que o rei do Egito lhes havia dito; deixaram os meninos viver. 18 Então o rei do Egito convocou as parteiras e lhes perguntou: 'Por que fizeram isso? Por que deixaram os meninos viver?' 19 As parteiras responderam ao Faraó: 'As mulheres hebreias não são como as egípcias; são vigorosas e dão à luz antes que as parteiras cheguem.' 20 Então Deus foi bondoso com as parteiras e o povo aumentou e se tornou ainda mais numeroso. 21 E porque as parteiras temeram a Deus, ele lhes deu famílias próprias. 22 Então o Faraó deu esta ordem a todo o seu povo: 'Todo menino hebreu que nascer, devem lançar ao Nilo, mas deixem viver toda menina.'"
(Êxodo 1:15-22)

A mãe de Moisés escondeu seu filho bebê o máximo que pôde, e quando ele tinha 3 meses de idade, num plano para poupá-lo do decreto do Faraó, ela o colocou numa cesta embreada tecida de papiro e o deixou à deriva no Rio Nilo. Embora isso não esteja implícito no texto, pode-se conjecturar subjetivamente que este não foi um ato arbitrário de esperança cega de sua parte. Quando ela o soltou nas correntes do Nilo, ela ordenou que sua filha Míriam, irmã mais velha de Moisés, seguisse ao longo dos juncos na margem para garantir que nenhum mal acontecesse à criança e que a cesta chegasse ao destino que ela esperava: as lagoas de remanso do Nilo do palácio, onde a família do Faraó vinha se banhar.

A ideia de um "salvador numa cesta, flutuando rio abaixo" não era exclusiva da história de Moisés.

Sargão, o Grande

Numa tabuinha cuneiforme de argila acadiana que pretendia ser a biografia de Sargão, o Grande da Acádia, por volta de 2400 a.C., a lenda afirma que sua mãe era uma sacerdotisa do templo. Dando à luz a ele em segredo e colocando-o numa cesta para flutuar, ela o abandonou ao rio Eufrates. Akki, um jardineiro, o resgatou do rio e o criou. Depois de trabalhar como jardineiro para Akki, Sargão ascendeu à posição de copeiro de Ur-Zababa, o rei de Quis, e de lá continuou a subir no poder, saqueando Uruque e estabelecendo-se como o imperador de Sumar no lugar de Lugalzagesi, rei de Uruque.

Osíris

Osíris, por volta de 2500 a.C., o deus salvador sacrificial do Egito, foi assassinado, após o que sua cabeça coroada decepada foi colocada numa cesta de papiro e flutuada pelo Nilo.

Rômulo e Remo

Rômulo e Remo, segundo Plutarco, eram gêmeos descendentes do príncipe Eneias, um fugitivo da lendária cidade de Troia após sua destruição pelos Aqueus. Seu avô materno era seu descendente Numitor, que herdou a realeza de Alba Longa. O irmão de Numitor, Amúlio, herdou seu tesouro, incluindo o ouro trazido por Eneias de Troia. Amúlio usou seu controle do tesouro para destronar Numitor, mas temia que a filha de Numitor, Reia Sílvia, desse à luz filhos que pudessem derrubá-lo. Numa tentativa de solidificar sua reivindicação ao trono sem que outros candidatos reais surgissem para desafiá-lo, Amúlio forçou Reia Sílvia à virgindade perpétua como sacerdotisa vestal. Isso não acabou funcionando, pois ela deu à luz filhos de qualquer maneira. Segundo a lenda, Marte, o deus da guerra, seduziu Sílvia e a engravidou. Em outros relatos, foi Hércules ou até mesmo o próprio Amúlio quem engravidou sua sobrinha. Sob confinamento por Amúlio, ela dá à luz dois meninos de notável beleza, após o que seu tio ordenou a morte de todos eles. Reia foi enterrada viva, e Amúlio ordenou a morte dos gêmeos por exposição; ambos os meios evitaríam sua culpa direta de sangue.

"Loba Amamenta Rômulo e Remo." Loba Capitolina, tradicionalmente considerada etrusca, século V a.C., com figuras de Rômulo e Remo adicionadas no século XV por Antonio Pollaiuolo.
Foto cortesia do Wikimedia Commons (commons.wikimedia.org/wiki/File:She-wolf_suckles_Romulus_and_Remus.jpg).

Amúlio encarregou um servo da tarefa de matar os gêmeos, mas o servo não conseguiu cumprir o ato. Em vez disso, colocou-os numa cesta e a deixou nas margens do Rio Tibre, que inundou e carregou os gêmeos rio abaixo, ilesos. A divindade do rio Tibreno fez com que a cesta ficasse presa nas raízes de uma figueira que crescia no pântano Velabrum, na base da Colina Palatina. Os gêmeos foram encontrados e amamentados por uma loba, Lupa, e alimentados por um pica-pau, Pico. Um pastor chamado Fáustulo descobriu os dois meninos e os levou para sua cabana, onde ele e sua esposa Acca Larentia os criaram como seus próprios filhos. Rômulo continuou e fundou a cidade de Roma.

Hatshepsut

Esta notável mulher era filha de Tutmés I, nascida em ou por volta de 1535 a.C. Ela veio a se casar com seu meio-irmão Tutmés II, gerado por Tutmés I com uma esposa "menor". Ele era fraco e um tanto doentio em seu reinado, e ela detestava o homem. Quando ele morreu, ela se tornou co-regente do Egito com seu enteado, Tutmés III (de, novamente, uma esposa menor), e eventualmente o depôs e assumiu a monarquia como governante ela mesma. Tutmés III aprendeu a odiar sua madrasta, e quando ela morreu, ele mandou apagar todas as imagens de Hatshepsut de cada pintura, obelisco e relevo, erradicando-a da história egípcia e da vida após a morte. Tutmés III continuou e levou o Reino Unido do Egito durante a 18ª Dinastia ao seu auge dourado.

Em 1526, Hatshepsut teria sido uma mera criança de cerca de 7 a 10 anos de idade. Quando ela encontrou o bebê Moisés numa cesta, flutuando em sua piscina de banho vinda do Nilo; ela o reivindicou e o nomeou, mas não tinha como cuidar dele sozinha. Foi então que Míriam emergiu dos juncos e se ofereceu para ajudar, levando a criança de volta à sua mãe para que ele fosse cuidado até que a princesa real tivesse idade suficiente para adotá-lo legitimamente, o que ela fez alguns anos depois.

Esta notável mulher, que reinou na 18ª Dinastia do Egito, é muito provavelmente a madrasta do Moisés bíblico, a quem ela encontrou flutuando no Nilo numa cesta feita de juncos. Foto cortesia do autor. Direitos autorais 2011.

Pode-se especular que um homem chamado Senmut, muito próximo de Hatshepsut e tutor de sua filha, era nada menos que o próprio Moisés. Embora a evidência seja apenas circunstancial, é preciso ler um pouco nas entrelinhas e recorrer à mitologia egípcia para fazer as conexões.

Senmut era muito próximo de Hatshepsut e era seu aliado mais forte, conselheiro e amigo, um homem de nascimento humilde que ascendeu ao poder com Hatshepsut. Especula-se que seu nascimento humilde fosse como escravo hebreu, e seu estreito relacionamento como enteado de Hatshepsut era nada menos que o amor entre mãe e filho, e o nepotismo que vinha junto com ele. O próprio nome Senmut significa "irmão da mãe".

Para entender o significado deste título de irmão da mãe, é necessário olhar, brevemente, para a religião egípcia e o Faraó: Os antigos egípcios acreditavam que o primeiro rei do Egito foi Osíris, casado com sua irmã Ísis. Set, o irmão de Osíris, o assassinou por ciúmes e reivindicou o trono. Incorporando um feitiço de magia, Ísis trouxe Osíris de volta à vida por uma noite, fez amor com ele e concebeu uma criança, após o que Osíris retornou ao seu estado de morte. A criança que ela deu à luz foi Hórus, a reencarnação de Osíris, que recupera seu lugar de direito no trono. A criança nascida de Ísis era, ao mesmo tempo, seu filho, seu marido e seu irmão. Todos os reis do Egito eram então ditos ser "Hórus", a reencarnação de Osíris.

E este é o significado do nome dado a Moisés — Senmut. Ele estava sendo "preparado" por sua mãe, Hatshepsut, na economia egípcia para ser o futuro rei, o herdeiro real de seu "avô-Faraó", Tutmés I, que não tinha herdeiros reais do sexo masculino vivos. Mas ele tinha uma filha real, Hatshepsut. O futuro rei só poderia herdar o trono através da filha real. Hatshepsut convenceu seu pai, o Faraó, a tornar seu pequeno menino adotado seu futuro herdeiro. Nefure, como a Ísis simbólica, tinha seu pequeno "Osíris/Hórus", que foi nomeado Senmut, seu "irmão da mãe".

Quando Senmut/Moisés toma a decisão de se identificar com seu povo escravo, os hebreus, ele se cortou para sempre da linhagem faraônica adotiva de Hatshepsut.

"Pela fé, Moisés, quando já adulto, recusou ser chamado filho da filha de Faraó."
(Hebreus 11:24)

Alguns dos muitos títulos de Senmut/Moisés conferidos a ele por Hatshepsut foram: Supervisor das Obras, Supervisor dos Campos, Supervisor da Casa do Ouro Duplo, Supervisor dos Jardins de Amon, Controlador das Obras, Supervisor do Escritório Administrativo da Mansão, Condutor de Festivais, Supervisor do Gado de Amon, Mordomo da Filha do Rei Neferura, Chefe do Rei, Magnata das Dezenas do Alto e Baixo Egito, Chefe da Mansão da Coroa Vermelha, Conselheiro Privado, Mordomo-Chefe de Amon, Supervisor do Duplo Celeiro de Amon, Arquiteto-Chefe, e nada menos que Príncipe Hereditário e Conde.

Assassinato e Fuga

"11 Um dia, depois que Moisés já havia crescido, ele saiu para onde seu próprio povo estava e os observou em seu trabalho duro. Ele viu um egípcio espancando um hebreu, um do seu próprio povo. 12 Olhando para um lado e para o outro e vendo que não havia ninguém, matou o egípcio e o escondeu na areia. 13 No dia seguinte, ele saiu e viu dois hebreus brigando. Ele perguntou ao que estava errado: 'Por que você está batendo no seu companheiro hebreu?' 14 O homem disse: 'Quem fez você governante e juiz sobre nós? Está pensando em me matar como matou o egípcio?' Então Moisés teve medo e pensou: 'O que fiz deve ter se tornado conhecido.' 15 Quando o Faraó soube disso, tentou matar Moisés, mas Moisés fugiu do Faraó e foi viver em Midiã…'"
(Êxodo 3:11-15)

Pouco antes da morte de Hatshepsut em 1483 a.C., Senmut desaparece misteriosa e completamente das cortes reais do Egito e dos registros históricos. Tendo sido preparado para ser o próximo Faraó, fica claro que o meio-irmão adotivo de Senmut/Moisés, Tutmés III, o co-regente com sua madrasta Hatshepsut, tinha toda a motivação para eliminar Moisés depois que ele assassinou o feitor egípcio. Então Moisés — anteriormente Senmut, Príncipe

Hereditário e Conde do Egito — fugiu para o deserto para salvar sua vida. Ele não retornaria ao Egito por 40 anos, mas quando o fez, foi com uma influência muito diferente sobre as cortes reais do Egito.

Mas Moisés, neste ponto de sua vida, apesar de "identificar-se" com seu povo hebreu, era completamente egípcio, e carregou consigo para a terra de Midiã uma riqueza de conhecimento egípcio armazenado que ferveu em sua cabeça por mais 40 anos. O rei em formação, "irmão da mãe" da Rainha Faraó, general nos exércitos do Faraó, com uma ambição profundamente enraizada de governar, agora era casado com uma filha do sumo sacerdote de Midiã e monarca de rebanhos de ovelhas e cabras num remanso árabe empoeirado.

Moisés possuía uma crença nos deuses do Egito, e isso não mudaria até seu encontro milagroso com o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o grande "EU SOU", Yahweh, que, na forma de uma sarça ardente, o pressionou a servir como o grande emancipador de seu povo de origem, os hebreus.

Mas Moisés via aquela sarça do deserto em chamas como o único Deus? Esse encontro foi de natureza espiritual ou se encaixaria no molde de um encontro extraterrestre que desafiou todas as suas crenças no panteão de deuses com os quais foi criado e que ele conhecia tão bem? As páginas das escrituras nos dizem que esse chamado era de Origem Divina, e que o próprio Deus Jeová era o poder por trás dos próximos eventos miraculosos.

A grande questão, se você sair da caixa da fé, é se Moisés estava encontrando o Deus do Universo ou um ser que apenas se adequava às suas percepções e entendimento daquilo que havia sido enraizado em sua mente desde seus primeiros dias.

A Ogdóade

Em Tebas, a pequena cidade de Medinet Habu tem, aninhada em sua baixa crista, as ruínas do magnífico Templo Mortuário de Ramsés III da 18ª Dinastia. Medinet Habu, uma pequena vila situada um pouco mais de 2 milhas ao sul do Ramesseum, era chamada de Djanet pelos antigos egípcios e, de acordo com a crença popular, era o lugar onde Amon apareceu pela primeira vez. Desde os tempos antigos, Medinet Habu era o local de adoração dedicado a este deus, como evidenciado pelas ruínas desmoronadas de um templo da 18ª Dinastia dedicado a Amon de Djanet, construído durante o tempo de Hatshepsut e Tutmés III, sobre as ruínas de um templo ainda mais antigo. Isso foi o que mais tarde induziu Ramsés III a ordenar a construção ali de seu próprio templo memorial.

Crescendo no palácio real em Tebas, Moisés teria conhecido bem este lugar e adorado em seus salões sagrados. Foi aqui que Moisés foi criado em seus primeiros anos e passou os primeiros 40 anos de sua vida. Ele teria aprendido não apenas a matemática e as ciências

proporcionadas por uma educação real nas cortes do Egito da 18ª Dinastia, mas também teria experimentado a adoração e as práticas religiosas da época.

A Ogdóade é o mito de criação egípcio que Moisés conheceria muito bem e que alguns dizem que estabeleceu sua base para escrever sobre a criação no Livro de Gênesis. O mito da Ogdóade originou-se em Hermópolis e consistia em oito forças primordiais personificadas, cada uma das quais representada nos quatro casais de divindades. Na cosmologia egípcia, o número 4 representava o número da totalidade e completude. O significado desses quatro casais primordiais não é fácil de entender hoje, pois eles carecem de qualquer contexto mitológico maior, e também não há muita personificação substancial dos quatro casais de divindades.[4]

Os casais da Ogdóade:
Nu e Naunet, representando as águas primordiais.
Heh e Hauhet, significando a falta de limites.

O Portal Interno do Ramesseum, em Luxor, Egito. O Ramesseum é o complexo do templo de Ramsés III, construído no local do que é agora conhecido como Medinet Habu, a "Casa

de Um Milhão de Anos". Neste mesmo local estão as ruínas de um templo muito mais antigo, no qual Moisés teria aprendido sobre a Ogdóade.
Foto cortesia do Dr. John T. Ward e da Dra. Maria Nilsson, The Sirius Project, direitos autorais 2011. Usado com permissão.

Kek e Kauket, significando a escuridão.
Amun e Amaunet, significando o ar.

Os quatro casais da Ogdóade são menos sobre suas personalidades e características do que representam forças elementais na criação do mundo. A cosmogonia que eles representam são as matérias físicas primordiais da existência, em vez do real surgimento da vida do mundo orgânico, e desses oito deuses, apenas Amun desenvolveu um status notável e mudou-se para Tebas com sua contraparte feminina, Amaunet. Esses quatro pares de divindades também se complementam: Para cada divindade "masculina" há a contraparte "feminina", para formar um todo, de acordo com o modo de pensar complementar do antigo Egito. Os machos são mostrados com cabeças de sapos e as fêmeas com cabeças de serpentes; tais atributos físicos são frequentemente ditos em textos antigos como habitando as águas primordiais.

Em el-Ashmunein foram desenterradas apenas inscrições muito escassas da Ogdóade, dizendo-nos muito pouco sobre esta cosmogonia, mas elas aparecem sutilmente nos escritos de Moisés. A maior parte da evidência é obtida de monumentos tebanos, que foram reunidos em 1929 por Kurt Sethe em seu levantamento, *Amun und die Acht Urgotter von Hermopolis*,[5] mas as referências mais antigas à cosmogonia hermopolitana são encontradas nos Textos das Pirâmides:

"Vocês têm seu pão de oferta, ó Niu e Nenet, vocês dois protetores dos deuses que protegem os deuses com sua sombra. Vocês têm seu pão de oferta, ó Amun e Amaunet, vocês dois protetores dos deuses que protegem os deuses com sua sombra. Vocês têm seu pão de oferta, ó Atum e Ruti, que vocês mesmos criaram suas divindades e suas pessoas. Ó Shu e Tefenete que fizeram os deuses, que geraram os deuses e estabeleceram os deuses…"[6]

Dizia-se que essas divindades compreendiam as próprias substâncias a partir das quais a criação foi trazida ao universo. Em Hermópolis, a opinião era de que em algum momento esses oito seres primordiais interagiram, onde ocorreu uma grande explosão, que de alguma forma libertou o Montículo Primordial. O montículo mais tarde se tornou Hermópolis, embora no início fosse chamado de Ilha da Chama, pois o deus sol era dito ter nascido e se erguido ali pela primeira vez. Hermópolis afirmava ser anterior à cosmogonia de Heliópolis. Assim como outros centros de criação sustentavam que sua localização era o lugar original onde a criação surgiu pela primeira vez, o mesmo ocorria em Hermópolis.

A Ogdóade eram os pais e as mães que surgiram no início, que deram à luz o sol e que criaram Atum. A partir daí, o resto do cosmos é desenvolvido. Mas há algumas reviravoltas na história em que se pensa que as oito divindades da Ogdóade criaram conjuntamente o que é conhecido como o "ovo cósmico" a partir das águas primordiais (Nun). Este ovo era invisível, pois foi criado antes mesmo do sol surgir. Deste ovo, segundo algumas fontes, a ave da luz, um aspecto do deus sol, irrompeu. Outras fontes dizem que o ovo estava cheio de ar, a associação do casal elemental de Amun e Amaunet. De acordo com os Textos dos Sarcófagos, este é o primeiro ato da criação:

"Ó Atum, dá-me este doce ar que é tuas narinas, pois eu sou este ovo que está na Grande Cacarejadora, Eu sou o guardião deste grande suporte que separa a terra do céu. Se eu viver, viverá; se eu envelhecer, envelhecerá; se eu respirar o ar, respirará o ar. Eu sou aquele que fende o ferro, eu andei ao redor do ovo, (eu mesmo) o Senhor do Amanhã."[7]

Em outra versão deste mito, o ovo é posto por um ganso, o Ganso Primordial, ou o Gengen Wer, com o qual Amun foi associado como o criador. Pensa-se que o ganso carrega o ovo do qual surge a criação. Este mito é dado apenas em fragmentos, mas obviamente afirma que o sol na forma de uma ave saiu do ovo que o Ganso Primordial pôs nas águas da criação. É também uma forma de Amun em seu aspecto de deus criador.

O ato da criação, como realizado pela Ogdóade, segue esta ordem cronológica básica:

1. A Ogdóade criou a existência na forma do Montículo Primordial ou na forma do ovo cósmico.
2. O ovo cósmico foi criado pelo Ganso Primordial.
3. O ovo cósmico continha ar, ou
4. O ovo cósmico continha uma ave.
5. E a ave era uma forma do sol.

Para resumir tudo, todas as formas de criação inicial aconteceram na escuridão das águas primordiais. A criação era circular, assim como o ovo. O nascimento levava ao declínio-morte-renascimento-renovação da existência cíclica. O significado de tudo isso é que algumas coisas existiam antes da existência. Uma dessas na pré-existência era Nun. Outra eram seres primordiais como sapos e serpentes, sendo os sapos associados à fertilidade, as serpentes associadas à circularidade e ao renascimento (isto é, elas trocam de pele). O primeiro deus criador é criado a partir de Nun por alguma interação entre todas essas criaturas primordiais. Então o deus criador cria o resto do cosmos.

Essas são as coisas que Moisés teria experimentado em sua formação religiosa, crescendo nas cortes reais do Egito. Mas como elas se aplicam ao nosso estudo dos Nefilins, e por que esses cenários são importantes para o seu estudo? Porque o estabelecimento de uma base sólida é fundamental para um exame das palavras que ele escreveu no Livro de Gênesis.

Como eu disse anteriormente, é importante passar por algum do que parece ser história mundana para entender por que certas coisas foram ditas de certas maneiras. Entender o que motivou Moisés a escrever as coisas que escreveu é um passo de suma importância para entender os objetivos das coisas sobre as quais ele escreveu.

Vejamos como o mito egípcio da criação foi uma base para o que Moisés escreveu no Livro de Gênesis.

Moisés, o Herege

Uma grande fonte para este exame das influências na escrita de Moisés são os escritos de Ireneu, um bispo do século II de Lugduno, na Gália, então parte do Império Romano (atualmente Lyon, França). Ele foi um dos primeiros pais da igreja e apologista, e seus escritos foram formativos no desenvolvimento inicial da teologia cristã, que na época era indistinguível da teologia católica. O livro mais conhecido de Ireneu, *Adversus Haereses*, ou *Contra as Heresias*, foi escrito por volta de 180 d.C., e é um ataque detalhado ao Gnosticismo, que na época era considerado uma séria ameaça à Igreja.[8] Como um dos primeiros grandes teólogos cristãos, Ireneu enfatizou os elementos tradicionais na igreja, especialmente o episcopado, a escritura e a tradição. Ireneu escreveu que a única maneira de os cristãos manterem a unidade era aceitar humildemente uma única autoridade doutrinária, e essa era a dos conselhos episcopais em união com o bispo de Roma. Contra os gnósticos, que diziam possuir uma tradição oral secreta do próprio Jesus, Ireneu sustentava que os bispos em diferentes cidades são conhecidos desde os Apóstolos, e nenhum deles era gnóstico. Ele também sustentava que os bispos forneciam o único "guia seguro para a interpretação da Escritura". Seus escritos, juntamente com os de Clemente e Inácio, são tidos como sugerindo a primazia papal — a palavra infalível do papa em todos os assuntos eclesiásticos e escriturísticos. Ireneu é a testemunha mais antiga do reconhecimento do caráter canônico de todos os quatro evangelhos, e é realmente o precursor dos Concílios Constantinianos que estabeleceram as regras canônicas para a bíblia.

Os gnósticos alegavam possuir os "mistérios ocultos" como transmitidos a eles pelo próprio Jesus Cristo. E de acordo com seus ensinamentos "heréticos", Moisés construiu a totalidade do relato de Gênesis sobre a criação com base em sua influência precoce nos ensinamentos egípcios da Ogdóade. Ireneu se propõe em seus escritos a apresentar e desmascarar os escritos dos gnósticos sobre Moisés e a criação, referindo-se a eles primeiro como o desenvolvimento de "poderosas ficções".[9]

Segundo Ireneu, Moisés seguiu o padrão da Ogdóade na maneira como escreveu o relato da criação. Isso pode ficar um pouco complicado, então me acompanhe aqui…

No início do relato de Moisés sobre a criação no Livro de Gênesis, ele começa no versículo um do capítulo um de Gênesis, dizendo que "No princípio, Deus criou os céus e a terra"

(Gênesis 1:1). E ao criar um número numérico de quatro elementos para a primeira declaração da criação — Deus, criou, céus, terra — Moisés estava estabelecendo a primeira Tétrade (agrupamento de quatro) dos gnósticos e remetendo aos quatro elementos iniciais dos quatro casais de deuses da Ogdóade egípcia. Já vê onde isso está indo? Material fascinante! Continue lendo….

Moisés prosseguiu em seu relato da criação afirmando que o ato criativo era de natureza invisível e oculta — uma referência ao "ovo invisível" da criação; uma criação física visível nascendo de uma dimensão espiritual invisível: "A terra, porém, era invisível e informe" (Gênesis 1:2). Então, ao nomear um abismo e escuridão, nos quais também havia água, e o Espírito se movendo sobre a água, Moisés está se referindo à segunda Tétrade que nasce da primeira: "invisível, informe, Espírito, moveu-se".

Então, prosseguindo para mencionar a Década gnóstica, Moisés nomeia luz, dia, noite, firmamento, tarde, manhã, terra seca, mar, plantas e, em décimo lugar, árvores, tudo como parte do ato criativo inicial. Assim, por meio desses 10 nomes, ele indicou os 10 Éons da estrutura gnóstica, novamente baseada na Ogdóade egípcia.

Moisés então reitera o poder da Duodécada gnóstica e nomeia o sol, lua, estrelas, estações, anos, baleias, peixes, répteis, aves, quadrúpedes, feras selvagens e, depois de todos estes, em 12º lugar, o homem. Nisto, os gnósticos ensinavam que a Triacontada (a Triacontada (30) existe numa divisão tripartite de uma Ogdóade (8), Década (10) e Duodécada (12)) foi falada através de Moisés pelo Espírito. Além disso, o homem também estava sendo formado à imagem do poder acima, tendo em si aquela capacidade que flui da fonte única: a força invisível. Esta capacidade estava situada na região do cérebro, da qual procedem quatro faculdades, à imagem da Tétrade acima, e estas são chamadas visão, audição, olfato e paladar. Moisés também remete à Ogdóade ao afirmar que o homem tem quatro pares de dois: dois olhos, duas narinas, dois ouvidos e dois sentidos do paladar: amargo e doce.

Moisés continua com sua construção da Ogdóade na medida em que o sol foi criado no quarto dia; as cortes em tenda do Tabernáculo eram feitas de linho fino, azul, púrpura e escarlate. Novamente, a longa túnica do sacerdote caindo sobre seus pés, era adornada com quatro fileiras de pedras preciosas. Moisés também mostra a influência da Ogdóade, novamente, em que o homem foi formado no oitavo dia, sua parte terrestre foi formada no sexto dia, mas sua parte carnal no oitavo. Múltiplos de quatro.

E então Moisés afirma que a arca de Noé tinha 30 côvados de altura — novamente a Tricontada — e que oito pessoas foram salvas dentro dela indica mais claramente a Ogdóade, que traz salvação.

Agora, para constar, sei muito pouco sobre o Gnosticismo e como ele funciona. No entanto, parece que eles pelo menos acreditavam que Moisés estava escrevendo em múltiplos que revelavam uma forte influência do ensinamento da criação da Ogdóade egípcia.

Por que Moisés é Importante para os Nefilins?

O local de onde extraímos nossa fonte primária para a palavra hebraica *Nefilim* está num livro de autoria de Moisés, um personagem histórico encharcado nas águas da tradição bíblica judaico-cristã. Em muitos círculos de pensamento não religioso, isso afunda Moisés profundamente no lago da mitologia religiosa, onde até mesmo sua existência como pessoa real cai sob as volumosas ondas do ataque cético. Portanto, ter mesmo um breve entendimento de sua história e um toque "leve" na provável história que cerca sua existência e interação com o povo que vivia nas conhecidas cortes históricas do Egito confere alguma credibilidade às coisas que ele é tradicionalmente dito ter escrito.

Quando há controvérsia acadêmica até mesmo sobre as vidas e feitos de figuras reais egípcias que estão estabelecidas no registro histórico, como podemos sequer começar a estabelecer a existência crível de alguém que, pela simples menção de seu nome, o lança na luz sombria da mitologia religiosa? A presença de Moisés na história egípcia estabelecida é, para todos os efeitos práticos, anônima. Portanto, é de suma importância, ao pesquisar obras que são tradicionalmente consideradas como de sua autoria, estabelecer quem ele era, quando viveu, o que experimentou e de onde extraiu suas habilidades e filosofias fundamentais, a fim de emprestar algum mínimo de base concreta para as coisas sobre as quais escreveu.

E acredito que alcancei esse objetivo nas palavras anteriores. Desafie a resposta auto-psicológica de desconsiderar qualquer coisa que o incite a descartar levianamente algo simplesmente porque está enraizado em sistemas de crença religiosos ou misteriosos, e abra seus olhos para a realidade de que mesmo escritores religiosos com eventos enormemente miraculosos atribuídos a eles têm seu lugar na história real.

Moisés escreveu os livros da Lei dos hebreus; não há dúvida na minha mente. Ele escreveu a passagem no Livro de Gênesis sobre os Nefilins, embora, acredito, como uma recontagem abreviada de eventos já amplamente aceitos e originados em textos já antigos de sua época no século XV a.C. Sua menção posterior aos Nefilins, os descendentes de Anaque, que os espias disseram estar vivendo na terra de Canaã, pode ter sido uma edição posterior de Moisés ou de seu sucessor, Josué, mas a passagem ainda revela pistas e indícios sobre a existência desses seres. Moisés baseou-se fortemente nos relatos originais de Enoque (como reescritos após o cativeiro babilônico no século III a.C.) e em sua educação religiosa precoce como um "filho do faraó" no Egito da 18ª Dinastia.

Um pensamento final sobre Moisés, como resultado dos meus 30 anos de estudo, pesquisa e contemplação sobre este homem notável, é que ele estava se estabelecendo como o "Faraó-Deus" dos israelitas. Tudo o que aprendeu nas cortes reais, ele incorporou para estabelecer sua liderança. Suas "conversas com Deus" lhe deram o selo de parentesco e aprovação Divina perante o povo — algo que a maioria dos líderes de golpes ou rebeliões se esforça muito para conseguir. Sua palavra era lei. E sua arrogância real só poderia ter encontrado suas raízes nos estilos e qualidades de liderança que aprendeu com os melhores, a família Tutmés/Hatshepsut de monarcas egípcios.

De tudo isso, ele nos deu os Nefilins, embora emprestados de outros escritos de fé de sua época, misturados com os deuses do Egito.

Capítulo 4
O Efeito Pancultural

Em 1872, George Smith, pioneiro assiriólogo inglês e notável arqueólogo e pesquisador do Museu Britânico, reconstruiu laboriosamente os fragmentos em forma de peças de quebra-cabeça de tabuinhas babilônicas datadas de 1700 a.C. encontradas em escavações na cidade de Nínive. Certa noite, Smith encontrou um grande fragmento com apenas um lado legível. Ele ficou pasmo ao ler a história de um homem que construiu uma arca para escapar de um dilúvio devastador, que trouxe a bordo animais de todos os tipos, que enviou aves para ver se a água havia baixado. Se você está pensando que Smith encontrou uma tabuinha antiga recontando o dilúvio de Noé, estaria incorreto. Smith havia tropeçado em um capítulo da muito mais longa e há muito esquecida história da Epopeia de Gilgamesh,[1] um relato "espelhado" da história de Noé e a Arca encontrada no Livro de Gênesis. Apenas o relato de Gilgamesh tinha um elenco de personagens completamente diferente e uma recontagem de outros eventos não encontrados na história de Noé.

Na Epopeia Babilônica de Gilgamesh, perto do final da versão "Aquele que Viu o Profundo" por Sîn-lēqi-unninni,[2] há referências ao grande dilúvio (Tabuinha XI). Muitos estudiosos acreditam que o mito do dilúvio de Gilgamesh foi adicionado à Tabuinha XI na "versão padrão" da Epopeia de Gilgamesh por um editor que plagiou a história do dilúvio da Epopeia de Atrahasis.[3] Uma curta referência ao mito do dilúvio também é mencionada nos poemas sumérios de Gilgamesh muito mais antigos, dos quais as versões babilônicas posteriores extraíram grande parte de sua inspiração e assunto. Esta foi uma adição tardia ao ciclo de Gilgamesh, amplamente parafraseada ou copiada literalmente da Epopeia de Atrahasis.[4] Neste relato, o herói Gilgamesh, buscando a imortalidade, procura Utnapishtim em Dilmun, uma espécie de paraíso na terra. Utnapishtim conta a Gilgamesh como Ea (equivalente do sumério Enki) o avisou do plano dos deuses de destruir toda a vida por meio de um grande dilúvio. Utnapishtim então transmite instruções que recebera sobre como construir uma enorme embarcação tipo barcaça na qual ele poderia salvar sua família, seus

amigos, sua riqueza e gado. Após o dilúvio diminuir, os deuses se arrependeram de sua ação e concederam imortalidade a Utnapishtim e sua esposa.

Exceto por pesquisa histórica comparativa religiosa e mitológica, não há metodologia científica que possa ser aplicada a um estudo dos Nefilins e do dilúvio desastroso que matou um mundo de seres vivos como resultado. Você não pode telefonar para um espírito, anjo, demônio ou alguma outra forma de ser extraterrestre, atraí-lo para um laboratório e persuadi-lo a fazer sexo com uma mulher humana para fins de observar a concepção e o nascimento da prole. Não há meio de ter a capacidade de hipotetizar, estudar e repetir o procedimento para obter dados quantificáveis. Você pode, no entanto, olhar para os anais antigos. Há uma certa metodologia científica em jogo quando você considera que quase todas as culturas do mundo antigo têm sua versão desses fenômenos mencionados nos Livros de Gênesis e Enoque.

Incluindo o relato de Gênesis sobre o Dilúvio de Noé, no qual temos a introdução dos Filhos de Deus e sua prole de sangue misto, há mais de 600 lendas tribais antigas de todo o mundo dando conta do dilúvio global que consumiu o mundo antediluviano (pré-dilúvio). E todas as principais civilizações do mundo antigo têm seus deuses mitológicos correspondentes, semideuses e filhos das estrelas que todos parecem ter pontos de origem comuns.

Apesar das explicações antropológicas dominantes desses relatos antigos como referindo-se menos a um dilúvio global do que a rios locais transbordando suas margens, quase todas as lendas tribais antigas que compreendem as 600 histórias falam de um dilúvio que "cobriu o mundo". E a maioria dessas histórias tribais menciona o intercurso entre seres espirituais e mulheres humanas como causa parcial para uma divindade enviar águas de dilúvio para exterminá-los.

Os vários relatos de um grande dilúvio antigo vêm de centenas de tribos na Europa, Ásia, Oriente Próximo, África, Austrália, ilhas do Pacífico e Américas. Listar todos eles aqui exigiria um volume próprio, então basta dizer que esses vários relatos são encontrados não apenas no que consideraríamos as principais culturas bem conhecidas da antiguidade, como grega, romana, celta, egípcia e do Oriente Médio, mas também de tribos como os Masai, Yoruba e Mandingo da África; as tribos Vogel, Samoieda, Yenisey Ostyak, Tibel, Lepcha, Sagaiye, Ifugayo, Bahnar e Kammu da Ásia; as tribos australianas Maung, Gunwinggu, Gumaidje e Manger; os Inuit, Kwakiutl, Kootenay, Cherokee, Mandan, Choctaw, Navajo e Lakota da América do Norte; os Tarasco, Yaqui, Tlaxcalteca, Chol, Tolteca e Maia da América Central; e os Acawai, Yaruro, Arawak, Murato, Toba e Selk'nam da América do Sul. A lista é tão vasta que mesmo os poucos mostrados aqui são mal a ponta do iceberg.

Tudo isso ilustra que toda cultura, todo sistema tribal, todo clã, região, cidade-estado e religião tinha sua versão do Dilúvio de Gênesis e dos eventos que cercavam seu propósito, do utilitário ao obscuramente mitológico.

Embora eu liste aqui apenas algumas das variantes culturais da história do dilúvio, observe como a maioria delas faz referência aos deuses, gigantes e à ira de uma divindade contra os habitantes corruptos e pecaminosos da terra.

Lituana

De sua janela celestial, o deus supremo Pramzimas via nada além de corrupção, guerra e injustiça entre a humanidade. Ele enviou dois gigantes, Wandu e Wejas (água e vento), para destruir a terra. Após 20 dias e noites, pouco restava. Pramzimas olhou para ver o progresso. Ele estava comendo nozes naquela hora e jogou fora as cascas. Uma delas caiu no pico da montanha mais alta, onde algumas pessoas e animais tinham buscado refúgio. Todos subiram nela e sobreviveram ao dilúvio flutuando na casca da noz. A ira de Pramzimas diminuiu, e ele ordenou que o vento e a água cessassem sua devastação. As pessoas deixaram a casca da noz e se dispersaram, exceto um casal idoso que ficou onde aterrissou. Para confortá-los, Pramzimas enviou o arco-íris e os aconselhou a pular sobre os ossos da terra nove vezes. Eles assim o fizeram, e surgiram nove outros casais, dos quais descendem as nove tribos lituanas.[5]

Celta

Céu e Terra eram grandes gigantes. O Céu jazia sobre a Terra de modo que seus filhos estavam amontoados entre eles, e os filhos e sua mãe estavam infelizes na escuridão. O mais corajoso dos filhos liderou seus irmãos em cortar o Céu em muitos pedaços. De seu crânio fizeram o firmamento. Seu sangue derramado causou um grande dilúvio que matou todos os humanos, exceto um único casal, que foi salvo num navio feito por um Titã benéfico. As águas se assentaram em cavidades para se tornar os oceanos. O filho que liderou a mutilação do Céu era um Titã e se tornou seu rei, mas os Titãs e deuses se odiavam, e o rei titã foi expulso de seu trono por seu filho, que nasceu um deus. Aquele Titã finalmente foi para a terra dos mortos. O Titã que construiu o navio, a quem alguns consideram ser o mesmo que o rei Titã, foi para lá também.[6]

Romana

Júpiter, irado com os caminhos malignos da humanidade, resolveu destruí-la. Ele estava prestes a atear fogo à terra, mas considerou a possibilidade de as chamas incendiarem o próprio céu, então decidiu inundar a terra. Com a ajuda de Netuno, ele causou tempestade e terremoto para inundar tudo, exceto o cume de Parnaso, onde Deucalião e sua esposa Pirra chegaram de barco e encontraram refúgio. Reconhecendo sua piedade, Júpiter os deixou viver e retirou o dilúvio. Deucalião e Pirra, por conselho de um oráculo, repovoaram o mundo jogando "os ossos da sua mãe" (pedras) atrás de si; cada pedra se tornou uma pessoa.[7]

Escandinava

Oden, Vili e Ve lutaram e mataram o grande gigante de gelo Ymir, e a água gelada de suas feridas afogou a maioria dos Gigantes da Geada. O gigante Bergelmir escapou com sua esposa e filhos num barco feito de um tronco de árvore escavado. Deles surgiu a raça dos ogros da geada. O corpo de Ymir tornou-se o mundo em que vivemos. Seu sangue tornou-se os oceanos.[8]

Caldeia

De acordo com relatos atribuídos ao grande sacerdote-historiador babilônico Beroso (cujos escritos sobre Oannes veremos no Capítulo 5), os antediluvianos eram gigantes que se tornaram ímpios e depravados, exceto um entre eles que reverenciava os deuses e era sábio e prudente. Seu nome era Noa, e ele habitava na Síria com seus três filhos Sem, Japet, Chem, e suas esposas Tidea, Pandora, Noela e Noegla. Das estrelas, ele previu a destruição e começou a construir uma arca. Setenta e oito anos depois de começar a construir, os oceanos, mares interiores e rios irromperam de baixo, acompanhados por muitos dias de chuva violenta. As águas transbordaram todas as montanhas, e a raça humana foi afogada, exceto Noa e sua família, que sobreviveram em seu grande barco, que finalmente parou no topo do Gendyae ou Montanha. Segundo a lenda, restos do enorme barco ainda permanecem, dos quais os homens retiram betume para fazer amuletos contra o mal.[9]

A lista de relatos transculturais do dilúvio e dos gigantes poderia encher volumes de livros, então apenas anotei alguns para ilustrar o ponto de que quase todas as culturas têm sua própria versão do Dilúvio de Noé e dos elementos que provocaram o grande dilúvio. Novamente, a ausência de história registrada torna-se quase irrelevante quando colocada contra as inúmeras narrativas culturais que todas parecem remeter a um único evento comum. Esta não é de modo algum a palavra final sobre o assunto, mas apenas um começo para peneirar as muitas evidências mitológicas que parecem apontar para um grande evento histórico.

Como mencionado, há muitas referências culturais a "gigantes" e "visitantes do céu", a quem a maioria das histórias se refere como anjos, demônios ou seres espirituais. Esses "espíritos que desceram" são encontrados em quase todos os relatos do dilúvio antigo, e são encontrados inúmeros relatos antigos, como os Anaaye (Diné/Navajo), os Nunhyunuwi (Cherokee), os Cawr (Galês), os Dev (Turco), os Velikan (Russo), os Yak (Tailandês), os Refains (Hebraico), os Famangomadan (Espanhol), os Wrnach (Galês), Fomorianos (Celta), Dasa Maha Yodayo (Sri Lanka), os Puntan (Micronésia), os Azrail (Armênio), os Gigantes (Grego), e muitos, muitos outros.

A noção de que os relatos dos Nefilins alcançaram todas as culturas do mundo não é tão absurda quanto podemos pensar. Embora a história da descida dos Vigilantes ao topo do Monte Hermom seja a versão hebraica, outras mitologias culturais têm suas próprias variações do conto. Seja emprestado e incorporado às suas próprias mitologias e lendas, ou experimentado em primeira mão por seus próprios habitantes antigos, é claro que os Nefilins, de uma forma ou de outra, afetaram as populações de quase todas as culturas antigas, espalhando-se exponencialmente pelo globo.

Mas de onde vieram os Nefilins, em primeiro lugar?

Capítulo 5
Os Vigilantes

"Eu deveria ser teu Adão, mas sou antes o anjo caído…"
—A Criatura, de *Frankenstein* de Mary Shelley

"O desejo de poder excessivo fez os anjos caírem; o desejo de conhecimento fez os homens caírem."
—Francis Bacon

Enoque, um livro encontrado entre os Manuscritos do Mar Morto, chamou-os de "Os Vigilantes", esses seres não terrenos que pareciam deter algum tipo de capacidade superior sobre os habitantes da terra. O escritor de 1 Enoque até subtitula uma seção do livro, "O Livro dos Vigilantes": 1 Enoque 6-36. No aramaico, os Vigilantes são os *Irin*, que é traduzido como "anjo" (*angelos* grego; *malah* copta) nas traduções grega e etíope, embora o termo aramaico comumente usado para anjo, *malakha*, nunca apareça no Livro de Enoque, que é escrito em aramaico. *Irin* é uma palavra também encontrada no livro histórico/profético do Antigo Testamento, Daniel, onde três vezes ao longo do livro o autor os liga diretamente aos santos anjos de Deus. É no Livro de Daniel que o grande rei babilônico Nabucodonosor cai num período de loucura ao ver um "Vigilante, um santo (singular) descer do céu" e aparecer a ele num sonho e profetizar. A forma singular da palavra neste contexto sugere que "um Vigilante" e "um Santo" são dois títulos diferentes para a mesma entidade ou casta de entidades.

No Livro de Daniel, o rei Nabucodonosor continua a descrever a mensagem que lhe foi entregue em seu sonho, na qual lhe é dito que será reduzido à loucura e rastejará pelo chão como um animal, comendo grama, e que este castigo ordenado divinamente é "pelo decreto dos Vigilantes, e pela exigência pela palavra dos santos" para que "os viventes saibam que o Altíssimo reina no reino dos homens". Nabucodonosor então cai num período indefinido de doença mental e insanidade temporal, após o qual, quando volta a si plenamente, afirma:

"34 No fim daquele tempo, eu, Nabucodonosor, levantei meus olhos ao céu, e minha sanidade me foi restaurada. Então louvei o Altíssimo; honrei e glorifiquei aquele que vive para sempre. Seu domínio é um domínio eterno; seu reino dura de geração em geração. 35 Todos os povos da terra são considerados como nada. Ele faz o que lhe agrada com os poderes do céu e com os povos da terra. Ninguém pode deter sua mão ou dizer-lhe: 'O que fizeste?' 36 Ao mesmo tempo em que minha sanidade foi restaurada, minha honra e esplendor me foram devolvidos para a glória do meu reino. Meus conselheiros e nobres me procuraram, e fui restaurado ao meu trono e tornei-me ainda maior do que antes. 37 Agora eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico o Rei do céu, porque tudo o que ele faz é certo e todos os seus caminhos são justos. E aqueles que andam com orgulho ele é capaz de humilhar."
(Daniel 4:34-37)

Parece que os Vigilantes tinham feito o seu ponto. E também é claramente indicado por esta passagem que os próprios Vigilantes existiram muito depois da rebelião de Shamyaza e seus seguidores no Monte Hermom, e eram uma casta que, em sua posição não rebelde, eram emissários de Deus ou de um ser muito superior e mais elevado. Se nada mais, fica abundantemente claro que os Vigilantes estão aqui nesta passagem novamente estabelecidos como parte de uma hierarquia que respondia a uma autoridade superior.

No Livro de Enoque, os Vigilantes são anjos que foram enviados ou designados à terra para "vigiar" seus habitantes, mas no processo de conduzir seus deveres, eles se enamoram das mulheres humanas. A passagem em Gênesis diz que eles "cobiçaram" as mulheres da terra, o que resulta num ato em massa de rebelião em que seguem o impulso de seu líder, Shamyaza, e instruem ilicitamente os seres humanos em todos os tipos de artes e práticas ainda não naturalmente desenvolvidas pelos humanos. E eles, é claro, entram em relações íntimas e atividade procriativa sexual com os humanos inferiores. A atração para esses seres interagirem e terem intercurso com mulheres humanas deve ter sido ou um impulso muito forte, se eles eram de fato angelicais ou superiores por natureza, ou foi o ato de seres que tinham um propósito e objetivo definitivos de cruzamento.

Quer fossem emissários divinamente nomeados, parte de uma casta ordenada de anjos que detinha responsabilidade sobre a humanidade, ou uma raça de infiltradores percebidos pela população da terra como deuses e seres espirituais, eles aparentemente tinham a capacidade de escolher e engravidar quem desejassem. E ter tido tal capacidade indica claramente que eles estavam muito mais altos na cadeia alimentar cósmica do que os humanos que eles podiam subjugar e influenciar à vontade. A grande questão teológica paira em torno de saber se eles faziam ou não parte dos relatos bíblicos de anjos caídos ou foram apenas rotulados como tal na percepção daqueles que primeiro os viram e com eles tiveram intercurso.

Após sua prole, os Nefilins, serem concebidos, os Vigilantes realizam uma instrução sistemática dos humanos nas artes da herbologia, cosméticos, espelhos, armas, feitiçaria e

outros avanços técnicos que, de outra forma, teriam levado um período de tempo muito maior para os humanos desenvolverem por conta própria. Isso dá à humanidade um impulso forçado que não teria acontecido de outra forma num período tão curto. Este ensino contínuo foi realizado por Shamyaza e pelos 200 Vigilantes que habitavam entre os humanos junto com ele.

Há 20 líderes dos Vigilantes mencionados no Livro de Enoque:

"7 E estes são os nomes de seus líderes: Samlazaz, seu líder, Araklba, Rameel, Kokablel, Tamlel, Ramlel, Danel, Ezeqeel, Baraqijal, 8 Asael, Armaros, Batarel, Ananel, Zaqlel, Samsapeel, Satarel, Turel, Jomjael, Sariel. Estes são seus chefes de dezenas."
(1 Enoque — O Livro dos Vigilantes 6:7-8)

De acordo com o Livro de Enoque, os Vigilantes que tomaram mulheres, tiveram intercurso sexual com elas, produzindo descendência, e ensinaram conhecimento proibido tornaram-se parte da casta dos anjos caídos. Enoque lista seus líderes por nomes específicos. E observe especificamente quantos desses seres carregam o nome de seu criador, Elohim, denotado pelo "El" no final do nome (Outros grandes arcanjos que carregavam o nome de Deus, classificando-os como "Filhos de Deus [bene haElohim] são Gabriel, Miguel e Rafael, mas eles não faziam parte da casta caída):

Araqiel
(também Arakiel, Araqael, Araciel, Arqael, Sarquael, Arkiel, Arkas) ensinou aos humanos os sinais da terra. No entanto, nos Oráculos Sibilinos, Araqiel é referido não como um anjo caído, ou Vigilante, mas como um dos cinco anjos que lideram as almas dos homens ao julgamento, sendo os outros quatro Ramiel, Uriel, Samiel e Azazel.

Armaros
(também Amaros) em 1 Enoque ensinou aos homens a resolução de encantamentos e o lançamento de feitiços.

Azazel
ensinou aos homens a fazer facas, espadas e escudos, e como inventar ornamentos e cosméticos.

Baraqel
(Baraqiel) ensinou aos homens astrologia e a adivinhação das estrelas.

Bezaliel
também é mencionado em 1 Enoque, mas é deixado de fora da maioria das traduções devido a manuscritos danificados e transmissão problemática do texto.

Chazaqiel (às vezes Ezeqeel) ensinou aos homens os sinais das nuvens, a arte e ciência da meteorologia e a prognosticação do tempo.

Gadriel
também ensinou a arte dos cosméticos.

Kokabiel
(também Kakabel, Kochbiel, Kokbiel, Kabaiel e Kochab) é um anjo santo de alto escalão, mas, no folclore apócrifo em geral e também em 1 Enoque, ele é um Vigilante caído, residente dos reinos inferiores, e comanda 365.000 espíritos substitutos para fazer sua vontade. Entre outros deveres, ele instrui seus companheiros em astrologia.

Penemuel ensinou à humanidade a arte de escrever com tinta e papel, e ensinou "aos filhos dos homens o amargo e o doce e os segredos da sabedoria".

Sariel
(também Suriel) ensinou à humanidade sobre os cursos da lua e influências das marés, outrora considerado conhecimento proibido.

Shamyaza (também Shemyazaz, Shamazya, Semiaza, Shemhazi, Semyaza e Amezyarak) é um dos líderes da queda do céu e o instigador do pacto de coabitar com mulheres humanas.

Shamsiel
outrora guardião do Éden, serviu como um dos dois principais auxiliares do arcanjo Uriel (o outro auxiliar sendo Hasdiel) quando Uriel carregava seu estandarte para a batalha, e é o chefe de 365 legiões de anjos e também coroa orações, acompanhando-as ao quinto céu. Ele é referido como um dos Vigilantes. Ele é um anjo caído que ensina à humanidade os sinais do sol.

"1 'E todos os outros juntamente com eles tomaram para si mulheres, e cada um escolheu para si uma, e começaram a se aproximar delas e a se contaminar com elas, e lhes ensinaram encantamentos 2 e feitiçarias, e o corte de raízes, e as familiarizaram com plantas. E elas 3 engravidaram e deram à luz grandes gigantes, cuja altura era de três mil côvados: Os quais consumiram 4 todas as aquisições dos homens. E quando os homens não puderam mais sustentá-los, os gigantes se voltaram contra 5 eles e devoraram a humanidade. E começaram a pecar contra aves, bestas, répteis e 6 peixes, e a devorar a carne uns dos outros, e a beber o sangue. Então a terra acusou os transgressores da lei.'"
(1 Enoque 7:1-6)

Uma Rebelião Contra o Céu

Assim, os Vigilantes, cerca de 200 em número, juraram uns aos outros nas encostas do Monte Hermom, no norte de Israel, fazendo um pacto para descer à terra, assumir forma humana e tomar mulheres dentre as filhas dos homens. Ignorando, por um momento, o óbvio aspecto mítico e místico dos seres angelicais — e isso parece algo tão inconsequente na mentalidade cultural atual, onde não temos mais grandes proibições contra o casamento entre raças, exceto em bolsões racialmente arraigados da civilização moderna — e alguém poderia pensar que esse tipo de cruzamento por parte de personagens (mesmo mitológicos) é bastante inócuo. Há quase uma aura de "quem se importa?" sobre isso, até que você considere as ramificações de longo alcance das ações dos Vigilantes — especialmente se forem de qualquer forma eventos reais que foram registrados. Assim como "mudamos" o papel de Deus à medida que nossas tendências civilizadas evoluíram, atribuímos o pensamento moderno a proibições e feitos antigos. Observe o que Deus disse de si mesmo ao profeta Amós nas páginas das escrituras do Antigo Testamento:

"7 Foi isto que ele me mostrou: eis que o Senhor estava junto a um muro construído com um fio de prumo, com um fio de prumo na mão. 8 E o Senhor me disse: 'Amós, o que vês?' E eu disse: 'Um fio de prumo.' Então o Senhor disse: 'Eis que ponho um fio de prumo no meio do meu povo Israel; nunca mais passarei por eles; 9 os altos lugares de Isaque serão assolados, e os santuários de Israel serão devastados, e me levantarei contra a casa de Jeroboão com a espada.'"
(Amós 7:7-9)

Em essência, Deus estava se chamando de padrão pelo qual Israel precisava se medir. O fio de prumo cai reto e verdadeiro devido às leis da gravidade e da natureza. Qualquer coisa que se desvie do prumo é considerada por Deus como "fora do alvo". O pacto feito pelos Vigilantes de engravidar mulheres humanas constituiu uma rebelião contra as leis do céu que derrubou o prumo completamente da parede. E, como veremos no Capítulo 8 (na seção intitulada "A Assembleia dos Filhos de Deus"), seu pecado foi contra o rei supremo do Concílio Divino dos deuses — um feito digno de consequências divinas. Isso liga os Nefilins, "aqueles que foram lançados para baixo", aos anjos caídos da "Guerra no Céu" descrita no Livro de Isaías. Na passagem, Deus está assegurando a Isaías que seus opressores babilônicos serão reduzidos ao tamanho. A passagem seguinte fala do rei babilônico, mas muitos atribuíram isso à queda de Lúcifer, embora a passagem não diga isso implicitamente:

"12 Como você caiu do céu,
estrela da manhã, filho da alvorada!
Você foi lançado à terra,
você que antes abatia as nações!
13 Você disse no seu coração:
'Eu subirei aos céus;
elevarei o meu trono

acima das estrelas de Deus;
eu me assentarei no monte da assembleia,
no cume mais alto do Monte Zaphon [uma das montanhas mais sagradas para os cananeus]
14 Subirei acima do topo das nuvens;
serei como o Altíssimo.'
15 Mas você é trazido ao reino dos mortos,
às profundezas do abismo."
(Isaías 14:12-15)

O problema com muitas dessas profecias do Antigo Testamento é que elas aparentemente começam falando de uma coisa, mas depois mudam, no meio da frase, para fazer imagens espirituais de uma noção ou evento completamente diferente. É mais ou menos como ter uma conversa sobre seus comedouros de pássaros no quintal tomando uma xícara de café com um amigo, e então ver seus olhos se transformarem num olhar brilhante e fervoroso enquanto ele começa a falar sobre as "asas do corvo negro espalhando sua sombra sobre sua alma…" (Isso realmente aconteceu comigo uma vez, então não ria.) De qualquer forma, Deus parece cair em modo profético enquanto aparentemente relaciona informações sobre algo completamente diferente — e geralmente sem aviso ou aviso prévio. O leitor casual dessas passagens proféticas das escrituras teria que tirar a conclusão de que a passagem está completa em seus pensamentos sobre o rei da Babilônia, ou que o Deus que entregou a mensagem tem um — e quero dizer nenhum desrespeito nem blasfêmia com isso — problema de transtorno de déficit de atenção ao transmitir significados ocultos no meio do que é, superficialmente, uma descrição completamente diferente. Também é interessante notar nesta passagem: A referência ao "monte da Assembleia" aqui contém uma referência velada ao Concílio Divino.

"10 'Então tomaram mulheres, cada um escolhendo para si; às quais começaram a se aproximar, e com as quais coabitaram; ensinando-lhes feitiçaria, encantamentos… (e) todas as coisas secretas que são feitas nos céus.'"
(1 Enoque 7:10)

Este é o verdadeiro pecado dos Vigilantes exposto. Eles compartilharam "poderosos segredos proibidos" com a humanidade, e como Enoque diz, "os homens não nasceram para isso". Como vimos, cada um dos líderes dos Vigilantes ensinou algum campo especializado de conhecimento, como astronomia, a fabricação de bens, a tingidura de têxteis, a fabricação e aplicação de cosméticos, e assim por diante. E certamente, embora o ensino de coisas como feitiçaria e astrologia possa ter sido visto como ímpio e tabu na época, apesar dessas coisas terem ocorrido muito antes da Lei Mosaica e das proibições escritas, um dos Vigilantes, Penemuel, é acusado de algo tão simples quanto "ensinar os homens a entender a escrita, e o uso de tinta e papel". Isso parece uma proibição muito fora de lugar, pois até o próprio Enoque é descrito como um "escriba da justiça", e é creditado no Alcorão muçulmano como o inventor da matemática, escrita e astronomia.[1]

Beroso da Babilônia, um escritor babilônico da era helenística do século III a.C.[2] nascido perto do início do reinado de Alexandre, o Grande, astrônomo e sacerdote de Bel Marduque, fala do semideus ou deus meio-peixe, Oannes, como tendo se envolvido em formas semelhantes de atividade que os Vigilantes. Ele emergiria do mar todas as manhãs e ensinaria artes e conhecimentos desconhecidos, apenas sem a proibição inerente de que ditos conhecimentos fossem proibidos por uma divindade superior ou conjunto de regras teológicas. Portanto, deixando de lado os atos dos Vigilantes de coabitação com mulheres humanas e de as engravidar, o Livro de Enoque nos diz que o ensino de conhecimento proibido à humanidade parece ser o crime manifesto cometido pelos Vigilantes. Se você ler nas entrelinhas e extrair o subtexto não escrito do livro, quase pareceria que a mensagem oculta é que "o conhecimento gera o mal".[3] Como os Amish e os holandeses da Pensilvânia que evitam o avanço tecnológico, acreditando que isso os distrai de um caminhar mais próximo com Deus e é a fonte de todos os pecados e males do mundo, o autor do Livro de Enoque nos diz que a "compreensão superior" era contrária à verdadeira natureza do homem primitivo, e resultou inevitavelmente em corrupção, julgamento e eventual punição. É como dar a uma criança uma arma carregada: Ele pode ter alguma ideia do que a coisa faz, mas pode criar um mundo de estragos e tragédia ao manejá-la sozinho.

Mas, é claro, temos o lado oposto do argumento de teólogos mais conservadores e evangélicos que, se sequer abordam o tópico dos Vigilantes e dos Nefilins, rapidamente apontam como acreditam que esses seres fizeram parte da queda luciferiana após a Guerra no Céu. E, como se Deus não tivesse controle sobre sua criação, esses lacaios de Lúcifer iniciaram uma campanha para infiltrar a linhagem sanguínea humana e assim infectar o sangue puro da raça humana, não deixando possibilidade para a pura linhagem sanguínea humana do Messias profetizado jamais se estabelecer. O grande pecado, então, dos Vigilantes não foi apenas o ensino da antiga sabedoria proibida, mas um ataque total ao único e unigênito Filho de Deus, que ainda não havia sido concebido. No entanto, se essa fosse a estratégia incorporada pelos lacaios demoníacos caídos de Satanás, então eles esperaram sete longas gerações para começar sua tática.

Psicologia do Vigilante 101

O Livro de Enoque é mais um registro preciso de como os Vigilantes foram percebidos dentro de uma estrutura de adoração antediluviana a Deus do que um reflexo de quem os Vigilantes realmente eram ou o que realmente fizeram. Nestes relatos da casta "caída" dos Vigilantes, recebemos muito pouca visão sobre qual era sua intenção, ou sobre suas personalidades ou suas motivações. Só sabemos que eles cobiçaram, procuraram e levaram adiante um plano de que estavam convencidos de que era algo que deveriam realizar, mas que também traria a ira de Deus sobre suas cabeças. É por isso que Shamyaza estava repensando sua decisão, e por que ele olhou implorando para os outros de sua espécie para apoiá-lo em sua decisão. Eles, em resposta, juntaram-se a ele e firmaram o pacto.

Sua intenção diabólica e jogo de sangue malicioso são atribuídos mais tarde por estudiosos e pesquisadores que analisam os textos com intenção eclesiástica, ou que são meramente desonestos com o contexto quando este cai fora de suas crenças teológicas ou denominacionais. Nem uma única vez nas passagens sobre os Vigilantes se diz que eles desceram com a intenção de frustrar as linhagens sanguíneas do Messias vindouro, mas esse pecado lhes foi atribuído por intérpretes posteriores do texto. É axiomático que as pessoas têm um medo e desconfiança inatos daqueles que percebem como sabendo mais do que elas, e certamente daqueles que exercem maior poder sobre elas. Também é certo (basta perguntar a Maquiavel) que as pessoas temem, resistem e se levantam contra qualquer tipo de mudança que acompanhe novos conhecimentos e novas ideias. Isso é precisamente o que os Vigilantes trouxeram aos antigos — mudança, conceitos revolucionários e evolutivos, e conhecimento; o doce e frutado recheio do conhecimento proibido assado dentro da crosta da torta do tabu e da proibição.

Mas a corrupção parece ir muito além da mera transmissão de conhecimento e sabedoria. A prole dos Vigilantes era culpada de crimes graves contra a humanidade que Enoque equipara a "toda a terra estar cheia de sangue", e as almas daqueles que pereceram às suas mãos clamam em alguma terrível queixa fantasmagórica para chamar a atenção — senão a vingança — de Deus.

"5 Tu viste o que Azazyel fez, como ele ensinou toda espécie de iniquidade sobre a terra, e revelou ao mundo todas as coisas secretas que são feitas nos céus. 6 Shamyaza também ensinou feitiçaria, a quem tu deste autoridade sobre aqueles que estão associados a ele. Eles foram juntos às filhas dos homens; deitaram-se com elas; foram contaminados; 7 E descobriram crimes a elas. 8 As mulheres também deram à luz gigantes. 9 Assim toda a terra foi cheia de sangue e de iniquidade. 10 E agora eis que as almas daqueles que estão mortos clamam. 11 E se queixam até mesmo ao portão do céu. 12 Seu gemido ascende; nem podem escapar da injustiça que é cometida na terra. Tu sabes todas as coisas, antes que existam. 13 Tu sabes estas coisas, e o que foi feito por eles; contudo não nos falas. 14 O que por causa destas coisas devemos fazer a eles?"
(1 Enoque 9:5-14)

A naturalidade da consciência é sinônimo de sabedoria — verdadeira sabedoria. E a verdadeira sabedoria detém um verdadeiro poder, não para oprimir ou manipular, mas para esclarecer e iluminar; é um poder que é inato em cada ser. Nos tempos antigos, no entanto, sabedoria era sinônimo de poder, e poder, especialmente para aqueles que não o possuíam, era mais frequentemente do que não percebido como sinônimo de opressão.[4] De fato, os Nefilins foram acusados disso quando foi escrito:

"12 Toda a terra foi corrompida pelos efeitos do ensino de Azazyel. A ele, portanto, atribuam todo o crime. 13 A Gabriel também o Senhor disse: Vai aos mordedores, aos

réprobos, aos filhos da fornicação; e destrói os filhos da fornicação, a prole dos Vigilantes, de entre os homens; traze-os para fora, e excita-os uns contra os outros. Deixai-os perecer por mútua matança; pois a longura de dias não será deles… 18 'Destruí todas as almas viciadas em folguedos, e a prole dos Vigilantes, pois eles tiranizaram a humanidade. 19 Pereça todo opressor da face da terra; 20 Seja destruída toda obra maligna…'"
(1 Enoque 10:12-13, 18-20)

Como é comum em textos apocalípticos judaicos, bem como em contos mitológicos de todo o mundo, aos opressores nos contos são atribuídos atributos de proporções enormemente épicas. No Livro de Enoque, a prole dos Vigilantes, os Nefilins, são descritos como uma raça de gigantes que cometeu atos contra a humanidade e a natureza em graus monstruosos e míticos:

"11 Então tomaram mulheres, cada um escolhendo para si; às quais começaram a se aproximar, e com as quais coabitaram; ensinando-lhes feitiçaria, encantamentos e a divisão de raízes e árvores. 11 E as mulheres, concebendo, deram à luz gigantes, 12 Cuja estatura era de cada trezentos côvados. Estes devoraram tudo o que o trabalho dos homens produzia; até que se tornou impossível alimentá-los; 13 Quando se voltaram contra os homens, para os devorar; 14 E começaram a prejudicar aves, bestas, répteis e peixes, a comer sua carne um após o outro, e a beber seu sangue."
(1 Enoque 7:11-14)

Eles consumiam aves e peixes, "devorando sua carne um após o outro e bebendo seu sangue". Isso se assemelha à alegação altamente exagerada de um camponês arrendatário que vê seus suseranos feudais banquetear-se com bezerros cevados e aves flambadas enquanto ele e sua família subsistem com caldo de raízes e casca, com uma porção extra de mingau — e então ele inventa histórias horríveis sobre isso para exagerar sua angústia classista. No entanto, a maioria das principais religiões e inúmeras lendas e mitologias falam de um tempo em que gigantes andavam pela Terra. Por que tradições diversas e amplamente separadas fariam todas as mesmas alegações ultrajantes, a menos que tivesse alguma base na verdade? Todo mito e lenda têm em suas cabeceiras primordiais algum núcleo de fato e verdade. E se essa verdade não estivesse lá no núcleo, quais são as chances de que todas essas tradições pudessem inventar histórias tão semelhantes?

Nos Vigilantes vemos um protótipo emergente de Satanás, o adversário, enganador, acusador, mentiroso. Também podemos ver uma variação no tema do Pecado Original. Assim como com Eva e o fruto proibido, o pecado dos Vigilantes envolveu uma combinação específica de infrações, tendo a ver tanto com desobediência quanto com conhecimento. E num sentido muito real, Caim, o filho primogênito de Adão e Eva, tornou-se o primeiro dos Nefilins.

Se alguém olhasse por trás dos elementos míticos da história dos Vigilantes, há muitos eventos históricos variados que poderiam vir à tona de maneiras de explicar a propagação de contos tão incríveis. Mas o que deveria nos intrigar além de todas as histórias fantasiosas é a persistência do próprio mito; a história contínua de uma raça de deuses e seus descendentes, que de alguma forma passam a ser percebidos como demoníacos.

Onde Seus Pés Tocaram o Chão

Os Vigilantes. Eles aparecem pela primeira vez em cena na Suméria. *Shumer*, parece, significa literalmente a "terra dos Vigilantes". Para o autor americano Zecharia Sitchin, eles são seres alienígenas cuja tarefa específica é orbitar a terra, monitorando eventos na terra. Para Sitchin, os Vigilantes não são uma raça ou uma espécie; são apenas uma especificação de trabalho. Seus colegas haviam abandonado suas naves e pousado na Terra — eles continuaram a orbitar a Terra. Aqueles que pousaram, ou acasalaram ou projetaram geneticamente a humanidade em sua forma atual. Como consequência, a humanidade adorou os Vigilantes como deuses.

Avançando um passo adiante, no entanto, está registrado no Livro de Enoque que esses chamados "Vigilantes" desceram primeiro às encostas e sopés do Monte Hermom (*Ha Hermon* em hebraico), também conhecido como *Jabal el-Shaykh* em aramaico, significando "Montanha do Chefe". A montanha é na verdade um aglomerado de montanhas composto por três cumes distintos que atravessam a atual fronteira entre o Líbano e a Síria, na altamente política e muito disputada região das Colinas de Golã, no norte de Israel. Para situá-lo num contexto mais moderno, foi esta montanha que trocou de mãos entre Israel e Síria durante a Guerra dos Seis Dias de 1967 e a Guerra do Yom Kippur de 1973. Nesta montanha, diz-se que os Vigilantes desceram pela primeira vez à terra e fizeram seu pacto de coabitar com mulheres humanas e ensinar habilidades "proibidas" à humanidade.

Monte Hermom, Colinas de Golã, Israel/Síria/Líbano, onde os Vigilantes desceram à terra. Foto licenciada sob a Creative Commons da Wikipédia.

Na ciência oculta da Numerologia, o número 33 representa a realização última da consciência. Tendo isso em mente, é muito interessante notar que a localização geográfica do Monte Hermom, o próprio lugar onde se diz que os Vigilantes desceram ao plano terreno, fica no 33º paralelo, que é uma latitude de 33° norte do equador. Se você traçar o 33º

paralelo até o exato oposto geográfico global do Monte Hermom, você se encontrará diretamente no topo do lugar mais controversamente mítico da história ufológica atual: Roswell, Novo México. O Monte Hermom, onde os Vigilantes desceram à terra, e Roswell, Novo México, são exatos opostos polares no mesmo 33º grau de latitude norte. As coordenadas globais do Monte Hermom e do local da queda de Roswell não são acidente, e apontam para algum significado mais profundo, talvez secreto.

"Se alienígenas usaram a linha latitudinal de 33 graus como um ponto de pesagem — um ponto de pouso para o planeta Terra, o que o povo bíblico viu milhares e milhares de anos atrás no Monte Hermom foram entidades que desceram do céu. Eles as chamaram de anjos."
Bill Birnes, *Ancient Aliens*,
UFO Magazine, *UFO Hunters*[5]

Dois locais significativos no 33º paralelo norte. Monte Hermom, Israel, e o altamente controverso local da queda de OVNI em Roswell, Novo México, são exatos opostos geoglobais.
Foto cortesia do autor. Direitos autorais 2011.

Poderiam os Vigilantes que desceram às encostas do Monte Hermom há milhares de anos, e os OVNIs que supostamente caíram em Roswell em 1947 ser da mesma raça extraterrestre? Se esses dois eventos abrangendo a totalidade da história humana registrada envolvem de fato raças alienígenas, então eles estiveram conosco por toda a jornada, desde o início dos tempos. E isso levanta a questão de saber se eles foram deixados para nos monitorar, ou para

ajudar a estabelecer e guiar nossas civilizações e cultura. E a questão ainda maior: Eles ainda estão entre nós hoje?

Alguns ufólogos cristãos, como Chuck Missler, acreditam que os "Filhos de Deus" em Gênesis 6:2 são na verdade extraterrestres ou aliens cinzentos,[6] e que esses seres são na verdade anjos caídos ou demônios que apareceram durante os tempos antediluvianos para alterar geneticamente a raça humana e poluir a linhagem sanguínea de Jesus.[7] Assim, os Nefilins seriam a raça híbrida desses seres nesta visão.

Suméria

A terra de "Shumer", ou Suméria, "Sinar" da Bíblia (literalmente, "Terra dos Vigilantes" ou "Terra dos Brilhantes Resplandecentes"), como foi identificada na região do Crescente Fértil da Mesopotâmia, no atual Iraque, é o lugar onde os Vigilantes e sua prole, os Nefilins, tiveram sua primeira grande influência na história humana. Ou pelo menos é onde eles deixaram sua marca tangível pré-histórica na humanidade, além de seu contato e intercurso iniciais.

No mapa de hoje, a Terra de Suméria ficava aproximadamente 400 milhas a leste — em linha reta — das encostas do Monte Hermom, que fica a poucas milhas a nordeste de Damasco. Isso parece uma distância considerável para percorrer desde o ponto de aterrissagem geográfica dos Vigilantes no planeta até onde eles exerceram a maior influência nas primeiras histórias da humanidade, mas é extremamente importante observar a região e toda a sua conectividade com os primeiros relatos religiosos bíblicos e do Oriente Médio.

Por centenas de anos, consideramos o Egito como a civilização "mais antiga" do mundo, mas agora a terra dos faraós foi relegada à periferia do mundo civilizado no quarto e terceiro milênios a.C. Apesar do progresso da arqueologia e antropologia, ainda sabemos muito pouco sobre a história dos povos da região mesopotâmica antes de 2500 a.C. E os sumérios pareciam surgir de repente do nada, antecedendo a cultura egípcia em pelo menos 1.500-2.000 anos.

Ao falar da cultura suméria, Carl Sagan certa vez observou que ainda não temos uma perspectiva clara sobre suas origens: "Sua língua é estrangeira; não mostra semelhança com o indo-europeu, semítico ou qualquer outra língua. Só podemos mapeá-los pelas ações de seus sucessores, os acadianos, que criaram um volumoso dicionário sumério-acadiano."[8]

A cultura suméria da antiga Mesopotâmia é a civilização humana mais antiga conhecida pela ciência contemporânea e pelo registro arqueológico, e o súbito início da cultura civilizada em Sumer permaneceu um mistério por muitos anos, apesar de representar um salto quântico exponencial no desenvolvimento intelectual da humanidade. Tudo começou

cerca de 6.000 anos atrás, quando a primeira escrita cuneiforme foi desenvolvida pelos sumérios para registrar um evento astronômico dramático: a explosão estelar visível de Vela X, uma estrela que se tornou supernova a cerca de 1.300 anos-luz do nosso sistema solar. Ainda pode ser vista hoje como um pulsar fracamente cintilante. Virtualmente da noite para o dia, em termos evolutivos, os sumérios deram ao mundo a linguagem escrita, cujo primeiro caractere fundamental era o símbolo sumério para a palavra *estrela*, comemorando o evento astronômico. A palavra cuneiforme foi então ligada ao símbolo para "divindade", e o termo *deus estrela* nasceu.

Num piscar de olhos, historicamente falando, os sumérios deram à humanidade a linguagem escrita quando ela nunca antes existira. Os antigos sumérios deixaram para trás, nos montículos em ruínas de suas cidades antigas, tabuinhas cuneiformes que listavam tudo, desde a forma espiritual de adoração até os mundanos recibos de negócios feitos entre mercadores. Os sumérios, em sua língua escrita, nos deram a primeira canção de amor, a primeira prescrição de misturas farmacêuticas (todas sem qualquer inclusão de magia ou espiritualidade), o primeiro sistema escolar, o primeiro código de leis de jurisprudência e o primeiro parlamento. E tudo veio do nada, num piscar de uma supernova em explosão.

Por que isso é contextual para os Vigilantes? Porque foram os Vigilantes que, de acordo com o Livro de Enoque, trouxeram essas habilidades para os antigos sumérios — e não apenas os Vigilantes, mas outras raças que estão registradas nos anais da história antiga e da espiritualidade religiosa. Todas as citações de entidades antigas semelhantes a deuses que aparecem em várias culturas, ensinando à humanidade habilidades avançadas, podem ser todas reunidas coletivamente como construção de mito supersticioso, mas todo mito e lenda têm em seu núcleo pelo menos um grão de verdade e fato. O cético pedirá que você cite evidências de que outras espécies interferiram na ascendência evolutiva da civilização da humanidade, enquanto ao mesmo tempo ignora ou pelo menos atenua a evidência pancultural que já existe abundantemente. Isso simplesmente se resume ao seu "ponto de partida". Esse ponto com a mente cética e científica elimina a possibilidade de influência espiritual ou extraterrestre, pois eles buscam apenas reduzir todos os estudos antropológicos ao que a humanidade alcançou por sua própria conta. A possibilidade de influência externa no desenvolvimento cultural — ou desenvolvimento fisiológico, nesse caso — é eliminada como possibilidade porque cheira a demasiada superstição e alegações infundadas e espúrias. No entanto, a documentação espiritual-histórica de cada cultura possui um fio exponencial de comunalidade, na medida em que todas expressam semelhanças. Até a própria Bíblia, em suas muitas fábulas e mitologias judaico-cristãs, tem um código subjacente que expõe pelo menos a possibilidade de que houve influência de um ser mais supremo ou raça de infiltradores decididos a alterar tangivelmente o curso do desenvolvimento hominídeo e do estabelecimento cultural. Nem tudo pode ser atribuído a mito supersticioso.

Mitologia Religiosa vs. Influência Alienígena

Muito do que lemos e interpretamos como mitologia — especialmente de textos religiosos antigos — são coisas que nós, em nossa cultura moderna muito mais avançada, descartamos com um largo gesto. Tendemos a fazer isso para podermos reivindicar um terreno intelectual mais elevado do que o de nossos ancestrais, evitando qualquer possibilidade de sermos rotulados como supersticiosos ou parecendo que nossas teorias e conclusões estão sendo extraídas de modos ultrapassados de perceber e pensar.

Mas e se as velhas superstições e mitologias forem verdadeiras, e nós as rotularmos apenas como mito porque estão fora do reino de uma visão científica mais estéril? Num universo tão vasto quanto o físico, no qual somos apenas a mais ínfima gota no movimento de um vasto, interminável e azul cintilante mar, há obviamente mais coisas em jogo do que podemos possivelmente compreender ou mesmo conceber em nossas imaginações mais selvagens. Então, em vez de descartar as mitologias como irrelevantes e carentes de qualquer fato substantivo, vamos adotar a abordagem oposta e examinar algumas das coisas que nos foram deixadas para considerar por nossos antepassados antigos.

Oannes, o Homem-Peixe

No século III a.C., o sacerdote-historiador babilônico Beroso registrou a vinda dos Annedoti e seu líder, Oannes, uma raça descrita como sendo metade humana, metade peixe, que emergiu do Golfo Pérsico para instruir os primeiros habitantes da Mesopotâmia nas artes da cultura e civilização. De acordo com as crônicas de Beroso, os antigos sumérios eram como "bestas do campo", antes da chegada de Oannes, vivendo sem lei, ordem ou conduta de governo. Foi esta entidade meio-peixe/meio-homem que emergiu, aparecendo no meio dos sumérios e, embora descrita nos escritos de Beroso como sendo terrivelmente hedionda na aparência, falava com inteligência, habilidade e instrução superiores para os mesopotâmicos pré-históricos e não civilizados. Segundo Beroso, o líder dos Annedoti Homem-Peixe, Oannes, emergiria do mar todas as manhãs e instruiria o povo em todos os tipos de artes e insights sobre todos os tipos de letras e ciências. Oannes ensinou-lhes como construir casas, fundar e construir templos, compilar leis e códigos de conduta, e explicou-lhes os princípios do conhecimento geométrico — todas as coisas que eram necessárias para conceber e construir uma cultura coesa e civilizada. Oannes também ensinou a arte da agricultura e o discernimento de sementes e frutos e todos os tipos de criação. Em resumo, é dito por Beroso que Oannes "humanizou" os humanos selvagens e não civilizados que viviam como animais não unificados e dispersos nos ermos da Mesopotâmia.

A aparência de entidades semelhantes a répteis existe em toda a história humana. Oannes é simplesmente uma versão desta forma extraterrestre de entidade, o meio-homem, meio-peixe, andando sobre duas pernas, possuindo inteligência superior e a capacidade de se comunicar e ensinar conhecimentos específicos a uma humanidade menos avançada.

Muitas culturas antigas têm lendas de anfíbios ou pessoas serpente que servem como professores e instruem a humanidade antiga nas artes da civilização. Quetzalcóatl, a serpente emplumada dos astecas, desceu do céu num ovo de prata. Os impressionantemente belos Nagas eram as pessoas serpente semidivinas com poderes sobrenaturais que figuram nas tradições hindu e budista. Os recessos sombrios da história estão repletos de menções a pessoas celestiais míticas que eram emissárias da serpente voadora. Os maias e astecas adoradores de serpentes têm uma semelhança impressionante com os chineses, que adoravam o dragão celestial. Há até personagens reptilianos que surgem no relato de Gênesis sobre a criação e a primeira família.

Os Nommos Dogon

Os Nommos são os espíritos ancestrais, às vezes referidos como divindades, originários da estrela Sirius B e adorados pela tribo Dogon de Mali, África Ocidental, cujas aldeias estão situadas ao redor da árida Escarpa de Bandiagara. A palavra *Nommos* é derivada de uma palavra Dogon que significa "fazer alguém beber". Eles são descritos como criaturas semelhantes a sapos em suas fisiologias tanto anfíbias quanto hermafroditas. Dizia-se que os Nommos eram bastante "feios", seres que se assemelhavam a tritões e sereias. Eles também aparecem nos mitos babilônico, acadiano e sumério dos Annedoti e Oannes. A deusa egípcia Ísis, que às vezes é representada como uma sereia, também está ligada à estrela Sirius. A arte popular Dogon retrata os Nommos como criaturas com os torsos superiores de seres humanos e as pernas e pés de um anfíbio, com uma cauda semelhante a um peixe. Os Dogon também se referem aos antigos Nommos como "Mestres da Água", "os Monitores" e "os Professores".

Vemos na mitologia Dogon uma comunalidade compartilhada por muitas mitologias de criação: a introdução de nascimentos múltiplos no ponto da criação. Este elemento de nascimentos múltiplos é visto até mesmo no relato de Gênesis sobre os filhos gêmeos de Adão e Eva, Caim e Abel. No caso dos Nommos, a multiplicidade é demonstrada pela mutação de uma única entidade em múltiplas. Nommo — a entidade singular que representa a raça dos Nommos — foi a primeira criatura viva criada por seu deus do céu Amma. Pouco depois, Nommo passou por uma mutação transformadora e se multiplicou em quatro pares de gêmeos. Um dos gêmeos se rebelou contra a ordem universal criada por Amma e, para restaurar a ordem à sua criação, Amma sacrificou um dos múltiplos descendentes Nommo, desmembrou seu corpo e o espalhou por todo o universo. Esta dispersão de partes do corpo é vista pelos Dogon como a fonte para a proliferação de santuários Binu em todo o território tradicional dos Dogon; onde quer que uma parte do corpo caísse, um santuário era erguido.

No final da década de 1940, quatro sacerdotes Dogon relataram aos antropólogos franceses Marcel Griaule e Germaine Dieterlen (que trabalhavam com os Dogon desde 1931) a crença de que os Nommos, segundo a lenda Dogon, viviam num planeta que orbita uma estrela no sistema Sirius, identificada como Sirius B. Os Nommos pousaram na terra numa "arca" que

fez uma descida giratória ao chão com grande barulho e vento, como de trovão e fogo. Os Dogon aparentemente possuíam conhecimento astronômico tradicional sobre Sirius e suas duas estrelas companheiras que normalmente seria considerado impossível sem o uso de telescópios. É claro que os céticos atribuíram esse conhecimento íntimo das estrelas à "contaminação cultural", possivelmente até introduzida pelos próprios antropólogos. No entanto, essa observação cética é considerada pela maioria como uma especulação muito simplista.

Após chegar, os Nommos, necessitando de um ambiente aquático para existir, imediatamente se puseram à tarefa de construir um reservatório de água e subsequentemente mergulharam nele. De acordo com o mito relacionado a Griaule e Dieterlen, o Nommo dividiu seu corpo entre os homens para alimentá-los; é por isso que também se diz que assim como o universo bebeu de seu corpo, o Nommo também fez os homens beberem. Ele deu todos os seus princípios de vida aos seres humanos.

Segundo a lenda Dogon, o Nommo foi crucificado numa árvore, mas foi ressuscitado e retornou ao seu mundo de origem. A lenda Dogon diz que ele retornará no futuro para revisitar a terra numa forma humana.

A Serpente no Jardim do Éden

"1 Ora, a serpente era mais astuta do que qualquer animal selvagem que o SENHOR Deus tinha feito. Ela disse à mulher: 'Deus realmente disse: "Vocês não devem comer de nenhuma árvore do jardim"?'"
(Gênesis 3:1)

O paraíso original que saiu das pontas dos dedos criativos de Deus, conforme afirmado no relato bíblico, é mais do que simples folclore ou mito. Apesar de todo o mito espiritual construído em torno da existência do Jardim do Éden, entender sua localização geográfica e os eventos que a Bíblia diz que ali ocorreram são os primeiros degraus para entender a descida dos Vigilantes e a influência de entidades e raças externas. Vamos fazer um pequeno desvio nesta seção para estabelecer algum contexto do personagem conhecido como Serpente no Jardim do Éden.

De acordo com o Livro de Gênesis, o Éden ficava na região entre os rios Tigre e Eufrates, com o Pisom e o Giom flanqueando.

"10 Um rio que regava o jardim fluía do Éden; dali se separava em quatro cabeceiras. 11 O nome do primeiro é Pisom; ele serpenteia por toda a terra de Havilá, onde há ouro. 12 (O ouro daquela terra é bom; lá também há resina aromática e ônix). 13 O nome do segundo rio é Giom; ele serpenteia por toda a terra de Cuxe. 14 O nome do terceiro rio é Tigre; ele corre ao longo do lado leste de Assur. E o quarto rio é o Eufrates."

(Gênesis 2:10-14)

Mas toda essa geografia íntima pode ter sido alterada significativamente durante o Grande Dilúvio, que cobriu, como diz a Bíblia, toda a superfície do mundo, até o topo dos picos das montanhas mais altas.

"17 Durante quarenta dias, o dilúvio continuou vindo sobre a terra, e à medida que as águas aumentavam, levantaram a arca bem acima da terra. 18 As águas subiram e aumentaram muito sobre a terra, e a arca flutuou na superfície da água. 19 Elas subiram muito sobre a terra, e todas as altas montanhas debaixo do céu inteiro foram cobertas. 20 As águas subiram e cobriram as montanhas a uma profundidade de mais de quinze côvados [aproximadamente 23 pés ou 6,8 metros]. 21 Todos os seres vivos que se moviam na terra pereceram — aves, gado, animais selvagens, todas as criaturas que enxameiam sobre a terra, e toda a humanidade. 22 Tudo o que havia em terra seca e que tinha o fôlego de vida nas narinas morreu. 23 Todo ser vivo na face da terra foi exterminado; pessoas e animais e as criaturas que se movem pelo chão e as aves foram exterminados da terra. Apenas Noé foi deixado, e aqueles que estavam com ele na arca. 24 As águas inundaram a terra por cento e cinquenta dias."
(Gênesis 7:17-24)

Houve muito debate sobre a superfície terrestre que foi realmente engolida pelo Grande Dilúvio. Se o propósito do dilúvio era destruir toda a vida em todo o planeta, então um dilúvio que envolve a terra é o que teria sido necessário, embora a civilização humana primitiva existisse apenas na região do Crescente Fértil da terra. No modo antigo de entender e avaliar, a "terra inteira" abrangia apenas as áreas que eram conhecidas pelas pessoas vivas naquela época. Qualquer outra coisa existente no lado oposto do globo estava simplesmente muito além do entendimento ou compreensão. Algumas culturas antigas até ilustravam a região mesopotâmica como sendo uma ilha cercada por horizontes infinitos de oceano.

Se o Grande Dilúvio fosse um evento mais localizado, ele pode ter simplesmente engolido a totalidade da região mesopotâmica, consistindo nos vales dos rios Tigre e Eufrates, cobrindo o que teria sido as montanhas mais altas daquela geografia antediluviana. Um dilúvio maciço da natureza descrita na Bíblia teria alterado significativamente a paisagem, então a localização real do Jardim do Éden é impossível de identificar pelos marcadores geográficos atuais.

Onde quer que o Éden realmente estivesse no mapa, é claro que estava situado em algum lugar nos grandes vales fluviais mesopotâmicos, em relativa proximidade com a crescente civilização suméria e as primeiras cidades construídas na região.

A região do Éden. Embora não haja como ter certeza absoluta de sua localização precisa, o Jardim do Éden estava muito provavelmente a noroeste da nascente civilização suméria. A narrativa de Gênesis coloca o Jardim entre os rios Tigre e Eufrates, ladeado pelos rios Giom e Pisom, cujos cursos foram alterados ao longo dos milênios devido a catástrofes geológicas, mas nem tanto a ponto de tornar a localização aproximada do Jardim do Éden um completo mistério.
Foto cortesia do autor. Direitos autorais 2011.

Agora, veja de uma perspectiva diferente os eventos que ocorreram lá:

A palavra hebraica usada no Livro de Gênesis para a palavra *serpente* é *nachash* (pronuncia-se "naw-kawsh"), que significa "mago ou encantador; um enfeitiçador; iluminar, brilhar". A interpretação rabínica judaica nunca viu esta palavra como significando uma serpente literal. Devia ser entendida como "um ser brilhante com poder para encantar". Isso está muito longe de uma serpente na grama, e em muitas interpretações bíblicas é nada menos que o próprio Lúcifer, embora a própria passagem nunca o chame pelo nome. É este ser que influencia Eva — ou a engana, num sentido mais preciso — a comer o fruto da árvore proibida no meio do Jardim do Éden.

"2 A mulher disse à serpente: 'Podemos comer do fruto das árvores do jardim, 3 mas Deus disse: Não comereis do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem nele tocareis, para que não morrais.'"
(Gênesis 3:2-3)

A palavra hebraica para aquela árvore é *ets*, uma palavra que está em estreita associação com a palavra hebraica *toledah*, ambas significando "gerações". É dessas palavras que extraímos o equivalente moderno de "árvore genealógica". Outra variação da palavra *ets* é "a madeira de uma árvore como uma abertura e fechamento de uma porta". Numa extensão aplicacional, a mesma palavra pode se aplicar ao termo "portal; abertura da mente; iluminação".

Em alguns círculos, foi sugerido que a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, da qual se diz que Eva comeu o fruto proibido, não era de forma alguma uma árvore literal, mas, sim, simbólica das raças pré-adâmicas que viviam nas regiões que cercavam o Jardim do Éden. Diz-se que essas raças abrangem a civilização atlante.

A frase *fruto da árvore* é a palavra hebraica *periy* — fruto: produto da terra; descendência, filhos, prole (do ventre); ou figurativamente: fruto (de ações). A frase *comer dele* é a palavra hebraica *akal* (aw-kal); esta palavra tem muitos usos, entre os quais, um uso significa "deitar-se com uma mulher (intercurso sexual)"; e a palavra *tocar* é a palavra hebraica *naga* (naw-gah); tocar, isto é, colocar a mão (para qualquer propósito); eufemismo para: tocar, ter sexo com uma mulher.

"4 'Vocês não morrerão certamente', disse a serpente à mulher. 5 'Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal.' 6 Quando a mulher viu que o fruto da árvore era bom para comer e agradável aos olhos, e também desejável para obter sabedoria, tomou do seu fruto e comeu. Ela também deu a seu marido, que estava com ela, e ele comeu. 7 Então os olhos de ambos se abriram, e perceberam que estavam nus; então costuraram folhas de figueira e fizeram coberturas para si."
(Gênesis 3:4-7)

Esta obviamente não era uma árvore comum. Na verdade, não era uma árvore literal. Muitos estudiosos da Bíblia interpretam isso como o próprio Lúcifer.

A frase *agradável aos olhos* é a palavra hebraica *chamad*: desejar, cobiçar, ter prazer em, deleitar-se em, ser desejável, deleitar-se grandemente, desejar grandemente, desejabilidade, preciosidade.

A palavra *desejável* é a palavra hebraica *ta'avah* (tah-av-aw' — ansiar por; cobiçar (usado de apetites corporais) um anseio; por implicação: um deleite (subjetivamente,

satisfação, objetivamente, um encanto): um desejo, um anseio, anseios do coração; luxúria, um apetite, cobiça (num mau sentido); cobiçar; esperar ansiosamente.

Tomou é a palavra hebraica *laqach* (law-kakh'); uma raiz primitiva; tomar (na mais ampla variedade de aplicações): tomar (como em: "Abraão tomou seu manto na mão"), agarrar, receber, casar, tomar uma esposa, tomar para ou por uma pessoa, procurar obter, obter, tomar posse de, selecionar, escolher, tomar em casamento, receber, aceitar.

Um quadro muito diferente da tentação de Eva no Jardim do Éden está começando a emergir. A passagem analisada anteriormente é muito mais do que uma apreciação pecaminosa e desobediente de fruta. Todas as referências que ouvimos sobre Eva comendo uma maçã, ou representações na arte religiosa do casal do Éden comendo um grande pedaço de fruta, são meramente informações codificadas e ocultam o que a passagem realmente diz.

"É óbvio aqui que a serpente era um símbolo e não uma serpente falante literal vendendo maçãs. Se você pesquisar as palavras usadas em Gênesis numa Concordância de Strong, verá que Gênesis está cheia de muitos idiomas sexuais. Na verdade, a imagem da serpente comendo poeira é um idioma judaico para estar mais baixo do que baixo. Interpretá-la literalmente é um erro. Note também que não existem serpentes que comem poeira. Além disso, o pênis masculino se assemelha fortemente a uma serpente em sua forma, portanto não acredito que estejamos lidando com uma serpente literal. E qual foi a lei que Eva quebrou e pela qual estava em 'transgressão'? Eu pensaria que é claro que ela estava em transgressão porque cometeu adultério. Diz que Adão também participou do comer do fruto e ficou envergonhado. Mas este fruto não veio diretamente da árvore, mas de Eva."[9]

De acordo com 1 Enoque 69:4-12, a serpente era um de cinco anjos conhecidos como "os cinco Satanases", e um desses Satanases se chamava Gader'el, e era "ele quem mostrou aos filhos do povo todos os golpes da morte, quem enganou Eva, quem mostrou aos filhos do povo (como fazer) os instrumentos de morte (tais como) o escudo, a couraça e a espada para a guerra, e todos (os outros) instrumentos de morte aos filhos do povo".

O que realmente aconteceu nesta cena no Jardim do Éden é que Eva, a mãe da humanidade, perdeu sua virgindade com a Serpente; você pode ver que ela o encontrou sexualmente antes de jamais ter relações sexuais com seu marido, Adão. E mais adiante na passagem, o texto está implícito que Eva foi engravidada por este encontro. Então ela atraiu seu marido para o cenário, ele participou voluntariamente, e Eva também foi engravidada por Adão. Eva estava então carregando gêmeos fraternos, Caim e Abel, um da semente de Adão e o outro da semente do personagem conhecido como a serpente no Jardim.

O grande pecado que foi cometido no Éden não foi mera desobediência ao comer um fruto proibido de uma árvore proibida no meio do jardim. Foi um pecado sexual que criou uma linhagem sanguínea dupla nos gêmeos concebidos no ventre de Eva. De acordo com as

passagens subsequentes em Gênesis, aprendemos que Abel era a semente sanguínea de Adão, mas que Caim era a semente sanguínea da serpente, e que essas linhagens opostas estariam em conflito constante uma com a outra, começando com Caim assassinando seu irmão gêmeo.

Aqui, vemos que os eventos no Jardim do Éden foram grandemente influenciados por nada menos que um personagem reptiliano. Teologicamente, você poderia rotulá-lo como Lúcifer ou "Satanás", assumindo a forma de uma serpente, mas mesmo nessa forma ele teria que possuir a habilidade física de ter intercurso sexual com Eva. Portanto, a característica reptiliana é mera linguagem poética bíblica, ou representa a aparência física e qualidades da pessoa que tentou Eva.

Num sentido muito real, então, Caim, a semente da serpente, foi para todos os efeitos práticos o primeiro dos Nefilins, legado por um anjo caído, talvez até pelo próprio Lúcifer.

Quem quer que a serpente realmente seja, houve ligações feitas entre a mensagem obviamente codificada da história de Adão e Eva com os seres que desceram às encostas do Monte Hermom e se reproduziram com mulheres humanas sete gerações depois. Mas esta "semente da serpente" plantada no Jardim do Éden é apenas o primeiro de muitos eventos registrados na história bíblica? A semente da serpente foi algo plantada no ventre de Eva, apenas para ser feita novamente e novamente e novamente nos ventres de outras mulheres nos mundos pré-diluviano e pós-diluviano? E a própria serpente — obviamente não uma serpente ou um homem — era membro de uma casta angélica ou mesmo Lúcifer, como alguns sugerem, ou era algo completamente diferente?

"12 Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da manhã!"
[Isaías 14:12]

"18 Eu via Satanás cair do céu como relâmpago."
[Jesus Cristo, citado em Lucas 10:18]

Reptilianos

A presença de um personagem reptoide no relato bíblico do Jardim do Éden e da tentação de Eva deu origem a inúmeras mitologias da cultura pop, teorias e encontros pessoais anedóticos sobre uma raça de seres reptilianos alienígenas que interferiram no desenvolvimento e na história humana. E eles estão ligados proximamente aos Nefilins, Anunnaki e aos Filhos de Deus do Capítulo 6 de Gênesis. O único problema com a maioria das teorizações, por mais intrigantes e possíveis que as alegações possam ser, é que isso é exatamente: teorização e especulação.

Há inúmeros livros e sites que hospedam uma infinidade de informações sobre os reptilianos que viveram neste planeta há mais de 800.000 anos, originários do sistema estelar Draco. A grande maioria dessas fontes de informação reptiliana não tem pontos de origem, nem dados, nem fatos citados. Toda a questão reptiliana parece ser resumida como fato aceito em círculos particulares do pensamento alienígena e ufológico, mas não nos oferecem evidências sólidas ou dados empíricos para usar como base. Sem evidências, sem verificação, sem registros históricos — muito parecido com a maioria dos nossos sistemas de crença estruturados em torno dos personagens e eventos da própria Bíblia. Em seu livro *The Big Secret*, o new ageist britânico David Icke, um dos autores e conferencistas mais conhecidos sobre reptilianos alienígenas, fala de seu envolvimento com a raça humana através de sua própria visão gaussianamente desfocada de eventos históricos e atuais. Para Icke, o fator reptiliano é uma plataforma sobrenatural para usar como trampolim para seu antissemitismo, neofascismo e uma convergência aparentemente excêntrica do pensamento Nova Era com a filosofia nazista que ele incorpora na base para sua crença de que a humanidade sempre foi controlada e governada por uma conspiração judaica global patrocinada por lagartos de outro planeta.[10] Isso meramente ilustra que o tópico dos reptilianos alienígenas é composto de mais especulações enfurecidas, narrativas subjetivas e pensamento ilusório do que fatos históricos ou antropológicos quantificáveis. Até mesmo o cabeçalho do site de Icke afirma que ele está "[e]xpondo o mundo dos sonhos que acreditamos ser real".[11]

A realidade pode ser mais estranha que a ficção, como se costuma dizer, no entanto, quando vemos a exposição de ideias de pessoas que parecem ter um controle tênue sobre a precisão histórica, sem falar no senso comum e na sanidade, tendemos a rir deles e mandá-los para a outra sala e sentá-los na mesa das crianças para que possam fazer suas coisas enquanto nós, adultos, conversamos na mesa dos crescidos sobre as verdades hardcore da vida e do universo. No entanto, por mais excêntricas que algumas das ideias em torno dos reptilianos possam soar, e quaisquer ideologias pseudopolíticas que tenham sido construídas sobre seus ombros, um núcleo de verdade ainda pode tremer no centro. Embora a arte reptiliana e a aplicação religiosa de serpentes e dragões existam em toda a história humana, há pouca — se alguma — evidência de que eles habitaram neste planeta e interagiram com seres humanos no nível que é expresso na teorização do pensamento pseudocientífico. No entanto, sua presença numa forma ou outra é pervasiva e, em última análise, convincente até certo ponto.

Serpente num Pau

O fato notável é que, em todas as civilizações antigas e modernas, a serpente ou dragão que concede conhecimento à raça humana figura proeminentemente em todas as religiões e histórias: o reptiliano judaico-cristão "anjo caído" Lúcifer; o deus serpente maia, Quetzalcóatl; o enorme deus serpente emplumada dos índios Hopi, Baholinkonga; os místicos reptilianos semelhantes a humanos do leste indiano conhecidos como NAGAS; o

deus serpente egípcio, Enuph; o Agathodemon fenício; e até mesmo o Nakhustan hebraico ou Serpente de Bronze que Moisés fundiu e colocou bem alto num poste quando os israelitas foram atormentados por serpentes no deserto — o que é uma cena bíblica por si só que levanta a questão de mais linguagem codificada de Moisés. A passagem real diz:

"4 Partiram do Monte Hor pelo caminho do Mar Vermelho, para contornar Edom. Mas o povo ficou impaciente no caminho; 5 falaram contra Deus e contra Moisés, e disseram: 'Por que vocês nos trouxeram do Egito para morrer neste deserto? Não há pão! Não há água! E nós detestamos esta comida miserável!' 6 Então o SENHOR enviou serpentes venenosas entre eles; elas morderam o povo, e muitos israelitas morreram. 7 O povo veio a Moisés e disse: 'Pecamos quando falamos contra o SENHOR e contra você. Ore ao SENHOR para que Ele tire as serpentes de nós.' Então Moisés orou pelo povo. 8 O SENHOR disse a Moisés: 'Faça uma serpente e coloque-a num poste; qualquer um que for mordido pode olhar para ela e viver.' 9 Então Moisés fez uma serpente de bronze e a colocou num poste. Então, quando alguém era mordido por uma serpente e olhava para a serpente de bronze, vivia."
(Números 21:4-9)

Como punição por resmungar e reclamar contra Deus e Moisés, o relato bíblico escrito por Moisés nos diz que Deus enviou "serpentes abrasadoras" ao acampamento dos israelitas errantes. O povo estava sendo mordido e morrendo em massa. Então Deus instruiu Moisés a fundir uma serpente de bronze e colocá-la bem alto num poste, e todos os que fossem mordidos e adoecessem poderiam olhar para a serpente de qualquer lugar do acampamento e ser curados. A serpente de bronze permaneceu com os israelitas por outros 700 anos, onde eventualmente ficou no Templo em Jerusalém. Mas o povo, durante o tempo do rei Ezequias (715-687 a.C.), começou a adorar a serpente e a fazer oferendas a ela. Então, em uma vasta reforma iconoclasta, Ezequias derrubou todos os bosques pagãos, despedaçou todos os ídolos e destruiu o *Nakhustan*, que não tinha esse nome até seu reinado no trono de Israel, sugerindo que ele mesmo pode ter lhe dado esse nome.

É interessante notar que originalmente o segundo mandamento escrito por Moisés incluía esta proibição:

"4 Não farás para ti nenhum ídolo, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra."
(Êxodo 20:4)

Moisés e a Serpente de Bronze: Sebastien Bourdon, 1653-54.
Foto licenciada sob a Creative Commons da Wikipédia.

Este mandato era tão forte em sua redação que os judeus incorporaram em suas leis uma proibição extremista contra retratos e imagens esculpidas de qualquer tipo, de homem, besta, animal ou divindade. Ilustrando o poder da lei judaica, dois historiadores judeus do primeiro século, Fílon e Josefo, registraram revoltas dos judeus durante o mandato do prefeito romano Pôncio Pilatos (26-36 d.C.; Pilatos), sobre a colocação de imagens esculpidas e efígies. De acordo com Josefo, Pilatos demonstrou uma abordagem bastante insensível aos costumes religiosos dos judeus, e ele ignorou seus protestos permitindo que seus soldados trouxessem as imagens de César para a cidade na calada da noite. Quando os cidadãos de Jerusalém descobriram essas imagens no dia seguinte, apelaram a Pilatos para que removesse as insígnias de César da cidade. Após cinco dias de deliberação, Pilatos fez seus soldados cercarem os manifestantes, ameaçando-os de morte, o que eles estavam dispostos a aceitar em vez de se submeterem à profanação da Lei Mosaica. Pilatos finalmente removeu as imagens. O incidente provou ser um exemplo inicial de resistência eficaz à tirania por meios agressivos e não violentos, mas Pilatos reprimiu a rebelião sinalizando outros de seus soldados à paisana que se posicionaram entre as multidões, para começar um massacre muito breve, porém sangrento, de muitos dos manifestantes.[12]

Fílon descreve um incidente semelhante em que Pilatos foi oficialmente repreendido pelo imperador Tibério depois de antagonizar os judeus ao colocar escudos dourados no palácio de Herodes em Jerusalém. Os escudos visavam ostensivamente homenagear Tibério, e desta vez não continham imagens gravadas. Fílon escreve que os escudos foram colocados "não tanto para homenagear Tibério, mas para irritar a multidão". Os judeus protestaram contra a instalação dos escudos primeiro a Pilatos e depois, quando ele se recusou a removê-los,

escrevendo a Tibério. Fílon relata que ao ler as cartas, Tibério "escreveu a Pilatos com uma série de repreensões e reprimendas por sua violação audaciosa do precedente e ordenou que ele retirasse imediatamente os escudos e os transferisse da capital para Cesareia".[13]

O ponto é que a lei judaica proibia imagens iconoclastas de qualquer tipo, num ataque preventivo para evitar a adoração de ídolos. Mas a Serpente de Bronze foi uma exceção, e foi imbuída de poder divino para curar doenças e curar mordidas de cobra, e o povo eventualmente a adorou como resultado, embora séculos depois. A adoração da serpente surgiu do fato de que a serpente é tão representada na escritura da criação como o "deus da terra". Mas ele também é claramente apresentado como sendo subserviente ao Divino superior, Elohim, que o amaldiçoa em linguagem codificada e simbólica no Capítulo 3 de Gênesis, como resultado da sedução de Eva. E embora seja verdade que a própria Bíblia nunca usa a palavra *reptiliano*, mas *serpente*, é claro que a serpente não é simplesmente uma cobra. Há apenas quatro personagens mencionados no alvorecer da humanidade no Jardim do Éden: Deus, Adão, Eva e a serpente.

As antigas crenças judaicas sobre esta serpente afirmam explicitamente que ela tinha braços e pernas e andava ereta. Esta afirmação é encontrada no *Bereshit Rabbah*, um antigo comentário judaico sobre o Livro de Gênesis. Ao lidar com a história do Jardim do Éden, o *Midrash* também trata da serpente. Ele declara que antes de fazer Adão e Eva pecarem, "ela tinha pernas" (*Bereishit Rabbah*, 19). De acordo com isso, a serpente já foi uma criatura alta, esplêndida e régia. Quando seu destino foi decidido e está escrito que "sobre o teu ventre andarás" (*Bereishit* 3:14), "os anjos ministradores desceram e cortaram seus braços e pernas" (*Bereishit Rabbah*, 20). Esta tradição descritiva dá à imagem física da serpente sedutora uma dimensão impressionante que tem repercussões em muitos pontos de vista do mundo antigo, que viam a serpente como representando forças do mal por um lado e como possuidora de poderes sobrenaturais por outro. Ao longo dos tempos, a descrição do ser arquétipo reptiliano que Adão e Eva podem ter encontrado foi alterada e evoluída. Ao chamá-la de serpente e nada mais, os revisionistas bíblicos simplificaram efetivamente a descrição e roubaram da humanidade uma realidade mais misteriosa e possivelmente precisa, da qual estamos apenas agora tomando consciência. Outro ponto que também deve ser notado é que no Livro de Gênesis, Elohim condena a serpente dizendo "Sobre o teu ventre andarás", o que sugere que ela não estava sobre ele antes.

Os antigos relatos judaicos do Jardim do Éden descrevem um ser que é mais parecido com os reptoides extraterrestres ufológicos do que com uma mera serpente. Eles também contam como o comportamento dos reptilianos entre a humanidade primitiva resultou em serem lançados para dentro da terra, sugerindo um reino subterrâneo, tendo todos os traços de mãos, pés e a capacidade de andar ereto, escondidos dos humanos que vivem na superfície, apagados das memórias dos homens e colocados permanentemente fora da vista.

Os Homens Poderosos de Renome

"4 Os Nefilins estavam na terra naqueles dias, e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, e delas tiveram filhos. Esses foram os poderosos homens de outrora, homens de renome."
(Gênesis 6:4)

Há também uma alternativa, uma visão não tão bonita da motivação por trás da descida dos Vigilantes, que é a história da escravização e da criação de uma "classe trabalhadora" por uma raça superior de seres extraterrestres percebidos pelos humanos simplórios como divindade. Os hominídeos encontrados na terra pelos Vigilantes — a casta divina estabelecida, segundo as escrituras, para proteger e vigiar a terra — foram melhorados pelo cruzamento genético de uma raça extraterrestre superior com o propósito de criar uma casta de escravos. Consequentemente, os Vigilantes como descritos nos textos religiosos hebraicos eram nada menos que seres de intelecto, força e avanço técnico superiores que viram oportunidade de subjugar uma raça inferior, melhorando-os por impregnação ou adulteração genética. É também uma corrente de pensamento entre os Alienígenas Antigos que o "cruzamento" mencionado nos relatos de Gênesis e Enoque era uma antiga, poética e pitoresca linguagem codificada usada para descrever o que seria descrito em nossa terminologia moderna como clonagem e engenharia genética.

O Livro de Gênesis nos diz que a prole da coabitação entre os Vigilantes e humanos era conhecida como "os heróis de outrora" e os "homens poderosos de renome"; os *Gibborim*, a palavra hebraica para "poderosíssimos", o substantivo intensivo de *Gabar*, ou "poderoso". A palavra foi muitas vezes usada para descrever os valentes, bravos e de grande estatura. Mas no uso desta palavra no capítulo 6 de Gênesis, ela fala de uma classe de seres em sua descrição dos Nefilins como sendo "poderosos". A palavra *Gibborim* também é usada mais de 150 vezes no *Tanakh*, um acrônimo formado pelas letras hebraicas iniciais das três subdivisões tradicionais do Texto Massorético: a *Torá* ("Ensino", também conhecida como os Cinco Livros de Moisés), *Nevi'im* ("Profetas") e *Ketuvim* ("Escritos"), e é aplicada não apenas aos Nefilins e homens, mas também a leões (Provérbios 30:30), caçadores (Gênesis 10:9), soldados (Jeremias 51:30) e líderes (Daniel 11:3). A antiga conotação divina da palavra está quase perdida no uso moderno da palavra *Gibbor*, que significa "herói" e "valente" (como verbo).

Os *Gibborim* chegaram até mesmo à cultura pop atual. A Marvel Comics tem seus *Gibborim* do *Demogorge*, criados por Brian K. Vaughan e Adrian Alphona, como uma raça de três gigantes de seis dedos, entre os vários Deuses Anciões da Terra (tendo de alguma forma sobrevivido a uma antiga catástrofe de julgamento) cujo objetivo é limpar a Terra de toda a humanidade. Com uma altura média aproximada de 30 metros, os *Gibborim* desprezam todos os humanos.

Apesar da diluição do uso antigo da palavra e de suas posteriores diminuições na cultura pop, é esta classe de "poderosos heróis" de sangue misto, esta prole Nefilim dos Vigilantes, que começa a devastar a humanidade e a terra. É também esta raça de descendentes híbridos que se diz ter iniciado a aplicação da escravidão da humanidade. À medida que cresciam em influência e poder, os *Gibborim* começaram a extrair mais e mais recursos naturais para seu sustento, e todos os povos da terra, que habitavam uma região relativamente pequena do que hoje é o Oriente Médio, foram oprimidos e completamente enredados numa servidão social de casta escrava a esses seres. Foi essa interação e corrupção que o Livro de Gênesis aponta como a causa da "maldade da humanidade", o fedor nas narinas de Deus que o fez "arrepender-se" de ter criado a humanidade na terra. E esse arrependimento não era um ódio aos humanos, mas sim uma profunda angústia por parte da divindade por ter criado uma raça que era tão facilmente manipulada e alterada pelos Vigilantes, seus próprios emissários. O curso de ação tomado pelo divino foi então exterminar toda a raça dos Nefilins/Gibborim, bem como o resto da humanidade de sangue contaminado, num único grande julgamento catastrófico universal: o Grande Dilúvio de Noé. Mas para preservar a raça humana, Noé foi escolhido para construir uma arca, uma grande barcaça para preservar toda a vida animal, bem como a única família humana de sangue puro — a sua própria.

Parece impossível para nós que existimos nesta extremidade distante da antiguidade que tal embarcação salvífica fosse criada de "madeira de acácia e piche de seiva de árvore", como a Bíblia relata, e ainda mais implausível que um homem e seus três filhos levassem 120 anos para construí-la, e então reunissem dois de cada tipo de animal existente para carregar em suas muitas baias e câmaras. No entanto, deve-se lembrar que a própria passagem nunca diz que Noé saiu com uma rede e um laço para reunir as espécies de animais; diz que eles foram "trazidos à arca" por Deus. E, é claro, como estamos começando a ver, este ato em si mesmo é mais provavelmente do que não uma de duas coisas: perfeito em suas descrições ilustrativas e fiel às escrituras como lidas, ou linguagem de código poético utilizada para estabelecer uma história de encobrimento mitológica para um evento que pode ter sido nada menos que armazenamento genético nas mãos de uma raça muito superior compreendida pelo homem antigo como deuses.

Cruzamento Demoníaco

De acordo com a teologia católica romana, anjos caídos têm tentado cruzar com a humanidade com o propósito de criar uma mistura híbrida perfeita de demoníaco e humano desde a queda do homem.

Os próprios Vigilantes não eram demônios, nem eram anjos caídos, mas seu ato de descer à terra desafiando sua incumbência divina certamente os colocou numa posição de desobediência perigosa, como atestado por seu líder:

"3 Então seu líder Shamyaza disse-lhes (os outros prefeitos dos Vigilantes); 'Receio que talvez vocês estejam indispostos à realização desta empresa (misturar-se com mulheres humanas); 4 E que eu sozinho sofrerei por um crime tão grave.'"
(1 Enoque 7:3-4)

Contra quem Shamyaza estava preocupado em cometer um crime? Deus? Uma hierarquia racial? Os humanos? É claro por este texto que quem quer que Shamyaza realmente fosse, ele estava um pouco nervoso com seus planos, pois ele sozinho seria responsabilizado, sendo seu líder. Ele parecia ter uma compreensão clara de que seu ato traria consequências hierárquicas. Mas ele foi, como o texto indica, imediatamente seguido pelo resto dos *Grigori*, e como veremos, todos eles sofreram o peso consequente de seus atos, pois foi este ato por parte deles coletivamente que os colocou — pelo menos em termos religiosos e escriturísticos — no campo dos "anjos caídos", como alguns afirmam.

Enquanto o Novo Testamento usa a palavra grega "demônio" para se referir a esses "filhos dos poderosos", o Antigo Testamento usa nomes descritivos reveladores. Palavras que descrevem esses seres, como *bene ha'Elohim*, significando "filhos de Deus", *Zophim*, significando "os vigilantes", e *Malakh*, significando "mensageiros" (esta referência foi traduzida para *anjo* em inglês), são usadas para a "hoste aérea" muitas vezes independentemente do alinhamento. O Livro de Enoque nos conta a origem de certas "inteligências interdimensionais" — chamadas no Novo Testamento monoteísta de "demônios", que eram compreensivelmente associadas ao mal porque originalmente o termo grego *daimon* significava "qualquer divindade" — foi nos Dias de Noé, e não terminou com o Dilúvio, mas continuou, segundo Gênesis 6, "mesmo depois". Há três termos principais para demônios no Novo Testamento: *daimonion* (demônio; 60 vezes, 50 nos Evangelhos); *pneuma* (espírito; 52 vezes) geralmente com um adjetivo qualificante como *akatharton* (imundo; 21 vezes) ou *poneron* (maligno; oito vezes); e *angelos* (sete vezes de agências demoníacas). *Daimon* (demônio), o termo comumente usado no grego clássico, aparece apenas uma vez, em Marcos 8:31."[14]

Julgamento Divino

Em suma, a razão para o dilúvio conforme registrado no Livro de Gênesis não foi uma imposição de julgamento divino sobre uma raça de humanos que simplesmente se tornara maligna demais para seu próprio bem. Isso pareceria um desperdício terrível de humanidade, mesmo para o próprio Deus, especialmente quando teria havido maneiras muito melhores de oferecer arrependimento e perdão, em vez da completa destruição da terra e de todas as coisas que nela habitam. Toda esta questão de um grande dilúvio ser usado simplesmente para erradicar uma raça de pecadores, enviando-os a todos para o inferno eterno de separação infinita de Deus, perde-se em sua grandiosidade, semelhante a lançar uma bomba atômica para esmagar uma colmeia pendurada no beiral de sua casa.

Tinha que haver algo mais do que simples questões de coração em jogo aqui; algo mais do que uma mera rejeição das leis de Deus por parte de uma raça rebelde de humanos. O pecado pode ser lidado, de acordo com a Bíblia, por uma mudança de coração que não exige o extermínio de uma raça inteira. Mas e se o que temos aqui nesta história vai muito além da "maldade da humanidade", e mergulha profundamente no extermínio de uma raça manipulada extraterrestremente que corrompeu a humanidade, trazendo-lhe maldade através do modo de corrupção genética e alteração do DNA? E se o grande dilúvio foi um meio incorporado por um ser supremo — ou uma raça superior mestra — para matar a experiência que deu terrivelmente errado — um extermínio de uma experiência que deu muito, muito errado?

Em *Frankenstein* de Mary Shelley, que ela atestou ter escrito como uma alegoria da criação do homem por Deus e sua subsequente queda da graça, um homem é criado por um cientista experimentando a reanimação de carne humana morta. O ser criado é altamente inteligente e aprende a ler, escrever e se comunicar num nível quase genial — muito diferente do monstro que foi popularizado nos filmes de Boris Karloff dos anos 1930. Foi quando este homem criado se tornou corrupto e se transformou no "monstro" que seu criador achou necessário tirar-lhe a vida, terminando numa grande perseguição que os levou aos desertos congelados do Ártico e a um fim ardente para ambos.

Os criadores da raça híbrida de Nefilins acharam necessário erradicá-los e sua influência na humanidade. Mas não funcionou. Mesmo após a total devastação de um dilúvio universal, mesmo após a coleta do DNA e/ou quarentena física de cada espécie de animal, a Bíblia nos diz, novamente, que…

"4 Os Nefilins estavam na terra naqueles dias — e também depois… [!]"
(Gênesis 6:4)

Para o crente purista na infalibilidade de Deus e das escrituras, esta noção pareceria heresia e blasfêmia, mas isso é, é claro, se você seguir a restrição dos relatos escriturísticos dessas coisas ao pé da letra, não levando em conta a linguagem codificada e as histórias de encobrimento simplificadas e fabulosas para eventos muito maiores.

Ultrapassado e Obsoleto

De um lado da equação, a humanidade parece ter superado sua necessidade de crença religiosa tradicional. Os dogmas firmemente mantidos da existência de um Divino Supremo tornaram-se uma mitologia ultrapassada, apenas para ser substituída por versões atualizadas e mais aceitáveis do que pensamos que a humanidade antiga estava experimentando. Será que os humanos pré-históricos encontraram seres estranhos e maravilhosos tão avançados que só podiam descrevê-los dentro da estrutura de seu entendimento científico e espiritual? Parece que qualquer coisa que esteja nesse reino do místico e inexplicado — mesmo em

círculos religiosos onde já devemos acreditar em grandes seres divinos e feitos miraculosos — há um afastamento de qualquer coisa que cheire ao "coisa doida" que beira o mitológico. Há uma permissão excepcional para Deus e seus anjos, mas quase tudo o mais cai na categoria de "não sabemos disso".[15]

No entanto, no lado oposto dessa equação, descobri que a maioria das pessoas tem suas curiosidades aguçadas quando se trata de tópicos como OVNIs, alienígenas e visitações extraterrestres — não importa o quão fora de sua caixa religiosa ou denominacional essas curiosidades as levem. Embora possam querer aceitar que essas coisas são altamente possíveis, senão prováveis, param abruptamente antes de qualquer tentativa de reconciliá-las com seus sistemas de crenças religiosas pré-estabelecidos que se concentram num Deus tradicional, onisciente, onipresente, todo-poderoso e sua casta de anjos. É como se quisessem acreditar que esses mistérios têm alguma verdade, mas não estão dispostos a permitir que essas coisas se fundam com suas crenças e valores religiosos tradicionais — as coisas que talvez nem saibam se acreditam, mas não estão dispostos a abandonar. Há um conjunto dicotômico de crenças, uma parte querendo aceitar que há mistérios ainda não explicados, e a outra com medo demais de dizê-lo, por medo de repercussões religiosas.

Tendo a me opor particularmente aos círculos evangélicos e fundamentalistas dos quais provenho em meus dias mais jovens de frequentar a igreja e ministério. Os crentes fundamentalistas parecem ter essa sensação intrínseca de que, se houver alguma veracidade nas evidências aparentemente crescentes de que extraterrestres e visitantes alienígenas de outras regiões do universo ou dimensionalidades realmente existem, sua religião e fé seriam de alguma forma abaladas irreconciliávelmente em seu âmago, como se o universo de Deus não fosse grande o suficiente para lidar com a existência de outras raças, fora do planeta, "exo-sistema solar". Para esses seguidores de formas hiperbólicas de cristianismo, a mensagem de fé da Bíblia de salvação e reconciliação é tornada nula e sem efeito se existir outra raça que não se enquadre nos mesmos mandamentos das descrições bíblicas de uma raça humana caída, nascida em iniquidade e necessitada de redenção.

Enfrentei esse mesmo tipo de argumento nesses mesmos círculos fundamentalistas ao discutir — muito antes do livro e do filme — as teorias por trás do livro altamente provocativo de Dan Brown, *O Código Da Vinci*, no qual ele aborda a antiga teoria de que talvez Jesus de Nazaré fosse um homem casado e tivesse filhos. Eu tive um velho amigo da Escola Bíblica que descartou completamente a noção, insistindo que Jesus ter sido casado desfaria a alegação do Nazareno de ser o Filho de Deus possuidor de poder redentor. Esta posição teológica, é claro, foi tomada apesar do fato de que há muitas evidências — incluindo um requisito rabínico para que rabinos fossem homens casados — sugerindo que Jesus era de fato casado. E ao estabelecer a autoridade messiânica de Jesus, o próprio Novo Testamento afirma, em Hebreus 4:15, que ele "experimentou a vida ('tentação') em todos os aspectos, assim como nós".

No entanto, a visão cristã fundamentalista é que nada existe fora dos limites do texto escriturístico escrito, e se algum dia fosse provado que existe, isso de alguma forma desmontaria sua fé em Deus, deixando-os como muita roupa molhada pendurada no varal, batendo ao vento, vazios de qualquer estrutura religiosa sólida ou coerência espiritual.

Ao mesmo tempo, as escrituras nas quais as bases são construídas para a fé e prática religiosa para a maioria desses crentes estão repletas de todos os tipos de referências a seres claramente não humanos, não terrenos. De anjos a demônios, a diabos, a querubins e serafins, até o Deus Todo-Poderoso, as páginas dos textos religiosos tradicionais apresentam uma perpétua cavalgada de entidades não humanas cujas ações variam de simples visitações a carruagens ígneas voadoras, a seres que descem à terra fazendo um pacto entre si para engravidar as filhas da humanidade.

"1 O número de pessoas na terra começou a crescer, e filhas lhes nasceram. 2 Quando os Filhos de Deus [Enoque se refere a esses mesmos seres como os 'Vigilantes'] viram que essas moças eram bonitas, casaram com qualquer uma que escolheram. O Senhor disse: 'Meu Espírito não permanecerá nos seres humanos para sempre, porque eles são carne. Viverão apenas 120 anos.' Os Nefilins estavam na terra naqueles dias e também mais tarde. Foi quando os filhos de Deus tiveram relações sexuais com as filhas dos seres humanos. Essas mulheres deram à luz filhos, que se tornaram famosos e foram os poderosos guerreiros de outrora."
(Gênesis 6:1-4)

A grande questão é: Eles são deuses, anjos e demônios, ou o homem primitivo simplesmente atribuiu esses títulos dentro do construto de seu entendimento?

O que a maioria dos crentes baseados na fé na Bíblia não consegue reconhecer é o fato de que a Bíblia está cheia de referências a outras inteligências e entidades não humanas. Diz-se geralmente que esses seres, pela intelligentsia teológica, são seres angelicais ou entidades demoníacas, em vez de qualquer tipo de presença alienígena extraterrestre:

O apóstolo Paulo, que começou como Saulo de Tarso, um perseguidor dos primeiros cristãos, partiu para Damasco, carregando consigo os mandados de morte de membros do movimento cristão de lá. Enquanto ele e sua comitiva estavam a caminho, um feixe de luz brilhou do céu, lançando Saulo ao chão. Ninguém mais em seu grupo ouviu uma palavra, mas mais tarde, Saulo relatou uma história de Deus falando com ele na forma de Jesus Cristo, o "Filho de Deus".

Dizia-se que esta foi a experiência de conversão de Saulo, e ele mudou seu nome para Paulo. Foi este um encontro com um membro do Concílio Divino que mais tarde se manifestou como o Filho de Deus, o Messias judeu? Paulo teve uma experiência aparentemente transformadora, fora do corpo ou de quase-morte, na qual viu "coisas que

não é lícito ao homem falar" (2 Coríntios 12:4). Muitas vezes me perguntei o que foi que ele viu e por que nunca lhe foi permitido dizer nada sobre isso. Mas é aparente que a experiência deixou uma marca tão indelével na vida de Paulo que ele não pôde nem falar dela na primeira pessoa:

"2 Conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu. Se foi no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe. 3 E sei que esse homem — se no corpo ou fora do corpo, não sei, mas Deus o sabe — 4 foi arrebatado ao paraíso. Ouviu coisas inefáveis, coisas que não é permitido ao homem contar."
(2 Coríntios 12:2-4)

Os sistemas estelares de Órion, Plêiades e Arcturo são mencionados pelo nome no livro cronologicamente mais antigo do Antigo Testamento, o Livro de Jó:

"9 Ele é o fazedor da Ursa [Ursa Maior] e de Órion, das Plêiades e das estrelas agrupadas [Arcturo] do sul."
(Jó 9:9)

"Podes atar as deliciosas Plêiades? Ou soltar as cordas de Órion?"
(Jó 38:31)

O sumo sacerdote de El Elyon [o "Deus Altíssimo"] e rei da cidade de Salém [antiga Jerusalém] era um homem chamado Melquisedeque que, segundo Hebreus 7:3, não tinha "nem princípio nem fim de dias" e que apareceu misteriosamente na época de Abraão, assemelhando-se a um "Filho de Deus":

"3 Sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre."
(Hebreus 7:3)

O apóstolo João, em sua velhice na Ilha de Patmos, cerca de 60 anos depois de andar como discípulo de Jesus, teve uma visão apocalíptica profundíssima, que lidava com numerosas inteligências não humanas. Apenas na primeira de muitas seções do Livro do Apocalipse, repleto de bestas estranhas e visões ostentosas, João escreveu:

"9 Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança em Jesus, estava na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus. 10 Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor e ouvi por detrás de mim uma grande voz, como de trombeta, 11 que dizia: 'Escreve num livro o que vês e envia às sete igrejas: a Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia.' 12 Voltei-me para ver a voz que falava comigo. E, voltando-me, vi sete candeeiros de ouro, 13 e no meio dos candeeiros um semelhante a filho de homem, vestido com uma túnica que chegava aos pés e

cingido pelo peito com um cinto de ouro. 14 A sua cabeça e cabelos eram brancos como lã, como neve, e os seus olhos eram como chama de fogo; 15 os seus pés eram semelhantes a bronze polido, como que refinado numa fornalha, e a sua voz como a voz de muitas águas. 16 Na sua mão direita ele tinha sete estrelas, e da sua boca saía uma afiada espada de dois gumes; o seu rosto era como o sol que brilha em todo o seu esplendor.
17 Quando o vi, caí a seus pés como morto. Ele, porém, pôs sobre mim a sua mão direita e disse: 'Não temas; eu sou o Primeiro e o Último; 18 e o que vive; estive morto, mas eis que estou vivo para todo o sempre; e tenho as chaves da morte e do inferno.'"

Como abordamos extensivamente, os escravos hebreus foram libertados do cativeiro no Egito sob a liderança de Moisés, e foram guiados por uma coluna de fogo à noite e uma coluna de nuvem de dia. Ambas foram vistas por 40 anos, abrindo caminho pelos céus.

Ezequiel viu o que foi descrito como um "disco voador". O engenheiro de naves espaciais da NASA, Josef F. Blumrich, leu *Eram os Deuses Astronautas?* de Erich von Däniken. No livro, von Däniken descreveu a visão de Ezequiel como nada menos que um "disco voador". Blumrich imediatamente se propôs a refutar a teoria de von Däniken, mas ao examinar mais detidamente, descobriu que a visão em Ezequiel era quase idêntica a um projeto de nave que ele havia inventado. Então ele fez uma análise de engenharia e elaborou um projeto preliminar para a nave. Mais tarde, ele escreveu suas descobertas em seu livro, intitulado *The Spaceships of the Prophet Ezekiel*.[16] Aqui está a descrição do que Ezequiel viu:

"1 No trigésimo ano, no quarto mês, no quinto dia do mês, estando eu no meio dos exilados junto ao rio Quebar, abriram-se os céus, e vi visões de Deus. 2 No quinto dia do mês — era o quinto ano do exílio do rei Joaquim — 3 veio expressamente a palavra do Senhor a Ezequiel, o sacerdote, filho de Buzi, na terra dos caldeus, junto ao rio Quebar; e ali esteve sobre ele a mão do Senhor. 4 Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do norte, uma grande nuvem, com fogo a lampejar continuamente, e um brilho ao redor, e no meio dela algo como metal reluzente no meio do fogo. 5 No meio dela havia figuras que se assemelhavam a quatro seres viventes. E esta era a sua aparência: tinham forma humana. 6 Cada um tinha quatro rostos e quatro asas. 7 As suas pernas eram retas, e os seus pés eram como os de um bezerro, e reluziam como bronze polido. 8 Por baixo das suas asas, nos quatro lados, tinham mãos humanas. Quanto aos rostos e às asas dos quatro, 9 as suas asas tocavam uma na outra; não se viravam quando se moviam; cada um andava em linha reta para a frente. 10 Quanto à forma dos seus rostos, cada um tinha rosto de homem; todos os quatro tinham rosto de leão à direita, rosto de boi à esquerda, e todos os quatro tinham rosto de águia. 11 Assim eram os seus rostos. As suas asas estavam estendidas para cima; cada um tinha duas asas que tocavam as de outro ser vivente, e duas cobriam os seus corpos. 12 Cada um andava em linha reta para a frente; para onde o espírito os guiasse, iam, sem se virarem quando andavam. 13 No meio dos seres viventes havia algo que parecia brasas de fogo, como tochas que se moviam para lá e para cá entre os seres viventes. O fogo era brilhante, e do fogo saíam relâmpagos. 14 E os seres viventes corriam de um lado para o outro como

relâmpagos. 15 Ora, enquanto eu olhava para os seres viventes, eis que havia uma roda na terra junto aos seres viventes, para cada um dos quatro. 16 O aspecto das rodas e a sua feitura eram como o brilho de berilo, e todos os quatro tinham a mesma forma; o seu aspecto e a sua feitura eram como se uma roda estivesse dentro da outra. 17 Quando se moviam, andavam para qualquer dos quatro lados, sem se virarem quando andavam. 18 Os seus aros eram altos e inspiravam temor, e os aros de todos os quatro estavam cheios de olhos ao redor. 19 Quando os seres viventes se moviam, as rodas se moviam com eles; e quando os seres viventes se elevavam da terra, as rodas também se elevavam. 20 Para onde o espírito as guiava, iam para aquela direção; e as rodas se elevavam junto com eles, porque o espírito dos seres viventes estava nas rodas. 21 Quando aqueles andavam, estas andavam; quando aqueles paravam, estas paravam; e quando aqueles se elevavam da terra, as rodas se elevavam junto com eles, porque o espírito dos seres viventes estava nas rodas. 22 Por cima das cabeças dos seres viventes havia algo como um firmamento, semelhante ao brilho terrível de cristal, estendido por cima das suas cabeças. 23 Debaixo do firmamento, as suas asas estavam estendidas, direitas, uma em direção à outra; cada um tinha também duas asas que cobriam o seu corpo de um lado e do outro. 24 Ouvi também o ruído das suas asas, como o ruído de muitas águas quando andavam, como a voz do Todo-Poderoso, um ruído de tumulto como o ruído de um exército acampado; quando paravam, abaixavam as asas. 25 E veio uma voz de cima do firmamento que estava por cima das suas cabeças; quando paravam, abaixavam as asas. 26 Por cima do firmamento que estava por cima das suas cabeças, havia algo semelhante a um trono, como pedra de safira; e sobre este semelhante a um trono estava, bem alto, uma figura com aspecto de homem. 27 Então notei, desde a aparência dos seus lombos para cima, algo como metal reluzente que parecia fogo ao redor dentro dela, e desde a aparência dos seus lombos para baixo vi algo como fogo; e havia um resplendor ao redor dele. 28 Como o aspecto do arco-íris nas nuvens num dia chuvoso, assim era o aspecto do resplendor ao redor. Tal era o aspecto da semelhança da glória do SENHOR. Quando eu vi isso, caí sobre o meu rosto e ouvi uma voz que falava."
(Ezequiel 1:4-28)

Uma estrela "móvel" guiou três astrólogos da região da Babilônia até o local de nascimento de Jesus Cristo, mencionada apenas no Evangelho de Mateus, mas não nos outros. Até o Evangelho de Lucas omite a presença da estrela, o que é interessante, pois Lucas — que também escreveu o livro do Novo Testamento, Atos dos Apóstolos — era médico e historiador.

Há alguns que acreditam que a estrela nunca existiu de fato, pois não está registrada em nenhum outro escrito histórico da época. A Judeia era uma província romana, e eles não deram registro da estrela e seu fantástico movimento pelos céus. No entanto, se esses "magos" viram a estrela "no oriente", ou melhor, do oriente, teria levado meses, senão um ano ou dois, para decifrar o significado da estrela e segui-la até a Judeia.

O que quer que a estrela fosse, provavelmente não aconteceu num único momento, numa única noite, mas ao longo de vários meses como um presságio no céu.

As aparições de anjos e demônios eram aparentemente relativamente comuns em toda a história biblicamente documentada.

Capítulo 6
Influência Alienígena?

"Morrer é dormir; dormir, talvez sonhar – eis o obstáculo! Pois que sonhos poderão vir nesse sono da morte, quando tivermos nos livrado deste emaranhado mortal? Eis a consideração que dá causa à calamidade de uma vida tão longa…"
—William Shakespeare, *Hamlet*

Apesar das minhas muitas perguntas e reflexões, baseadas nas coisas que estudei, li e absorvi ao longo dos anos, ainda me apego às minhas raízes judaico-cristãs, e dar o salto de Deus, anjos e demônios para OVNIs, extraterrestres e alienígenas é exponencial para mim. No entanto, há tanta informação por aí que tenderia a substanciar a existência de OVNIs e interrupção alienígena na humanidade, que não pode ser ignorada. Se você for minimamente como eu, essas coisas o fazem parar, pensar e recalcular as coisas que lhe ensinaram.

Sempre disse, com certo atrevimento, que quando se trata de teologia bíblica, não "joguei o bebê fora junto com a água do banho". Se eu fosse fazer uma declaração de fé de improviso, diria que adiro aos princípios básicos da Bíblia, e considero Jeová Deus como o Ser Supremo, bem como uma fé em Jesus Cristo e no Espírito Santo. Na minha juventude, ensinaram-me que a Bíblia é a "única autoridade para fé e prática", especialmente como um bom batista conservador. Quanto mais me distancio da minha educação enclausurada e das práticas denominacionais fechadas, "num aquário" — e por aquário, quero dizer que nós, crentes, sentávamos dentro do nosso aquário de vidro da igreja enquanto o resto do mundo olhava para dentro — estou descobrindo que há muito mais no universo do que nos foi ensinado, muito mais em Deus do que é visível num ambiente cristão metodológico.

Então há aquele medo pungente e iminente no fundo da minha mente de que qualquer desvio das minhas antigas práticas de fé seja meramente a minha natureza pecaminosa me afastando de Deus e dos seus ditames. O apóstolo Paulo advertiu seu acólito Timóteo de que "... virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, para agradarem a si mesmos, ajuntarão para si muitos mestres, segundo os seus próprios desejos, e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas" (2 Timóteo 4:3). E me pergunto se minha desilusão com a organização e metodologia da igreja foi o catalisador que permiti que me arrastasse da "verdadeira fé". Descubro que luto com o que foi incutido em minha cabeça e coração, contra o que pesquiso e descubro.

Considero-me um pensador. Mas há momentos em que posso imbuir meu pensamento com medo de me tornar violador do mandato e da prática religiosa.

Aí está o obstáculo: Não importa como você olhe para este enigma, não importa quanta lengalenga existencial queiramos atribuir à nossa existência no universo, ou quanto poder de iniciativa ou auto-iluminação pensemos que possuímos, ainda somos produtos da criação de outra pessoa, e os brinquedos da manipulação de algum ser superior.

Não somos donos de nós mesmos.

Quer tenha sido um Deus todo-poderoso, onipotente, que nos criou do pó da terra e soprou em nossas narinas o fôlego da vida, ou alguma raça escravizadora e experimentadora de criadores interestelares que interferiu em nosso DNA primordial, somos o produto — ou subproduto — das mãos de outra pessoa. Somos criações de Deus, para fazer com elas o que lhe agrada, tendo sido imbuídos de um livre-arbítrio que verdadeiramente só é livre até que, como um seguro, você o use de fato? Ou somos descendentes de um experimento científico alienígena — a prole genética de uma raça extraterrestre que estava agindo com benevolência ao impor seu DNA superior a uma raça de macacos de sarjeta geneticamente intelectuais, ou implementando uma intenção que era muito mais sinistra e escravizadora?

Ou somos simplesmente os produtos de reações químicas e mutação e desenvolvimento evolutivo; escravos da erradicação declarada de qualquer coisa espiritual para, por padrão, nos voltarmos ao que é científico e explicável pela matemática e metodologia científica?

De qualquer forma, parece que nós, a raça humana, somos simplesmente os brinquedos de outra pessoa. E às vezes, é mais legal pensar que somos a prole da interrupção alienígena, em oposição a "pecadores nas mãos de um Deus irado".[1] Acredito que é por isso que a comunidade científica/cética evita o espiritual e o metafísico: Eles simplesmente querem buscar os fundamentos básicos sem ter que responder a uma autoridade superior ou lidar com as implicações da alma e do espírito. Como disse bastante no início, há véus que simplesmente não temos capacidade de perfurar, e tanto os círculos científicos/céticos quanto os círculos religiosos/baseados na fé estão decididos a operar com base no que simplesmente não pode ser visto ou provado. Um círculo conscientemente desconsidera e erradica isso como parte da equação funcional; o outro o incorpora em todas as facetas da vida.

Resumindo Tudo

Qualquer que seja o seu ponto de partida, seja fé, espírito, ciência, ceticismo, antropologia; seja religioso, antirreligioso, cristão, judeu, ateu, animista, pagão, wiccano, verdadeiro crente, et cetera ad infinitum — não importa quando se trata de peneirar as evidências e os fatos, tais como possam ser. O que está claro é que houve alguma interrupção na raça

humana, seja ela ligada à extinção dos dinossauros, abrindo caminho para o desenvolvimento humano (sem ser devorado), ou mutações microbianas que se desenvolveram e evoluíram ao longo de eras, trazendo a raça humana para onde está hoje (com obviamente muito mais evolução a fazer se acreditarmos que a cadeia da evolução ainda está avançando), ou as mãos de uma força Criativa Divina, quer você veja essa entidade como espiritual/religiosa, ou simplesmente como uma entidade que tem poder supremo sobre nós. Ou, talvez, tenha sido tão simples quanto uma interrupção extraterrestre de algum tipo.

Há também os proponentes de filosofias, como a citação seguinte, que ignoram qualquer outra investigação fora da caixa, descartando imediatamente sua veracidade pela simples razão de que não está revelada na Santa Palavra de Deus, a Bíblia: "A Bíblia, a revelada Palavra escrita de Deus, ensina que a vida só é possível através de um processo de criação. Mesmo que houvesse outras galáxias com planetas muito semelhantes à Terra, a vida só poderia estar lá se o Criador a tivesse moldado. Se Deus tivesse feito isso, e se esses seres fossem nos visitar um dia, então certamente Ele não nos teria deixado sem esclarecimento sobre isso."[2]

Perdoe o vernáculo grosseiro, mas é esse tipo de declaração que me faz gritar "besteira!" Essa marca de escória mental, limitada, insana e sem educação me faz ver vermelho, e não serve a nenhum propósito para promover um entendimento além daquele que está dentro de uma determinada mentalidade, teologia, filosofia ou estrutura científica. Como você provavelmente já percebeu, não sou alguém que abandonou sua fé, nem sou alguém que descarta a ciência e o ceticismo, mas meço os blocos de construção dessas coisas uns contra os outros. As respostas só vêm à medida que os muros fabricados de Berlim da divisão, e os miados apontados da ignorância e da fraude começam a ter buracos perfurados neles.

A verdade nua e crua da questão — sinto muito informar meus amigos teólogos — é que Deus nos deu informações sobre esses alienígenas. E está nas mesmas páginas das escrituras que eles usam para reforçar um argumento contra tais coisas.

Qualquer que seja a verdade da questão — porque, acredite ou não, a verdade não é governada pela percepção — há evidências em todo o mundo e em quase todas as espiritualidades e histórias culturais antigas que registram eventos extraordinários. Esses eventos têm seu tom definido em cimento, baseado na interpretação dada pelas pessoas que os vivenciaram em primeira mão. Seja influenciado pelo divino, pelo angélico ou pelo alienígena, a tarefa no presente é determinar exatamente o que aconteceu — e, francamente, isso pode não ser possível além de mera hipótese.

O Cerne da Questão

Porque passamos grande parte deste livro falando sobre a visão espiritual e religiosa dos Nefilins e sua interrupção nas linhagens sanguíneas humanas, vamos examinar algumas das evidências que seriam a base para a teoria extraterrestre — ou melhor, alienígena — da interrupção humana.

"As manifestações de OVNIs parecem ser, em geral, meras variações menores do fenômeno demonológico antiquíssimo…."[3]

"O comportamento dos OVNIs é mais parecido com magia do que com física como a conhecemos…. [O]s astronautas de OVNIs modernos e os demônios dos dias passados são provavelmente idênticos."[4]

"[O ocultista] é levado à comunicação inteligente com os espíritos do ar, e pode receber qualquer conhecimento que eles possuem, ou qualquer impressão falsa que eles escolham transmitir…. [P]arece que os demônios têm permissão para fazer várias maravilhas a seu pedido."[5]

A maioria dos casos de abdução alienígena registrados na história moderna tem as mesmas marcas e elementos tradicionais que são vistos nos relatos escritos dos Vigilantes descendo à terra para engravidar mulheres humanas. Claro, os fatos diferem, os contos são muito menos mitológicos em escopo, mas o ato em si é algo que tem notável semelhança com os atos cometidos pelos Vigilantes. Estamos vendo hoje eventos semelhantes aos descritos nos Livros de Gênesis e Enoque, ou um mito moderno inteiramente fabricado foi construído em torno dos escritos de pessoas como Zecharia Sitchin e da crescente lista de Alienígenas Antigos? O principal problema com o trabalho de Sitchin foi sua falta de tradução dos textos antigos. A conclusão que ele tirou teve que ser manipulada, comprimida e de outra forma feita para se encaixar nas teorias que ele estava promulgando.

Tão frequentemente ouço grandes proponentes das teorias dos Alienígenas Antigos criticarem os sistemas de crença dos teólogos. É quase como se fosse necessário ter um dogma ateísta ou agnóstico em vigor para apresentar uma hipótese extraterrestre. Para mim, isso tem a mesma abordagem dogmática que os teólogos bíblicos que insistem que os alienígenas não poderiam existir porque não são mencionados expressamente como tal nas páginas das escrituras.

Anunnaki, É Você. Você Torna as Lendas Muito Divertidas…

Tudo o que é preciso fazer é inserir as palavras *Anunnaki* e *alienígenas* juntas numa pesquisa no Google para encontrar uma lista interminável de sites que afirmam quase a mesma coisa exata: que os Anunnaki construíram uma "raça" de seres androides para subjugar o povo da civilização suméria. Infelizmente, nenhum desses sites cita quaisquer fontes que teriam traduzido textos cuneiformes sumérios afirmando esse tipo de informação.

Ao apresentar uma declaração sobre esses tipos de "descobertas" antigas, é de suma importância oferecer os próprios textos, ou a fonte do pesquisador acadêmico que traduziu os textos revelando esse tipo de informação. Infelizmente, novamente, é mais provável que os leitores e proponentes de obras como as de Sitchin estejam meramente repetindo as palavras de seu professor da nova era sem pesquisar suas alegações para ver se elas possuem qualquer tipo de veracidade.

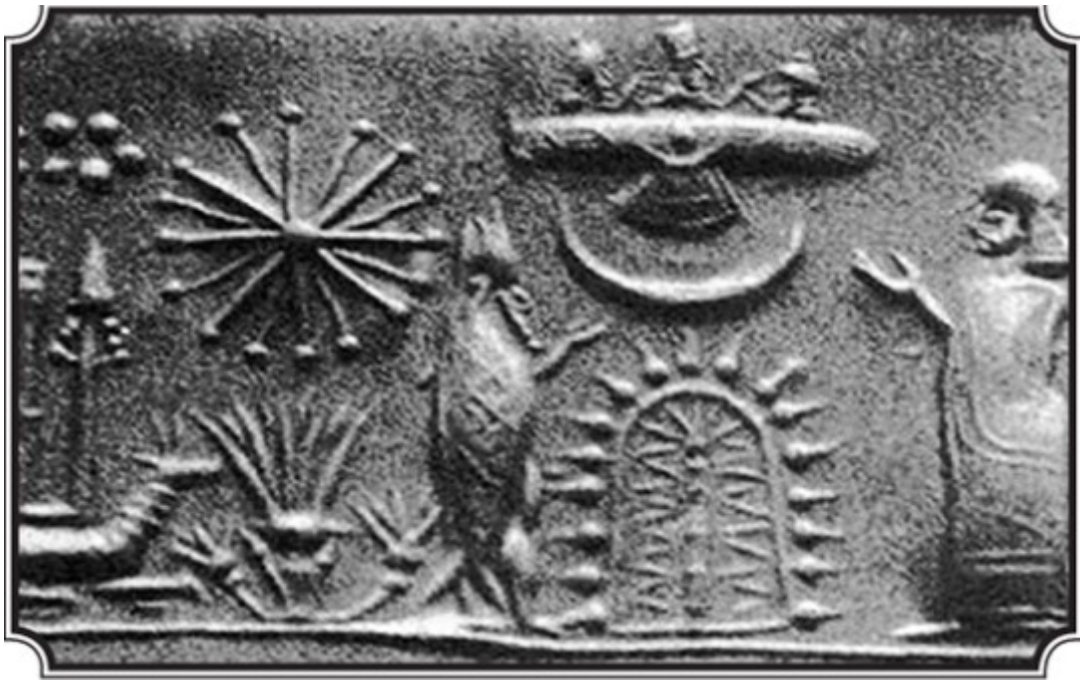
O estudioso semítico John Heise, em seu trabalho sobre a língua acadiana, faz a observação de que o termo *Anunnaki* é intercambiável com a palavra *Igigi*,[6] que se traduz aproximadamente como "aqueles que observam", ou "os Vigilantes".[7] Os *Igigi* são referidos como os "deuses que residem no céu", enquanto os *Anunnaki* são mencionados como estando tanto no céu quanto na terra. E quando o deus sumério Marduk faz uma pergunta aos Anunnaki, são os Igigi que respondem. Portanto, os Anunnaki e os Igigi são mais do que prováveis candidatos aos Vigilantes após sua descida à terra. Mas eles são uma raça alienígena? Bem, certamente dentro do contexto da mitologia, eles são alienígenas no sentido de que vieram de algum outro lugar que não a terra. De acordo com os textos sumérios, eles residiam tanto no céu quanto na terra, uma vez que você vê que os termos são intercambiáveis. Portanto, os Igigi celestiais são os mesmos que os deuses ctônicos (ou "do submundo"), os Anunnaki.

Antigo relevo sumério de um Anunnaki sentado, com o sol e planetas em órbita mostrados no canto superior esquerdo. Leitores dos livros de Zecharia Sitchin, particularmente *O 12º Planeta*, reconhecerão o selo VA 243 (assim chamado porque é o número 243 na coleção do Museu Vorderasiatische em Berlim). Este selo é a peça central da teoria de Sitchin de que

os sumérios tinham conhecimento astronômico avançado dos corpos planetários do nosso sistema solar. Este conhecimento foi supostamente dado aos sumérios por extraterrestres, que Sitchin identifica como os deuses Anunnaki da mitologia sumero-mesopotâmica.
Foto é uma imagem de domínio público cortesia de www.michaelsheiser.com.

De acordo com o trabalho de Boulay, os sumérios e acadianos não se referiam aos Anunnaki como "deuses". Foram culturas posteriores que introduziram a noção de seres divinos, e foi isso que gradualmente entrou em nossa língua e pensamento. Os sumérios referiam-se aos Anunnaki pelo termo *ilu*, ou "os elevados", do qual evoluíram o *ili* semítico e o *el* hebraico. E como uma interessante referência transcultural, o nome do príncipe Utu na língua maia era Xochipili.

Boulay, em sua crença fervorosa de que os antigos "deuses" eram de fato de origem alienígena, continua dizendo que, embora o termo *Anunnaki* seja usado genericamente para se aplicar a todos os proto-sumérios que "vieram a este planeta", significa literalmente "os filhos de An", o maior entre seus deuses antigos. No período antediluviano (pré-dilúvio), um grande grupo desses Anunnaki desceu de sua nave-mãe para colonizar a Terra. De acordo com o *Enuma Elish*, o mito babilônico da criação, 300 desses Anunnaki desceram à Terra enquanto outros 300 permaneceram a bordo da nave espacial. Estes foram chamados de *Igigi* e presumivelmente eram a tripulação técnica da nave espacial.[8]



Acredita-se que imagens numa tabuinha de argila suméria representem os Anunnaki e seus "veículos voadores", naves espaciais avançadas usadas pelos deuses Anunnaki para descer à terra. A figura alta à esquerda pode representar o deus meio-homem/meio-peixe Oannes, que emergiu do oceano para ensinar habilidades à humanidade antiga.

Foto licenciada sob a Creative Commons da Wikipédia.

Não há imagens ou desenhos deixados dos Anunnaki, mas há muitas pequenas estatuetas que alguns alienígenas antigos dizem se assemelhar aos alienígenas "cinzentos" da ufologia moderna. Os Anunnaki eram os seres descritos pelos antigos sumérios? E eles eram o equivalente dos alienígenas cinzentos sinônimos de tantos casos de OVNIs e abdução alienígena relatados na história atual? Relatos contemporâneos desses encontros têm uma forte semelhança com os relatos antigos dos Anunnaki e sua aparição entre o povo sumério.

Figurinhas de argila sumérias alojadas no Museu Britânico, Londres.
Foto cortesia de Jason Martell (www.xfacts.com). Usado com permissão.

Como mencionado anteriormente, a cultura suméria é a cultura de língua escrita mais antiga conhecida. Até hoje ainda usamos o mesmo sistema de matemática, o mesmo calendário básico e a contagem do tempo que eles desenvolveram. Eles possuíam um conhecimento surpreendente do sistema solar e de seres descendo à terra. Os sumérios nos contam que os Anunnaki tinham "ajudantes" que frequentemente realizavam tarefas como pilotar suas naves ou ajudar em necessidades diversas. Os sumérios explicam diretamente que esses "ajudantes" não eram seres vivos, mas tinham as capacidades físicas de realizar tarefas humanas vivas.

Os Anunnaki e Igigi também aparecem em outras culturas mesopotâmicas, compartilhando uma comunalidade que não se limita apenas às descrições encontradas em Gênesis e Enoque. Eles também são encontrados nos textos ugaríticos e no panteão cananeu como os *banu ili* ou *banu ili-mi*.[9] Há também descobertas mais recentes que os colocam em inscrições amurritas e fenícias[10] datando dos séculos VIII e VII a.C. O enorme significado

dessas descobertas semelhantes, de acordo com Craig Hines, é o fato de que as outras culturas também reconheciam esses seres como "embaixadores reais" não humanos enviados à humanidade a pedido do deus supremo.

Salmos, Hinos e OVNIs

Nenhum outro livro no Antigo Testamento é tão ricamente belo em suas imagens quanto o Livro dos Salmos compilado. Eles incluem canções escritas pelo rei Davi e canções escritas por seu músico-chefe, bem como poesia para ser acompanhada por instrumentos musicais e usada em adoração e oração, escritas por vários outros autores. Um dos Salmos é até uma oração de perdão de Davi depois que ele cometeu adultério com Bate-Seba, a esposa de um de seus capitães de guerra, e mandou matar o homem.

Mas por toda a bela linguagem poética dos Salmos, há uma corrente subterrânea de linguagem visionária que poderia possivelmente implicar encontros com o que alguns sugeriram ser encontros alienígenas.

É possível que Davi, o "doce cantor de Israel", como era conhecido, tenha tido um encontro imediato que ele descreveu — ou escondeu — numa canção de louvor a Deus? O Salmo 18 contém uma história intrigante que fala de Davi sendo cercado por inimigos e sendo forçado a entrar em águas profundas, de onde foi subitamente tirado e colocado num lugar espaçoso. Ele descreve a cena em termos muito vívidos: os céus se abrindo, e Deus descendo, montado num querubim — não a sua imagem mental típica de um querubim; uma besta celestial que cavalgava sobre as nuvens, fumaça negra e fogo saíam das narinas de Deus — e os subsequentes jatos de chamas consumindo tudo em seu caminho. Davi então escreve que Deus, montado em seu querubim, era seguido por, ou deixava uma "esteira" de nuvens escuras que produziam granizo, e um "grande ruído" vindo de Deus.

Isso é tudo uma manifestação encarnada de Deus, um ato miraculoso de libertação? Ou poderia ser outra coisa, algo muito mais parecido com a visão de Ezequiel, que viu o que foi descrito em termos modernos como algum tipo de nave?

Davi termina o relato do ataque celestial, contando de relâmpagos sendo disparados contra seus inimigos, dispersando-os. Tudo isso foi seguido por um grande terremoto, deixando o leitor moderno se perguntando se todo este relato é uma descrição de naves e armamentos alienígenas sendo usados para libertar o rei Davi de Israel — o mesmo homem que matou um dos poucos Nefilins remanescentes, Golias de Gate — e tirou sua cabeça. Poderia esta ser uma missão de resgate enviada ao homem que matou um dos descendentes dos grandes gigantes? Ou é meramente a canção escrita por um homem que estava, como Moisés, estabelecendo sua "intimidade" com Deus perante o povo que governava?

"4 As dores da morte me cercaram, e a corrente de ímpios me amedrontou. 5 As dores do inferno me cercaram; os laços da morte me capturaram. 6 Na minha angústia clamei a Yahweh, e gritei ao meu Deus, que ouviu a minha voz do seu santuário, e escutou o meu clamor. 7 Então a terra tremeu; os fundamentos das colinas foram perturbados e abalados, porque Deus estava irado. 8 Subiu fumaça do rosto de Deus, e fogo da boca de Deus, no qual as chamas consumiram tudo o que por eles foi incendiado. 9 Deus abriu os céus, descendo com fumaça escura por baixo, 10 cavalgando sobre um querubim, um ser celestial, e voando sobre o vento, 11 fazendo das trevas o esconderijo de Deus, com um abrigo de águas escuras e as grossas nuvens dos céus ao redor. 12 Mas o brilho que cercava Deus foi seguido pelas grossas nuvens que passavam, com pedras de granizo e lampejos de relâmpago. 13 O ruído de Yahweh ribombou nos céus, e então a voz do Deus Altíssimo falou através das pedras de granizo e lampejos de luz. 14 Sim, Deus enviou rajadas de eletricidade, dispersando os inimigos, disparando como lampejos de relâmpago, e os destruiu. 15 Então as saídas das águas foram vistas, e o coração da terra foi descoberto à Tua palavra, ó Yahweh, do exaustor do Teu rosto. 16-18 Deus enviou do alto, apoderando-se de mim, e tirando-me de muitas águas, livrando-me dos meus fortes inimigos, e daqueles que me odiavam, que eram fortes demais para mim, e que me haviam envergonhado no dia da minha desgraça, mas Tu, ó Yahweh, foste o meu amparo. 19 Tu me trouxeste também para um lugar espaçoso e me livraste, porque te agradaste de mim."
(Salmo 18:4-19)

É claro, poderia ser simplesmente um grande compositor/contador de histórias embelezando seu conto com imagens vívidas e coloridas. É interessante para mim como tantos crentes na Bíblia entreterão e acreditarão nas histórias mais extravagantes e criativas contadas nas páginas das escrituras, mas rejeitarão a noção da existência de alienígenas e OVNIs, porque são simplesmente inverossímeis demais.

Há Muito Tempo, Numa Galáxia Muito Perto de Casa…

Outro Salmo de Davi fala da presença de Deus sacudindo a terra e os céus descendo como um objeto de prata e ouro, com carruagens celestiais num total de 20.000 contendo milhares de seres celestiais. Ele o descreveu como um objeto inanimado encontrado nos comedouros de um curral de ovelhas que ganha vida e voa pelo ar como uma pomba, cintilando com prata e ouro, e brilhando branco como a neve. Ele descreveu exércitos correndo com medo de sua presença. Poderia esta ser uma nave-mãe com muitas naves menores contendo seus ocupantes? Esses alienígenas viriam em resgate do escolhido de Deus?

"7 Ó Deus, quando Tu foste adiante do Teu povo, Israel, quando marchaste com eles pelo deserto; Selá: 8 A terra tremeu e as nuvens desceram à Tua presença: até o próprio Sinai tremeu na presença de Deus, o Deus do Teu povo, Israel…. 12 Chefes de forças armadas fugiram, e nossos dependentes em casa receberam os benefícios. 13 Embora Tu tenhas estado sem vida como um pote de metal, ainda assim voarás como as asas prateadas de uma

pomba, com penas de ouro amarelo. 14 Quando o Todo-Poderoso dispersou governantes nela, era branca como a neve no monte Zalmon…. 17 Os veículos de Deus são vinte mil, nos quais estão milhares de anjos: o meu Deus Soberano está entre eles, como no Monte Sinai, no lugar santo…. 32 Cantai a Deus, vós nações da terra; ó cantai louvores a Yahweh; Selá: 33 Àquele que cavalga sobre o céu dos céus, que são eternos; vede, a poderosa voz de Deus soa. 34 Nós atribuímos força a Ti, Deus: Tua grandeza está acima do Teu povo, Israel, e Tua força está nos céus. 35 Ó Deus, Tu és tremendo ao sair dos Teus lugares santos: És Tu, Deus, quem dá força e poder ao Teu povo, Israel. Bendito seja Deus!"
(Salmo 68:7-8, 12-14, 17, 32-35)

O Poder Ostentoso do Remoto

Se você é um seguidor de avistamentos e atividades de OVNIs mais contemporâneos, terá notado que muitos deles ocorrem em áreas remotas, como desertos e regiões montanhosas, e sobre grandes corpos d'água, apesar do advento mais recente de avistamentos em massa sobre áreas povoadas. Agora considere alguns dos eventos bíblicos que aguçaram as curiosidades dos antigos teóricos bíblicos de OVNIs: Moisés foi testemunha de uma manifestação física de Deus enquanto escondido na fenda de um afloramento montanhoso isolado; o profeta Elias e Moisés apareceram a Jesus e a dois de seus discípulos nas mesmas encostas da montanha onde os Vigilantes supostamente desceram à terra no Livro de Enoque, o Monte Hermom; Deus protegeu os filhos de Israel com uma coluna de nuvem de dia e uma de fogo de noite enquanto vagavam como uma tribo nômade de escravos libertos após a primeira Páscoa e o Êxodo. Esses são relatos da majestade e poder miraculosos de Deus ou poderiam ser possivelmente descrições de eventos que poderiam estar ligados a atividades de OVNIs e alienígenas? O 29º Salmo descreve alguma atividade incomum em lugares remotos e isolados que teóricos dos Alienígenas Antigos ligaram a possíveis avistamentos de OVNIs de proporção bíblica:

"3 A voz de Yahweh é ouvida através dos oceanos: o Deus da glória ribomba, ecoando sobre os mares. 4 A voz de Yahweh é forte e majestosa. 5 A voz de Yahweh quebra os cedros em dois; sim, Yahweh quebra os cedros do Líbano completamente em dois. 6 Yahweh faz os vulcões entrarem em erupção. 7 A voz de Yahweh expele chamas ardentes. 8 A voz de Yahweh sacode o deserto; o ermo ribomba. 9 A voz de Yahweh faz a corça dar à luz, e desnuda as florestas, e todos falam da glória de Deus no santuário. 10 Yahweh governa sobre o Tsunami; sim, ó Yahweh, assenta-se como Soberano para sempre."
(Salmo 29:3-10)

Colombo e o Salmista

A voz de Deus é descrita como enormemente poderosa neste Salmo. As chamas e o ruído ribombante, juntamente com armas que quebram enormes cedros em dois, causam a erupção de vulcões, fazem os desertos cascatearem com ribombos volumosos e as florestas

queimarem até virar cinzas. Tudo isso pode ser interpretado como a manifestação de naves espaciais alienígenas avançadas? Poderia uma nave espacial se esconder nas profundezas do oceano, como muitos ufólogos já acreditam? O Salmo 104 descreve um objeto muito brilhante descansando debaixo d'água, depois emergindo e se movendo com grande velocidade para as nuvens.

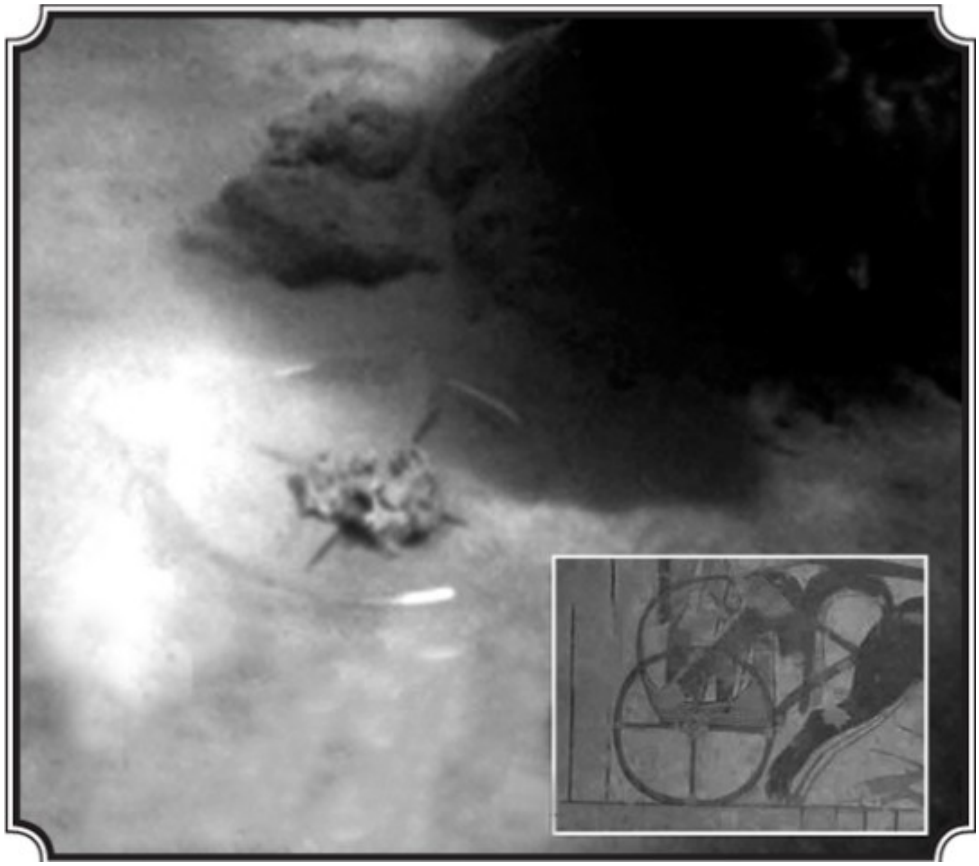
Curiosamente, um OVNI foi avistado por ninguém menos que Cristóvão Colombo durante sua viagem inaugural à América em 1492. Colombo registrou em seu diário que, enquanto navegava pelas águas do que hoje é o Triângulo das Bermudas, sua bússola começou a agir de maneira estranha. Ele e Pedro Gutierrez, enquanto estavam no convés da Santa Maria, observaram "uma luz brilhando a uma grande distância", enquanto a observaram por várias horas "em lampejos súbitos e passageiros".[11] Quatro horas depois, avistaram terra. Colombo atribuiu o avistamento à orientação divina para o Novo Mundo.

"2 Cobrindo-Te de luz como de uma veste: Tu que estendes os céus como uma cortina: 3 Que pões as vigas das Tuas câmaras nas águas e fazes das nuvens o Teu veículo, movendo-Te sobre as asas do vento: 4 Que fazes dos anjos espíritos; dos Teus ministros um fogo abrasador."
(Salmo 102:2-4)

Abrindo Caminho pelo Mar

Atividade incomum das profundezas do mar também é mencionada nos Salmos 74 e 77. De acordo com o Livro de Êxodo, Deus deixou um forte vento leste soprar toda a noite, abrindo as águas do Mar Vermelho — ou, como muitos estudiosos da Bíblia acreditam, a região pantanosa do Yam Suph, na extremidade norte do delta do Mar Vermelho. O que, além de um Deus todo-poderoso, poderia enviar uma força poderosa o suficiente para abrir as águas e permitir que os israelitas cruzassem em terra seca, liberando-a bem a tempo de afogar todo o poderoso exército do Faraó Amenhotep II? O Salmo 77:19 nos diz que Deus viaja no mar e nos oceanos, e que seu caminho não pode ser descoberto. Esta é uma referência a naves subaquáticas que atravessam obscuramente as profundezas salgadas?

"13 Tu dividiste o mar pela Tua força: quebraste as cabeças dos dragões nos oceanos. 14 Quebraste as cabeças do leviatã, as grandes bestas marinhas, em pedaços, e as deste por comida ao povo que vive no deserto. 15 Abriste a fonte e o dilúvio: secaste poderosos rios. 16 As águas Te sentiram, ó Deus, as águas Te sentiram perturbá-las e as profundezas também se turvaram. 17 As nuvens derramaram chuva, os céus trovejaram, e Teus relâmpagos também faiscaram. 18 A voz do Teu trovão estava nos céus: os relâmpagos iluminaram o mundo e a terra tremeu e se abalou. 19 O Teu caminho está no mar, e Tua vereda nas grandes águas, e Teus passos não são conhecidos."
(Salmo 77:13-19)



Uma das muitas rodas de carruagem douradas descobertas no fundo do Mar Vermelho, no Golfo de Ácaba, perto da Praia de Neweiba. Coral não cresce sobre ouro, mas a madeira dentro havia se deteriorado completamente. Inseto: Roda de carruagem em pintura de tumba egípcia.
Foto cortesia do Dr. Lennart Moller, Instituto Karolinska, Estocolmo, Suécia.

Cera Quente, Cera Fria

O Salmo 97 é uma descrição de Deus ou de uma nave alienígena? Colinas derretendo, escuridão envolvente quebrada por fogo, relâmpagos e iluminação.

"2 Nuvens e escuridão estão ao Teu redor: justiça e julgamento são os símbolos do Teu reinado. 3 Um fogo vai adiante de Ti, e queima os Teus inimigos por toda parte. 4 Teus relâmpagos iluminaram o mundo: o povo da terra viu e tremeu. 5 Os montes se derreteram como cera na presença do Soberano, na presença do Altíssimo Soberano de toda a terra. 6 Os céus declaram a Tua justiça, e todos veem a Tua glória."
(Salmo 97:2-6)

Cavaleiros da Tempestade

Deus e Seus anjos viajam em naves espaciais? Num Salmo, eles são descritos como um querubim nas costas do qual Deus cavalga descendo das nuvens. Aqui, no Salmo 144, temos uma descrição de Deus e Seus anjos voando para baixo dos céus no que é dito por alienígenas bíblicos ser uma nave espacial. E se aquela nave espacial alienígena contivesse o que conhecemos como Deus e os anjos gritando descendo dos céus e destruindo as montanhas? Esta é a descrição de uma terrível arma ufológica, ou o poder de um Deus divino? O salmista pode ter se perguntado exatamente a mesma coisa, pois questiona por que Deus tomaria nota especial de seu povo e destruiria seus inimigos. Neste versículo, ele ora para que Deus abra os céus e desça para destruir seus inimigos.

"3 Yahweh, o que são os seres humanos, para que Tu notes deles! Ou os filhos da humanidade, para que Tu os consideres! 4 As pessoas são como nada: seus dias são como uma sombra que passa. 5 Abre os Teus céus, ó Yahweh, e desce: Tu tocas as montanhas e elas fumegam. 6 Faze relâmpagos, e dispersa-os: dispara os Teus raios, e destrói-os." (Salmo 144:3-6)

Rãs e Gafanhotos e o Anjo da Morte (Oh Meu!)

O Salmo 78 é um *maskil* de Asafe — um *maskil* sendo um estilo particular de canção, muito parecido com o que chamaríamos de balada ou canção de amor — no qual o salmista relata o poderoso poder de Deus exibido contra os egípcios quando Moisés liderou os hebreus para fora do cativeiro. Ele fala das terríveis maravilhas de Deus quando Ele abriu as águas do Mar Vermelho, transformou as fontes de água egípcias em sangue, espalhou praga, rãs e gafanhotos por toda a terra, então envolveu os egípcios em completa escuridão para que o faraó "não pudesse ver sua mão diante de seu rosto". A devastação vai até a casa do faraó quando a praga final dos primogênitos tira o filho mais velho de cada casa do Egito. Alguns especularam que foi o poder de forças alienígenas que trouxe as hediondas pragas e executou os grandes milagres geológicos.

"13 Tu dividiste o mar, e permitiste que passassem por ele; fazendo com que as águas se erguessem como uma passagem de montanha. 14 Tu também os lideraste com uma nuvem durante o dia, e durante a noite com a luz do fogo. 15 Tu fendeste a rocha no deserto, e lhes deste água para beber de um riacho profundo. 16 Deus também fez sair correntes de água da rocha, fazendo-as correr como rios. 17 E eles pecaram ainda mais contra Deus, provocando o Altíssimo no deserto. 18 E tentaram a Deus em seus corações, pedindo carne para seus apetites. 19 Sim, falaram contra Deus e disseram: Pode Deus preparar uma mesa no deserto? 20 Eis que Deus fendeu a rocha, de modo que as águas jorraram, e os riachos transbordaram; Pode Deus também nos dar pão? Pode Deus prover carne para o povo também? 21 Yahweh ouviu isso, e estava irado: assim uma ardente ira se acendeu contra Jacó, e também subiu ao encontro de Israel, 22 porque não creram em Deus, e não confiaram na Tua salvação, 23 embora Tu tivesses ordenado às nuvens do alto, e aberto as portas do céu, 24 e chovesse maná sobre eles para comer, e lhes tivesses dado do grão do

céu. 25 O povo comeu o alimento dos anjos: pois Tu, Deus, lhes enviaste carne suficiente para saciá-los. 26 Fizeste soprar o vento leste no céu, 27 e trouxeste poderosamente o vento sul, chovendo carne sobre eles como poeira, e codornizes como a areia do mar, 28 e as deixaste cair no meio do seu acampamento, ao redor de suas tendas. 29 Então comeram e ficaram bem saciados, porque Tu lhes deste o que desejavam. 30 Não foram privados de seus apetites, mas enquanto a carne ainda estava em suas bocas, 31 a ira de Deus desceu sobre eles, e matou os mais fortes deles, e derrubou o povo escolhido de Israel…. 42 Não se lembraram da mão de Deus, nem do dia em que Tu os livraste do adversário. 43 Como Deus havia operado sinais no Egito, e maravilhas no campo de Zoã, transformando seus rios em sangue, fazendo com que não pudessem beber dele. 45-46 Enviaste entre eles diferentes tipos de moscas, que os devoraram; e rãs, que os destruíram, dando suas colheitas à lagarta, e seu trabalho ao gafanhoto também; destruindo suas videiras com granizo, e suas figueiras bravas com geada; destruindo também seu gado com o granizo, e seus rebanhos com raios ardentes; lançando sobre eles o furor da Tua ira, raiva, indignação e angústia, enviando anjos malignos entre eles; abrindo caminho para a ira; não poupando suas almas da morte, mas entregando suas vidas à pestilência; e ferindo todos os primogênitos no Egito, seu mais forte governante, nos santuários de Cam…. 52 Mas Tu fizeste o Teu próprio povo seguir adiante como animais, 53 guiando-os no deserto como um rebanho, liderando-os em segurança, para que não tivessem medo, enquanto o mar submergia seus inimigos. 54 Tu os trouxeste até a fronteira do Teu santuário, até esta montanha, que a mão de Deus havia comprado."
(Salmo 78:13-31, 42-43, 45-46, 52-54)

Para o Ventre da Terra

Houve uma grande rebelião entre os hebreus liderada por um homem chamado Datã. Moisés desceu com as tábuas da Lei depois de passar 40 dias no topo do tempestuoso, tumultuado e habitado por Deus Monte Sinai, apenas para encontrar o povo adorando um bezerro de ouro que haviam erguido como seu deus que os tirou do cativeiro. Em justa ira, Moisés quebra as tábuas da Lei e clama ao povo para se dividir, os seguidores de Datã deste lado, e os seguidores de Jeová daquele. Depois que se separam, o solo se abre imediatamente num grande terremoto e engole Datã e seus rebeldes. Você pode imaginar o silêncio que caiu sobre o resto do povo. Com todas as maravilhas miraculosas realizadas sob a liderança de Moisés durante seu grande Êxodo, alguém se pergunta como essas pessoas fariam qualquer coisa além de seguir a liderança de Moisés. No entanto, os Alienígenas Antigos acreditam que há mais neste relato do que uma simples história milagrosa de julgamento divino. Moisés não estava apenas sendo guiado por OVNIs pelo deserto, mas também sendo protegido e sustentado por uma raça de visitantes alienígenas? Aqui está como o livro dos Salmos registra este evento do Êxodo:

"16 Eles invejaram Moisés e Arão, os santos de Yahweh, também no acampamento. 17 A terra se abriu e engoliu Datã, e enterrou os seguidores de Abirão. 18 E um fogo se acendeu

no meio deles, queimando aqueles pecadores…. 28 Também se juntaram ao deus falso, Baal-Peor, e comeram ofertas feitas aos mortos. 29 Então provocaram a Tua ira com suas invenções, e uma doença mortal veio sobre eles. 30 Então Finéias se levantou e executou o julgamento: assim a doença mortal foi interrompida."
(Salmo 106:16-18, 28-30)

E isso é apenas alguns dos Salmos. Se fôssemos mencionar todas as passagens bíblicas que contêm mesmo um indício da possibilidade de atividade extraterrestre, não haveria espaço suficiente num conjunto de 10 volumes para listá-las, quanto menos comentá-las. Esta amostragem deve ter lhe dado um gostinho do que está dentro da própria Bíblia, quando se trata das imaginações e especulações dos teóricos bíblicos de alienígenas.

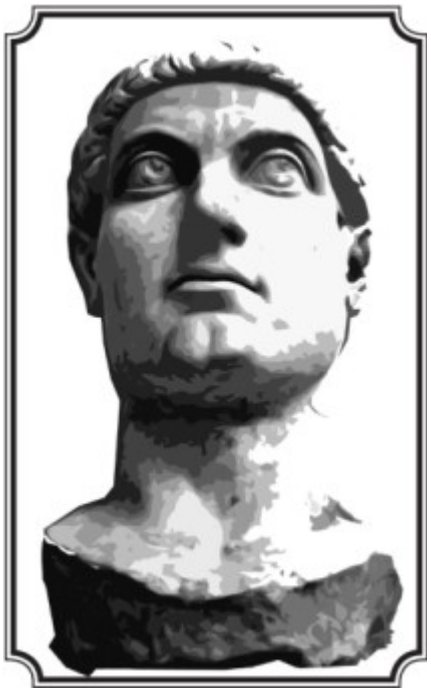
Quando consideramos todas as passagens nas escrituras que parecem indicar feitos miraculosos e ações divinas, e se você colocar todas essas passagens no contexto de Alienígenas Antigos, em oposição aos atos de Jeová, você pode ver a riqueza de informações que está ao seu alcance, nas prateleiras de quase todas as casas na cristandade.

Claramente, se sua perspectiva é uma que está firmemente enraizada no judaico-cristianismo, você verá essas passagens como os atos surpreendentes e todo-poderosos de um ser supremo benevolente e às vezes violentamente impondo sua majestade na vida de seus profetas e adoradores, fazendo um display de seu poder e majestade. Mas se o seu ponto de partida é um que está fora do reino da fé nos personagens divinos que habitam esses livros, então você está fora da caixa olhando para dentro. Sob essa luz, essas páginas podem ser preenchidas com relatos de OVNIs antigos e raças alienígenas que apareceram como Deus, anjos, demônios e uma série de outros seres celestiais.

Se Moisés, Ezequiel, Davi, os salmistas e outros líderes e figuras bíblicas testemunharam de fato presenças alienígenas, e interpretaram suas experiências como encontros com Deus, então seria absolutamente apropriado que eles tivessem advertido outros a temer a Deus e obedecer seus mandamentos. À luz das passagens que examinamos sobre os Vigilantes e sua prole, bem como os antigos deuses dos sumérios, é claro que a questão está aberta para debate e exame posterior.

Podemos nunca saber nesta vida se esses seres são de Deus ou de algum canto distante da nossa galáxia física, mas há muito material para reflexão, e um bom ponto de partida para examinar a questão mais a fundo.

Capítulo 7
Constantino: Um Imperador, Um Deus



Constantino, o primeiro imperador "cristão" de Roma.
Foto cortesia do Museu da Colina Capitolina, Roma, Itália (en.museicapitolini.org).

A história dos Nefilins e sua parentagem divina é uma que os primeiros padres da Igreja não queriam que fosse contada — pelo menos na forma completa como foi escrita no Livro de Enoque. Era um conto que transgredia os ensinamentos da Igreja de que os seres espirituais eram assexuados, e falava de seres que eram considerados deuses entre a humanidade primitiva. Sua presença na história do dilúvio de Noé foi algo que criou pânico eclesiástico entre os primeiros padres da Igreja, e quando a situação apertou, não houve consenso unânime, e Enoque foi expulso do cânon das escrituras inspiradas por Deus. Isso foi feito sob a influência do primeiro imperador cristão de Roma, Constantino, que governou de 306 a 337 d.C.

Constantino usou seu poder para estabelecer e promover a religião do cristianismo, mas sempre permaneceu uma figura controversa, especialmente através dos olhos daqueles que registraram suas histórias, que são abundantes e detalhadas, mas foram fortemente influenciadas pela propaganda oficial do período e são frequentemente distorcidas.[1] De acordo com os vários relatos contraditórios da vida de Constantino, ele foi visto por alguns como o grande Príncipe Cristão, e por outros, durante seu declínio, como um nobre herói de guerra corrompido por influências cristãs que se transformou num déspota tirânico na velhice — "um herói… degenerando num monarca cruel e dissoluto".[2]

Entre as grandes realizações do Imperador Constantino estavam seus concílios eclesiásticos, que vieram quando ele começou a entrar na parte final de seu reinado. Diz-se que ele não adotou pessoalmente o cristianismo até bem depois dos 40 anos, mas uma vez que o fez, instituiu leis que permitiam que cristãos adorassem e praticassem livremente no império romano, bem como qualquer outra religião. Constantino estabeleceu um precedente para a posição do imperador como tendo alguma influência nas discussões religiosas que ocorriam na Igreja Católica daquela época, principalmente porque ele não gostava do que considerava ser os riscos para a estabilidade social que as disputas e controvérsias religiosas traziam consigo. E assim ele buscou, sempre que possível, estabelecer uma ortodoxia. Na verdade, o imperador considerava seu dever assegurar que Deus fosse "devidamente adorado" em seu império, e que a "adoração adequada" seria determinada pela Igreja.[3]

O Concílio de Niceia, 325 d.C. Ícone Melquita do século XVII. Artista desconhecido. Foto cortesia da Galeria Peter Paul Rubens.

O primeiro concílio eclesiástico convocado por Constantino foi o Concílio de Niceia, em 325 d.C., no qual várias resoluções da Igreja foram discutidas e postas em movimento. Entre elas estava o início da canonização das escrituras, que estabeleceu um precedente para remover das escrituras qualquer livro sobre o qual todo o concílio não pudesse concordar unanimemente. O Livro de Enoque, apesar de suas muitas menções ao longo dos escritos do Antigo e do Novo Testamento, bem como ser citado por Moisés e pelo apóstolo Paulo, não foi unanimemente aceito, e caiu sob a faca cirúrgica do concílio.

Mantenha em mente, ao considerar os fatos por trás do Concílio de Niceia, as motivações gerais por parte do Imperador Constantino ao convocá-los. Embora a reputação de Constantino tenha sido reforçada por sua máquina de propaganda, é bem conhecido[4] que ele foi motivado pelo desejo de estabelecer apenas duas coisas:

1. Um Deus/um imperador.
2. Uma religião/um império.

Constantino era acima de tudo um pragmático, e seu cristianismo só foi proeminente quando foi politicamente conveniente — e ele não se tornou mais compassivo após sua conversão ao cristianismo. Logo após presidir o Concílio de Niceia, ele voltou imediatamente para Constantinopla e assassinou sua esposa, Fausta, e seu filho mais velho, Crispo. Fausta era madrasta de Crispo, e havia rumores de que ela e Crispo estavam envolvidos em imoralidade enquanto o imperador estava ausente. Constantino mandou ferver sua esposa lentamente até a morte num banho, e seu filho foi envenenado a frio. De fato, Constantino foi o garoto-propaganda de viver sua vida da maneira mais licenciosa e pervertida possível, reservando o batismo para o leito de morte. Que foi exatamente o que ele fez. Ele viveu sua vida tão perversamente quanto qualquer outro imperador romano, apesar dos caminhos que pavimentou para o cristianismo e sua propagação, e foi aos gritos para o céu simplesmente porque foi batizado minutos antes de morrer.

Dentro dos primeiros 400 anos do cristianismo, existiam mais de 20 evangelhos, 15 apocalipses e quase 50 outros textos sobre Jesus. Em alguns desses textos, Jesus não morreu, vingou-se de seus inimigos, não era humano de forma alguma, não era Deus de forma alguma, e era um mestre sábio em vez de um operador de milagres. O Evangelho de Tomé, atribuído a "Tomé, o Incrédulo", foi descoberto em sua totalidade e contém o que se alega serem citações diretas de Jesus, mas foi deixado de fora da Bíblia. O Evangelho de Pedro, o melhor amigo de Jesus entre os discípulos, diz que Jesus ficou em silêncio na cruz e não sentiu nenhuma dor, pois apenas parecia humano, mas este Evangelho também foi deixado de fora da Bíblia. Apenas quatro selecionados dos evangelhos escritos entraram na Bíblia — Mateus, Marcos, Lucas e João — e apenas aqueles Evangelhos que diziam a seus seguidores o que a Igreja Romana primitiva queria que eles ouvissem. O desejo de Constantino de ter uma única autoridade na Igreja aparentemente funcionou muito bem.

Livros perdidos mencionados na Bíblia, mas removidos pelo Concílio:
- Livro de Jasher (Josué 10:13, 2 Samuel 1:18).
- Livro dos Atos de Salomão (1 Reis 11:41).
- Livro de Samuel, o Vidente (1 Crônicas 29:29).
- Livro de Gade, o Vidente (1 Crônicas 29:29).
- Livro de Natã, o Profeta (1 Crônicas 29:29; 2 Crônicas 9:29).
- Profecia de Aías (2 Crônicas 9:29, 13:22).

- Visões de Ido, o Vidente (2 Crônicas 9:29, 12:15, 13:22).
- Livro de Semaías (2 Crônicas 12:15).
- Livro de Jeú (2 Crônicas 35:25).
- Ditos dos Videntes (2 Crônicas 33:19).
- Lamento por Josias (2 Crônicas 35:25).
- Epístola de Paulo aos Coríntios antes do nosso "1 Coríntios" (Coríntios 5:9).
- Epístola de Paulo à Igreja em Laodiceia (Colossenses 4:16).

O Livro de Enoque

Porque passamos tanto tempo falando sobre e em torno de, e citando o livro de Enoque — bem como mencionando sua exclusão do cânon escriturístico — parece que é hora de dar um pouco de história sobre o autor e o próprio livro.

O Livro de Enoque é um antigo manuscrito religioso judaico atribuído a Enoque, o bisavô de Noé (o mesmo Noé associado à história da Arca e do Dilúvio de Gênesis 6-9) e, de acordo com o Novo Testamento, no Livro de Judas, o sétimo descendente de Adão. Enoque é um daqueles manuscritos antigos que foram removidos do agora tradicional cânon bíblico (a palavra *cânon* vem do grego "
", que significa "regra"). Simplificando, você não encontrará o livro de Enoque numa Bíblia atual, mas ele é agrupado com vários outros livros referidos como escritos apócrifos, significando que eram considerados ocultos, esotéricos, espúrios ou de autenticidade questionável pelos líderes da Igreja da época. Você pode encontrar alguns desses livros em sua própria seção em várias versões da Bíblia cristã, mas eles são claramente rotulados como "não escriturísticos". E embora o Livro de Enoque seja considerado questionável pelo Judaísmo e por todo o Cristianismo, ele é considerado canônico pelas Igrejas Ortodoxa Etíope e Ortodoxa Eritreia.

Fragmento do Manuscrito do Mar Morto de 1 Enoque. O verso de P.Mich.inc. 5552, mostrando porções do Livro de Enoque em grego. Este manuscrito faz parte dos Papiros Chester Beatty, e é a terceira folha do manuscrito sobrevivente.
Foto licenciada sob a Creative Commons da Wikipédia.

O Livro de Enoque, juntamente com vários outros livros apócrifos, foi excluído da Bíblia durante o Concílio de Niceia em 325 d.C., que foi convocado pelo imperador romano Constantino, o primeiro imperador "cristão" do Império Romano. Mas o status de Constantino como "cristão" é tão duvidoso quanto alguns dos livros que seus emissários eclesiásticos nomeados empiricamente expulsaram da Bíblia.

A primeira seção do Livro de Enoque (Manuscritos do Mar Morto) descreve a queda de um grupo de entidades não humanas conhecidas como os Vigilantes — os *bene haElohim* — os Filhos de Deus que geraram os Nefilins. Sua descida à terra é registrada não apenas no Livro de Enoque, mas também no livro do Antigo Testamento, Gênesis, onde o assunto foi editado para apenas algumas meras sentenças, seja pelo próprio Moisés ou por escribas posteriores. Na passagem de Gênesis 6:1-4, encontramos Moisés fazendo o que Moisés frequentemente fazia: abreviar e extrapolar informações vitais sem muito detalhe. A passagem é obviamente uma série de citações de uma fonte muito mais antiga sobre os Nefilins, mas contém marcas distintas de ter sido editada posteriormente, pois o estilo de escrita não corresponde ao do resto do livro.

Apesar de estudiosos modernos datarem a autoria do Livro de Enoque para um período da história judaica conhecido como "O Cativeiro" (por volta do terceiro ou quarto século a.C., quando a Diáspora — a nação dispersa de Israel — vivia na Babilônia), Enoque é um livro muito mais antigo. No Livro do Novo Testamento de Judas, o Livro de Enoque é citado, e a autoria óbvia é atribuída a Enoque, o sétimo descendente de Adão.

"14 Enoque, o sétimo depois de Adão, profetizou acerca deles, dizendo: 'Eis que o Senhor vem com milhares de seus santos, 15 para julgar a todos e para convencer a todos os ímpios de todas as obras ímpias que cometeram impiamente, e de todas as palavras duras que ímpios pecadores falaram contra ele.'"
(Judas 1:14-15)

O apóstolo Paulo, que escreveu a pequena epístola de Judas, era um membro educado do Sinédrio judeu antes de sua conversão ao cristianismo, e o Livro de Enoque era muito conhecido por sua classe educada e religiosa.

O Livro de Enoque abre com estas breves palavras sobre o próprio Enoque, dizendo:

"2 [Enoque] um homem justo, cujos olhos foram abertos por Deus para que visse uma visão do Santo nos céus, a qual os filhos de Deus me mostraram, e deles ouvi tudo, e soube o que vi…."
(Enoque 1:2)

Este manuscrito fragmentário é semelhante a porções do Livro dos Jubileus, um importante escrito do Judaísmo do Segundo Templo que sobreviveu apenas entre leitores cristãos e que tem sido conhecido por nós há muito tempo a partir de versões em grego e etíope. Entre os cristãos etíopes, os Jubileus era tão valorizado que realmente se tornou parte de sua versão do Antigo Testamento. Quinze pedaços fragmentários de Jubileus surgiram entre os Manuscritos do Mar Morto, estabelecendo a obra como uma das mais comuns entre aqueles esconderijos e testificando claramente sua importância para aqueles que esconderam os textos. Como os cristãos etíopes, eles podem ter considerado o livro como parte do cânon da Sagrada Escritura.

Sob essa luz, o Livro de Enoque parece ser uma releitura do Livro dos Jubileus, assim como Gênesis parece ser um resumo muito breve do que é encontrado no Livro de Enoque em seu segmento sobre os Nefilins. Pode ser que devêssemos considerar Enoque um exemplo de "Bíblia reescrita", o fenômeno interpretativo que encontramos com tanta frequência nos pergaminhos. Fragmentos sobreviventes dos pergaminhos rotulados como "4Q227" relacionam-se a Jubileus 4:17-24, mas apresentam o material numa ordem diferente.

Jubileus 4:18 relata que os anjos ensinaram a Enoque o calendário.
Jubileus 4:22 diz que Enoque testemunhou contra os Vigilantes, ou anjos caídos, que tomaram esposas humanas e cuja prole eram os Gigantes.
Jubileus 4:23 fala do julgamento do mundo inteiro.
Frag. 2 i […E]noque, depois que o ensinamos 2 […ele estava com os anjos de Deus] seis jubileus completos 3 […a te]rra, no meio dos filhos dos homens e testemunhou contra todos eles 4 […] e também contra os vigilantes. E escreveu todo […] céu e os caminhos de suas hostes e [sa]ntos 6 […Para que os ju[stos] não cometam erro […]

Cosmologia Antiga

De acordo com a filosofia hindu, a vida no universo é criada, destruída e recriada uma vez a cada 4,1 a 8,2 bilhões de anos. Cada um desses ciclos de criação é um período de tempo repetido dividido por quatro *yugas*, ou épocas/eras. Diz-se que os ciclos se repetem como as estações do ano, crescendo e diminuindo dentro de um ciclo de tempo maior da criação e destruição do universo. Como verão, primavera, inverno e outono, cada *yuga* envolve estágios ou mudanças graduais pelas quais a terra e a consciência da humanidade passam como um todo. Esses ciclos, evoluindo da luz para a escuridão, são o *Satya yuga*, o *Treta yuga*, o *Dvapara yuga* e finalmente o *Kali yuga*. Diz-se que um ciclo completo de *yuga* de uma alta Idade de Ouro do esclarecimento a uma Idade das Trevas e de volta é

causado pelo movimento do sistema solar em torno de outra estrela, um sistema estelar binário que gira em torno do nosso sistema solar.

De acordo com esta cosmologia, estamos atualmente no ciclo final da *yuga*, o *Kali yuga*, que é a mais escura das "estações", também conhecida como a Era do Demônio Masculino [Kali], e a Era do Vício. De acordo com o *Surya Siddhanta*, o *Kali yuga* começou à meia-noite de 18 de fevereiro de 3102 a.C., e durará 432.000 anos.[5]

Capítulo 8
Os Nefilins

"Que obra-prima é o homem! Quão nobre na razão! Quão infinito nas faculdades! Na forma e no movimento, quão expresso e admirável! Na ação, como se parece a um anjo! Na compreensão, como se parece a um deus!"
—William Shakespeare (*Hamlet* II, ii)

Agora estamos no ponto. O "cerne" de todo este livro: os próprios Nefilins. Gastamos muitas palavras para chegar a este capítulo, e examinamos muitas bases diferentes e facetas de desvios que nos levaram a este ponto, embora não exaustivamente. Como mencionei na Introdução, certamente não sou o princípio e o fim sobre o tópico dos Nefilins, os Vigilantes, seus aspectos e ramificações religiosas e espirituais, nem o ângulo alienígena alternativo que tocamos de maneira tão superficial. No entanto, sou mais um numa longa e cada vez mais alongada linha de pesquisadores interessados e investidos a estudar, examinar e chegar a conclusões um tanto acadêmicas. Fundi o trabalho acadêmico feito por tantos outros antes de mim, abordei a cultura pop, a ciência marginal e metafísica, e apresentei ideias e hipóteses extraídas dos dados históricos, culturais, arqueológicos e antropológicos que são tão dispersos e diversos sobre este tópico.

O que está claro é que algo fenomenal aconteceu em nosso passado antigo — e ainda está acontecendo hoje — que não deveria ser relegado simplesmente ao reino do sobrenatural ou do paranormal apenas porque lida com assuntos que caem fora das linhas traçadas na areia pelas comunidades científica e religiosa. Tenho achado extremamente desafiador, mas estranhamente interessante, que os dois campos diferentes em quase qualquer fenômeno, teoria ou tópico por aí parecem inconscientemente se unir em suas dissensões opostas e posturas dogmáticas quando se trata dos Nefilins e de todas as informações ao redor.

Como mencionei em minhas palestras públicas muitas vezes, um estudo dos Nefilins não é tarefa simples, pois abrange uma infinidade de informações enormemente diversas que se aprofundam em tantos outros aspectos da existência humana. A história dos Nefilins é um tópico enorme, pois vai às raízes da religião, fé, ciência e da existência da humanidade como a conhecemos — ou não a conhecemos — hoje.

Por um lado, os Nefilins falam sobre as fundações do desenvolvimento humano; a codificação do DNA e o desenvolvimento antropológico antigo da civilização humana. Por outro lado, os Nefilins representam uma casta de prole mutante e corrupta, legada pelos Vigilantes, parte da hoste de seres criados com estrutura militar que eram subservientes ao Santo Deus dos judeus e dos cristãos. E o que resulta é nada menos que um dilema científico-religioso: decidir qual extremidade do espectro você escolhe acreditar sobre esses personagens que são tão produto de uma história mitológica. E, sim, é sobre crença, porque mesmo os fatos usados para estabelecer um caso mais ou menos sólido para a existência desses seres não seguem os ditames das regras históricas, científicas e antropológicas. Seu ponto de origem está dentro de textos religiosos e dos escritos de fé que compreendem as escrituras de todos os diferentes aspectos espirituais, e como você já experimentou nas páginas anteriores deste livro, usei como meu ponto de partida o Livro de Gênesis nas escrituras judaico-cristãs — afinal, a própria palavra *Nefilim* é originada dessas páginas.

Você está lendo este livro porque essas coisas são de seu interesse. Ou você possui uma crença de que eles existem e quer saber mais sobre isso. Ou você tem uma curiosidade sobre esses tipos de mistérios que o leva a descobrir o que outros têm a dizer sobre eles. Ou você está simplesmente olhando para estas páginas para apontar o que deixei de fora ou onde minhas teorias são desonestas ou carecem de erudição. Seja qual for o seu caso, quando se trata dos Nefilins e de toda a massa de informações ao redor usada para construir um caso, você tem que — em sua própria mente — chegar a uma de duas conclusões: Ou os Nefilins são produtos da imaginação de base espiritual, ou eles são seres reais que existiram, seja com explicações não sobrenaturais ou espirituais.

Isso me lembra uma história verdadeira que ouvi na minha juventude, contada pelo chefe das Missões Batistas do Meio-Oeste. Um grupo de missionários montou um hospital de selva para ajudar a população de várias pequenas aldeias na África Ocidental. À medida que seu posto médico se estabelecia, os missionários tiveram que trabalhar muito diplomaticamente com o "curandeiro" tribal, que via a influência da medicina moderna como uma ameaça ao seu ofício e influência sobre os locais. Houve um surto de doença no qual se descobriu que certas bactérias eram a causa da doença, embora o curandeiro insistisse que era de natureza demoníaca. Por convite, o xamã tribal veio ao hospital da missão e lhe mostraram um microscópio, através do qual ele pôde realmente ver as bactérias vivas e o que elas faziam nas células humanas para causar a doença que estava afligindo os aldeões. O curandeiro saiu da reunião descontente e irritado. No final daquela mesma noite, o hospital da missão foi invadido pelo curandeiro e seus capangas. Eles roubaram o microscópio, levaram-no para o centro da aldeia e o despedaçaram. Quando confrontado pela equipe da missão e perguntado por que fez uma coisa dessas com um equipamento médico tão caro e valioso, o xamã sorriu, com um certo brilho nos olhos, e disse muito baixinho: "Agora não há mais bactérias."

Só porque não podemos ver ou ignoramos a evidência, isso não a torna inexistente. Estas páginas, juntamente com os escritos de muitos outros, simplesmente funcionam como um microscópio para apontar os fatos, sejam científicos, religiosos, espirituais, arqueológicos ou qualquer outro método incorporado para estabelecer os quem, o quê, onde e porquê dos Nefilins, seus progenitores e as ramificações históricas. Destruir ou diminuir o veículo da escritura ou mitologia não pode desfazer o que existe.

"Os Nefilins estavam na terra naqueles dias, e também depois, quando os Filhos de Deus [os *bene ha'Elohim*] desceram às filhas dos seres humanos [Adão] e tiveram filhos com elas. Eles foram os heróis de outrora, homens de renome."
(Gênesis 6:4)

Prole Divina

Quando eu era criança pequeno frequentando a Escola Dominical na igreja local do nosso bairro, me ensinaram sobre a história de Noé e a Arca. De acordo com os recortes de feltro do quadro de história, Noé era um homem que usava uma túnica e tinha uma barba branca. Deus lhe disse para construir uma enorme embarcação e levar dois de cada tipo de animal a bordo, pois haveria um Grande Dilúvio que destruiria toda a terra. A razão para o Dilúvio, nos ensinaram, era que Deus havia ficado irado com os humanos devido ao seu pecado e maldade, e em sua santidade absoluta, ele precisava destruir todos os seres vivos e começar tudo de novo, relançando a raça humana com Noé e seus filhos e suas esposas, as únicas pessoas justas deixadas na terra sem serem manchadas pela maldade do resto da humanidade. Ouvi esta história repetida muitas vezes enquanto crescia, e vi muitas variações de livros infantis ilustrados, brinquedos, fantoches e até desenhos animados e filmes retratando o conto. Mas nunca, em todas essas narrações e renarrações da história, ouvi uma vez sobre os Nefilins. Pelo menos até ser muito mais velho, frequentando a Faculdade Bíblica e o seminário.

Ao pensar sobre a omissão deliberada por parte dos meus vários professores da Escola Dominical de uma das características mais importantes da história de Noé e da Arca, perguntei-me se seria, talvez, devido ao fato de que toda a história depende de atos sexuais — talvez até estupros — perpetrados contra mulheres humanas por seres divinos. Certamente seriam coisas que a maioria dos trabalhadores leigos da igreja conscientes das crianças considerariam muito gráficas para as mentes infantis. No entanto, esses eventos sexuais são vitais para entender toda a passagem e as implicações muito mais profundas de por que o dilúvio ocorreu.

"1 Quando os seres humanos começaram a multiplicar-se na terra e lhes nasceram filhas, 2 os filhos de Deus viram que as filhas dos humanos eram bonitas, e casaram com qualquer uma delas que escolheram. 3 Então o Senhor disse: 'Meu Espírito não contenderá com os humanos para sempre, pois eles são mortais[b]; seus dias serão cento e vinte anos.' 4 Os

Nefilins estavam na terra naqueles dias — e também depois — quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos humanos e delas tiveram filhos. Eles foram os heróis de outrora, homens de renome. 5 O Senhor viu como a maldade da raça humana se tornara grande na terra, e que toda inclinação dos pensamentos do coração humano era apenas má o tempo todo. 6 O Senhor arrependeu-se de ter feito os seres humanos na terra, e seu coração ficou profundamente perturbado. 7 Então o Senhor disse: 'Eliminarei da face da terra a raça humana que criei — e com eles os animais, as aves e as criaturas que se movem pelo chão — pois me arrependo de tê-los feito.' 8 Mas Noé encontrou favor aos olhos do Senhor.'" (Gênesis 6:1-8)

"1 E aconteceu que, quando os filhos dos homens começaram a multiplicar-se sobre a face da terra e lhes nasceram filhas, os Filhos de Deus as viram num certo ano deste jubileu, que eram bonitas de se ver; e tomaram para si mulheres de todas as que 2 escolheram, e elas lhes deram à luz filhos, e eles eram gigantes. E a ilegalidade aumentou sobre a terra e toda carne corrompeu o seu caminho, igualmente homens e gado e bestas e aves e tudo o que anda sobre a terra — todos eles corromperam os seus caminhos e as suas ordens, e começaram a devorar uns aos outros, e a ilegalidade aumentou sobre a terra e toda imaginação dos pensamentos de todos os homens 3 (era) assim maligna continuamente…." (Jubileus 5:1-3)[1]

Todo o relato dos Nefilins, como já vimos, foi o preâmbulo do relato de Gênesis sobre o Dilúvio de Noé, e quando lido em seu contexto, confere um significado maior e mais profundo à compreensão do resto da história do Dilúvio de Gênesis — um significado que aparentemente foi mantido afastado da maioria dos fiéis frequentadores da igreja e congregações, e evitado pela maioria dos ministros durante séculos. É um daqueles tópicos tabus que requer uma compreensão muito maior da escritura e do porquê foi escrita e, portanto, é sumariamente pulado ou evitado por medo de abrir uma caixa de Pandora que está além do conhecimento dos praticantes que a ensinam, ou fora do reino do que eles querem que suas congregações entendam. Nem uma narrativa tradicional da história de Noé e da Arca, e da destruição da terra pela misericórdia de um grande dilúvio enviado por Deus, se encaixa confortavelmente no quadro de salvação e fé que a maioria dos mestres cristãos quer atribuir ao significado da passagem.

A razão para essas omissões e para ignorar a menção dos Nefilins na passagem torna-se extremamente clara quando se dá um passo atrás das escrituras bíblicas e se começa a entender o relato do Dilúvio de Noé e dos Nefilins como parte de uma história muito maior, com implicações muito mais profundas — e ainda mais quando se descobre que é incrivelmente comparável a muitos outros mitos e lendas encontrados em outras culturas. Sob essa luz, o relato bíblico começa a assumir a forma de simplesmente uma versão de um evento que é espelhado em muitos outros escritos religiosos e no que parecem superficialmente ser mitologias alegóricas de quase todas as culturas do mundo antigo.

A Assembleia dos Filhos de Deus

Os adornos do céu afundam num mistério mais profundo e escuro cada vez que olho para suas profundezas. Quanto mais penso nos meus dias crescendo na igreja cristã, menos entendo as superficialidades de Deus e Seus anjos que aprendi enquanto estava lá. O conceito da Assembleia dos Deuses ou do Conselho Divino que era composto pelos Deuses menores sob o governo de Yahweh remonta ao panteão dos sumérios, outrora considerada a civilização mais antiga do mundo, mas parecendo relativamente jovem em comparação com novas descobertas de lugares como Gobekli Tepe, os complexos de templos circulares que datam cerca de 8.000 anos antes da civilização suméria.

Um pilar esculpido no templo de Gobekli Tepe, perto de Danliurfa, Turquia, o templo mais antigo conhecido do mundo, datado de 12.000 a.C.
Foto cortesia de Berthold Steinhilber.

O conceito do Concílio Divino era universalmente compartilhado pelas tradições religiosas semíticas do antigo Oriente Próximo que vieram depois dos sumérios. O deus sumério An e sua esposa Ninhursag criaram ou deram à luz os outros deuses no panteão sumério. Este casal divino geralmente permanecia alheio aos assuntos humanos, residindo além do céu e permitindo que seus filhos, os deuses menores, criassem o primeiro homem e a primeira mulher e toda a humanidade como uma raça de seres subservientes. Esses deuses menores também se tornaram os patronos dos vários estados-cidade da Suméria.

Esses deuses menores formaram uma Assembleia dos Deuses, conhecida como Anunnaki, na língua da Suméria, que era presidida por Enlil, seu deus-rei. Cada um desses deuses menores da Assembleia representava ou controlava as principais forças que afetavam a vida de seus servos humanos. A esposa de Enlil, Ninlil, também era conhecida como a Donzela, que governava sobre a fertilidade humana. Inanna, a Rainha do Céu, era tanto a deusa da paixão quanto da guerra. Foi Enki, o deus da sabedoria, que foi originalmente o deus patrono da cidade de Eridu, mas mais tarde a influência de seu culto se espalhou por toda a Mesopotâmia e para os cananeus, hititas e hurritas, que criaram o prato do mundo que flutua sobre o grande abismo das águas primordiais.[2]

Houve alguma controvérsia sobre a interpretação dos Anunnaki nos tempos modernos. Você pode atribuir isso à "deriva espiritual" da humanidade, na medida em que as pessoas estão constantemente buscando respostas além das tradições que mantiveram firmes por tantas centenas e milhares de anos. Como disse muitas vezes, o homem é uma besta da descoberta, querendo sempre saber mais, experimentar os limites e expandir o conhecimento. Afinal, mesmo no Livro de Gênesis, quando Eva sucumbiu às seduções da serpente, não foi porque ela estava curiosa e queria saber e experimentar mais? Essas coisas dos Vigilantes, Nefilins, Concílio Divino dos deuses — essas são todas coisas de nova descoberta, apesar de sua natureza antiga e do fato de que sempre soubemos delas.

Mas queremos saber mais.

Então lemos e escrevemos livros como estes para encontrar maneiras de expandir nosso conhecimento. Nessas tentativas de encontrar o país não descoberto, continuamos lançando novos pensamentos, novas ideias, novas teorias. Um dos mais recentes desenvolvimentos — na grande escala da história, isto é — tem sido o advento da reviravolta dos "Astronautas Antigos/Alienígenas Antigos" na história e na religião tradicional. Poder-se-ia atribuir isso ao desejo do homem de obter conhecimento; outros podem considerar o "afastamento" da verdade para encontrar respostas que não exigem adesão às restrições da religião. Seja qual for, tem descoberto teorias que desafiam a nomenclatura da história religiosa e até mesmo da própria fé.

Um dos primeiros pioneiros na cultura dos Astronautas Antigos foi Erich von Däniken, que escreveu sua série de livros *Eram os Deuses Astronautas?* no início dos anos 1970. Outro foi o falecido Zecharia Sitchin e seus escritos quase religiosos de *O 12º Planeta* e livros subsequentes. Suas ideias impulsionaram os Anunnaki para a cultura popular na comunidade ufológica e agitaram um caldeirão fumegante de controvérsia caseira sobre o tópico. Cresci nos anos 1970 e gostei muito e fiquei profundamente intrigado com os escritos de von Däniken, e ainda o aprecio hoje em suas muitas aparições em vários documentários sobre a cultura teórica dos Alienígenas Antigos. Ele é um pioneiro que abriu o caminho. No entanto, embora ambos os autores pesquisadores respeitados e altamente

populares tenham feito grandes avanços, forjando o caminho para inúmeros outros teóricos sobre o assunto, elementos de seu trabalho permanecem questionáveis, alguns revelando descobertas falsas e uma severa falta de compreensão da história e da linguística das culturas que examinam. Sitchin, especialmente, enquanto afirma ser especialista na antiga língua suméria, faz saltos exponenciais na definição de certas palavras que usa para lançar as pedras angulares fundamentais de sua plataforma de Alienígenas Antigos, traduzindo completamente mal as palavras e aparentemente não compreendendo a língua que ele alegava conhecer tão bem. As hipóteses de Sitchin nunca foram aceitas por cientistas e pares acadêmicos, que descartam seu trabalho como pseudociência e pseudo-história.[3] O trabalho de Sitchin tem sido criticado por metodologia falha e traduções incorretas[4] de textos antigos, bem como por alegações astronômicas e científicas incorretas.

Um dos mais respeitados estudiosos de línguas antigas, Michael S. Heiser, diz sobre Sitchin:

"Como notei em minha carta aberta a Zecharia Sitchin, eu o desafiei e outros pesquisadores de astronautas antigos a produzir uma linha de um texto cuneiforme que demonstre que suas ideias sobre os Anunnaki estão realmente nos textos sumérios. Quero ver uma linha de um texto que diga coisas como os Anunnaki habitam um planeta ou habitam Nibiru, ou que o termo 'Anunnaki' significa 'povo dos foguetes de fogo', esse tipo de coisa."[5]

O Nome Indizível de Deus

Voltando ao Concílio Divino, o panteão da antiga Suméria foi eventualmente emprestado pelos vizinhos do norte da Suméria, os povos semíticos da Mesopotâmia. E "emprestado" é um termo excessivamente simplista. Seria muito melhor dizer que a antiga religião evoluiu e se espalhou para as outras civilizações que surgiram da e ao redor da cultura suméria. Geralmente, eles substituíam nomes semíticos pelos deuses sumérios, mas a estrutura do panteão, incluindo a distinção entre os Progenitores Divinos e a Assembleia dos Deuses, foi mantida nas religiões semíticas — embora os povos semíticos normalmente substituíssem o nome de seu deus chefe local pelo nome particular do Deus-rei que era um dos deuses da Assembleia.

Vemos isso na história mais recente com a igreja cristã, quando ela baniu as religiões pagãs e assumiu seus bosques e lugares altos, construindo suas catedrais, e até renomeando os feriados pagãos com versões cristianizadas. No entanto, a cristianização da Europa pagã assemelha-se mais a uma conquista do que a uma evolução, muito parecido com os pogroms instituídos por Jeová para "exterminar" todos os habitantes não crentes da terra de Canaã, a fim de instituir a religião pura do judaísmo. E embora isso possa parecer uma declaração generalizada demais, tudo o que você precisa fazer é ir às páginas do Antigo Testamento para encontrar instância após instância repetidas vezes de genocídio e xenocídio de base religiosa. Não é de admirar que a igreja primitiva sentisse a necessidade de matar "infiéis". Não é difícil, então, compreender o hediondo assassinato de alguém como Hipátia de

Alexandria[6] — considerada a primeira notável matemática feminina que também ensinou filosofia e astronomia — nas mãos de multidões cristãs assassinas[7] sob as ordens de seu bispo, São Cirilo de Alexandria. Também não é difícil ver como até mesmo as Cruzadas foram então justificadas pela hierarquia cristã da época, pois era tanto o padrão estabelecido nas páginas das escrituras do Antigo Testamento. A propagação da religião e da prática religiosa evoluiu, ou foi imposta e forçada sobre as novas massas de plebeus pelas mãos de um monarca ou corpo governante que precisava estabelecer sua base de poder sobre o povo. (Veja o Capítulo 7 para mais sobre isso.)

Na religião babilônica, os filhos de El, coletivamente conhecidos como Elohim, eram subordinados a seu pai, El. Esses filhos do deus presidiam individualmente sobre as várias estrelas e planetas, bem como sobre suas respectivas propriedades terrenas individuais. No auge da civilização babilônica, os Elohim eram governados por um filho de El chamado Marduk, que podia ser visto nos céus noturnos como a "estrela errante", o planeta Júpiter atual. Na cultura cananeia, vizinhos do norte e competidores políticos dos israelitas hebreus, Marduk era chamado simplesmente de Senhor ou Ba'al, enquanto seu verdadeiro nome (Hadu ou, em alguns dialetos, Hadade) era mantido em segredo e conhecido apenas por seus sacerdotes. O principal rival de Ba'al pela realeza entre os deuses era Yamm, que significa "Mar", que às vezes também assumia a forma de um deus da tempestade — pense: Zeus. Seu nome pessoal era Yaw ou, em alguns textos, Yawu. Por exemplo, na Epopeia de Ba'al, El, falando com Athirat sobre seu filho Yamm, diz: "O nome do meu filho é Yaw, ó Deusa…".

É extremamente interessante notar que o nome Yamm é intrigantemente semelhante ao nome da divindade hebraica Yahweh, cuja forma abreviada era Yah. A semelhança dos nomes é paralela a uma semelhança de papéis, porque Ba'al era considerado pelos hebreus como o principal rival de Yahweh. Embora esta identificação não seja certa, pensa-se que eles eram a mesma divindade por alguns estudiosos ou, no mínimo, derivados das mesmas raízes.

Da mesma forma que os cananeus, os hebreus consideravam o verdadeiro nome de seu deus tribal, Yahweh, como sagrado demais para uso comum, e também geralmente o chamavam simplesmente de "Senhor" (hebraico *adonai* [
] ou, às vezes, *ba'al* [
]). Considere a cena de Moisés diante da sarça ardente. No relato do Livro de Êxodo, Moisés pede a Deus que "lhe diga seu nome":

"13 Então Moisés disse a Deus: 'Quando eu for aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? que lhes direi?' 14 Deus disse a Moisés: 'EU SOU O QUE SOU.' [em outras traduções: 'EU SEREI O QUE SEREI' — ou literalmente: 'EU SOU AQUELE "EU SOU" DE QUE FALAM'] E disse: 'Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós.' 15 Deus disse mais a Moisés:

'Assim dirás aos filhos de Israel: O SENHOR, [quando em letras maiúsculas, significa 'YHWH'] o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós. Este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado por todas as gerações.'"
(Êxodo 3:13-15)

Saber o nome secreto de Deus era proibido na religião hebraica, e de maneira indireta Moisés aqui estava pedindo a Deus que lho revelasse, o que, segundo a tradição, teria dado a Moisés poder sobre Deus. Novamente, a ambição de Moisés se destaca, ou pelo menos a necessidade de se elevar como o faraó-deus de Israel.

Outro exemplo primordial disso foi quando o profeta Eliseu invocou o nome secreto de Deus (como ele o obteve, não sabemos) para punir alguns jovens que zombavam dele e de sua posição como profeta de Israel.

"23 Ele [Eliseu] subiu dali a Betel; e, subindo pelo caminho, uns meninos pequenos saíram da cidade e zombavam dele, dizendo: 'Sobe, calvo! Sobe, calvo!' 24 Então ele se virou, e, vendo-os, os amaldiçoou em nome do SENHOR [letras maiúsculas = 'YHWH']. E duas ursas saíram do bosque e rasgaram quarenta e dois daqueles meninos. 25 Dali ele foi ao monte Carmelo, e dali voltou para Samaria."
(2 Reis 2:23-25)

Como um desvio, mas vital para entender todas essas coisas, acho muito interessante notar que o profeta nesta passagem foi capaz de invocar o nome do Senhor e matar violenta e maliciosamente 42 crianças que zombavam dele. Apesar do fato de Betel ser conhecida por zombar dos profetas de Deus, esta parece uma consequência extrema para intimidação infantil. Talvez esta seja uma imagem da grave consequência incontrolável de invocar o nome secreto de Deus. Pois como mostra o texto, não houve outra consequência para as ações extremas de Eliseu. E como uma anedota a esta história, tenha em mente o terceiro mandamento de Moisés:

"Não pronunciarás o nome de Yahweh teu Deus em vão, porque Yahweh não terá por inocente aquele que pronunciar o seu nome em vão."
(Êxodo 20:7; A Bíblia de Jerusalém)

Uma leitura mais literal num idioma moderno seria algo como "Não pronunciarás o nome secreto de Deus para usá-lo para fins vãos ou egoístas, pois Yahweh não deixará impune a pessoa que assim o fizer". Este mandamento tem pouco a ver com praguejar e dizer coisas como "Que Deus me dane". Tem mais a ver com a conduta de vida de uma pessoa, especialmente à luz do nome secreto de Deus sendo usado para cumprir propósitos vãos. Eliseu parecia estar em violação deste mandamento, no entanto não há consequência mencionada na passagem. É pura e completa especulação, mas talvez o maior castigo de

todos fosse viver na horrível consequência de ter utilizado o Santo para realizar um ato tão maligno.

À medida que Israel expandia seus territórios, conquistando e possuindo a terra em toda a região de Canaã, eles matavam e expulsavam os habitantes que lá se entrincheiraram durante os 400 anos do cativeiro egípcio dos hebreus. Como resultado, os cananeus deslocados tornaram-se os inimigos tradicionais de Israel, mas suas divindades pareciam ter as mesmas raízes idênticas e eram na verdade o mesmo deus, mas apenas no nome, pois a forma de adoração diferia entre as duas culturas. Os paralelos entre Ba'al e Yahweh são bastante detalhados. Por exemplo, ambos os povos se referiam a ele, em seu papel como deus das tempestades e da guerra, pelos eufemismos "o cavaleiro das nuvens" e "o pai do órfão".

Estela de calcário da ala oeste do Templo de Ba'al, Acrópole, Ras Shamra (antiga Ugarit), Levante. Representa o deus da tempestade, Ba'al (Idade do Bronze Tardia, séculos XVIII a XV a.C.).
Foto cortesia do autor. Direitos autorais 2011.

"5 Pai dos órfãos e protetor das viúvas é Deus em sua santa habitação. 6 Deus faz com que o solitário viva em família; liberta os prisioneiros para a prosperidade, mas os rebeldes habitam em terra árida."
(Salmo 68:5-6)

Ambos são retratados como vencendo seus inimigos, como quando Yamm e seu capanga lutaram contra Litã, a Serpente Fugitiva/a Serpente Torcida, conhecida como "Leviatã" [ ] em hebraico.

"13 Tu dividiste o mar pela tua força: quebraste as cabeças dos dragões [algumas traduções dizem, 'monstros do mar', talvez uma alusão à Serpente] nas águas."
(Salmo 74:13)

"12 Sou eu um monstro marinho ou um dragão [novamente, uma alusão à Serpente?] para que me ponhas sob guarda?"
(Jó 7:12)

"12 Com seu poder ele acalmou o mar. Com sua habilidade ele esmagou o grande monstro marinho."
(Jó 26:12)

"8 Ou quem encerrou o mar com portas, quando irrompeu da madre…"
(Jó 38:8)

Portanto, é mais provável que, qualquer que seja a origem de seu nome, Yahweh tenha assumido a história de Ba'al no folclore hebraico e seja melhor compreendido como o equivalente hebraico daquele deus cananeu.

Anecdoticamente, há uma famosa confrontação entre o profeta israelita Elias e os profetas de Ba'al registrada na Bíblia.

"16 Então… [o rei] Acabe foi encontrar-se com Elias. 17 Quando viu Elias, disse-lhe: 'És tu, ó perturbador de Israel?' 18 'Não tenho perturbado Israel', respondeu Elias. 'Mas tu e a família de teu pai tendes perturbado, porque abandonastes os mandamentos do SENHOR e seguistes os Ba'ais. 19 Agora, pois, manda reunir todo o Israel a mim no monte Carmelo, e também os quatrocentos e cinquenta profetas de Ba'al, e os quatrocentos profetas de Aserá, que comem da mesa de Jezabel.' 20 Então Acabe convocou todos os filhos de Israel e reuniu os profetas no monte Carmelo. 21 Elias se chegou a todo o povo e disse: 'Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Ba'al, segui-o.' Porém o povo não lhe respondeu nada. 22 Então Elias disse ao povo: 'Sou somente eu que fiquei dos profetas do SENHOR, mas os profetas de Ba'al são quatrocentos e cinquenta homens. 23 Dêem-se-nos dois novilhos; eles que escolham para si um novilho, e o cortem

em pedaços, e o ponham sobre a lenha, mas não lhe metam fogo; eu prepararei o outro novilho e o porei sobre a lenha, e não lhe meterei fogo. 24 Então invocai o nome do vosso deus, e eu invocarei o nome do SENHOR; e o deus que responder por fogo, esse é Deus.' E todo o povo respondeu: 'É boa esta palavra.' 25 Disse Elias aos profetas de Ba'al: 'Escolhei para vós um novilho, e preparai-o primeiro, porque sois muitos; e invocai o nome do vosso deus, mas não lhe metais fogo.' 26 Tomaram, pois, o novilho que lhes foi dado, e o prepararam; e invocaram o nome de Ba'al desde a manhã até o meio-dia, dizendo: 'Ó Ba'al, responde-nos!' Porém não havia voz, nem quem respondesse; e dançavam ao redor do altar que tinham feito. 27 Ao meio-dia Elias zombava deles e dizia: 'Clamai em alta voz, pois ele é um deus; pode ser que esteja meditando, ou atendendo a necessidades, ou de viagem; talvez esteja dormindo, e despertará.' 28 E eles clamavam em alta voz e, segundo o seu costume, se retalhavam com facas e com lancetas, até derramarem sangue. 29 Passado o meio-dia, profetizaram eles até a hora de se oferecer o sacrifício da tarde; porém não houve voz, nem resposta, nem atenção alguma. 30 Então Elias disse a todo o povo: 'Chegai-vos a mim.' E todo o povo se chegou a ele; e ele reparou o altar do SENHOR, que estava quebrado. 31 Elias tomou doze pedras, conforme o número das tribos dos filhos de Jacó, ao qual viera a palavra do SENHOR, dizendo: 'Israel será o teu nome.' 32 Com aquelas pedras edificou o altar em nome do SENHOR; e fez um rego em redor do altar, da capacidade de duas medidas de sementes. 33 Então armou a lenha, cortou o novilho em pedaços e o pôs sobre a lenha; e disse: 'Enchei de água quatro cântaros, e derramai-a sobre o holocausto e sobre a lenha.' 34 Disse: 'Fazei isso segunda vez'; e o fizeram segunda vez. Disse ainda: 'Fazei-o terceira vez'; e o fizeram terceira vez. 35 A água corria ao redor do altar; e ele encheu também o rego de água. 36 À hora de se oferecer o sacrifício da tarde, o profeta Elias se aproximou e disse: 'Ó SENHOR, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, manifeste-se hoje que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo, e que conforme a tua palavra fiz todas estas coisas. 37 Responde-me, SENHOR, responde-me, para que este povo conheça que tu, SENHOR, és Deus, e que tu lhes tens de volta o coração.' 38 Então caiu fogo do SENHOR, e consumiu o holocausto, a lenha, as pedras e a terra, e ainda lambeu a água que estava no rego.

39 Quando todo o povo viu aquilo, caíram de rosto em terra e disseram: 'O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus!'

40 Então Elias lhes disse: 'Prendei os profetas de Ba'al; não escape nenhum!' E eles os prenderam; e Elias os fez descer ao ribeiro de Quisom e ali os matou."

(1 Reis 18:16-40)

Elias e os profetas de Ba'al.
Foto cortesia do autor. Direitos autorais 2011.

É aparente que os hebreus não reconheceram a evolução da religião da região mesopotâmica, e está claro que eles não adoravam Yahweh como sendo o mesmo deus Ba'al. Apesar do nome de Yahweh ser originalmente originado de um filho de El, isso é atestado por um documento (KTU 1.1 IV 14) de Ugarit,[8] um sítio palestino ocupado por vizinhos de Israel. O documento se traduz como "O nome do filho de deus, Yahweh". Além disso, este status como o principal dos filhos de El é comemorado no Cântico de Moisés, uma das mais antigas escrituras hebraicas encontradas em Deuteronômio:

"8 Quando o Altíssimo [outro nome de El] distribuía as nações, quando dividia a humanidade, fixou os limites dos povos conforme o número dos deuses [os *bene haElohim* — os Filhos de Deus]; 9 a porção do próprio Yahweh foi o seu povo, Jacó [Israel] a sua parte designada."
(Deuteronômio 32:8-9)

Na literatura cananeia, Yahweh governava como o rei dos outros filhos de El. Nesse papel, ele presidia e julgava sempre que a Assembleia dos Deuses se reunia em conselho. A

preeminência de Yahweh sobre os outros deuses é reiteradamente afirmada no Livro dos Salmos do Antigo Testamento. No Salmo 86, somos informados que "Não há entre os deuses nenhum como tu, ó Yahweh" (Salmo 86:8), e o Salmo 89 é ainda mais específico ao explicar que os "deuses" são os filhos de El que se reuniam como a Assembleia dos Deuses, o Concílio Divino:

"6 Os céus louvam as tuas maravilhas, ó Yahweh, a tua fidelidade na assembleia dos santos. Pois quem nas nuvens se pode igualar a Yahweh? Quem entre os filhos de deuses é semelhante a Yahweh? 7 Deus é temido no conselho dos santos, grande e tremendo acima de todos os que estão ao seu redor?"
(Salmo 89:6-7)

Anjos ou Deuses?

Deixando de lado as teorias de interpretações extraterrestres que abordamos nos capítulos anteriores, é abundantemente claro que a passagem de Gênesis 6:1-8 fala de personagens únicos, os Vigilantes. Identificar esses personagens estritamente como anjos cria um problema no texto, que é apoiado por outras passagens bíblicas, como o Salmo 82, no qual temos a menção dos *Elohim* no contexto do "Conselho Divino" — a reunião da pluralidade de deuses. Mas os deuses mencionados no Salmo não são anjos. Vamos examinar este Salmo um pouco mais de perto, observando sua linguagem e significado.

Um Salmo de Asafe

"1 Deus (*Elohim*) está na assembleia divina [literalmente, conselho de El]; no meio dos deuses [*elohim*] Ele pronuncia o julgamento.
2 Até quando julgareis injustamente, mostrando parcialidade aos ímpios? Selá.
3 Julgai o fraco e o órfão, fazei justiça ao humilde e ao pobre.
4 Livrai o fraco e o necessitado, salvai-os das mãos dos ímpios.
5 Eles não sabem, nem entendem; andam em trevas; todos os fundamentos da terra vacilam.
6 Eu disse: 'Vós (plural) sois deuses [*elohim*], filhos do Altíssimo [*bene Elyon* — outro título para Deus], todos vós (plural);
7 contudo morrereis como homens, e caireis como qualquer príncipe [plural; mais precisamente 'resplandecentes'], ó príncipes.'
8 Levanta-te [o comando é singular], ó Deus [plural; *elohim*], julga [o comando é singular] a terra, pois tu [singular] herdarás todas as nações."

Deus estava no meio dos deuses, os filhos do Altíssimo (uma variação dos Filhos de Deus como encontrado em Gênesis 6:4). Neste conselho, os *bene haElohim* são chamados de "deuses" e também de "príncipes", e é dito que eles cairão coletivamente. Seria necessário manipular a passagem, ou simplesmente ignorar certos blocos inteiros do texto hebraico para ler em torno do que ela realmente afirma: Há uma multitude de deuses. A primeira

menção de *Elohim* no Salmo 82:1 deve ser traduzida como singular, por ser o sujeito de um verbo singular: "*Elohim* está". Isso é consistente com a língua hebraica. A segunda menção de *Elohim* no Salmo deve ser lida como plural, pois a preposição diante dela ("no meio de") exige mais de um. É impossível estar no meio de uma pessoa. No Salmo 82, Deus (*Elohim*) está presidindo uma assembleia (ou conselho) de outros deuses (*Elohim*). É aqui que falei num capítulo anterior sobre a palavra *elohim* ser tanto singular quanto plural, totalmente dependente do resto da estrutura da frase e do contexto em que está sendo usada, como dizer "Um veado estava no meio de um rebanho de veados" — mesma palavra com contextos singular e plural.

O versículo 6 do Salmo deixa muito claro que os *elohim* são os mesmos personagens que os Filhos de Deus mencionados em Gênesis 6:4, pois ele os trata como os outros *elohim*, e os chama de "filhos do Altíssimo", dirigindo-se a eles, diretamente, dizendo "vós sois deuses [*elohim*], todos vós". Uma observação interessante foi feita pelo Dr. Michael S. Heiser, quando ele nota que os *elohim* mencionados aqui não são anjos, que vem da palavra hebraica *Mal'akim*, que significa "mensageiro", um termo inteiramente diferente do que ocorre para os Filhos de Deus.[9]

Outras passagens onde a pluralidade de deuses [*haElohim*] aparece são:

"Entre os deuses não há nenhum como tu, ó Yahweh; nem [há obras] como as tuas obras."
(Salmo 86:8)

"Pois Yahweh é um grande Deus, e um grande Rei acima de todos os deuses."
(Salmo 95:3)

"Pois Yahweh é grande, e digno de ser grandemente louvado: ele é temível acima de todos os deuses."
(Salmo 96:4)

"Todos os que servem imagens são envergonhados; aqueles que se vangloriam em meros ídolos; até todos os deuses se prostram diante dele."
(Salmo 97:7)

"Pois tu, ó Yahweh, és o Altíssimo acima de toda a terra: és exaltado muito acima de todos os deuses."
(Salmo 97:9)

"Pois eu sei que Yahweh é grande, e que o nosso Senhor está acima de todos os deuses."
(Salmo 135:5)

"Dai graças ao Deus dos deuses: porque a sua misericórdia dura para sempre."

(Salmo 136:2)

"Com todo o meu coração te louvarei; diante dos deuses cantarei louvores a ti."
(Salmo 138:1)

"Quem é como tu, ó Yahweh, entre os deuses? Quem é como tu, majestoso em santidade, terrível em feitos gloriosos, que faz maravilhas?"
(Êxodo 15:11)

"Julgais vós, na verdade, justamente, ó deuses? Julgais retamente os filhos dos homens?"
(Salmo 58:1)

Algumas correntes de pensamento teológico mais conservador insistem que o Salmo 82 fala de Deus se dirigindo a outros membros da Santíssima Trindade: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Mas isso não pode ser de todo preciso à luz do fato de que nem todos os membros da Trindade são "filhos"; o Espírito Santo não é um "filho de Deus". Além disso, nos versículos 2-5 do Salmo, Deus está acusando os outros *Elohim* de corrupção e os condenando por seu governo corrupto da terra. No final do Salmo, Deus está reivindicando o governo da terra dos outros *elohim*, a implicação sendo que eles fizeram um trabalho horrível nisso, agindo maldosamente, e então devem ser retirados da cena. Novamente, de acordo com o Dr. Michael S. Heiser, esses outros *elohim* eram um "impedimento ou um incômodo ou, na melhor das hipóteses, uma decepção"[10] — certamente não indicativo da Santíssima Trindade, conforme definido pela teologia cristã.

Há inúmeras outras passagens na Bíblia que falam deste conselho divino e dos *elohim* como uma pluralidade, bem como dos filhos de Deus, os *bene haElohim*. Uma das passagens mais familiares onde os Filhos de Deus aparecem é nos primeiros dois capítulos do Livro de Jó, que é considerado, cronologicamente falando, o livro mais antigo da Bíblia, anterior à formulação de Israel como nação e à própria religião judaica. Observe outro personagem que aparece nesta passagem:

"1 Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó; e esse homem era íntegro e reto, um homem que temia a Deus e se desviava do mal. 2 Nasceram-lhe sete filhos e três filhas. 3 Possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas, e muitos servos; de modo que este homem era o maior de todos os do oriente. 4 Seus filhos costumavam ir e fazer banquetes em casa de cada um no seu dia; e mandavam convidar as suas três irmãs para comer e beber com eles. 5 E quando os dias do banquete haviam passado, Jó mandava santificá-los, e levantava-se de madrugada e oferecia holocaustos segundo o número de todos eles; pois Jó dizia: 'Pode ser que meus filhos tenham pecado e blasfemado contra Deus no seu coração.' Isso Jó fazia continuamente. 6 Num dia em que os Filhos de Deus [*bene haElohim*] vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles. 7 O SENHOR disse a Satanás: 'Donde vens?' Satanás respondeu ao

SENHOR: 'De rodear a terra e de passear por ela.' 8 E o SENHOR disse a Satanás: 'Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra como ele, homem íntegro e reto, que teme a Deus e se desvia do mal.' 9 Então Satanás respondeu ao SENHOR: 'Porventura Jó teme a Deus de graça? 10 Não o cercaste tu de bênçãos, a ele, a sua casa e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos tens abençoado, e os seus bens aumentam na terra.'"
(Jó 1:1-10)

E novamente em Jó, capítulo 2:

"1 Num outro dia, os Filhos de Deus [*bene ha'Elohim*] vieram apresentar-se perante o SENHOR, e Satanás também veio entre eles apresentar-se perante o SENHOR."
(Jó 2:1)

Só se pode imaginar o que exatamente estava acontecendo nas cortes do céu quando o Conselho Divino, a hoste de *elohim*, "apresentava-se" diante de Deus, o *elohim* singular que detinha o domínio sobre eles. Embora estes versículos, bem como outras passagens em toda a escritura, existam e tenham significado e propósito, eles contam uma imagem muito diferente dos deuses da Bíblia, e um propósito muito mais obscuro por trás das coisas que eles fizeram. De repente, a imagem do Zeus mitológico presidindo com os outros deuses olímpicos, brincando com a vida dos humanos enquanto barganhava com Hades, o deus do Submundo, começa a parecer não tão estranha ou inverossímil. Novamente, vemos as grandes mitologias do mundo começarem a se fundir numa história maior e mais misteriosa, onde o elenco diferente de personagens se mistura e se funde uns nos outros.

Os membros do Conselho Divino, conhecidos como Vigilantes, que desceram à terra nas encostas do Monte Hermom, o fizeram com grande determinação para fazer um pacto entre si. Eles foram incumbidos da responsabilidade de vigiar a humanidade, os filhos da criação de Deus, mas depois deixaram essa responsabilidade para trás quando olharam para a humanidade com desejo, querendo ser um deles e experimentar a experiência luxuriosa, sensual, ardente, de carne contra carne do contato sexual. Eles queriam criar vida que brotasse de seus próprios lombos, experimentando o que apenas o próprio Criador havia experimentado. Por isso, foram condenados, despojados de sua "divindade", e reduzidos a uma vida carnal que sofreria a consequência da morte física — uma coisa que eles, aparentemente, não teriam que sofrer em seu estado celestial.

Mas há também o perigo de atribuir pouca malevolência a esses seres. Num desejo de torná-los "mais humanos", muitas vezes podemos imbuí-los de atributos que eles não possuíam. Na maneira cristã de pensar, tornar "bom" algo que Deus considerou "mal" pode correr o risco de heresia e comportamento blasfemo, e aparentemente os *elohim* que estavam no meio dos *elohim* — o Conselho Divino — tinham o poder superior de condená-los por suas ações. No entanto, em grande especulação, é curioso imaginar como esses deuses

menores se viam, no que pensavam e como racionalizavam um afastamento de seu Criador. Quando a humanidade considera ofender um Deus santo, não temos nada com que registrar isso, exceto palavras ensinadas pelas escrituras e consciências que têm costumes religiosos enxertados nelas. Esses membros do Conselho Divino que deixaram seu lugar nas cortes do céu e desceram à terra para coabitar com mulheres humanas aparentemente entendiam muito bem quais consequências suas ações produziriam. No entanto, ainda assim o fizeram. Foi porque eles não acreditavam que Deus tinha o poder de condená-los e destruí-los? Ou foi porque simplesmente não se importavam? Porque, diferentemente dos seres humanos que não têm conexão visceral e tangível com a presença de Deus exceto pela fé somente, esses seres tinham acesso físico, sendo eles próprios deuses, e podiam experimentar a presença do Deus Altíssimo em primeira mão.

Ainda assim, os Vigilantes escolheram desertar do Conselho Divino e seguir seu próprio caminho entre os humanos. Talvez seu maior erro tenha sido acreditar que eram príncipes que poderiam flutuar sem serem contaminados por suas ações, acima das consequências, e impor domínio sobre os filhos inferiores de Adão, assim como Moisés acreditava quando se via como o libertador e potencial governante dos hebreus no dia em que matou o feitor egípcio.

E Foi Assim que Conheci Sua Mãe…

Os Nefilins são os filhos dos Filhos de Deus, a prole do sangue misto dos *bene haElohim* e das *benoth Adam*, as filhas dos homens. Mas esses descendentes, de acordo com as escrituras, eram qualquer coisa menos crianças normais. Não houve passeio de pai e filho pela estrada, varas de pescar nos ombros, assobiando uma melodia alegre e atirando pedras no Rio Eufrates. Somos informados nos textos que a prole das relações sexuais entre os Filhos de Deus e mulheres humanas foi como um experimento que deu terrivelmente errado. A visão aceita na academia é que os Nefilins são a prole de anjos, mas isso pode ser apenas parte da história, pelo menos de acordo com o texto como apresentado na tradução da Bíblia King James de 1611, onde a palavra *Nefilim* foi traduzida como "gigantes".

Como mencionado anteriormente neste livro, a visão geralmente aceita da palavra *Nefilim* é que ela é derivada da palavra hebraica *nepahl* (
). A terminação "-im" significava pluralidade. As definições mais comumente aceitas para a palavra *nephal* são:
1. Cair (como se ao chão).
2. Cair (como se em batalha).
3. Ser lançado para baixo.
4. Desertar uma localidade.
5. Falhar.

Como Craig Hines sugere em seu livro, *Gateway of the Gods*, essas definições muito provavelmente se referem à origem de "anjo caído".[11] Mas ele continua perguntando qual dos significados se aplica mais prontamente aos Nefilins, e se refere aos pais angelicais ou à prole híbrida. Se tomarmos a primeira definição de "cair (como se ao chão)", pareceria que isso poderia se aplicar a anjos que "caíram de um estado de graça para um estado maligno caído" — um ato de movimento, movendo-se de um lugar para outro. Mas há palavras muito melhores e mais sucintas para descrever este ato, como *yarad* (
), que significa "vir ou descer, descer", e o "im" teria sido adicionado de alguma forma para denotar o aspecto plural da palavra.

Depois há a segunda definição, "cair (como se em batalha)". Esta definição denota morte. Mas nos dizem que esses Filhos de Deus e sua prole estavam muito vivos. Eles estavam vivos, respirando, pensando, desejando, tendo intercurso sexual e se reproduzindo. Não me parece muito morto, a menos que, talvez, escribas posteriores estivessem se referindo a eles numa data muito posterior, vendo-os como os "guerreiros mortos" que já haviam sido destruídos nas águas do grande dilúvio.

A terceira definição, "ser lançado para baixo", parece um ajuste perfeito se estivermos atribuindo um estado caído aos Vigilantes e sua prole. Eles seriam vistos como tendo sido lançados do céu como consequência de sua rebelião contra Deus. No entanto, se esta fosse a única definição, excluiria os muitos relatos de outras culturas que experienciaram esses seres como bons professores bem-intencionados e seres de intenção benéfica. Lembre-se: A prole dos Vigilantes não era toda considerada má, mas é escrita como tal nas escrituras como um coletivo.

A quarta definição fala de deserção, um movimento de um local para outro com abandono deliberado. Num sentido real, foi isso que os Vigilantes fizeram quando desceram às encostas do Monte Hermom e deliberadamente fizeram um pacto para deixar voluntariamente seu estado divino no Conselho Divino e habitar entre os humanos, um dos propósitos do qual era experimentar a paternidade de filhos com as mulheres humanas.

A quinta definição é de "falha", que poderia ser facilmente manipulada para se encaixar no contexto, pois os Vigilantes obviamente falharam em fazer seu dever e cumprir sua responsabilidade — que é, em parte, a razão pela qual são condenados no Salmo 82. Você também pode encontrar isso apoiado pelo texto no Livro dos Jubileus, parte dos Manuscritos do Mar Morto.

"15 E na segunda semana do décimo jubileu, Maalaleel tomou por esposa Diná, filha de Baraquiel, filha do irmão de seu pai, e ela lhe deu um filho na terceira semana, no sexto ano, e ele lhe chamou o nome de Jarede, porque em seus dias os anjos do Senhor desceram à terra, aqueles que são chamados Vigilantes, para que instruíssem os filhos dos homens, e para que fizessem juízo e retidão na terra."

(Jubileus 4:15)

"1 E aconteceu que, quando os filhos dos homens começaram a multiplicar-se sobre a face da terra e lhes nasceram filhas, os anjos de Deus as viram num certo ano deste jubileu, que eram bonitas de se ver; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram, e elas lhes deram à luz filhos, e eles eram gigantes. 2 E a ilegalidade aumentou sobre a terra e toda carne corrompeu o seu caminho, igualmente homens e gado e bestas e aves e tudo o que anda sobre a terra — todos eles corromperam os seus caminhos e as suas ordens, e começaram a devorar uns aos outros, e a ilegalidade aumentou sobre a terra e toda imaginação dos pensamentos de todos os homens (era) assim maligna continuamente. 3 E Deus olhou para a terra, e eis que estava corrompida, e toda carne havia corrompido as suas ordens, e todos os que estavam sobre a terra haviam operado toda espécie de mal perante os seus olhos. 4 E Ele disse que destruiria o homem e toda carne sobre a face da terra que havia criado. 5 Mas Noé achou graça diante dos olhos do Senhor. 6 E contra os anjos que Ele enviara sobre a terra, Ele estava extremamente irado, e deu ordem para arrancá-los de todo o seu domínio, e ordenou-nos que os amarrassemos nas profundezas da terra, e eis que estão amarrados no meio delas, e estão (mantidos) separados. 7 E contra seus filhos saiu uma ordem de diante da sua face, de que fossem feridos à espada, e fossem removidos de debaixo do céu. 8 E Ele disse: 'Meu espírito não permanecerá sempre no homem; pois eles também são carne e seus dias serão cento e vinte anos.' 9 E enviou a sua espada no meio deles, para que cada um matasse o seu próximo, e começaram a matar uns aos outros até que todos caíram à espada e foram destruídos da terra. 10 E seus pais foram testemunhas (de sua destruição), e depois disso foram amarrados nas profundezas da terra para sempre, até o dia do grande juízo, quando o julgamento for executado sobre todos aqueles que corromperam os seus caminhos e as suas obras perante o Senhor."
(Jubileus 5:1-10)

Você consegue ver a semelhança que brilha em todos esses textos, mesmo dos livros que foram completamente erradicados das escrituras sob os concílios convocados pelo Imperador Constantino? Isso fala ao fato de que nem todas essas escrituras "não canônicas" foram de fato legitimamente erradicadas da Bíblia! (Veja o Capítulo 7.)

Há problemas inerentes, no entanto, com a palavra *Nefilim*, e Heiser se esforça muito para demonstrar as diferenças entre o hebraico e o aramaico, onde um único "iod" (vogal hebraica) pode levar a definição da palavra numa direção completamente diferente. Heiser acaba definindo a palavra *Nefilim* como significando "aqueles que foram caídos", expressamente significando "aqueles que caíram/foram caídos".

No entanto, embora eu tenha grande respeito pelo trabalho linguístico de Heiser, eu me alinharia mais com as observações de Hines, que expressa uma filosofia que parece inerente ao contexto da passagem de Gênesis 6, onde os Nefilins aparecem como, para todos os efeitos práticos, bastante neutros. Eles não são definidos pelo mal de algum estado caído de

sua linhagem parental, mas são antes apresentados na passagem de Gênesis por Moisés como sendo "heróis de outrora" e "homens de renome". Eles obviamente não eram todos inerentemente maus por natureza, e um estudo desses seres na literatura e escritos escriturísticos de outras culturas demonstra que muitos deles não eram considerados malévolos. Os Vigilantes podem ter descido à terra num desejo de coabitar com mulheres humanas — uma coisa que eles sabiam que tinha graves consequências para eles no Conselho Divino — mas eles desceram para experimentar a vida como seres humanos e procriar. Alguns deles podem ter tido intenção maligna, como veremos, mas outros, obviamente, não tinham intenção maliciosa ou diabólica. Eles ensinaram aos humanos os "conhecimentos proibidos" de coisas tão desprezíveis como cosméticos, espelhos, herbologia e medicina, mas alguns também se aproveitaram dos humanos ensinando as artes de fazer armas, feitiçaria e travar guerra. Foi sua prole híbrida que, é dito nas passagens de Enoque, causou estragos e trouxe destruição à humanidade. A incapacidade dos Vigilantes de controlar o que haviam procriado parece ser a fonte da corrupção, e o pecado dos próprios Vigilantes foi o ato de desertar seus postos e confraternizar nos níveis mais íntimos com aqueles que foram designados para vigiar. As consequências foram generalizadas e resultaram em julgamento divino.

Por outro lado, você também tem o ponto de vista do trabalho de Derek Kinder, no qual ele diz: "O anseio dos demônios por um corpo, evidente nos Evangelhos, oferece pelo menos algum paralelo a esta fome por experiência sexual."[12]

Novamente, para maior clareza e referência, a passagem conforme escrita em 1 Enoque:

"1 Aconteceu que, depois que os filhos dos homens se multiplicaram naqueles dias, nasceram-lhes filhas, elegantes e bonitas. 2 E quando os anjos,[13] os filhos do céu, as viram, enamoraram-se delas, dizendo uns aos outros: Vinde, escolhamos para nós mulheres da progênie dos homens, e geremos filhos. 3 Então seu líder Samyaza disse-lhes; Receio que talvez vocês estejam indispostos à realização desta empresa; 4 E que eu sozinho sofrerei por um crime tão grave. 5 Mas eles lhe responderam e disseram; Nós todos juramos; 6 E nos vinculamos por mútuas maldições, de que não mudaremos nossa intenção, mas executaremos nosso empreendimento projetado. 7 Então todos juraram juntos, e todos se vincularam por mútuas maldições. Seu número total era de duzentos, que desceram sobre Ardis,[14] que é o topo do monte Armon. 8 Aquela montanha, portanto, foi chamada Armon, porque haviam jurado sobre ela,[15] e se vinculado por mútuas maldições."
(1 Enoque 7:1-8)

Hines resume melhor: "Há bem e mal em tudo, e é através das ações de um indivíduo (até mesmo de um anjo) que determina sua natureza."[16]

É minha sincera crença que, de acordo com a linguagem e os contextos que cercam as várias aparições da palavra *Nefilim*, eles não eram inerentemente maus por natureza, e são

melhor descritos como os descendentes de uma raça de seres que abandonaram ou deixaram seu lugar nos reinos celestiais e nas cortes do Conselho Divino, e desceram à terra em violação das regras estabelecidas por Deus.

"6 E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, ele reservou, com prisão perpétua, debaixo de escura caligem, para o juízo do grande dia. 7 Assim como Sodoma e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se prostituído como aqueles anjos, e ido após outra carne, foram postas por exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno."
(Judas 6-7)

Mais uma vez, vemos também nesta passagem a reafirmação da proibição contra certas formas de atividade sexual. Como vimos com o personagem da serpente na história do Jardim do Éden, vemos novamente no relato dos Vigilantes. Tudo parecia girar em torno de atividade sexual codificada em suas formas adúlteras ou de fornicação. E há sempre uma imposição de consequência judicial imposta após essas regras serem violadas. No caso da criação da raça híbrida de Nefilins, Deus se "arrepende" de ter feito o homem e inicia uma grande catástrofe natural para exterminá-los a todos — humanidade, Nefilins e toda criatura viva no planeta, de acordo com os relatos de Gênesis e Enoque. Exceto por um homem e sua família, e pares de cada animal conhecido na criação que não poderia sobreviver num habitat aquático.

"Perfeito em Suas Gerações"

Por que Noé e sua família imediata foram aparentemente os únicos imunes a este grande julgamento aquático de Deus é significativo. Gênesis 6:9 diz: "Noé era um homem justo". De acordo com o ensinamento judaico-cristão, Noé se destacava entre o resto da humanidade como um exemplo de retidão e piedade num mundo que havia se tornado completamente insano com corrupção perversa ao seu redor. Como Enoque antes dele, Noé também "andou com Deus". É aqui que a maioria dos comentaristas e mestres da Bíblia parece parar abruptamente, ficando muito aquém de — como o falecido e efervescente radialista Paul Harvey costumava dizer — o resto da história.

Havia outra razão pela qual Noé foi poupado. E esta razão vai muito mais fundo do que a questão superficial de meramente seguir Deus ou ser um "bom crente". A maior causa de frustração sobre esta questão é o fato de que parece ter escapado à maioria dos comentaristas, seja por ignorância da língua do texto, ou por falta de desejo de abordar esses tópicos além da mensagem superficial. Gênesis 6:9 diz que Noé era "perfeito em suas gerações". O texto está implicando perfeição moral e espiritual? Nem de longe. Gênesis 9:20-23 refuta qualquer perfeição desse tipo:

"20 E começou Noé a ser lavrador da terra, e plantou uma vinha. 21 E bebeu do vinho, e embriagou-se, e descobriu-se dentro da sua tenda. 22 E Canaã, pai de Cam, viu a nudez de seu pai, e fê-lo saber a ambos seus irmãos fora. 23 Então Sem e Jafé tomaram uma capa, e puseram-na sobre ambos os seus ombros, e, andando virados para trás, cobriram a nudez de seu pai; e os seus rostos estavam virados, de maneira que não viram a nudez de seu pai." (Gênesis 9:20-23)

Acabei de Sobreviver ao Grande Dilúvio, e Agora Vou para a Disneylândia!

Qual foi o primeiro ato registrado de Noé no Livro de Gênesis, após os eventos do Grande Dilúvio? Ele se embriagou. (E quem não se embriagaria?) Acho que se eu tivesse acabado de passar os últimos 120 anos construindo uma enorme barcaça como repositório para cada espécie de animal do mundo conhecido, e passasse de quatro a seis meses naquelas acomodações fechadas com minha esposa e filhos, cuidando do zoológico, e assistindo à total e completa destruição de todos os seres vivos na terra, a primeira coisa que eu provavelmente faria quando todas as poças tivessem secado seria agradecer a Deus pela minha salvação, e beber daquela garrafa de uísque escocês single malt de 21 anos escondida na minha mala de viagem. Noé era tão previsivelmente humano quanto você e eu.

Então por que o relato bíblico o chama de "perfeito"? Qual é o significado desta palavra? A palavra hebraica é *tamiym* [
. Isso significa "completo, inteiro, todo, são, sem mancha" (ver também: Êxodo 12:5, 29:1, Levítico 1:3). Em seu significado primário, não se refere a qualquer qualidade ou superioridade moral ou espiritual, mas a pureza física. Noé estava não contaminado pelas linhagens sanguíneas dos Vigilantes e sua prole, os Nefilins. Ele também era da linhagem de Abel, a semente de Adão [
] não da linhagem sanguínea da serpente como carregada através dos descendentes de Caim. Noé sozinho havia preservado sua linhagem e a mantido pura, apesar da corrupção predominante trazida pelos anjos caídos.[18] O que a linguagem está nos dizendo em Gênesis Capítulo 6 é que a linhagem sanguínea de Noé havia permanecido livre de contaminação genética, seja de natureza angelical ou alienígena. Noé era ser humano puro, de ponta a ponta.

Flávio Josefo, um palestino, escreveu *Antiguidades dos Judeus* para educar o mundo romano-helenístico sobre o judaísmo e a história dos judeus. Nela, ele relata o conto dos Vigilantes, Nefilins e Noé da seguinte forma:

"Pois muitos anjos de Deus acompanharam-se de mulheres e geraram filhos que se mostraram injustos e desprezadores de tudo o que era bom, por causa da confiança que tinham em sua própria força; pois a tradição é que esses homens fizeram o que se assemelhava aos atos daqueles que os gregos chamam de gigantes. Mas Noé ficou muito inquieto com o que eles fizeram; e, descontente com sua conduta, persuadiu-os a mudar suas

disposições e seus atos para melhor: mas vendo que não cedia a ele, mas eram escravos de seus prazeres perversos, temeu que o matassem, juntamente com sua esposa e filhos, e aqueles com quem eles se casaram; então ele partiu daquela terra."[19]

Apesar da versão bastante aguada dos eventos dada por Flávio Josefo, a implicação explícita é, então, que todas as outras famílias humanas na Terra haviam sido contaminadas pelo sangue dos Nefilins, exceto Noé e seus filhos. E se a implicação bíblica é que a humanidade estava completamente manchada pelo sangue da serpente, conforme representado nas linhagens dos Nefilins, não é de admirar que Deus tenha pronunciado um decreto universal de julgamento.

Quanto aos membros caídos do Conselho Divino que desceram à terra para se comprometerem a cruzar com humanos, participando da abominação, Deus os colocou sob custódia "em prisão perpétua, debaixo de escura caligem, para o juízo do grande dia" (Judas 6). Isso é às vezes interpretado como Tártaro ou os "reinos inferiores" (2 Pedro 2:4). Na mitologia grega, Tártaro (
) é um lugar profundo e sombrio, um poço, ou um abismo usado como masmorra de tormento e sofrimento que reside sob o submundo. No *Górgias*, Platão (c. 400 a.C.) escreveu que as almas eram julgadas após a morte e aquelas que recebiam punição eram enviadas para o Tártaro, e é conhecido apenas na literatura judaica helenística a partir do texto grego de 1 Enoque 20:2, onde o arcanjo Uriel é o carcereiro dos 200 Vigilantes que pecaram ao coabitar com mulheres humanas e produzir a linhagem sanguínea dos Nefilins.[20] É, além disso, interessante notar que até Pedro — "São Pedro", o grande pescador, a "rocha" sobre a qual Cristo edificaria a sua igreja, o amigo e discípulo de Jesus e o apóstolo que escreveu os livros do Novo Testamento, primeira e segunda de Pedro — se refere ao lugar mitológico grego de punição na vida após a morte:

"4 Porque, se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no Tártaro, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo; 5 e não poupou o mundo antigo, embora tenha preservado a Noé, pregador da justiça, com mais sete pessoas, quando trouxe o dilúvio sobre o mundo dos ímpios; 6 e, reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, as condenou à ruína, havendo-as posto como exemplo para os que vivessem impiamente; 7 e livrou o justo Ló, que se angustiava com a vida dissoluta daqueles insubordinados 8 (pois este justo, habitando entre eles, afligia a sua alma justa, dia após dia, pelas obras iníquas que via e ouvia); 9 então, o Senhor sabe livrar da tentação os piedosos e reservar os injustos para o dia do juízo, para serem punidos; 10 principalmente aqueles que, seguindo a carne em concupiscência imunda, desprezam o governo."
(2 Pedro 2:4-10)

O castigo era reservado para aqueles caídos que haviam participado da grande semeadura da linhagem sanguínea humana, e também explicaria por que alguns anjos caídos são mantidos sob custódia e outros estão livres para vagar pelos céus e atormentar a humanidade. Uma

punição tão severa e dramática pressupunha um pecado severo e dramático, algo infinitamente mais maligno e mais sinistro do que meros casamentos mistos. Era nada menos que o reino caído, talvez até demoníaco, tentando perverter as linhagens sanguíneas do mundo humano. Por controle genético e produção de híbridos, a serpente do Jardim do Éden, e aqueles que deixaram seu lugar no Conselho Divino, seguindo-o, estavam determinados a roubar de Deus o povo que Ele havia feito para Si mesmo. O personagem da serpente na Bíblia, como examinamos anteriormente, era nada menos que o líder dos caídos. E se o propósito deste livro fosse examinar Lúcifer, a Estrela da Manhã, a Glória de Deus, e um Príncipe do Conselho Divino, diríamos muito mais sobre as implicações, mas guardaremos isso para outra ocasião. Basta dizer que se a serpente do jardim que gerou o primeiro dos Nefilins em Caim tivesse conseguido corromper completamente a raça humana, ele teria impedido a vinda do perfeito Filho de Deus, a prometida "semente do homem", que derrotaria os caídos e restauraria o domínio do homem (Gênesis 3:15).

No que é considerada a primeira profecia messiânica na Bíblia, Deus disse ao personagem da serpente no Jardim do Éden:

"15 E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar."
(Gênesis 3:15)

A linhagem sanguínea da serpente foi manifestada em Caim, sua prole concebida durante a sedução de Eva no Jardim do Éden. A linhagem sanguínea da mulher foi manifestada em seu filho Abel, a quem Eva concebeu com Adão. A implicação profética deste versículo em Gênesis é que o Messias nasceria através de linhagens sanguíneas humanas puras, a semente de Adão e Eva, não corrompida pelo sangue da serpente e sua hoste de Vigilantes caídos. É por isso que você encontra a linhagem de Maria, esposa de José e mãe da imaculada conceição de Jesus Cristo, sendo traçada através do rei Davi e todo o caminho de volta a Adão, através do filho mais novo, Abel.

De acordo com a teologia cristã, se as linhagens sanguíneas dos Nefilins tivessem, por qualquer meio, impedido o nascimento do Filho "unigênito" de Deus, eles obviamente teriam evitado sua própria perdição. Foi por esta razão, de acordo com a teologia cristã, que Deus afogou toda a humanidade no Grande Dilúvio de Noé.

Há um estado do que chamarei de "dualismo contingente" em jogo aqui: Se as linhagens sanguíneas da serpente e dos Vigilantes tivessem conseguido contaminar toda a humanidade, não teria havido Filho de Deus nascido imaculadamente, a quem as profecias messiânicas judaicas se referiam como o "Parente Redentor", a semente do homem, o salvador divino de nossa própria linhagem sanguínea que tiraria os pecados do mundo. Porque a linhagem sanguínea dos Vigilantes foi eliminada no dilúvio, as genealogias

humanas puras poderiam continuar através dos filhos humanos puros de Noé, produzindo um messias de nascimento humano puro.

Mas espere — não é o Messias, de acordo com a teologia cristã, nascido de uma linhagem sanguínea humana, misturada com a linhagem sanguínea de Deus? Maria, a mãe de Jesus, não foi engravidada por *elohim* da mesma forma que as filhas dos homens foram engravidadas pelos Vigilantes, os *elohim* do Conselho Divino? A mãe de Jesus não concebeu o Messias como resultado de uma interferência sexual divina? E as genealogias de Maria, traçando sua linhagem de volta ao trono do rei Davi, e mais adiante à linhagem de Adão através de Abel, não estão escritas na história do nascimento de Jesus com o único propósito de estabelecer a linhagem sanguínea humana não contaminada do messias cristão, que era dito ser tanto Deus quanto Homem? Pois, de fato, o maior Filho de Deus foi o próprio messias, nascido de uma virgem, gerado por um Deus. No entanto, ele é chamado de Filho "unigênito" de Deus. Não simplesmente um príncipe do céu, mas o próprio Deus em forma humana. Os mistérios do universo se agravam exponencialmente quando o *elohim* que está no meio dos *elohim* e pronuncia julgamento sobre os deuses do Conselho Divino detém a capacidade de despojar os outros deuses de sua divindade, mas se despe de divindade para se tornar um ser humano num ato singular que o grego *koiné* chama de *kenosis* (
). Isso, de acordo com a teologia cristã, colocou Jesus Cristo num lugar muito acima dos deuses e anjos. Deus superou os Vigilantes e a serpente ao fazer a perfeita fusão de humano e deus.

Com Licença, mas Tem um Gigante na Minha Sopa

Há alguma confusão ao ler todas essas passagens sobre se esses Vigilantes eram uma casta de anjos hierárquicos, ou se eram deuses menores, como expressamente afirmado no Salmo 82. Acredito que é tão simples quanto entender que os anjos de Deus tinham títulos diferentes no domínio celestial do que após sua descida coletiva à terra. Em resumo, eles eram ambos. Mas ganhar uma compreensão de que esses seres existiam muito além da visão fantasiosa que muitas pessoas têm dos anjos é importante para entender a majestade principesca desses seres, bem como a devastação que trouxeram às linhagens sanguíneas da humanidade.

Poderia o termo *Nefilim*, embora geralmente aceito como a prole dos Vigilantes, também ser usado para descrever os próprios Vigilantes? Afinal, a definição da palavra *Nefilim* significa cair ou descer. Os filhos dos Vigilantes não fizeram nenhuma dessas coisas, pois eram o produto do cruzamento dos Filhos de Deus com mulheres humanas. Eles não desceram de lugar nenhum, exceto dos ventres de suas mães terrenas. Como aludi muito antes, um bom exemplo ilustrativo seriam os apelidos que colocamos em imigrantes de países estrangeiros. Quando uma família irlandesa emigra da Irlanda para os Estados Unidos, seus filhos são conhecidos como irlandeses-americanos. Mas então o termo se

estende também aos pais, que também se tornam irlandeses-americanos. Uma vez que os Nefilins foram legados, os títulos se espalharam para ambos, pais e filhos.

Há outro fator distintivo completamente único para os filhos dos Vigilantes: Eles eram chamados de "gigantes". E há alguma evidência textual para apoiar um tamanho maior. Quando os israelitas errantes finalmente alcançaram a Terra Prometida, um grupo avançado foi enviado para espiar o país. Eles voltaram com este relatório:

"32 Então, diante dos filhos de Israel, difamaram a terra que tinham espiado, dizendo: A terra que percorremos para espiar é terra que devora os seus habitantes; e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura. 33 Também vimos ali os nefilins [os filhos de Anaque são parte dos nefilins]; e éramos aos nossos olhos como gafanhotos, e assim também éramos aos seus olhos."
(Números 13:32-33)

Embora eu não subscreva totalmente as visões criacionistas do Dr. Henry Morris, ele tem algumas coisas interessantes a dizer sobre os "gigantes" e sua prole:

"Havia gigantes 'também depois disso', nos dias dos cananeus, e estes eram igualmente conhecidos como, entre outras coisas, os nefilins (Números 13:33). Humanamente falando, eles descendiam de Anaque, e então também eram conhecidos como anaquins. Este povo era, é claro, conhecido por Moisés e foi provavelmente ele quem inseriu editorialmente a frase 'e também depois disso' no registro original de Noé aqui em Gênesis 6:4. Moisés provavelmente também inseriu a informação de que estes eram os 'poderosos homens de outrora, homens de renome', homens cujos feitos de força e violência os haviam tornado famosos em canção e fábula em todas as nações nas eras seguintes ao Dilúvio. Para homens rebeldes de tempos posteriores, eles eram reverenciados como grandes heróis; mas aos olhos de Deus eram meramente homens ímpios de violência e maldade.[21]"

Durante a campanha dos Cinco Reis nos dias de Abraão, várias tribos aninhadas ao redor do Vale de Sidim, na região do Mar Morto, evidentemente se misturaram com os cananeus, e são consideradas os Nefilins ou híbridos de Nefilins. Essas tribos são identificadas tanto em Gênesis 14 quanto em Deuteronômio 2 como os Refains ("titãs", filhos de "Rafa"), os Zuzins ou Zamzummins ("terríveis"), os Emins, Horeus e Anaquins ("tiranos esmagadores"). É a tribo dos Anaquins que está diretamente conectada com os Nefilins no relato dado a Moisés e aos hebreus pelos espias em Números 13:33. O contexto das passagens de Deuteronômio e Números sugere que as outras tribos de gigantes eram parentes dos Anaquins ou outras linhagens de Nefilins, particularmente os Refains, cujo descendente é descrito como vivendo na cidade de Gate junto com o gigante anaquim, Golias, e Lami. Os Refains são gigantes e são geralmente descritos como sendo altos ou grandes, e parecem ser sinônimos dos Nefilins, com base na tradução da palavra *gigantes* no Capítulo 6 de Gênesis.

A tribo dos Anaquins descendia de um gigante chamado Anaque, que era filho ou neto de um gigante chamado Arba, de onde a antiga cidade de Hebron foi originalmente chamada "Quiriate Arba" ou "A Cidade de Arba" porque "Arba foi o maior homem entre os anaquins" (Josué 14:15). Esta tribo era tão alta que os espias de joelhos fracos relataram: "éramos como gafanhotos diante deles" (Números 13:33).

As escrituras do Antigo Testamento contam como as tribos de gigantes foram combatidas e destruídas pelas tribos de homens normais que as substituíram, incluindo os israelitas. Moisés matou Ogue, rei dos refains que vivia nas colinas de Golã, perto do Monte Hermom, o local original onde os Vigilantes desceram e geraram os Nefilins. Ogue aparentemente não viajou muito para longe de casa. De acordo com a passagem bíblica, Ogue tinha uma cama que tinha nove côvados de comprimento (13,5 a 15,5 pés, dependendo de qual côvado era usado) e foi chamado de "último dos remanescentes dos gigantes" (Deuteronômio 3). Ogue pode ser a fonte da palavra *ogro* na língua inglesa.

De acordo com *The Word: The Dictionary That Reveals the Hebrew Source of English*, de Issac E. Mozeson, um "ogro" (
) é um monstro ou gigante hediondo (e nunca é mencionado como tendo "camadas", então tire a imagem do Shrek da sua mente completamente). O poderoso Rei Ogue de Basã foi dito ser o último da linhagem original dos gigantes nefilins das escrituras, como nos é dito em Números 21:33 e Deuteronômio 3:11. A antiga noção etimológica de que a palavra *ogro* veio do francês foi provavelmente escrita por homens que nunca tinham ouvido falar do rei bíblico Ogue. A versão francesa explica o sufixo "re" como sendo de origem francesa.

"Os gregos analfabetos, que emprestaram desajeitadamente um alfabeto dos semitas, provavelmente paganizaram a substância de muitas epopeias bíblicas. Uma delas foi o relato do poderoso Ogue e dos anaquins — ou nefilins — lutando contra os exércitos de Deus pelos direitos de se estabelecer em Canaã. *Gigas* [Ogue] é uma figura importante em sua batalha mítica entre os Titãs e os Deuses. Quanto à esposa de Ogue, note o termo em nórdico antigo para *ogress*, *gygr*. Esta é a fonte dada para a palavra escocesa para um espírito maligno ou ogro."[22]

Josué, sucessor de Moisés, expulsou os três filhos restantes de Anaque de Hebron em sua primeira campanha após liderar os Filhos de Israel para a Terra Prometida. Os filhos de Anaque evidentemente reocuparam a cidade de Hebron enquanto Josué travava sua campanha contra as cidades cananeias no Norte. Calebe posteriormente retomou Hebron e matou os três gigantes.[23] Surpreendentemente, provavelmente havia forte motivação para Calebe expulsá-los e impedi-los de retomar o território, pois esta é a região onde, 40 anos antes, Calebe foi um dos espias que disse a Moisés: "Sim, eles são gigantes, tudo bem, mas podemos pegá-los! Ah, e a propósito, eu tenho este ótimo pedaço de terra que quero onde esses três gigantes vivem…". Calebe tinha seus olhos e coração fixos em um pedaço de terra

por 40 anos. Sua motivação para matar os residentes era realmente forte, reforçada pela areia em suas sandálias por quatro décadas.

Davi e o rei Saul lutaram contra um remanescente de gigantes menores que haviam se refugiado na cidade filisteia de Gate. Eles incluíam Golias, que tinha "seis côvados e um palmo" (aproximadamente 2,80 m), e seu irmão Lami "cuja haste da lança era como o eixo do tear dos tecelões". O último dos gigantes geteus foi morto "Numa outra batalha, que teve lugar em Gate":

"20 Numa outra batalha, que teve lugar em Gate, havia um homem de grande estatura, que tinha seis dedos em cada mão e seis em cada pé, vinte e quatro ao todo; também este descendia de Rafa."
(2 Samuel 21:20)

A última referência escriturística aos gigantes, cronologicamente falando, pode ser Isaías 45:14, que profetiza que os sabeus "homens de estatura" se tornarão escravos em correntes dos israelitas redimidos:

"14 Assim diz o SENHOR: 'O trabalho do Egito e as mercadorias da Etiópia, e os sabeus, homens de elevada estatura, passarão para ti e serão teus; andarão atrás de ti, acorrentados; prostrar-se-ão diante de ti e te farão súplicas, dizendo: Certamente Deus está contigo, e não há outro que não seja Deus.'"
(Isaías 45:14)

Estas são as características das tribos remanescentes de gigantes descritas na Escritura:

- Sua altura era duas ou três vezes a altura de homens normais.
- Eles estavam associados a algum tipo de mistura profana antes do Dilúvio.
- Eles estavam intimamente associados aos ímpios cananeus depois do Dilúvio.
- Num caso, eles são descritos como tendo polidactilia (dedos e artelhos extras).
- Ao contrário dos cananeus, não há exemplos de Nefilins que se tornaram seguidores de Deus.

O relato de Gênesis afirma claramente que os Nefilins estavam na terra tanto antes quanto depois do Grande Dilúvio. Isso gera outra questão por si só: Se Deus enviou um dilúvio universal devastadoramente trágico que matou todos os seres humanos e todos os outros seres vivos, com o propósito de exterminar e eliminar completamente esta raça híbrida, por que não funcionou?

Será que Deus, em todos os seus atributos bíblicos de onisciência e presciência, não sabia que seu ato de julgamento não teria o efeito desejado? Deus cometeu um grande erro, ou havia algo mais acontecendo? O grande dilúvio não foi tão universal como nos dizem,

permitindo a fuga e sobrevivência de alguns dos Nefilins? Talvez, como os teóricos dos Alienígenas Antigos sugerem, os Nefilins fugiram assim que souberam da iminente chegada do Grande Dilúvio. Poderia a mesma nave espacial ter retornado para levar o remanescente, apenas para redepositá-los na terra após as águas do dilúvio terem baixado? Essas são todas — perdoe o trocadilho — questões gigantescas. Como veremos no final deste livro, pode haver algumas respostas que explicarão seu retorno, e por que Moisés escreveu isto:

"Os Nefilins estavam na terra naqueles dias — e também depois — quando os Filhos de Deus possuíram as filhas dos homens e elas lhes deram à luz filhos…"
(Gênesis 6:4a)

Deus. Não… Anjo. Espera… Deuses?

Falamos extensivamente sobre *Elohim*, e sabemos que a palavra se refere tanto ao Deus singular quanto à multitude de deuses do Conselho Divino, sendo o contexto da passagem que define qual uso deve ser incorporado. Os Príncipes do Conselho Divino também são referidos como anjos, como são vistos nos textos bíblicos e nos livros apócrifos de Enoque. Uma instância da palavra *elohim* no plural foi quando o rei Saul visitou a bruxa de Endor em 1 Samuel 28:13. O substantivo *elohim* é usado em conjunção com um plural quando a bruxa diz a Saul que vê "deuses" (*elohim*) subindo da terra; isso parece indicar que o termo era usado para significar algo como "seres divinos" entre os espíritas no antigo Israel.

Elohim (
) é usado quase 3.000 vezes no Antigo Testamento para o nome de Deus, e além de significar "Deus", também pode significar deuses, deusas, governantes divinos, anjos, ser ou seres semelhantes a deuses, ou juízes. Na versão Nova Americana Padrão do Antigo Testamento hebraico, a palavra *elohim* é usada nestas instâncias para:

- Deus, 2.326 vezes.
- de Deus, 14 vezes.
- divino, 1 vez.
- ser divino, 1 vez.
- extremamente, 1 vez.
- deus, 45 vezes.
- deusa, 2 vezes.
- piedoso, 1 vez.
- deuses, 204 vezes.
- grande, 2 vezes.
- juízes, 3 vezes.
- poderoso, 2 vezes.
- governantes, 1 vez.
- santuário, 1 vez.

O nome singular abreviado para Deus é a palavra *El* (
), que tem os mesmos significados acima, mas numa forma abreviada e singular: deus, homem poderoso e força. É muito interessante notar que os Filhos de Deus, os anjos e deuses do Conselho Divino tinham o nome *El* incorporado em muitos de seus nomes para denotar seu status como Filhos de Deus, nomes como os arcanjos tinham: Miguel, Rafael, Gabriel, Uriel, e até mesmo Azazel, que introduziu a arte das armas e da guerra, bem como a prostituição e a devassidão aos humanos. Como mencionado anteriormente ao falar sobre os deuses brilhantes e resplandecentes, várias outras culturas têm seres que têm variantes da mesma palavra:

- Sumério *el* significava "brilho" ou "resplandecente".
- Acadiano *ilu* significava "radiante, resplandecente".
- Babilônico *ellu* significava "o resplandecente".
- Galês antigo *ellu* significava "um ser resplandecente".
- Irlandês antigo *aillil* significava "resplandecente" ou "brilhar".
- Inglês *elf* significava "ser resplandecente".
- Anglo-saxão *aelf* significava "ser radiante".

Fílon de Alexandria (20 a.C.-50 d.C.) escreveu um comentário sobre Gênesis 6 chamado *Sobre os Gigantes*. Nele, enfatizou que a passagem não era um mito:

"E quando os anjos de Deus viram as filhas dos homens que eram bonitas, tomaram para si mulheres de todas as que escolheram." (Gênesis 6:2) Aqueles seres, que outros filósofos chamam de demônios, Moisés geralmente chama de anjos; e são almas pairando no ar. E que ninguém suponha que o que aqui está declarado é uma fábula, pois é necessariamente verdade que o universo deve ser preenchido com seres vivos em todas as suas partes, uma vez que cada uma de suas porções primárias e elementares contém seus animais apropriados e tais como são consistentes com sua natureza; a terra contendo animais terrestres, o mar e os rios contendo animais aquáticos, e o fogo tais como nascem no fogo (mas diz-se que estes últimos são encontrados principalmente na Macedônia), e o céu contendo as estrelas: pois estas também são almas inteiras que permeiam o universo, sendo não adulteradas e divinas, na medida em que se movem em círculo, que é o tipo de movimento mais próximo da mente, pois cada uma delas é a mente progenitora. É necessário, portanto, que o ar também esteja cheio de seres vivos. E estes seres são invisíveis para nós, na medida em que o próprio ar não é visível à vista mortal. (Mas não se segue, porque a nossa visão é incapaz de perceber as formas das almas, que por essa razão não haja almas no ar; mas segue-se de necessidade que elas devem ser compreendidas pela mente, para que o semelhante possa ser contemplado pelo semelhante.) [ênfase do autor]"[24]

Capítulo 9
…E Também Depois

Foi em meados da década de 1990, durante uma conversa envolvente com amigos, que uma pequena lâmpada se acendeu sobre minha cabeça, bastante repentinamente. Estávamos falando sobre alienígenas, D&D, Star Trek, e assuntos gerais de gênero metafísico e ufológico, desfrutando da atmosfera inebriante, mística e metafísica que parecíamos estar conjurando em frente à lareira. É claro, o *Guinness* corria livremente, e todos tínhamos alcançado aquele "plano superior" da iluminação — você sabe, aquele onde todos os seus pensamentos de repente não têm filtros, e suas palavras saem como se tivessem estado sob restrição por todos os dias de sua vida antes daquele momento. Bem, este foi um daqueles momentos.

Saltei para os meus pés, gritando vários palavrões exclamatórios de alegria ao perceber que havia acabado de tropeçar numa nova descoberta — pelo menos para mim. A informação não era nada nova, nem iria me render um Prêmio Pulitzer ou grandes elogios em todo o mundo, mas naquele momento, era completamente nova para mim: OVNIs e alienígenas estão de alguma forma inextricavelmente ligados ao Dilúvio de Noé e à raça fantasticamente selvagem de Nefilins híbridos que apareceu no início do relato bíblico.

Viu? Nada novo.

Mas o que me ocorreu naquele momento foi uma súbita compreensão da ligação entre eventos que ocorreram há milhares de anos e o que pareciam ser eventos que estavam ocorrendo hoje. E foi esta a passagem bíblica que gerou toda a cena de *gadzooks!* em frente à lareira da sala de estar dos meus amigos:

"26 Como foi nos dias de Noé, assim também será nos dias do Filho do Homem. 27 Comiam, bebiam, casavam-se e eram dados em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca; então veio o dilúvio e os destruiu a todos."
(Lucas 17:26-27)

E referência cruzada no evangelho de Mateus:

"37 Pois assim como foi nos dias de Noé, assim também será a vinda do Filho do Homem. 38 Porquanto, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca; 39 e não o perceberam, até que veio o dilúvio e os levou a todos. Assim será também a vinda do Filho do Homem."
(Mateus 24:37-39)

Estas eram palavras de Jesus, faladas aos seus discípulos. Em seu contexto, estavam falando menos sobre as condições dos tempos de Noé, do que estavam falando sobre a súbita ira do

julgamento de Deus, em que as pessoas ainda estavam casando e festejando até ouvirem o estrondo da porta da arca que Noé havia construído por 120 anos. Quando as primeiras gotículas de chuva começaram a bater em suas testas, de repente perceberam que tudo o que Noé vinha dizendo estava se cumprindo. Não é que não tivessem ouvido as palavras de advertência de Noé; é que não acreditaram nelas.

Havia uma aplicação mais profunda da passagem do que a simples súbita do julgamento — a ideia de que as coisas que estão ocorrendo ao nosso redor na ufologia atual e nos cenários de contato alienígena pareciam ser exatamente o que estava ocorrendo quando os Vigilantes cruzaram com mulheres humanas e geraram os Nefilins. Perguntamos a nós mesmos naquela noite: Esta é uma repetição de seres angelicais ou demoníacos tentando infiltrar a linhagem sanguínea humana para evitar um segundo julgamento? Foi este o precursor do cumprimento de todas as profecias escatológicas e o caminho para o Armagedom?

Gênesis 6:4 nos deixa pendurados numa frase assombrosa, quase arrepiante: "...e também depois". Já estabelecemos que várias passagens nos livros de Moisés nos dizem que os Nefilins sobreviveram ao dilúvio. Mas isso parece estar em forte contradição com o versículo em Gênesis onde somos informados:

"21 E morreu toda carne que se movia sobre a terra, tanto de ave como de gado e de besta, como de todo réptil que se arrasta sobre a terra, e todo homem. 22 Tudo o que tinha fôlego de espírito de vida em suas narinas, tudo o que havia em terra seca, morreu. 23 Assim foram destruídos todos os seres que havia sobre a face da terra; desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave do céu; foram destruídos da terra; ficou somente Noé, e os que com ele estavam na arca."
(Gênesis 7:21)

Isso é um descuido ou uma contradição na passagem, ou foi uma artimanha intencional para nos desviar do caminho dos Nefilins? É claro que o que Moisés escreveu foi um relato da versão hebraica do Dilúvio, mas como descobrimos anteriormente, o relato dos próprios Nefilins, conforme registrado nos primeiros versículos do Capítulo 6 de Gênesis, tem marcas de ter sido editado ou adicionado completamente numa data posterior. Isso foi obra de Josué, sucessor de Moisés? Ou foi a adição de escribas posteriores?

Ou simplesmente significa que os Nefilins não eram considerados nada além da prole de seres espirituais, portanto não incluídos na lista de coisas destruídas em Gênesis 7:21?

Depois, há uma questão frequentemente associada a todo este tópico: Esta raça híbrida de gigantes Nefilins, produzida a partir da união dos príncipes do céu — os deuses menores do Conselho Divino — e mulheres terrenas, ainda poderia estar vagando pela terra hoje? Porque de acordo com Gênesis 6:4, eles sobreviveram ao Dilúvio, independentemente de quem escreveu a passagem. Se é um detalhe que Moisés não escreveu ou do qual de alguma

forma não tinha conhecimento, alguém editou o texto e adicionou as frases apropriadas nos dizendo que os Nefilins ainda estavam na terra após o Dilúvio que deveria tê-los destruído.

Como discutido no Capítulo 8, o Antigo Testamento menciona várias ocorrências de "gigantes" e "Nefilins" aparecendo, especificamente as raças gigantes de Canaã: os Refains, os Emins, os Horeus, os Zamzummins e os Anaquins.

"10 Os emins dantes habitavam nela, povo grande, e numeroso, e alto como os anaquins. 11 Também eles são considerados refains, como os anaquins; porém os moabitas lhes chamam emins. 12 E os horeus também dantes habitaram em Seir; porém os filhos de Esaú os expulsaram e os destruíram de diante de si, e habitaram em seu lugar, como fez Israel com a terra da sua herança, que o Senhor lhes deu."
(Deuteronômio 2:10-12)

O reino de Ogue, o rei de Basã, era a "terra dos gigantes".

"12 Todo o reino de Ogue, em Basã, que reinou em Astarote e em Edrei; este ficou do restante dos refains; e Moisés os feriu e os expulsou."
(Josué 13:12)

Anaque e seus sete filhos dos anaquins também eram gigantes, juntamente com o famoso Golias e seus quatro irmãos:

"4 Então saiu do arraial dos filisteus um campeão, cujo nome era Golias, de Gate, que tinha de altura seis côvados e um palmo. 5 Trazia na cabeça um capacete de bronze, e vestia uma couraça escamada de bronze, cujo peso era de cinco mil siclos de bronze. 6 E sobre as pernas caneleiras de bronze, e um dardo de bronze entre os ombros. 7 A haste da sua lança era como o órgão de tecelão, e a ponta da sua lança pesava seiscentos siclos de ferro; e diante dele ia o seu escudeiro."
(1 Samuel 17:4-7)

"15 E os filisteus tornaram a ter guerra com Israel; e desceu Davi, e com ele os seus servos, e pelejaram contra os filisteus; e Davi cansou-se. 16 E Isbi-Benobe, que era descendente do gigante (cuja lança pesava trezentos siclos de bronze e que cingia uma espada nova), intentou matar Davi. 17 Porém Abisai, filho de Zeruia, o socorreu, e feriu o filisteu, e o matou. Então os homens de Davi lhe juraram, dizendo: Tu não sairás mais conosco à batalha, para que não se apague a lâmpada de Israel. 18 Sucedeu depois que, tornando a haver guerra contra os filisteus em Gobe, então Sibecai, o husatita, matou Safe, que era descendente do gigante. 19 E houve outra guerra contra os filisteus em Gobe, onde Elanã, filho de Jaaré-Oregim, o belemita, matou Golias, o geteu, cuja lança tinha haste como órgão de tecelão. 20 Houve ainda outra guerra em Gate, onde havia um homem de grande estatura, que tinha vinte e quatro dedos, seis em cada mão e seis em cada pé, e também este era

descendente do gigante. 21 Tendo ele afrontado a Israel, Jônatas, filho de Simeia, irmão de Davi, o matou. 22 Estes quatro nasceram do gigante em Gate, e caíram pela mão de Davi e pela mão dos seus servos."
(2 Samuel 17:16-22)

O relato de Davi e Golias coloca o filho mais novo, pastor de Jessé, contra o gigante de Gate que lutava pelos filisteus. Golias descia da crista onde os filisteus estavam acampados, todos os dias durante 40 dias, zombando dos exércitos de Israel, desafiando-os para um combate individual.

Davi e Golias, Gustave Doré, 1866.
Foto licenciada sob a Creative Commons da Wikipédia.

O rei Saul havia prometido que quem quer que pudesse derrotar o gigante em combate individual, corpo a corpo, se tornaria o campeão de Israel. Esse homem também se tornaria o capitão da guarda pessoal do rei, receberia a mão da filha do rei em casamento, e sua família ficaria "isenta de impostos" em Israel por todos os seus dias. Nenhum soldado atendeu ao chamado, mas permaneceram acampados, esperando que algo acontecesse.

"1 Os filisteus ajuntaram as suas forças para a guerra, e concentraram-se em Socó, que pertence a Judá, e acamparam entre Socó e Azeca, em Efes-Damim. 2 Saul e os homens de Israel se reuniram e acamparam no vale de Elá, e ordenaram a batalha contra os filisteus. 3 Os filisteus estavam num monte de um lado, e Israel estava num monte do outro lado, e o vale entre eles. 4 Então saiu do acampamento dos filisteus um campeão, cujo nome era Golias, de Gate, que tinha de altura seis côvados e um palmo. 5 Trazia na cabeça um capacete de bronze, e vestia uma couraça escamada de bronze, cujo peso era de cinco mil siclos de bronze. 6 E sobre as pernas caneleiras de bronze, e um dardo de bronze entre os ombros. 7 A haste da sua lança era como o órgão de tecelão, e a ponta da sua lança pesava seiscentos siclos de ferro; e diante dele ia o seu escudeiro. 8 Então ele parou e gritou às fileiras de Israel, e disse-lhes: 'Por que saísteis para vos pôr em ordem de batalha? Não sou eu filisteu, e vós, servos de Saul? Escolhei um dentre vós, e que desça contra mim. 9 Se ele puder lutar comigo e me matar, nós seremos vossos servos; porém, se eu prevalecer contra ele e o matar, então vós sereis nossos servos e nos servireis.' 10 Disse mais o filisteu: 'Desafio hoje as fileiras de Israel; dai-me um homem, para que lutemos juntos.'"
(1 Samuel 17:1-10)

Você ainda pode visitar o Vale de Elá hoje, onde o vale baixo e plano é ladeado em dois lados por baixas cristas, e onde os exércitos de Israel acamparam de um lado e os exércitos dos filisteus do outro.

Saul era a escolha lógica para lutar contra Golias por duas razões: Ele era o rei, e a Bíblia nos diz que ele sobressaía "dos ombros para cima" sobre todos os outros homens de Israel. Saul era um homem alto, mas nem perto da altura do gigante de Gate. Quando Davi veio ao acampamento para entregar comida a seus irmãos, que eram soldados no exército israelita, ouviu as zombarias de Golias, que naquele momento já havia começado a subir o lado israelita do vale para gritar seu desafio. Davi, como conta a história, respondeu ao chamado. O rei Saul tentou vestir o menino pastor com sua própria armadura — alguns comentaristas pensam que foi um ardil para fazer o resto do exército pensar que era o próprio Saul indo para a batalha contra o gigante — mas a armadura era grande demais para Davi. Davi desceu ao vale e enfrentou Golias, que zombou dele com desdém.

"41 O filisteu também vinha se aproximando de Davi, e o seu escudeiro ia diante dele. 42 Olhou, pois, o filisteu, e viu a Davi, e o desprezou, porque era apenas um rapaz, ruivo e de bela aparência. 43 Disse o filisteu a Davi: 'Sou eu algum cão, para vires a mim com paus?' E o filisteu amaldiçoou a Davi pelos seus deuses. 44 Disse mais o filisteu a Davi: 'Vem a mim, e darei a tua carne às aves do céu e às feras do campo!'"
(2 Samuel 17:41-44)

E, claro, Davi respondeu:

"45 Tu vens a mim com espada, com lança e com escudo; mas eu venho a ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus das fileiras de Israel, a quem tens afrontado. 46 Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão, e ferir-te-ei, e tirar-te-ei a cabeça; e os cadáveres do arraial dos filisteus darei hoje mesmo às aves do céu e às feras da terra; e toda a terra saberá que há Deus em Israel. 47 E saberá toda esta multidão que o Senhor salva não com espada, nem com lança; porque do Senhor é a guerra, e ele vos entregará nas nossas mãos."
(2 Samuel 17:45-47)

E o resto da história todos nós conhecemos: Davi pegou uma pedra lisa do chão do vale, colocou em sua funda e a enterrou na testa de Golias, matando-o instantaneamente. E antes que você adira às teorias de que Golias era apenas um homem com gigantismo, tenha em mente que ele foi chamado de homem que havia sido "guerreiro desde a sua mocidade" (1 Samuel 17:33). Quando alguém é acometido por gigantismo, quanto mais velho fica, mais quebradiços seus ossos se tornam, e mais instáveis se tornam sua musculatura e capacidade de funcionar, ou mesmo andar, normalmente. Golias era um guerreiro; não era um homem acometido por uma doença física que lhe dava grande estatura e o debilitava.

Golias era o remanescente da prole dos Nefilins, e tinha outros quatro irmãos.

Mas o que dizer dos atos dos Vigilantes? Eles ainda estão acontecendo hoje? A humanidade ainda está sendo visitada pelos membros do Conselho Divino e aqueles que deixaram aquele domínio há milhares de anos? E os próprios Nefilins?

Capítulo 10
Onde Eles Estão Agora?

"2 Não vos esqueçais da hospitalidade, porque por ela alguns, não o sabendo, hospedaram anjos."
(Hebreus 13:2)

Há uma questão pervasiva sobre os Nefilins quanto a saber se eles ainda estão entre nós hoje. A resposta seria simplesmente sim, mas obviamente não na mesma forma em que interagiram com a humanidade há milhares de anos. E embora possa haver um remanescente de linhagem sanguínea dos Nefilins evidente ao longo da história, seria seguro dizer que isso não tem mais nada a ver com os Vigilantes originais. Sua influência morreu há milhares de anos. A menos que haja mais Vigilantes nos céus que não caíram à terra naquele dia tão distante, há pouca probabilidade de que sua influência seja vista novamente.

Mas o mesmo não pode ser dito de sua prole.

Não se sabe se todo o Conselho Divino de deuses veio à terra, tocando o chão nas encostas do Monte Hermom. Também não há como calcular o número de seres que podem ter descido e se misturado com a humanidade ao longo dos milênios. O que sabemos com certeza é que quase todas as culturas antigas experimentaram essa marca de interrupção extraterrestre em algum nível, legando descendentes que tomaram a forma do que agora consideramos seres mitológicos ou lendários — ou, melhor, os heróis de outrora e homens de renome. Desde as divindades élficas dos Tuatha de Danaan, os gigantes estatuários e brilhantes dos povos celtas, até o Sasquatch dos nativos americanos, houve pegadas genéticas deixadas em quase todas as culturas antigas ao longo de toda a história registrada.

Como já vimos, houve remanescentes dos Nefilins encontrados em várias passagens do Antigo Testamento. Já na época de Abraão, os Nefilins são mencionados como tendo habitado a região ao redor do Mar Morto, espalhados entre várias tribos. As notas de rodapé da Bíblia de Jerusalém sugerem que Moisés, na passagem de Gênesis 6, pretendia que suas palavras sobre os Nefilins fossem uma "anedota de uma raça super-humana". De acordo com o comentário da Bíblia de Jerusalém, Moisés não entra em grandes detalhes, nem faz qualquer objeção em representar os Nefilins como a prole de seres super-humanos, pois já era uma entidade conhecida em seus dias. Ele meramente os referencia para estabelecer, em seu relato do Dilúvio de Noé, a gravidade da "maldade" que estava presente na terra antes da aplicação do julgamento de Deus pelo dilúvio.

Em círculos evangélicos cristãos, há aqueles que acreditam que esses Vigilantes desceram para "poluir" a linhagem sanguínea messiânica de Jesus Cristo. Ao interferir no DNA humano, a "pura" humanidade necessária do Messias poderia ser frustrada antes mesmo de existir. Juntamente com os Alienígenas Antigos, Chuck Missler, um cristão evangélico, também acredita que os Vigilantes eram extraterrestres ou alienígenas cinzentos[1] que eram, na realidade, anjos caídos ou seres demoníacos que se propunham a turvar as águas messiânicas.

A história da raça humana é sinônimo da história de um grande conflito espiritual. Quando vemos a política mundial hoje, muitos de nós nos perguntamos por que não podemos todos simplesmente nos sentar à mesa e resolver disputas de maneira pacífica. Até certo ponto, parece-me que os deuses e todas as castas de seres espirituais abaixo deles parecem determinados a não serem capazes de fazer o que parece tão óbvio para os humanos. Não houve uma "guerra no Céu": há um conflito em andamento que faz as coisas das batalhas terrenas parecerem insignificantes. E vem ocorrendo desde antes do alvorecer do próprio tempo.

A Conexão Demonológica

É interessante notar que muito do que lemos nos relatos bíblicos da primeira família e nos livros subsequentes da Lei giram em torno da sexualidade e das mensagens codificadas de

adultério e proibição sexual. Basta pegar uma Bíblia e ler os primeiros cinco livros do Antigo Testamento, e você entenderá. O subtexto está repleto de imagens do relacionamento de Deus com o homem assumindo o tom de um casamento, qualquer desvio do qual seria adúltero. E o adultério, de acordo com a Lei Bíblica, trazia a punição de morte — mas apenas para a mulher, não para o homem. Esta é uma condenação residual colocada sobre a fêmea porque foi ela quem foi tentada no Jardim do Éden, trazendo assim a queda da humanidade? É o julgamento residual das mulheres que introduziram o mundo aos Nefilins ao se deitar com os Vigilantes, permitindo que o mundo fosse corrompido por sua prole?

A criação é sexual por natureza — e se você não acredita nisso, precisa sair mais. Quer tenha sido simples luxúria, como a passagem de Gênesis nos diz, ou a busca de poder elemental sobre a criação, os seres celestiais foram atraídos pela sexualidade dos humanos. Não tente definir a palavra luxúria como algo diferente de sua verdadeira intenção, que é sexual em sua etimologia mais básica e primordial. Poderia ser também que muito do que lemos nos relatos bíblicos da humanidade primitiva — a serpente no Jardim, os Vigilantes, a Lei Mosaica abertamente discriminatória sexualmente e com viés de gênero — são tão sexualmente subscritos em seus subtextos, que foram criados com o único propósito de impor o domínio patriarcal? E será que esse domínio patriarcal foi inventado para culpar o gênero feminino por todos os males espirituais da humanidade? Os mandatos questionavelmente misóginos estabelecidos para a igreja cristã primitiva pelo apóstolo Paulo estavam ali simplesmente com a intenção de controlar as mulheres na sociedade patriarcal judaica do primeiro século, ou estavam em conformidade com o que era — mesmo então — a noção antiga de que as mulheres precisavam permanecer cobertas para evitar a tentação de anjos e outros seres espirituais? É claro que as escrituras judaico-cristãs contêm um ressonante subtexto de proibição sexual que pode traçar suas fundações de volta ao papel que as mulheres desempenharam na queda do homem, e na corrupção e destruição do mundo pelos Nefilins. Claramente, é a promiscuidade sexual das mulheres que trouxe os maiores males do mundo, e claramente o subcódigo de proibição sexual está lá para lembrá-las de suas loucuras e mantê-las suprimidas como punição por seus atos impulsionados pelo gênero. Os Vigilantes não foram os únicos colocados sob chave e cadeado quando Deus impôs julgamento ao mundo.

Não haja engano: Foram os primeiros padres da igreja que disseram que os anjos e outros seres espirituais eram "assexuados". Esta é uma noção completamente fabricada, extra-bíblica. A escritura nunca afirma que anjos e demônios não podem se envolver em sexo. A passagem altamente citada em Mateus 22:30 tem Jesus dizendo a seus seguidores que "os anjos não se casam". Ele não diz, no entanto, que são incapazes de fazer sexo, e o contexto de suas palavras nesta passagem se concentra nos anjos justos, não nos demônios injustos. O ponto contextual de todo o argumento de Cristo é que as pessoas não se casarão no céu; Ele não está discutindo particularmente os hábitos sexuais dos anjos.

Há algo mais em tudo isso, algo mais profundo. Alguns teóricos da conspiração alienígena afirmam que a Igreja tem se mantido em silêncio sobre OVNIs e abduções, e sobre hibridização alienígena, roubos de fetos e a impregnação de mulheres por esses seres. No entanto, todo esse tempo, a Igreja tem falado tão alto quanto qualquer outra voz, pois tem uma doutrina completa construída em torno da infiltração e interferência do demoníaco na humanidade — e tudo deriva da própria primeira impregnação de Eva no Jardim, pelo personagem conhecido como "Serpente". Foi ele quem gerou Caim, o primeiro dos Nefilins. Este ato foi repetido ao longo de toda a humanidade antediluviana até que Deus teve o suficiente, e houve julgamento.

De acordo com a doutrina da Igreja Católica Romana, "os caídos" têm tentado gerar a prole híbrida perfeita de espírito e humano desde a época do ressurgimento da humanidade nas ainda úmidas planícies aluviais da antiga Mesopotâmia. De acordo com a teologia sistemática católica romana — e nos termos mais simples — Deus mantém os demônios numa coleira bem curta. Eles não podem fazer nada sem o seu consentimento ou permissão. O relato da descida dos Vigilantes não deve ser mal interpretado como tentativas demoníacas de se reproduzir com mulheres humanas. Os Vigilantes, como vimos, não eram demoníacos, nem eram anjos caídos. Eram os deuses menores do Conselho Divino que "deixaram seu primeiro estado" e desceram aos seus encarregados, os humanos, para cruzar com eles, e o julgamento imposto a eles é sugerido no Salmo 82: "Foram despojados de sua imortalidade e morreram como homens mortais".

De Híbrido Genético a Demônio

Embora seja comum em círculos judaico-cristãos acreditar que os demônios são simplesmente os anjos que se rebelaram contra Deus e foram lançados à terra, o Livro de Enoque nos dá uma alternativa muito diferente a essa tradição:

"8 E agora, os gigantes, que são produzidos dos espíritos e da carne, serão chamados espíritos malignos sobre 9 a terra, e na terra será a sua habitação. Espíritos malignos procederam de seus corpos; porque nasceram de homens e dos santos Vigilantes é o seu começo e origem primal; 10 serão espíritos malignos na terra, e espíritos malignos serão chamados. (Quanto aos espíritos do céu, no céu será a sua habitação, mas quanto aos espíritos da terra que nasceram sobre a terra, na terra será a sua habitação.) 11 E os espíritos dos gigantes afligem, oprimem, destroem, atacam, batalham e trabalham destruição na terra, e causam problemas: não comem comida, mas contudo 12 têm fome e sede, e causam ofensas. E esses espíritos se levantarão contra os filhos dos homens e contra as mulheres, porque procederam deles."
(Enoque 15:8-12)

A passagem de Enoque é implícita. São os espíritos dos Nefilins mortos no Grande Dilúvio que são as forças demoníacas que habitam a terra hoje. Foi aqui na terra que nasceram; é

aqui na terra que morreram. E porque foram gerados por seres espirituais, Enoque nos diz que eles habitarão para sempre na terra na forma de espíritos malignos. Os "fantasmas" dos Nefilins são a hoste demoníaca que tem atormentado a humanidade através dos tempos. A prole dos Vigilantes e mulheres humanas era perturbadora, corrupta e maligna por natureza, e é por isso que o Divino enviou um grande dilúvio para exterminá-los. Evidentemente, na forma de espírito, eles não são diferentes.

A mais antiga representação conhecida de Lilith, Suméria, circa 1950 a.C. Famoso relevo do período paleobabilônico (não no Museu Britânico) chamado "relevo Burney" ou "relevo Rainha da Noite". A figura representada pode ser um aspecto de Ishtar, a deusa mesopotâmica do amor sexual e da guerra. No entanto, seus pés semelhantes a aves e as corujas que a acompanham sugeriram a alguns uma conexão com Lilitu (chamada Lilith na Bíblia), embora aparentemente não a Lilitu demoníaca usual.
Foto cortesia do Museu Britânico, Londres.

Os espíritos dos Nefilins são os grandes assediadores da humanidade. Eles são os verdadeiros Caídos — aqueles que desceram, aqueles que caíram. Eles perturbaram a humanidade ao ponto do julgamento aquático imposto pelo Deus supremo, e eles

continuam, na forma de espírito, a cometer mal contra a humanidade. Os Vigilantes não são anjos caídos, como já estabelecemos neste livro, mas sua prole, cuja mistura de DNA extraterrestre e humano os tornou únicos na terra, tornaram-se os cães espirituais do inferno que atormentam os vivos.

E continuam causando estragos na terra e na vida dos humanos — ainda hoje.

Dormindo com o Inimigo

Na Epopeia de Gilgamesh, o pai do homem-deus Gilgamesh é listado como Lilu,[2] e ele é uma das primeiras menções de um *incubus*. A história é originária da antiga Mesopotâmia e é encontrada na Lista de Reis Sumérios (2400 a.C.), onde se diz que Lilu seduzia mulheres em seu sono e fazia sexo com elas. Ao mesmo tempo, Lilitu[3] ("Lilith"), um demônio feminino, aparecia aos homens em seus sonhos eróticos. Tanto Lilu quanto Lilitu se esforçavam para satisfazer seus desejos sexuais e criar descendência.

Em relação a Lilith (Hebraico:
) propriamente dita, ela é uma personagem encontrada na mitologia judaica, mencionada pela primeira vez no Talmud Babilônico, documentos compilados entre os terceiro e quarto séculos d.C. No folclore judaico, durante os séculos VIII a X d.C., Lilith tornou-se conhecida como a primeira esposa de Adão, e esta mitologia desenvolveu-se numa visão amplamente aceita entre os judeus da Idade Média.[4] À medida que a lenda se tornou mais refinada e expandida, os escritos do século XIII do rabino Isaac ben Jacob Alfasi ha-Cohen relatam que Lilith deixou Adão, recusando-se a retornar ao Éden depois que se recusou a se tornar subserviente a ele. Ela mais tarde acasalou com o arcanjo Samael.[5] A lenda de Lilith resultante ainda é encontrada na cultura ocidental moderna, literatura, ocultismo, fantasia e até mesmo horror. E ela até se tornou uma favorita cult na comunidade espírita-feminista.

Diz-se em algumas tradições que Lilith, assumindo a forma de um macho, foi na verdade a serpente no jardim que seduziu Eva, e então passou a seduzir Adão com grave consequência:

"E a Serpente, a Mulher da Prostituição, incitou e seduziu Eva através das cascas da Luz que em si mesma é santidade. E a Serpente seduziu a Santa Eva, e basta para aquele que entende. E toda esta ruína aconteceu porque Adão, o primeiro homem, uniu-se a Eva enquanto ela estava em sua impureza menstrual — esta é a imundície e a semente impura da Serpente que montou Eva antes de Adão montá-la. Eis aqui diante de vós: por causa dos pecados de Adão, o primeiro homem, todas as coisas mencionadas vieram a existir. Pois a Maligna Lilith, quando viu a grandeza da sua corrupção, fortaleceu-se em suas cascas, e veio a Adão contra sua vontade, e ficou excitada por ele e lhe deu à luz muitos demônios e espíritos e lilins."[6]

Foi a prole de Lilith com Adão que se disse, nesta tradição, ter se tornado a hoste de demônios. Este é realmente o nascimento da compreensão moderna do *incubus* e *succubus*, seres demoníacos que dormem com humanos com o propósito de saciar algum impulso sexual inato, e com o propósito de criar descendência espiritual.

Na tradição cristã, existiu um grande debate sobre a veracidade da influência demoníaca — especialmente quando se tratava de discussões sobre os *incubi* e *succubi*. Santo Agostinho, um filósofo e teólogo romano que viveu no final do século IV e início do século V, tocou neste tópico em sua obra, *A Cidade de Deus*. Soando muito como os crentes em abdução alienígena de hoje, Agostinho disse que havia muitos ataques de *incubi* para negar sua existência: "Há também um rumor muito generalizado, que muitos verificaram por sua própria experiência, ou que pessoas confiáveis que ouviram a experiência de outros corroboram, que silvanos e faunos, que são comumente chamados de *incubi*, frequentemente fizeram investidas perversas contra mulheres."[7]

Oitocentos anos depois, Tomás de Aquino, disputando as habilidades reprodutivas dos *incubi*, pois eles eram — em seu relato — anjos caídos, portanto incapazes de reprodução sexual, escreveu: "No entanto, se alguns são ocasionalmente gerados por demônios, não é a partir da semente de tais demônios, nem de seus corpos assumidos, mas a partir da semente de homens tomada para o propósito; como quando o demônio assume primeiro a forma de uma mulher, e depois de um homem; assim como eles tomam a semente de outras coisas para outros propósitos geradores."[8]

De acordo com o *Malleus Maleficarum* ("Martelo das Bruxas"), escrito por Heinrich Kramer em 1486, um *succubus* fará sexo com um homem humano para coletar sêmen dos homens que ele seduz. Ele então o dá aos *incubi* ou demônios machos, que então usam o sêmen para engravidar fêmeas humanas, explicando assim como os demônios poderiam aparentemente gerar filhos apesar da crença tradicional de que eram incapazes de reprodução. Crianças assim geradas eram conhecidas como *cambions*, e eram supostamente aqueles que nasciam deformados, ou mais suscetíveis a influências sobrenaturais.[9] O *Malleus Maleficarum* não aborda a questão óbvia: por que uma mulher humana impregnada com o sêmen de um homem humano não produziria descendentes humanos normais e saudáveis, mesmo que o modo de entrega fosse demoníaco.

É claro, também é amplamente acreditado que o *Malleus Maleficarum*, escrito durante o período do maior poder da Inquisição, não passa de uma obra de misoginia. Ele considera as mulheres as principais culpadas do mal e perpetradoras da bruxaria. O livro também afirma que as mulheres são muito mais suscetíveis à influência demoníaca, pois são "mais fracas na fé do que os homens", e mais propensas a ser carnais. O autor também apresentou a noção de que a maioria das mulheres acusadas como bruxas eram culpadas de "possuir personalidades fortes" e eram conhecidas por desafiar a convenção ao ultrapassar as linhas do "decoro feminino adequado".[10]

Se alguma das informações sobre atividade demoníaca encontradas nas páginas do *Malleus* se assemelha à verdade da questão é muito difícil de decifrar, especialmente quando obscurecida pela perseguição e pelas manobras políticas daqueles que estavam no controle das massas na época de sua escrita. Quando alguém recua, fora da caixa, tudo começa a assumir o tom de tanto raciocínio e narrativa ridículos, e obras como o *Malleus Maleficarum* fazem pouco para dissipar a noção de que muito disso é pura ficção.

Os espíritos demoníacos dos Nefilins fazem sexo com humanos para continuar a propagar uma espécie de seres espirituais de sangue misto? Parece que mesmo na morte, a prole dos Vigilantes continua a perpetrar sua desenfreada corrupção da humanidade. É claro, há muito pouco disso que pode ser provado por evidências físicas, então, novamente, tudo é governado pelo tom do que você escolhe acreditar. E tudo soa tão fantasioso e coisa de imaginações sombrias que não é de admirar que a comunidade científica rejeite a menor noção.

O Paranormal

Há um grande e grave fascínio por demônios entre os hobbyistas paranormais modernos. O surto de caça a fantasmas e investigação paranormal ao longo da última década, impulsionado pelo sucesso da televisão paranormal pop cultural e de ação ao vivo, promoveu um aumento no interesse por demônios e demonologia, o estudo de espíritos malignos e sua influência sobre as pessoas. No entanto, com o aumento da influência da cultura pop também vem o aumento da aplicação da cultura pop, e a grande maioria dos chamados demonologistas em operação hoje tem pouco conhecimento do que eles afirmam ser, e pouca capacidade de agir em nome daqueles atormentados por espíritos demoníacos. Ter interesse no demoníaco não é o mesmo que ter experiência em ajudar pessoas que estão em cativeiro desses seres.

Os fantasmas encontrados durante investigações paranormais altamente popularizadas estão de alguma forma ligados aos espíritos dos Nefilins? A resposta curta é sim. Algo que sempre disse ao investigar alegações de fantasmas e encontrar o mundo espiritual é que você nunca sabe com quem está falando, realmente. Sem fazer um caso para a existência de fantasmas "humanos", basta dizer que é mais frequente do que não que um demônio o enganará fazendo-o acreditar que é o fantasma de um humano morto, em vez de um encontro real com aqueles que já faleceram e ainda estão vagando pelos corredores e sótãos de casas antigas e asilos abandonados.

Os espíritos malignos encontrados em cenários demonológicos são os espíritos dos Nefilins, que morreram no Grande Dilúvio.

Os Nefilins estão entre nós hoje? Certamente — tanto em remanescentes físicos que se reproduziram nas linhagens sanguíneas da raça humana, quanto na presença fantasmal e influência dos Nefilins demoníacos.

Conclusão

Como você já pôde perceber, a história dos Nefilins não é simples. Recontar o conto bíblico real, incluindo os vários relatos de outros livros antigos, poderia compreender uma ou duas páginas num livro como este. Mas tentar cavar um pouco mais fundo para obter um conhecimento mais rico do que está por trás da história, juntamente com suas ramificações históricas e futuras, é o que a transforma num relato muito maior. A descida dos Vigilantes à humanidade não é um pequeno mito isolado; tem gavinhas de longo alcance que mergulham no fluxo subterrâneo de todas as culturas e até da própria vida neste planeta.

É claro, é necessária uma parcela de fé para fazer as conexões, assim como para saltar os grandes abismos que se encontram entre os marcos da cadeia evolutiva estabelecida pela ciência. E como acontece com a pesquisa científica da ascendência da humanidade, não há fatos quantitativos que liguem tudo, apenas pedras de passo de uma descoberta para a próxima. Como disse no início deste livro, temos um monte de pedras aqui, mas esse monte não faz uma casa até que tudo seja argamassado — e às vezes essa argamassa é misturada bem fina para permitir saltos exponenciais para preencher os dados ausentes. Há tanto a conjecturar e quantidades tão significativas de extrapolação subjetiva que a verdadeira história em todos os seus detalhes pode nunca ser conhecida pela humanidade moderna. Mas o fato de que algo certamente aconteceu há muitos milhares de anos é incontrovertível.

Quer você seja um crente nos escritos religiosos da Bíblia e seus companheiros apócrifos, ou esteja em estrita adesão ao código científico que não permite que nada exista além do que é provável no aqui e agora, a humanidade carrega as marcas e cicatrizes da interferência tanto num escopo histórico quanto em nossas linhagens sanguíneas. É aí que nos encontramos jogando a moeda intelectual da subjetividade para o ar, perguntando-nos se a resposta é tão simples quanto "cara é sim, coroa é não".

Já comecei a acumular críticas sobre minhas visões religiosas expressas neste livro, e tenho certeza de que há muito mais por vir à medida que essas minhas ideias, misturadas ao exame desses seres sobrenaturais, façam seus rounds designados às mentes daqueles que abrirem as capas deste livro. Tenho certeza de que serei chamado à atenção por algumas das minhas traduções dos textos antigos, pois há tantos bons estudiosos que fizeram o trabalho de base sob meus pés, e dos quais absorvi pedaços e fragmentos de informação. Embora não pretenda fazer inimigos nos campos judaico e cristão, tenho certeza de ter ofendido algumas sensibilidades ao abordar o tom religioso desses tópicos, e sei que atrairei alguma preocupação pela segurança da minha alma imortal daqueles que verão minhas palavras como condenatórias ao cristianismo e como um desrespeito ao Deus monoteísta da Bíblia.

Mas essas ações de minha parte seriam a coisa mais distante da verdade. Estou simplesmente fazendo perguntas e buscando respostas.

Passei por alguma transformação de pensamento durante o processo de pesquisa e escrita deste livro? Com certeza. E embora eu tenha uma compreensão esmagadoramente satisfatória do que acredito sobre os Vigilantes e os Nefilins, houve grandes custos cobrados sobre minha fé e questões ainda maiores queimando em meu cérebro. Talvez alguém possa pensar que minha fé não deve ter sido muito forte para começar, se um pouco de turbulência histórica pudesse abalá-la um pouco, mas eu discordaria dessa avaliação, pois minha fé era muito forte durante meus primeiros anos e meu subsequente treinamento na Faculdade Bíblica e seminário. Mas quanto mais velho fico, e quanto mais me afasto daqueles dias de inocência, mais difícil se torna confiar num Deus que se assemelha a tantos outros personagens mitológicos — muitos dos quais o precederam no registro histórico.

Então, o que quero deixar para você como resultado da leitura deste livro é uma melhor compreensão de quem são os Nefilins — de onde vieram e por que são importantes para entender a grande corrente subterrânea do fluxo e refluxo da humanidade. Quero que você tenha absorvido a compreensão de que, embora as histórias possam ser histórias, geralmente há um núcleo de verdade em seu cerne que é uma história muito maior do que você jamais poderia imaginar. Para mim, meu estudo da história dos Nefilins emergiu como um encontro revelador com seres que estão vivos e respirando ao nosso redor todos os dias de nossas vidas. Suas atividades têm grande influência sobre toda a humanidade e o curso dos eventos mundiais. Eles foram outrora tão influentes que trouxeram o fim do mundo. A grande questão é saber se eles estão tendo essa mesma influência novamente.

Cabe a você determinar o que quer acreditar sobre esses seres. Eles eram os descendentes dos deuses menores do céu? Eram a prole de encontros alienígenas com a humanidade? Qualquer um dos caminhos tem pouca prova além das óbvias marcas de interrupção. Determinar quem e o que fez a interrupção está no cerne das grandes questões da vida. Se nada mais, espero que este livro tenha lhe fornecido informações e, na maior das esperanças, aberto as portas para uma consideração mais profunda e o questionamento ainda maior.

É minha crença que existem seres lá fora muito maiores do que nós — talvez não maiores em razão e compaixão, mas maiores no sentido de que detêm um poder que foi forte o suficiente para nos criar, e depois forte o suficiente para manipular nossa genética e linhagens sanguíneas. É minha crença que há uma grande espiritualidade universal que não se assemelha a nada do que nos foi ensinado ou concebido em nossas ficções mais selvagens.

Os Nefilins ascenderam ao domínio na terra como os filhos de uma raça mista de seres superiores e mulheres humanas. Eles, como todas as coisas, degradaram-se e tornaram-se corruptos, mas sua decadência e degradação foram num esquema tão grandioso quanto suas

origens não naturais. Causaram estragos e tragédias e corrupção catastrófica entre a humanidade. Então caíram no grande julgamento imposto pelo rei de tudo o que existe, apenas para retornar na forma do mal puro.

Se tudo isso soa como coisas do mito, você estaria correto em sua avaliação, pois todo mito começa a se fundir nas bordas, misturando-se numa imagem borrada maciça da grande narrativa cósmica, sustentando a fundação e origem do universo. A parte mais triste de tudo é que o mito não é testável. Não é lógico, e raramente faz sentido à luz da metodologia científica.

Os Nefilins vieram, conquistaram, decaíram e caíram, e ainda estão conosco até hoje.

A grande questão é perguntar a si mesmo no que você pode e não pode acreditar. E a maior responsabilidade que todos temos é *quadrar o círculo*.

Epílogo

"8 'Pois pergunta, peço-te, à geração passada, e prepara-te para a investigação de seus pais;
9 Porque nós somos de ontem, e nada sabemos, pois os nossos dias sobre a terra são uma sombra.'"
(Jó 8:8-9)

Notas

Capítulo 1

1. Owen Lovejoy, "The Origin of Man", *Science*, Vol. 211, nº 4480, janeiro de 1981, pp. 341-50.
2. Richard Dawkins é um biólogo evolucionista e ex-professor Charles Simonyi de Compreensão Pública da Ciência na Universidade de Oxford. Ele é autor de vários textos essenciais da ciência moderna, incluindo *O Gene Egoísta* (1976) e *Deus, um Delírio* (2006). Nascido em Nairóbi, Quênia, Dawkins eventualmente se formou em zoologia pelo Balliol College, Oxford, e então obteve um mestrado e doutorado pela Universidade de Oxford. Ele é o fundador da Fundação Richard Dawkins para a Razão e a Ciência.
3. James Randi, entrevista ao BigThink.com, 2010. bigthink.com/jamesrandi.
4. Sagan, *O Mundo Assombrado pelos Demônios*.
5. Dictionary.com (www.dictionary.com) e Webster's.
6. David Gelernter, entrevista ao BigThink.com, 2010. bigthink.com/davidgelernter.
7. Citado no Rev. Jonathan Weyer, "Critical thought and the Paranormal: Not an Oxymoron", *TAPS ParaMagazine*, Volume 7, Nº 1, 2011.
8. Michael Shemer, *Por que as Pessoas Acreditam em Coisas Estranhas* (Henry Holt and Co., 1997, 2002).
9. Citado em *Skeptic*, Volume 4, Nº 4, 1996.
10. Carl Sagan, *O Mundo Assombrado pelos Demônios* (Random House, 1996).

Capítulo 2

1. Wilhelm Gesenius, *Gesenius' Hebrew Grammar*, 2ª edição inglesa, Rev. de acordo com a 28ª edição alemã (1909) por A.E. Cowley. Editado e ampliado por E. Kautzsch. P. 399.
2. Ibid.
3. William F. Albright, *Yahweh and the Gods of Canaan* (1968).

Capítulo 3

1. Políbio, *As Histórias*, Introdução p. xiv. Ed. Loeb, Col. H.J. Edwards, C.B., W.R. Paton trad., Livro 16.14.

2. Raphael Patai, e Merlin Stone, *The Hebrew Goddess* (Wayne State University Press, 1990), p. 139.
3. Fielder, David. *Jesus Cristo, Sol de Deus: Cosmologia Antiga e Simbolismo Cristão Primitivo* (Quest Books, 1993), p. 128.
4. G.A. Wainwright, "The Origin of Amūn", *The Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. 49, dezembro de 1963, pp. 21-23.
5. *Textos das Pirâmides*, § 446, trad. R.O. Faulkner.
6. *Textos dos Sarcófagos*, feitiço 223, trad. R.O. Faulkner.
7. F.L. Cross, ed. *The Oxford Dictionary of the Christian Church* (Nova York: Oxford University Press, 2005).
8. Ireneu, *Contra as Heresias*: Livro I, Capítulo XVIII. Passagens de Moisés, que os hereges pervertem para apoiar sua hipótese.
9. Ibid.

Capítulo 4

1. George Smith, *The Chaldean Account of Genesis* (1876).
2. De acordo com a Wikipédia (en.wikipedia.org/wiki/Sin-liqe-unninni), Sîn-lēqi-unninni foi um sacerdote de encantamento/exorcista (*mashmashshu*) que viveu na Mesopotâmia no período entre 1300 a.C. e 1000 a.C. Ele é o compilador da versão mais bem preservada da Epopeia de Gilgamesh. Seu nome está listado no próprio texto, o que é incomum para obras escritas em cuneiforme. Sua versão é conhecida por seu *incipit*, ou primeira linha, "Aquele que viu o profundo" ou "Aquele que viu o Abismo". Não se sabe o quanto sua versão difere dos textos anteriores. A única vez que Sîn-lēqi-unninni narra a história em primeira pessoa é no prólogo. Sua versão inclui a história do Dilúvio de Utnapishtim na Tabuinha XI e na Tabuinha XII o Gilgamesh sumério, Enkidu e o Submundo. O nome Sîn-lēqi-unninni significa "Sin (o Deus Lua) é aquele que aceita minha oração". Também é às vezes transcrito, embora menos provavelmente, como "Sîn-liqe-unninni", que significa "Ó Sin! Aceita minha oração".
3. A.R. George, *The Babylonian Gilgamesh Epic*, Introdução, edição crítica e cuneiforme, p. 27.
4. Jeffrey H. Tigay, *A Evolução da Epopeia de Gilgamesh* (Filadélfia, Pensilvânia: University of Pennsylvania Press, 1982).
5. Theodor H. Gaster, *Mito, Lenda e Costume no Antigo Testamento* (Nova York: Harper & Row, 1969).
6. Barbara C. Sproul, *Mitos Primitivos* (Nova York: HarperCollins, 1979).
7. Ovídio, *As Metamorfoses*, Horace Gregory, trad. (Nova York: Viking Press, 1958).
8. Snorri Sturluson, *A Edda em Prosa*, Jean I. Young, trad. (Berkeley, Califórnia: University of California Press, 1954).
9. Hugh Miller, *The Testimony of the Rocks. Or, Geology in Its Bearings on the Two Theologies, Natural and Revealed* (Boston, Mass.: Gould and Lincoln, 1857).

Capítulo 5

1. Scott Noegel, e Brannon M. Wheeler. *Dicionário Histórico dos Profetas no Islã e no Judaísmo* (Lanham, MD.: Scarecrow Press, 2003).
2. A. Kuhrt, "Berossus's Babyloniaca and Seleucid Rule in Babylonia", em A. Kuhrt e S. Sherwin-White, eds. *Helenismo no Oriente* (Berkeley, Califórnia: University of California Press, 1987), p. 55f.
3. "Uma Introdução à Pesquisa do Graal e aos Escritos Esotéricos de Boyd Rice", www.thevesselofgod.com.
4. Boyd Rice, www.thevesselofgod.com.
5. Entrevista com Bill Birnes.
6. Chuck Missler, *Encontros Alienígenas: O Segredo por Trás do Fenômeno OVNI* (Koinonia House, 2003).
7. Tim Lahaye, *Mapeando os Fins dos Tempos* (Harvest House Publishers, 2001), pp. 32-33.
8. *Vida no Universo: Ensaios de Carl Sagan*, edição não abreviada (University Press Audiobooks, 1998).
9. Richard Vizzutti, "The Return of the Stargods", site do autor, www.stargods.org, 2003.
10. Will Offley, "David Icke and the Politics of Madness: Where the New Age meets the Third Reich", artigo para a Political Research Associates, 2000.
11. Site de David Icke, www.davidicke.com.
12. Flávio Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 75 d.C., 2.9.2-4. Esta passagem de Josefo também pode ser referenciada com a passagem do Novo Testamento de Lucas 13:1-3.
13. Fílon, *Sobre a Embaixada a Gaio* Livro XXXVIII 299-305.
14. Do *Baker's Evangelical Dictionary of Biblical Theology* de Walter A. Elwell.
15. Joe Soucheray, apresentador de talk show da KSTP AM1500.
16. Josef F. Blumrich, *As Naves Espaciais do Profeta Ezequiel* (Bantam Books, 1974).

Capítulo 6

1. "Pecadores nas Mãos de um Deus Irado" é um sermão escrito pelo teólogo americano Jonathan Edwards, pregado em 8 de julho de 1741, em Enfield, Connecticut. Como outros sermões e escritos de Edwards, combina imagens vívidas do conceito cristão do Inferno com observações do mundo secular e citações das escrituras. Continua sendo a obra escrita mais famosa de Edwards, e é amplamente estudada tanto entre cristãos americanos quanto historiadores, devido ao vislumbre que proporciona da teologia do Grande Despertar de c. 1730-1755.
2. "Were the Nephilim Extraterrestrials", site Christian Answers, www.christiananswers.net/q-aig/aig-c036.html.
3. John A. Keel, *OVNIs: Operação Cavalo de Troia* (Iluminet Press, 1996).
4. Dr. Pierre Guerin, "Thirty Years After Kenneth Arnold", *Flying Saucer Review*, Vol. 25, Nº 1, janeiro/fevereiro de 1979, pp. 13-14.

5. G.H. Pember, *As Eras Mais Antigas da Terra e Sua Conexão com o Espiritualismo Moderno e a Teosofia* (1876).
6. John Heise, "Akkadian Cuneiform, Chapter II, Mosepotamia". Site do Netherlands Institute for Space Research. www.sron.nl/~jheise/akkadian/Welcome_mesopotamia.html, 1996.
7. R.A. Boulay, *Serpentes e Dragões Voadores: A História do Passado Reptiliano da Humanidade* (The Book Tree, 1999), p. 80.
8. Boulay, *Serpentes e Dragões Voadores*, capítulo sobre os Deuses Governantes do Panteão Sumério, 1990, www.bibliotecapleyades.net/serpents_dragons/boulay01e.htm.
9. Craig Hines, *Gateway of the Gods* (Numina Media Arts, 2007), p. 74.
10. Ronald S. Hendel, "When the Sons of God Cavorted With the Daughters of Men", *Understanding the Dead Sea Scrolls*, Hershel Shanks, ed. (Vintage Books, 1993), p. 172.
11. Washington Irving, *A Vida e Viagens de Cristóvão Colombo* (Nova York: Collins, 1838).

Capítulo 7

1. Averil Cameron e Stuart G. Hall. *Vida de Constantino* (Oxford: Clarendon Press, 1999).
2. Edward Gibbon, "Gibbon's 'Age of Constantine' and the Fall of Rome", 1969, pp. 71-96.
3. Richards, Jeffrey, *Os Papas e o Papado no Início da Idade Média* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1979).
4. Timothy Freke e Peter Gandy, *Os Mistérios de Jesus: O "Jesus Original" Era um Deus Pagão?* (Three Rivers Press, 2001).
5. Egbert Richter-Ushanas, *O Indus e o Rg-Veda*, 2ª edição (Índia: Motilal Banarsidass, 2001), p. 16.

Capítulo 8

1. Conforme encontrado nos Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento.
2. Noah Kramer, Samuel Maier, e John Maier, *Mitos de Enki, o Deus Astuto* (Nova York e Oxford: Oxford University Press, 1989).
3. Carroll, Robert T (1994-2009). *The Skeptic's Dictionary: Zecharia Sitchin and The Earth Chronicles* (John Wiley & Sons), www.skepdic.com/sitchin.html.
4. Corey Kilgannon, "Origin of the Species, From an Alien View", *New York Times*, 8 de janeiro de 2010, www.nytimes.com/2010/01/10/nyregion/10alone.html. Recuperado em 29 de outubro de 2010: "O Sr. Sitchin foi chamado de tolo antes — por cientistas, historiadores e arqueólogos que descartam suas hipóteses como pseudociência e criticam seus fundamentos — suas traduções de textos antigos e sua compreensão da física."
5. Michael S. Heiser, PhD, Estudos Hebraicos e Semíticos, Universidade de Wisconsin-Madison, www.sitchiniswrong.com/letter/letter.htm.

6. I, Mueller, L.S. Grinstein, e P.J. Campbell, *Mulheres da Matemática: Uma Fonte Biobibliográfica* (Nova York: Greenwood Press, 1987).
7. Kathleen Wider, *Mulheres Filósofas no Mundo Grego Antigo: Vestindo o Manto* (Indiana University Press, 1986), pp. 49-50.
8. *Um Estudo da História* Volume XII Reconsiderações (Londres: Oxford University Press, 1961). Leia mais em phoenicia.org/ugarbibl.html#ixzz1VJiwUi6m.
9. Michael S. Heiser, *Dicionário do Antigo Testamento: Sabedoria, Poesia e Escritos*, Tremper Longman e Peter Enns, eds. (InterVarsity Press, 2008).
10. Michael S. Heiser, Site do Concílio Divino, www.thedivinecouncil.com, 2010.
11. Craig Hines, *Gateway of the Gods* (Numina Media Arts, 2007), p. 62ss.
12. Derek Kinder Tyndale, "Gênesis" em *Comentários do Antigo Testamento* (IVP Academic, 13 de março de 2008).
13. Um texto aramaico lê "Vigilantes" aqui (J.T. Milik, *Fragmentos Aramaicos da Caverna 4 de Qumran* [Oxford: Clarendon Press, 1976], p. 167).
14. Sobre Ardis. Ou, "nos dias de Jarede" (R.H. Charles, ed. e trad., *O Livro de Enoque* [Oxford: Clarendon Press, 1893], p. 63).
15. Monte Armon, ou Monte Hermom, deriva seu nome da palavra hebraica *herem*, uma maldição (Charles, p. 63).
16. Hines, *Gateway of the Gods*.
17. Brown, Driver, Briggs, e Gesenius. "Hebrew Lexicon entry for Tamiym". "The Old Testament Hebrew Lexicon". www.searchgodsword.org/lex/heb/view.cgi?number=8549.
18. *Bíblia de Estudo Scofield* (Oxford University Press), Apêndice 26.
19. Flávio Josefo, *Antiguidades dos Judeus* (primeiro século).
20. Kelley Coblentz Bautch, *Um Estudo da Geografia de 1 Enoque 17-19: "Ninguém Viu o que Eu Vi"* (Brill Academic Publishers, 2003), p. 134.
21. Henry M. Morris, *O Registro de Gênesis* (Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 1976), p. 174.
22. Issac E. Mozeson, *A Palavra: O Dicionário que Revela a Fonte Hebraica do Inglês* (Nova York: SPI Books, 1989, 1995, 2000), p. 117.
23. Larry Pierce e Marian Pierce, *Os Anais do Mundo* (Master Books, 2003), pp. 52-53.
24. Fílon, "Sobre os Gigantes, Comentário sobre Gênesis 6" em *Sobre os Gigantes* II: 6-9 (20-30 d.C.).

Capítulo 10

1. Chuck Missler, *Encontros Alienígenas: O Segredo Por Trás do Fenômeno OVNI*, Edição Revisada (Koinonia House, 2003).
2. Raphael Patai, *A Deusa Hebraica*, 3ª edição ampliada (Nova York: Discus Books, 1978).
3. Siegmund Hurwitz, *Lilith: A Primeira Eva*, Terceira Edição (Daimon Verlag, 2003).
4. Howard Schwartz, *Árvore das Almas: A Mitologia do Judaísmo* (Oxford University Press, 2007), p. 218.

5. Kristen E. Kvam, Linda S. Schearing, e Valarie H. Ziegler, *Eva e Adão: Leituras Judaicas, Cristãs e Muçulmanas sobre Gênesis e Gênero* (Indiana University Press, 1999), pp. 220-221.
6. Patai, *A Deusa Hebraica*, 81:455f.
7. Agostinho, *A Cidade de Deus*, 15.23.
8. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*.
9. Heinrich Kramer e James Sprenger, Montague Summers, tradutor (1928), *O Malleus Maleficarum*, Parte 2, Capítulo VIII, "Certos Remédios Prescritos Contra Aqueles Danos Sombrios e Horríveis com os Quais os Demônios Podem Afligir os Homens", em sacred-texts.com.
10. Michael D. Bailey, *Batalhando Demônios: Bruxaria, Heresia e Reforma no Final da Idade Média* (Pennsylvania State University Press, 2003), p. 51.

Bibliografia

Albright, William F. *Yahweh e os Deuses de Canaã: Uma Análise Histórica de Duas Fés Contrastantes*. Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 1968.
Agostinho. *A Cidade de Deus*. 410.
Bailey, Michael D. *Batalhando Demônios: Bruxaria, Heresia e Reforma no Final da Idade Média*. State College, Penn.: Pennsylvania State University Press, 2003.
Blumrich, Josef F. *As Naves Espaciais do Profeta Ezequiel*. Nova York: Bantam Books, 1974.
Boulay, R.A. *Serpentes e Dragões Voadores: A História do Passado Reptiliano da Humanidade*. San Diego, Califórnia: The Book Tree, 1999.
Cameron, Averil, e Stuart G. Hall. *Vida de Constantino*. Oxford, Reino Unido: Clarendon Press, 1999.
Carroll, Robert T. "Zecharia Sitchin and The Earth Chronicles". Site do *The Skeptic's Dictionary*. www.skepdic.com/sitchin.html, 2009.
Coblentz-Bautch, Kelley. *Um Estudo da Geografia de 1 Enoque 1719: Ninguém Viu o que Eu Vi*. Boston, Mass.: Brill Academic Publishers, 2003.
Cross, F.L. *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. Nova York: Oxford University Press, 2005.
Dawkins, Richard. *Deus, um Delírio*. Orlando, Flórida: Houghton Mifflin Harcourt, 2006.
Edwards, H.J. *Políbio, As Histórias*, dois volumes. Boston, Mass.: Harvard University Press, 1922. Volume 1, Introdução.
Elwell, Walter A. *Dicionário Evangélico de Teologia*. Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2001.
Faulkner, R.O. *The Ancient Egyptian Coffin Texts*. Londres: Aris & Phillips, 2004.
——. *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*. Lawrence, Kans.: DigiReads.com Publishing, 2007.
Fideler, David. *Jesus Cristo, Sol de Deus: Cosmologia Antiga e Simbolismo Cristão Primitivo*. Adyar, Índia: Quest Books, 1993.

Freke, Timothy, e Peter Gandy. *Os Mistérios de Jesus: O "Jesus Original" Era um Deus Pagão?* Nova York: Three Rivers Press, 2001.
Gaster, Theodor H. *Mito, Lenda e Costume no Antigo Testamento*. Nova York: Harper & Row, 1969.
George, A.R. *The Babylonian Gilgamesh Epic: Introduction, Critical Edition and Cuneiform Texts*. Nova York: Oxford University Press, 2003.
Gesenius, Wilhelm. *Gesenius' Hebrew Grammar*, 2ª edição inglesa. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 1922.
Gibbon, Edward. *Gibbon's Age of Constantine and the Fall of Rome*. Middletown, Conn.: Blackwell Publishing for Wesleyan University, 1969.
Heise, John. "Akkadian Cuneiform". www.sron.nl/~jheise/akkadian/Welcome_mesopotamia.html. 1996.
Heiser, Michael S. *Dicionário do Antigo Testamento: Sabedoria, Poesia e Escritos*. Ed. Tremper Longman e Peter Enns. Westmont, Ill.: InterVarsity Press, 2008.
——. *Estudos Hebraicos e Semíticos*. Madison, Wisc.: University of Wisconsin-Madison. www.sitchiniswrong.com/letter/letter.htm.
Hendel, Ronald S. *When the Sons of God Cavorted With the Daughters of Men*, *Understanding the Dead Sea Scrolls*. Ed. Hershel Shanks. Nova York: Vintage Books, 1993.
Hines, Craig. *Gateway of the Gods*. Pittsburgh, Penn.: Numina Media Arts, 2007.
Hurwitz, Siegmund. *Lilith: A Primeira Eva, Aspectos Históricos e Psicológicos do Feminino Sombrio*. Einsiedeln, Suíça: Daimon Verlag, 1992.
Ireneu. *Contra as Heresias*: Livro I. Kila, Mont.: Kessinger Publishing, 2004.
Irving, Washington. *A Vida e Viagens de Cristóvão Colombo*. Nova York: Collins, 1838.
Josefo. *Antiguidades dos Judeus, A Guerra dos Judeus*.
Keel, John A. *OVNIs: Operação Cavalo de Troia*. Atlanta, Geórgia: Iluminet Press, 1996.
Kilgannon, Corey. *Origin of the Species, From an Alien View*. Nova York: The New York Times Company, 1989.
Kramer, Noah, Samuel Maier, e John Maier. *Mitos de Enki, o Deus Astuto*. Nova York e Oxford: Oxford University Press, 1989.
Kramer, Heinrich, e James Sprenger. *O Malleus Maleficarum*, Parte 2, Capítulo VIII. 1486.
Kuhrt, A. *Berossus's Babyloniaca and Seleucid Rule in Babylonia*. Berkeley, Califórnia: University of California Press, 1987.
Kvam, Kristen E., Linda S. Schearing, e Valarie H. Ziegler. *Eva e Adão: Leituras Judaicas, Cristãs e Muçulmanas sobre Gênesis e Gênero*. Bloomington, Ind.: Indiana University Press, 1999.
Lahaye, Tim. *Mapeando os Fins dos Tempos*. Eugene, Oreg. e Irvine, Califórnia: Harvest House Publishers, 2002.
Lovejoy, Owen. "The Origin of Man", *Science*, Vol. 211, nº 4480, janeiro de 1981.
Miller, Hugh. *The Testimony of the Rocks. Or, Geology in Its Bearings on the Two Theologies, Natural and Revealed*. Boston, Mass.: Gould and Lincoln, 1857.

Missler, Chuck. *Encontros Alienígenas: O Segredo Por Trás do Fenômeno OVNI*. Coeur d'Alene, Idaho: Koinonia House, 2003.
Morris, Henry M. *O Registro de Gênesis*. Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 1976.
Mozeson, Issac E. *A Palavra: O Dicionário que Revela a Fonte Hebraica do Inglês*, Nova York: SPI Books, 1989.
Mueller, I., L.S. Grinstein, e P.J. Campbell. *Mulheres da Matemática: Uma Fonte Biobibliográfica*. Nova York: Greenwood Press, 1987.
Offley, Will. "David Icke and the Politics of Madness: Where the New Age Meets the Third Reich". Artigo para a Political Research Associates, 2000.
"The Old Testament Hebrew Lexicon". Site Heartlight's Search God's Word. www.searchgodsword.org/lex/heb/view.cgi?number=8549.
Ovídio. *As Metamorfoses*. Trad. Horace Gregory. Nova York: Viking Press, 1958.
Patai, Raphael. *A Deusa Hebraica*. Detroit, Mich.: Wayne State University Press, 1967.
Pember, G.H. *As Eras Mais Antigas da Terra e Sua Conexão com o Espiritualismo Moderno e a Teosofia*. Londres: Hodder and Stoughton, 1876.
Fílon. *Sobre a Embaixada a Gaio*, Livro XXXVIII.
Pierce, Larry, e Marian Pierce. *Os Anais do Mundo*. Green Forest, Ark.: Master Books, 2003.
Rice, Boyd. *Uma Introdução à Pesquisa do Graal e aos Escritos Esotéricos de Boyd Rice*. Los Angeles, Califórnia: Discriminate Media, 2006. www.thevesselofgod.com.
Richards, Jeffrey. *Os Papas e o Papado no Início da Idade Média*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1979.
Richter-Ushanas, Egbert. *A Escrita do Indo e o Rig-Veda*, 2ª Edição. Índia: Motilal Banarsidass, 2001.
Sagan, Carl. *O Mundo Assombrado pelos Demônios*. Nova York: Random House, 1996.
Schwartz, Howard. *Árvore das Almas: A Mitologia do Judaísmo*. Nova York: Oxford University Press, 2007.
Shermer, Michael. *Por que as Pessoas Acreditam em Coisas Estranhas*. Nova York: Henry Holt & Company, 2002.
Smith, George. *The Chaldean Account of Genesis*. Nova York: Scribner Armstrong, 1876.
Sproul, Barbara C. *Mitos Primitivos*. Nova York: HarperCollins Publishers, 1979.
Sturluson, Snorri. *A Edda em Prosa*. Berkeley, Califórnia: University of California Press, 1954.
Tigay, Jeffrey H. *A Evolução da Epopeia de Gilgamesh*. Filadélfia, Pensilvânia: University of Pennsylvania Press, 1982.
Vizzutti, Richard. "The Awakening Has Begun". www.stargods.org. 1999.
Wainwright, G.A. "The Origin of Amūn". *The Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. 49, dezembro de 1963.
Weyer, Jonathan. "Critical Thought and the Paranormal: Not an Oxymoron". *TAPS ParaMagazine*, Volume 7, Nº 1, 2011.
Wheeler, Brannon M., e Scott B. Noegel. *História dos Profetas no Islã e no Judaísmo*. Lanham, Md.: Scarecrow Press, 2003.

Wider, Kathleen. *Mulheres Filósofas no Mundo Grego Antigo: Vestindo o Manto*, por Hipátia. Bloomington, Ind.: Indiana University Press, 1986.

Sobre o Autor

SCOTT ALAN ROBERTS é o fundador e editor da *Intrepid Magazine* (www.intrepidmag.com), e é autor e ilustrador de *The Rollicking Adventures of Tam O'Hare*. Após vários anos na faculdade bíblica e seminário, Roberts passou a maior parte de seus 25 anos seguintes como diretor criativo e de arte publicitária, e foi editor-chefe da *TAPS Paramagazine*, a publicação oficial dos *Caçadores de Fantasmas* do SyFy. Roberts escreveu numerosos artigos e apareceu em inúmeros programas de rádio nacionais, incluindo *Coast to Coast AM*. Scott é um palestrante público bem conhecido e atualmente trabalha em sua revista e em projetos futuros de livros. Ele vive com sua família no oeste de Wisconsin, não muito longe das cidades gêmeas de Minneapolis e St. Paul, Minnesota.